



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO – DOUTORADO EM EDUCAÇÃO**  
**FÍSICA**

**ADRIANO LOPES DE SOUZA**

**“É COMO SE FOSSE UMA OLIMPÍADA DE VERDADE”:  
SENTIDOS CONSTRUÍDOS POR ATLETAS DE ELITE NOS  
JOGOS OLÍMPICOS DA JUVENTUDE DE BUENOS AIRES 2018**

**VITÓRIA-ES**

**2020**

ADRIANO LOPES DE SOUZA

**“É COMO SE FOSSE UMA OLIMPIÁDA DE VERDADE”:  
SENTIDOS CONSTRUÍDOS POR ATLETAS DE ELITE NOS  
JOGOS OLÍMPICOS DA JUVENTUDE DE BUENOS AIRES 2018**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para a obtenção do grau de doutor em Educação Física na área de concentração: Estudos históricos e socioculturais da Educação Física, esporte e lazer.

Orientador: Prof. Dr. Otávio Guimarães Tavares da Silva.

VITÓRIA-ES

2020

**ADRIANO LOPES DE SOUZA**

**“É COMO SE FOSSE UMA OLIMPIÁDA DE VERDADE”:  
SENTIDOS CONSTRUÍDOS POR ATLETAS DE ELITE NOS  
JOGOS OLÍMPICOS DA JUVENTUDE DE BUENOS AIRES 2018**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Física do Centro de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para a obtenção do grau de doutor em Educação Física na área de concentração: Estudos históricos e socioculturais da Educação Física, esporte e lazer.

Aprovado em \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2020.

**COMISSÃO EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Otávio Guimarães Tavares da Silva  
Universidade Federal do Espírito Santo  
Orientador

---

Prof. Dr. André da Silva Mello  
Universidade Federal do Espírito Santo

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Mariana Zuaneti Martins  
Universidade Federal do Espírito Santo

---

Prof. Dr. Alberto Reinaldo Reppold Filho  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

---

Prof. Dr. Flávio Valdir Kirst  
Faculdade Doctum

Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBI/UFES e elaborada pelo autor

---

S719" Souza, Adriano Lopes de, 1989-  
"É como se fosse uma Olimpíada de verdade": sentidos  
construídos por atletas de elite nos Jogos Olímpicos da Juventude  
de Buenos Aires 2018 / Adriano Lopes de Souza. - 2020.  
208 f.: il.

Orientador: Otávio Guimarães Tavares da Silva.  
Tese (Doutorado em Educação Física) - Universidade Federal  
do Espírito Santo, Centro de Educação Física e Desportos.

1. Esportes. 2. Jogos Olímpicos. 3. Juventude. 4. Educação. I.  
Silva, Otávio Guimarães Tavares da. II. Universidade Federal  
do Espírito Santo. Centro de Educação Física e Desportos. III.  
Título.

CDU: 796

---

*“Sonhar é verbo, é seguir,  
é pensar, é inspirar,  
é fazer força, insistir,  
é lutar, é transpirar.  
São mil verbos que vêm antes  
do verbo realizar.*

*[...]*

*Sonhar é ser meio doido  
é ser meio trapaceiro,  
trapaceando o real  
pra ser meio verdadeiro.  
Na vida, bom é ser meio,  
não tem graça ser inteiro.*

*O inteiro é o completo,  
não carece acrescentar,  
é sem graça, é insosso,  
é não ter por que lutar.  
Quem é meio é quase inteiro  
e o quase nos faz sonhar.*

*[...]*

*A vida não é tão simples,  
viver não é só sorrir,  
a lagarta que rasteja  
rasteja pra evoluir,  
se transforma em borboleta,  
depois voa por aí...”*

*(Bráulio Bessa – Sonhar)*

Dedico esse trabalho a toda a família e amigos, em especial, aos meus pais Jaimilton e Celiene, pela somatória de tristezas divididas e alegrias compartilhadas, e, sobretudo, pelo carinho, cuidado e amor incondicionais, construído a cada pequeno ou grande momento.

Expresso, ainda, a minha distinta gratidão aos amigos, colegas e mestres acadêmicos (da UFES e da UFT), pela parceria, cordialidade, compreensão e apoio durante essa longa trajetória; bem como a todos os membros da banca pelas valiosas contribuições que engrandeceram a presente Tese, em especial, ao professor André, que, com sua acuidade intelectual, possibilitou um importante e necessário ponto de inflexão para a mesma; por fim, e não menos importante, ao meu mestre e orientador Otávio, que com suas características polímata e visionária, me inspirou (e me inspira) a acreditar que somos capazes de construir um mundo em que os sonhos podem ser realizados.

## RESUMO

O esporte é um fenômeno sociocultural de abrangência mundial, capaz de representar o fio condutor de um conjunto de relações, interações e valorações estabelecidas entre os indivíduos em diferentes épocas e contextos. A presente noção de que o esporte é uma ferramenta educativa, é, em grande medida, corolária da influência do Movimento Olímpico, na definição das formas legítimas da sua prática e dos valores que atribuímos a ele. Todavia, o próprio Barão Pierre de Coubertin (fundador deste Movimento) sinalizou em seus escritos que o esporte não é naturalmente educativo, pelo menos não em um sentido socialmente positivo, pois o mesmo necessita ser acompanhado por processos pedagógicos destinados a evidenciar o seu potencial educativo, denotando o seu caráter complexo, polissêmico e ambivalente. Tendo em vista que o fenômeno esportivo e cultural não está sujeito a uma incorporação passiva, acrítica e disciplinada de ideologias e valores por parte dos seus praticantes, o presente estudo apresenta como objetivo central compreender a experiência educacional dos jovens atletas de elite no cotidiano dos Jogos Olímpicos da Juventude de Buenos Aires, focalizando as suas consequentes formas de apropriações e construção de sentidos por meio da participação na programação cultural e educacional que lhe foi ofertada. Para tanto, esta investigação foi organizada sob os cânones de um delineamento metodológico que articula os pressupostos da revisão sistemática e da etnometodologia, sendo estruturada sob um *corpus* que envolve três dimensões de produção dos dados, quais sejam: 1- Revisão sistemática sobre as experiências dos jovens atletas de elite nas edições anteriores aos Jogos Olímpicos da Juventude de Buenos Aires; 2- observação direta sobre o ambiente intercultural atinente à Vila Olímpica da Juventude de Buenos Aires, sistematizada em diário de campo; 3- Execução de entrevistas guiadas com os jovens atletas sul-americanos durante a realização deste megaevento. Já no que diz respeito à produção analítica, o presente estudo orienta-se pelo aporte teórico-metodológico certeuniano no que tange às noções de *consumo produtivo, táticas e estratégias e lugar e espaço*, bem como pelos pressupostos teórico-metodológicos da etnometodologia. Os resultados subjacentes à revisão sistemática apontaram que a participação em diferentes edições dos Jogos Olímpicos da Juventude pode promover um conjunto de aprendizagens valorativas aos jovens atletas. Entretanto, tais experiências educacionais parecem materializar-se muito mais a partir de reuniões e interações socioculturais de caráter informal entre eles. No

espaçotempo dos Jogos Olímpicos da Juventude de Buenos Aires, por sua vez, os resultados concernentes às observações indicam que a Vila Olímpica da Juventude é um ambiente deveras intercultural, cujo cotidiano é capaz de ensejar uma pluralidade de práticas tanto no plano estratégico, a partir da sua organização estrutural e da sua programação de atividades culturais e educacionais, quanto no plano tático, a partir dos usos e apropriações diferenciados dos jovens atletas, o quais mobilizam um conjunto de táticas de desvio ou resistência e táticas de bricolagem. Os resultados relativos às entrevistas guiadas, por sua vez, demonstram que os jovens atletas constroem sentidos polissêmicos a partir do consumo produtivo dos artefatos culturais e educacionais que lhes foram entregues, manifestando-se, especialmente, a partir de uma articulação criativa entre gosto, utilidade e aprendizagem. Além disso, embora figure uma parte significativa dos relatos dos jovens atletas sul-americanos e se apresente como horizonte das suas redes de práticas e sentidos, o notável foco na dimensão esportiva não lhes deslegitima as possibilidades culturais e educacionais na tessitura da trama cotidiana da Vila. Conclui-se, portanto, que o cenário ambivalente atrelado aos Jogos Olímpicos da Juventude de Buenos Aires pode ter como manifestação alegórica a figura dos próprios atletas que, em dados momentos, podem jogar juntos, e, em outros, podem ser concorrentes, mas, em nenhum dos casos, são excludentes, posto que um só existe por causa do outro.

**Palavras-chave:** Esporte. Competição. Educação. Jovens Atletas olímpicos. Sentidos polissêmicos.

## **ABSTRACT**

Sport is a worldwide socio-cultural phenomenon, capable of representing the guiding thread of a set of relationships, interactions and valuations established between individuals at different times and contexts. The present notion that sport is an educational tool, is, to a large extent, corollary to the influence of the Olympic Movement, in defining the legitimate forms of its practice and the values we attribute to it. However, Baron Pierre de Coubertin (founder of this Movement) himself pointed out in his writings that sport is not naturally educational, at least not in a socially positive sense, as it needs to be accompanied by pedagogical processes designed to highlight its educational potential, denoting its complex, polysemic and ambivalent character. Bearing in mind that the sporting and cultural phenomenon is not subject to a passive, uncritical and disciplined incorporation of ideologies and values on the part of its practitioners, the present study has as a central objective to understand the educational experience of young elite athletes in the daily life of the Youth Olympics Games in Buenos Aires, focusing on its consequent forms of appropriation and construction of signification through participation in the cultural and educational program offered to it. To this end, this investigation was organized under the canons of a methodological design that articulates the assumptions of systematic review and ethnomethodology, being structured under a corpus that involves three dimensions of data production, namely: 1- Systematic review on the experiences of young elite athletes in the editions prior to the Buenos Aires Youth Olympic Games; 2- direct observation of the intercultural environment related to the Youth Olympic Village in Buenos Aires, systematized in a field diary; 3- Conducting guided interviews with young South American athletes during this mega event. With regard to analytical production, the present study is guided by Certeau's theoretical-methodological contribution in terms of the notions of productive consumption, tactics and strategies and place and space, as well as by the theoretical and methodological assumptions of ethnomethodology. The results underlying the systematic review showed that participation in different editions of the Youth Olympic Games can promote a set of valuable learning for young athletes. However, such educational experiences seem to materialize much more through informal socio-cultural meetings and interactions between them. In the space-time of the Youth Olympic Games in Buenos Aires, in turn, the results concerning the observations indicate that

the Youth Olympic Village is a truly intercultural environment, whose daily life is capable of giving rise to a plurality of practices both at the strategic level, from of its structural organization and its programming of cultural and educational activities, as well as in the tactical plan, from the different uses and appropriations of young athletes, which mobilize a set of deviation or resistance tactics and do-it-yourself tactics. The results of the guided interviews, in turn, demonstrate that young athletes build polysemic signification from the productive consumption of the cultural and educational artifacts that were delivered to them, manifesting themselves, especially, from a creative articulation between taste, utility and learning. In addition, although there is a significant part of the reports of young South American athletes and presents itself as the horizon of their networks of practices and signification, the remarkable focus on the sports dimension does not delegitimize the cultural and educational possibilities in the fabric of the daily plot of the Vila . It is concluded, therefore, that the ambivalent scenario linked to the Youth Olympic Games in Buenos Aires may have as an allegorical manifestation the figure of the athletes themselves, who, at certain moments, can play together, and in others, can be competitors, but, in neither case are they exclusive, since one exists only because of the other.

**Keywords:** Sport. Competition. Education. Young Olympic athletes. Polysemic signification.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> – Pictogramas dos esportes praticados nos YOG-2018 .....	67
<b>Figura 2</b> – Passe Olímpico utilizado pelo público nos YOG-2018 .....	70
<b>Figura 3</b> – Pirotecnia na abertura dos YOG-2018 .....	72
<b>Figura 4</b> – Fluxograma da seleção e triagem dos estudos incluídos na revisão .....	78
<b>Figura 5</b> – Crachá de identificação pessoal .....	95
<b>Figura 6</b> – Passe Olímpico utilizado para adentrar na YOY.....	100
<b>Figura 7</b> – Programação cultural e educacional da YOY.....	104
<b>Figura 8</b> – Estação de atividades circenses .....	105
<b>Figura 9</b> – Estação de <i>Street Dance</i> .....	106
<b>Figura 10</b> – Dispositivo <i>Yogger</i> .....	108
<b>Figura 11</b> – Placa digital Touch & Glow .....	108
<b>Figura 12</b> – Estande do <i>Yogger Desk</i> .....	109
<b>Figura 13</b> – Estande do <i>Performance Accelerator</i> .....	110
<b>Figura 14</b> – Mosaico de fotografias da estação de Grandes Jogos .....	112
<b>Figura 15</b> – Socialização entre atletas de nacionalidades diferentes no jogo de pebolim ....	120
<b>Figura 16</b> – Participação dos jovens atletas nas seções <i>Olympic Solidarity</i> e <i>Career+</i> do <i>Athlete 365</i> .....	124
<b>Figura 17</b> – Participação dos atletas brasileiros no <i>Chat with Champions</i> .....	126
<b>Figura 18</b> – Recepção da YOY .....	133

## **LISTA DE QUADROS**

<b>Quadro 1</b> – Edições dos YOG .....	53
<b>Quadro 2</b> – Objetivos dos estudos analisados .....	80
<b>Quadro 3</b> – Sujeitos participantes dos estudos analisados .....	84
<b>Quadro 4</b> – Composição das entrevistas guiadas .....	135

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIações

BAYOGOC – Comitê Organizador dos Jogos Olímpicos da Juventude de Buenos Aires  
CEP – Programa de Educação e Cultura  
CNS – Conselho Nacional de Saúde  
COA – Comitê Olímpico Argentino  
COB – Comitê Olímpico Brasileiro  
COE – Comitê Olímpico Europeu  
COI – Comitê Olímpico Internacional  
CONs – Comitês Olímpicos Nacionais  
EO – Educação Olímpica  
EYOF – Festival Olímpico da Juventude Europeia  
FIFA – Federação Internacional de Futebol  
FINA – Federação Internacional de NataçãO  
JO – Jogos Olímpicos  
MO – Movimento Olímpico  
OIA - *Olympism in Action*  
ONU – Organização das Nações Unidas  
TCE – Teoria Crítica do Esporte  
TPE – Teoria Positiva do Esporte  
UFES – Universidade Federal do Espírito Santo  
UTN – Universidade Tecnológica de Nanyang  
YOG – Jogos Olímpicos da Juventude  
YOG-2018 – Jogos Olímpicos da Juventude referente à edição de Buenos Aires em 2018.  
YOV – Vila Olímpica da Juventude

## SUMÁRIO

<b>CONSIDERAÇÕES INICIAIS DA TESE .....</b>	<b>16</b>
<b>CAPÍTULO I – CONTEXTUALIZAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DOS YOG .....</b>	<b>44</b>
1.1 CINGAPURA 2010 .....	53
1.2 INNSBRUCK 2012 .....	55
1.3 NANQUIM 2014 .....	58
1.4 LILLEHAMMER 2016 .....	60
1.5 BUENOS AIRES 2018 .....	62
<b>1.5.1 Sistema de qualificação dos atletas .....</b>	<b>65</b>
<b>1.5.2 Programação esportiva .....</b>	<b>66</b>
<b>1.5.3 Programação cultural e educacional na YOV.....</b>	<b>69</b>
<b>1.5.4 Participação do público .....</b>	<b>70</b>
<b>1.5.5 Cerimônia de abertura .....</b>	<b>71</b>
<b>CAPÍTULO II – A EXPERIÊNCIA EDUCACIONAL DOS JOVENS ATLETAS NOS YOG: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA .....</b>	<b>75</b>
2.1 INTRODUÇÃO .....	75
2.2 CAMINHAR METODOLÓGICO .....	76
2.3 RESULTADOS E DISCUSSÃO .....	78
<b>2.3.1 Quanto aos Objetivos .....</b>	<b>79</b>
<b>2.3.2 Quanto à Abordagem Metodológica .....</b>	<b>80</b>
<b>2.3.3 Quanto à Localidade .....</b>	<b>81</b>
<b>2.3.4 Quanto aos Sujeitos Participantes .....</b>	<b>82</b>
<b>2.3.5 Quanto aos Principais Resultados .....</b>	<b>84</b>
2.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	90
<b>CAPÍTULO III – ENTRE AS ATIVIDADES PROMOVIDAS E O CONSUMO PRODUTIVO: ANÁLISE DAS PRÁTICAS DOS JOVENS ATLETAS NOS YOG-2018 .....</b>	<b>92</b>
3.1 INTRODUÇÃO .....	92

3.2 CAMINHAR METODOLÓGICO .....	94
3.3 RESULTADOS E DISCUSSÃO .....	103
<b>3.3.1 O plano estratégico do CEP.....</b>	<b>103</b>
<b>3.3.2 O plano tático dos jovens atletas .....</b>	<b>113</b>
3.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	127

**CAPÍTULO IV – ENTRE AS ATIVIDADES PROMOVIDAS E O CONSUMO PRODUTIVO: ANÁLISE DOS DISCURSOS DOS JOVENS ATLETAS NOS YOG-2018 .....**

4.1 INTRODUÇÃO .....	129
4.2 CAMINHAR METODOLÓGICO .....	131
4.3 RESULTADOS E DISCUSSÃO .....	137
<b>4.3.1 Termo indicial 1: “é a primeira vez, né?” .....</b>	<b>138</b>
<b>4.3.2 Termo indicial 2: “início de uma meta” .....</b>	<b>141</b>
<b>4.3.3 Termo indicial 3: “não ir com tua bandeira” .....</b>	<b>145</b>
<b>4.3.4 Termo indicial 4: “ainda temos jogos” .....</b>	<b>147</b>
<b>4.3.5 Termo indicial 5: “seu lado competitivo” .....</b>	<b>150</b>
<b>4.3.6 Termo indicial 6: “essas coisas” .....</b>	<b>153</b>
<b>4.3.7 Termo indicial 7: “distração do que fazemos” .....</b>	<b>158</b>
<b>4.3.8 Termo indicial 8: “compreender os JO como um todo” .....</b>	<b>161</b>
<b>4.3.9 Termo indicial 9: “viver só pra isso” .....</b>	<b>164</b>
<b>4.3.10 Termo indicial 10: “convivendo aqui por duas semanas faz isso” .....</b>	<b>168</b>
<b>4.3.11 Termo indicial 11: “é como se fosse uma olimpíada de verdade” .....</b>	<b>172</b>
4.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	177

**CAPÍTULO V – CONSIDERAÇÕES FINAIS DA TESE .....**

**REFERÊNCIAS .....**

**APÊNCICES .....**

**APÊNDICE A – Roteiro de Entrevista Guiada sobre a cerimônia de abertura .....**

**APÊNDICE B – Roteiro de Entrevista Guiada sobre a as atividades do CEP .....**

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS DA TESE

*“Esporte foi tão popular e significativo quanto relevante e revelador, assim na Antigüidade como atualmente”*

(DONALD G. KYLE)

O esporte pode ser considerado um patrimônio cultural da humanidade em virtude da sua significativa dimensão fenomenal, constituindo-se por meio das relações travadas entre diferentes personagens e instituições ao longo de complexos contornos históricos. Pode-se articular que o seu processo de constituição e existência é engendrado a partir de um liame dialético<sup>1</sup> com a sociedade, sendo capaz de refletir e, ao mesmo tempo, influenciar aspectos de cunho econômico, político, cultural, tecnológico, entre outros.

Trata-se, pois, de um fenômeno sociocultural proveniente da Inglaterra (BROHM, 1982; BOURDIEU, 1983; MANDELL, 1986; BETTI, 1991; ELIAS, 1992; BRACHT, 1997), o qual foi identificado a partir das escolas públicas inglesas e modelado através de um amálgama de nuances atreladas ao prazer e ao ócio, especialmente, das classes altas, estabelecendo-se no decorrer do tempo através da competição, do ritual, dos símbolos, das regras e dos diferentes e significativos conteúdos inerentes à sua prática (MANDELL, 1986).

Sintomaticamente, o esporte que conhecemos hoje transformou-se em um fenômeno de abrangência mundial<sup>2</sup>, com destaque para o seu grande apelo midiático – revelando-se um dos negócios mais rentáveis do mundo<sup>3</sup> –, e para o interesse que é capaz de despertar em vários grupos de pessoas, sendo praticado, observado, debatido, estudado e ensinado em contextos diversificados. Ora, em decorrência desta proeminência sociocultural, o esporte também vem despertando grande interesse não somente dos meios de comunicação de massa, mas, do próprio meio acadêmico, a partir do qual emergiram (e emergem) diferentes vertentes e compreensões no trato do esporte como fenômeno – *phainómenon* – a ser investigado.

<sup>1</sup> Este termo é entendido neste trabalho para designar o “[...] modo de pensarmos as contradições da realidade, o modo de compreendermos a realidade como essencialmente contraditória e em permanente transformação” (KONDER, 1981, p. 8), cujos elementos são complexos e interligados, influenciando-se reciprocamente.

<sup>2</sup> Para ilustrar a sua dimensão no cenário global, vale pontuar que tanto o Comitê Olímpico Internacional (COI), quanto a Federação Internacional de Futebol (FIFA), possuem mais países filiados do que a própria Organização das Nações Unidas (ONU).

<sup>3</sup> No contexto nacional, por exemplo, os esportes tiveram um crescimento médio anual maior do que o do próprio PIB, totalizando 5,37% na década de 2001 a 2010, contra 4,00%, respectivamente (KASZNAR, 2013).

Dentre elas, pode-se destacar as contribuições da Teoria Crítica do Esporte (TCE)<sup>4</sup>, analisando a prática esportiva correlata ao contexto capitalista no qual está inserida e, portanto, considerando-a profícua para a incorporação, reprodução e legitimação de determinadas características ideológicas da sociedade neoliberal, tais como: competição, hierarquização, concorrência, comparação, eficiência, otimização da performance, especialização, individualismo, racionalização, maximização de resultados, busca pelo recorde, entre outros (CAVALCANTI, 1980; 1981; 1984; BRACHT, 1986; 1989; 1992; 1997; BRUHNS, 1993; VAZ, 1999; 2001; 2005; 2008; TORRI; VAZ, 2006). Sob essa perspectiva, o sociólogo francês Jean-Marie Brohm (1982), resume o esporte como a “poesia da hierarquia”, constituindo-se pelo modelo competitivo, no qual a figura do campeão esportivo encarna a referência do seu ideal, promovendo a hierarquização corporal à luz de medidas objetivas e de determinada escala valorativa.

Além da TCE, também consideramos pertinente ressaltar as contribuições daquilo que podemos chamar de Teoria Positiva do Esporte (TPE)<sup>5</sup>, a qual considerando a sua prática como uma ferramenta potencialmente educativa – no sentido socialmente positivo –, propulsora do conjunto de valores<sup>6</sup> e princípios educacionais e formativos, tais como: respeito, inclusão, solidariedade, cooperação, justiça, participação, autonomia, emancipação, autoconhecimento, cidadania, desenvolvimento de relações intrapessoais e interpessoais, etc. Trata-se, portanto, de um esporte pautado em processos e princípios pedagógicos, podendo encontrar, por exemplo, no âmbito escolar em geral – e, mais especificamente, no contexto das aulas de Educação Física – um terreno fértil para a sua promoção e desenvolvimento (BENTO, 1999; 2004; 2006a; 2006b; 2007; FREIRE, 2000; 2003; BARBIERI, 2001; PAES, 2002; 2006; NISTA-PICCOLO, 2003; GAYA; TORRES, 2004; PAES; BALBINO, 2005; SANTANA; REIS, 2006; TAVARES, 2007; REVERDITO; SCAGLIA, 2009).

De acordo com o antropólogo Roberto DaMatta (1982), o esporte possui uma ligação dialética e reflexiva com a sociedade, uma vez que ambos formam dois lados de uma mesma

<sup>4</sup> Têm, como baliza teórica, a compreensão de que o esporte representa um aparelho ideológico do Estado, servindo, dentre outras coisas, como instrumento de dominação e mecanização do corpo. Para tanto, inspira-se no legado deixado pela chamada “Escola de Frankfurt” a partir da década de 1960 – com a Teoria Crítica da Sociedade –, representada por intelectuais como Walter Benjamin, Max Horkheimer, Herbert Marcuse, Theodor W. Adorno, e, posteriormente, Jürgen Habermas.

<sup>5</sup> Identificamos que não existem nomenclaturas consagradas para outras correntes, geralmente não-marxistas, de pensamento sobre o esporte. Assim, nos sentimos impelidos a apresentar neste trabalho uma denominação abrangente, ainda que reconheçamos que ela pode resultar insatisfatória.

<sup>6</sup> Podem ser entendidos como “[...] critérios que permitem julgar a realidade, em predisposições que orientam sua conduta e em normas que a pautam” (PUIG, 1998, p. 24).

moeda. Por isso, o autor sugere que devemos estudá-lo como um fenômeno que compõe a sociedade e não em oposição a ela, buscando focar as complexas interconexões existentes entre eles. Assim, admite-se que o fenômeno esportivo pode ser uma metáfora da vida social, ajudando a veicular determinadas características que estão arraigados na sociedade contemporânea, denominada por Bauman (1999) de “modernidade ambivalente”, dentre elas: a globalização; a pluralidade de valores; a fluidez das relações humanas; bem como o consumo diversificado e temporário de produtos, bens e serviços disponíveis.

De fato, conforme assinalado pelo pesquisador polonês Zbigniew Krawczyk (*apud* BETTI, 2006), se, por um lado, o esporte contemporâneo expressa o desejo da sociedade industrial por competir para alcançar a fama e a riqueza e satisfazer os desejos individuais; por outro, ele também expressa o desejo de superar barreiras biológicas e culturais e abolir as desigualdades étnicas e de gênero, bem como a necessidade de atuar de acordo com princípios éticos universais e de renunciar a insensatez e o individualismo presentes no mundo contemporâneo.

Em face do exposto, advogamos que o fenômeno esportivo não possui uma significação unívoca, mas expressa a heterogeneidade cultural<sup>7</sup> existente neste universo, evocando, desta maneira, uma compreensão ambivalente, a qual impele-nos a considerar a “[...] possibilidade de conferir a um objeto ou evento mais de uma categoria” (BAUMAN, 1999, p. 9). Optar por esta compreensão conceitual a respeito da ambivalência não significa, portanto, incorrer em uma relação de sinonímia com os aspectos dicotômicos, mas, ao invés disso, tencionar uma aproximação com os aspectos plurais e diversificados, os quais, em alguma medida, podem ser contrastantes – haja vista que não vivemos em um mundo completamente ordenado –, embora não sejam necessariamente excludentes e/ou inconciliáveis, posto que são simultâneos.

Com efeito, tal perspectiva nos permite pensar em diferentes formas de apropriação, de modo que o esporte não poderia ser definido tão somente pela incorporação de valores pautados pela competição ou apenas por valores pautados pela formação humana<sup>8</sup>, por exemplo (PUIG; HEINEMANN, 1991; STEENBERGEN; TAMBOER, 1998).

<sup>7</sup> Diferentes expressões como esporte educacional, esporte de lazer, esporte escolar, esporte de rendimento, esporte de competição, esporte de fim de semana, esporte espetáculo são algumas formas adjetivadas de expressá-la (STIGGER, 2005).

<sup>8</sup> O termo “formação humana” a que nos referimos neste trabalho tem como fundamento a relação de sinonímia com a palavra grega “paideia”, cuja educação ética, política e cidadã representa um valor fundamental na preparação do ser humano para a vida em sociedade (NUNES, 2000).

Assim, do ponto de vista conceitual, coadunamos com a perspectiva de autores como Puig e Heinemann (1991) quando estes propõem uma ampliação do campo semântico do conceito de esporte, a partir de um sistema complexo, aberto e polimorfo, vinculando-se à diferentes âmbitos (econômico, educacional, político e também aos meios de comunicação). Isto posto, o esporte poderia materializar-se em diferentes formas de atividade física que, através da participação casual ou organizada, visam exprimir ou melhorar a condição física e o bem-estar mental, formando uma série de relações, vínculos e valores e permitindo a obtenção de resultados em diferentes competições.

Ora, note-se que uma definição ampla deste tipo engloba uma gama de práticas corporais, como por exemplo: dança, atividades de aventura, atividades ao ar livre e artes marciais (BAILEY, 2005). Nesse sentido, poderíamos acrescentar ainda, o caso do *Break dance*, do Futevôlei e do *Slackline*, bem como determinadas práticas que já foram, inclusive, incorporadas ao programa dos Jogos Olímpicos (JO) de Tóquio – inicialmente previstos para o ano de 2020 –, quais sejam: a Escalada, o Skate e o Surf.

Com efeito, em um contexto caracterizado pela complexidade<sup>9</sup>, ambivalência e polissemia, nota-se que os fenômenos existentes na sociedade hodierna, diferentemente de como eram manifestados outrora, não podem ser entendidos tão somente sob uma perspectiva valorativa uniforme, mas, sob perspectivas múltiplas e flexíveis, sem desconsiderar os aspectos subjetivos (BAUMAN, 1999; HALL, 2000), os quais, por sua vez, são indissociáveis do mundo objetivo, formando, desta forma, uma ‘rede de subjetividades’ (SANTOS, 1995). Por isso, concordamos com o sociólogo francês Edgar Morin (2002) quando este assinala que nós não podemos estudar um fenômeno complexo sob as amarras de um reducionismo, de tal modo que é necessário pensarmos nos conceitos sem nunca dá-los por concluídos, considerando a multidimensionalidade que os envolvem, incluindo aspectos como singularidade, diversidade, localidade e temporalidade.

Sintomaticamente, da mesma forma como acontece com qualquer prática social – e qualquer expressão cultural –, nos parece razoável assinalar que o esporte não é um fenômeno estático, nem tampouco possui uma história linear de “evolução”, o que o torna suscetível a diferentes olhares e interpretações, interesses e contradições.

<sup>9</sup> Do ponto de vista etimológico, este termo de origem latina “*completare*” e “*plectere*” significa “traçar”, “entrelaçar”, “enlaçar”. Nos remete, portanto, ao entrelaçar do conjunto de pequenos e diferentes ramos, no trabalho de construção do todo, respeitando-se as múltiplas dimensões que o compõe.

No entendimento de Elias e Dunning (1985), por exemplo, o esporte foi se constituindo em cada período histórico – e de forma não-linear – como resultado do entrelaçar de ações dos membros de diferentes grupos interdependentes, ganhando organização, forma e valores particulares. Assim, segundo estes autores, a sua prática seria capaz de produzir meios para um ‘descontrole controlado’ de emoções agradáveis, bem como uma excitação mimética, um senso de coletividade e um sentido de autocontrole comportamental, retratando, desta maneira, o caráter do impulso civilizador<sup>10</sup>. Este, portanto, vai tornando-se um aspecto da sua personalidade vivenciada nos confrontos e competições individuais ou em equipes, seja como praticantes ou, até mesmo, como espectadores.

Não obstante, ao ser abordada a partir de um recuo histórico, pode-se articular que a interconexão entre o esporte e os valores não se constitui em um fato recentemente identificado, haja vista que há mais de 25 séculos, as práticas corporais de lazer e exercitação – protótipos do esporte moderno<sup>11</sup> – já emergiam vinculados ao aspecto valorativo e, conseqüentemente, educacional (DaCOSTA, 2009), representando o fio condutor de uma rede<sup>12</sup> de relações estabelecidas entre os indivíduos em diferentes épocas e contextos.

Segundo o autor supra, desde a Grécia Antiga até a forma de organização do esporte moderno, as atividades atléticas têm sido consideradas importantes elementos de veiculação de influências valorativas, seja por meio da transmissão oral de significados ou por meio das estruturas condicionantes de suas vivências práticas. Trata-se, portanto, de uma metalinguagem axiológica. Com efeito, se os valores perceptíveis na prática esportiva consistem na representação de comportamentos desejados em um determinado contexto cultural, tem-se como corolário que o esporte é portador de um conjunto de valores manifestados e celebrados por um determinado grupo, comunidade ou nação (DaCOSTA, 2007; 2009).

De acordo com DaMatta (1991), cada sociedade possui uma gramática de espaços e temporalidades para poder existir e organizar-se socialmente. No cenário nacional, por exemplo, tal gramática ajuda a justificar uma sensível preferência pelos esportes coletivos

<sup>10</sup> Os autores utilizam o processo civilizador como modelo teórico para abordar a relação com diferentes aspectos das sociedades, tais como: formação do Estado-Nação, nível de desenvolvimento social, busca da excitação, nível geral de violência permitida e formação da consciência.

<sup>11</sup> Para uma revisão da discussão sobre o conceito de esporte e a pertinência do uso da expressão ‘esporte’ para se referir à diferentes práticas corporais ao longo do tempo, vale a pena consultar Stigger (2002).

<sup>12</sup> “A rede, tal como a pensamos, é a-centrada e sem forma pré-definida, já que ela se configura e se desconfigura a partir de movimentos, de fluxos, conexões e alianças entre os diversos atores” (FERREIRA, 2008, p. 33).

(especialmente o futebol) em comparação com os esportes individuais, o que, no seu entender, é ilustrativo da dinâmica histórica e sociocultural do país, evidenciando, desta forma, a ligação dialética e reflexiva do fenômeno esportivo com a sociedade em que é organizado, praticado, consumido.

Na esteira desta discussão, ao estudar a maneira como o fenômeno esportivo forma, representa e reflete os valores sociais, Breivik (1998) identificou, no contexto norueguês, que o esporte moderno parece ser tanto um ampliador, quanto um moderador das diferenças sociais. Para ele, o esporte tende a moderar e diminuir as diferenças em relação à idade, mas, em contrapartida, tende a reforçar as diferenças de educação e renda, bem como tende a transitar de maneiras variadas diante das diferenças no que tange ao gênero. No seu entender, os esportes mais populares tendem a conduzir as pessoas para a direção de valores denominados por ele de ‘idealistas modernos’, ou seja, quando as pessoas definem-se através do que elas são ou fazem, expressando-se em aspectos como: igualdade, tolerância, superação e auto-realização; enquanto os esportes mais elitizados, por sua vez, tendem a reforçar os valores chamados por ele de ‘materialistas modernos’, isto é, quando as pessoas se autodefinem pelo que elas têm, expressando-se em aspectos como: emoções, riscos, consumismo, hedonismo, tecnologia e status.

Com isso, é possível pensar que o fácil acesso a um determinado conjunto de práticas esportivas abre espaço para um certo nivelamento dos participantes, possibilitando a abordagem de valores socialmente desejáveis para um determinado contexto. Por outro lado, os limitadores financeiros e tecnológicos atrelados a outro conjunto de esportes, parecem ser distintivos, demarcando as mesmas fronteiras materiais observadas no âmbito mais alargado da sociedade. Assim, importa-nos destacar que em ambos os casos, têm-se como argumento que a prática esportiva pode ser entendida como portadora de determinados valores sociais, ou, nos seus próprios termos, como *carrier of social values* (BREIVIK, 1998).

Tal postulação descrita acima de alguma maneira parece reforçar a tese formulada por DaCosta (2009) de que o esporte comporta um cenário em que os valores são constituídos não apenas a partir da transmissão oral de significados, mas, em especial, a partir de uma educação desenvolvida por modelos e representações corporais de comportamentos e de atitudes, visando à construção de crenças coletivas de média ou longa duração. Daí a postulação do esporte como metalinguagem axiológica com usos formativos, cujo caráter educativo acaba ocorrendo mais de maneira tácita do que necessariamente explícita (DaCOSTA, 2009).

No âmbito dessa complexidade que envolve o estudo dos valores relacionados ao esporte, pode-se considerar que a forma como praticamos e os valores que atribuímos à prática esportiva no século XX, foram em grande medida formatados pelo desenvolvimento do Movimento Olímpico (MO)<sup>13</sup>, sem, no entanto, relegar os respectivos desdobramentos e apropriações locais diferenciados (TAVARES, 2007).

Nesse sentido, faz-se necessário encetar algumas distinções conceituais importantes. Nota-se que a tese de DaCosta é construída a partir da noção do esporte como produto ou reflexo dos valores sociais. Por outro lado, Tavares trabalha com a noção de que, em alguma medida, há algo de autônomo no esporte. Ora, quando se diz que o esporte reflete os valores da sociedade, parece que a sociedade é algo externo, antecedente ao esporte. Então, seria preciso responder: O que compõe a sociedade? Do que ela é feita? Como o esporte se distingue da sociedade? Este debate já parece ter sido superado pela noção de indivíduo e sociedade como um par interconectado e interdependente<sup>14</sup>. Pode-se articular, então, que o mesmo se dá com o fenômeno ‘esporte’.

Sinteticamente, em que pese os dissensos analíticos e conceituais aqui colocados sobre o fenômeno esportivo, parece-nos haver pelo menos o entendimento mais amplamente aceito sobre a sua relação com os aspectos valorativos. Na dimensão da TCE, por exemplo, tal associação valorativa ancora-se no destaque da sua funcionalidade enquanto manifestação ideológica, com um tipo de educação voltada para a submissão, alienação e comportamento autoritário, conferindo-lhe uma espécie de negatividade social.

Por outro lado, a dimensão da TPE destaca sua funcionalidade para outros fins e interesses, tais como: a conquista e manutenção do bem-estar; o exercício da cidadania com atitudes pró-sociais; e, até mesmo, a promoção da inclusão social, conferindo-lhe, neste caso, uma espécie de positividade social. Aliás, a sua materialização pode ser observada no grande número de projetos sociais de caráter esportivo e de políticas públicas de esporte e lazer, tanto no cenário nacional, como internacional, tal como identificado em estudos realizados por Zaluar (1994); Lerner et al. (2003); Janssens, Stegeman e Hilvoorde (2004); Bailey (2005); Daud e Carruthers (2008); Vianna e Lovisoló (2009), por exemplo.

<sup>13</sup> Refere-se à ação organizada, universal e permanente que engloba os Jogos Olímpicos de Verão (desde 1896), Jogos Olímpicos de Inverno (desde 1924) e, mais recentemente, os Jogos Olímpicos da Juventude (desde 2010), bem como todas as organizações, indivíduos e entidades diretamente relacionados ao COI e reconhecidos por ele. Sua universalidade (e intencionalidade) pode ser simbolizada pelos cinco anéis entrelaçados (COI, 1997).

<sup>14</sup> A este respeito consulte-se, por exemplo: ELIAS, N. A sociedade dos indivíduos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 1994.

Nessa conjuntura, autores como Steenbergen e Tamboer (1998) e Breivik (1998) nos apresentam uma distinção que considera os valores **do** e **no** esporte, admitindo, portanto, um duplo caráter, uma vez que este fenômeno sociocultural ao mesmo tempo em que possui valores intrínsecos, também pode ser portador de valores extrínsecos. Trata-se, portanto, de uma prática corporal construída, vivenciada e modificada na interação dos homens na cultura, refletindo seus valores e gerando novos elementos valorativos, de tal modo que a sua forma e constituição dependerão sempre dos sentidos e significados que os indivíduos e os grupos sociais atribuem à sua prática.

Assim, a partir da concepção de um *continuum* entre polaridades interdependentes, nos alinhamos com a noção de valores **do** e **no** esporte como uma espécie de liminaridade (no sentido de transição). Isto posto, temos os seus valores intrínsecos, de um lado; e os seus valores extrínsecos, do outro.

Os primeiros, como o próprio termo sugere, são aqueles inerentes ao esporte, que lhe são específicos, constituindo os valores do esporte, isto é, trata-se daquilo que é necessário e suficiente para uma relação mais interna do indivíduo com a própria prática esportiva, ou nos termos de Steenbergen e Tamboer (1998), trata-se da *language of the practice(s)*. Tais valores possuem, então, um sentido autotélico. Como exemplo, podemos citar o prazer correlato ao jogo, o domínio de técnicas e de regras específicas e/ou a motivação da competição para a realização de uma tarefa singular.

Os valores extrínsecos, por sua vez, compreendem aquilo que é valioso e que tem significado para outro fim – podendo ter uma utilidade tanto individual, como institucional (STEENBERGEN; TAMBOER, 1998). Possui, desta maneira, um sentido heterotélico. Como exemplo, pode-se citar a utilização da prática esportiva para o afastamento das situações de risco social; para o emagrecimento; para a promoção da saúde; para a obtenção de prestígio/poder ou, ainda, para o auxílio no aprendizado de noções lógico-matemáticas e do trabalho em equipe.

Apesar de trabalharem com tal classificação de valores, vale pontuar que os referidos autores reconhecem a existência de processos dinâmicos de interação, mudanças e intercâmbios na sociedade, destacando que o esporte não está situado no seu próprio mundo. Logo, tanto os valores intrínsecos, quanto os extrínsecos podem transitar deste para outros contextos ou áreas da vida e vice-versa, permitindo diferentes manifestações esportivas, sobretudo, a partir das rápidas transformações sociais, culturais, econômicas e tecnológicas

ocorridas ao longo do século XX. Assim, conforme apontado por Carr (1998), uma melhor compreensão das relações existentes entre o esporte e as questões valorativas perpassa justamente pela noção desse fluxo contínuo, considerando a diversidade de interesses, desejos, necessidades, motivações e preocupações de indivíduos, grupos e instituições.

Nesse contexto, se faz mister ressaltar que ainda não dispomos de evidências empíricas conclusivas acerca dos efeitos positivos da utilização do esporte como um veículo ideal para a educação e para a integração social de forma mais ampla e efetiva, embora muitos autores reconheçam o seu potencial educacional (JANSSENS; STEGEMAN; HILVOORDE, 2004; BAILEY, 2005; STIGGER; THOMASSIM, 2013). Com efeito, também não podemos descartar o fato de que cada prática social em que os indivíduos e grupos se propõem a participar, de alguma maneira, exercerá influências sobre eles, tal como ocorre, por exemplo, com a prática esportiva para a juventude<sup>15</sup> – público-alvo desta pesquisa.

Segundo pontuado por Biesta et al. (2001), ao praticar esporte, os jovens entram em contato não apenas com as habilidades necessárias à sua prática, mas, por tabela, com as regras relacionadas à respectiva modalidade praticada. Sintomaticamente, ainda que isso ocorra mais comumente de forma implícita do que necessariamente explícita, os praticantes das diferentes modalidades esportivas vivenciam e aprendem, por exemplo, os valores que informam o "clima" de diferenciados contextos esportivos e culturais que lhes dão sustentação (BIESTA et al., 2001; JANSSENS, STEGEMAN & HILVOORDE, 2004).

Ao tomarmos como base as ideias do jesuíta, historiador, filósofo e antropólogo francês Michel de Certeau (1995), pode-se conjecturar que a própria noção de cultura é complexa e nos remete a uma pluralidade indefinida de significados, uma vez que são oferecidos aos atores sociais diferentes quadros de bens e de referências para consumo. No seu entender, a cultura expressa no singular só poderia traduzir de forma aligeirada aquilo que fosse característico e singular de um determinado meio social (CERTEAU, 1995). Assim, podemos pensá-la como uma construção sócio-histórica de diferentes modos de vida, cuja diversidade de grupos humanos marca o universo das formações culturais. Ou seja, devemos partir de uma perspectiva multicultural (CAMINHA, 2009), considerando as diferentes

<sup>15</sup> A noção de juventude perpassa pela valorização da sua diversidade, transcendendo os limites de um período ou fase da vida biológica, tal como representado por uma visão mais determinista. Logo, pode-se compreender que não há um conceito único de juventude capaz de abranger os campos semânticos que estão associados com as diferentes juventudes e as diferentes maneiras de olhá-las com base em diferentes teorias (PAIS, 1996). Nos limites deste trabalho, acrescenta-se que este termo associa-se a um determinado megaevento olímpico e, por tabela, a um determinado grupo de atletas, conforme detalharemos a posteriori.

nuances contextuais em oposição a uma visão etnocêntrica definidora de um parâmetro cultural dominante e unificado.

De fato, a conjuntura delineada acima parece-nos apresentar boas razões para considerarmos os diferentes contextos culturais em que as atividades esportivas são organizadas e praticadas. Isto posto, como é de especial interesse para este estudo, a experiência histórica demonstra que os JO da era moderna – após serem recriados em 1894 pelo francês Pierre de Frédy (1863 – 1937), o Barão de Coubertin<sup>16</sup> – diferenciam-se de qualquer outro evento desta natureza, vinculando-se explicitamente a uma ideologia olímpica e valorativa, cujo eixo de referência está circunscrito pelo MO e por seus valores orientadores (TAVARES, 2003; 2008).

Assim, Kátia Rubio (2011) nos propõe um recuo histórico para contextualizar o surgimento da audaciosa proposta de recriar os JO com caráter educativo – apresentada por Coubertin pela primeira vez em um congresso esportivo-cultural em Paris –, bem como para explicar a necessária criação de uma instituição responsável por oferecer um suporte humano e material para a realização de tal empreitada. Esta função coube, portanto, ao Comitê Olímpico Internacional (COI)<sup>17</sup>.

Na ocasião do referido congresso, foram estabelecidos alguns princípios importantes que ainda vigoram nos tempos atuais, com destaque para a realização dos Jogos com intervalos de quatro anos em diferentes locais, iniciando-se em Atenas no ano de 1896, onde foram contemplados esportes praticados por atletas de diferentes nações e geridos pelo recém-criado Comitê (TOMLINSON, 1984).

Diante desse cenário, autores como DaCosta e Tavares (1999) chamam a atenção para o fato de os JO da era moderna representarem, para o seu idealizador, a institucionalização da crença no esporte como uma manifestação pedagógica do conjunto de valores atribuídos a sua

<sup>16</sup> A ideia de Coubertin em revitalizar os JO da Antiguidade perpassava pela tentativa de reeditar alguns dos seus ritos e símbolos, buscando apresentá-los sob uma roupagem moderna (MEINBERG, 2007). Sua ambição era promover uma cultura integrada de esporte e educação, posicionando o esporte como modelo de paz e harmonia capaz de fomentar um conjunto de valores que se estendessem para além do campo de jogo (MAASS, 2007).

<sup>17</sup> Organização internacional não-governamental e sem fins lucrativos, com sede em Lausanne (Suíça) desde 1915. Trata-se da autoridade máxima do MO – ambos tendo como seu fundador o Barão de Coubertin –, cuja missão é promover o Olimpismo a nível mundial e dirigir este Movimento em conformidade com as responsabilidades que a Carta Olímpica lhe confere, bem como assegurar a organização e celebração regular de todas as modalidades de JO (COI, 1997).

prática, denominado por ele de Olimpismo<sup>18</sup>. Não obstante, segundo os autores, desde 1894 até o tempo presente, o seu conceito sofreu um processo de metamorfose, passando a ser entendido – em uma escala internacional e sob abordagens multiculturais – como uma espécie de “laboratório” para o estudo do esporte e das questões a ele relacionadas via MO – culturais, filosóficas, educacionais, econômicas, ecológicas, valorativas, etc.

Embora o Movimento Olímpico não seja sua única influência, as formas tradicionais do esporte moderno e, principalmente, a crença que o esporte educa, aproxima os povos, iguala as pessoas, ensina a ganhar e a perder, que o atleta é ou deve ser um modelo de comportamento, entre outras, foram modeladas e universalizadas com o importante auxílio deste Movimento e seu criador, o Barão Pierre de Coubertin (TAVARES, 2016, p. 1).

De fato, em virtude da sua capacidade de aglutinar inúmeros competidores de praticamente todos os países do mundo e de envolver tantas esferas sociais, os JO podem ser considerados como um dos eventos esportivos mais “superlativos”, despertando um conjunto de interesses políticos, econômicos e midiáticos, o que, por sua vez, contribui para produzir narrativas que permitem reconhecer e analisar complexas construções sociais, de uma forma muito particular (BILLINGS, 2008; MAGUIRE, 2011).

No entender de DaMatta (2006), os JO refletem a possibilidade de dramatizar a dialética entre o individualismo e a hierarquia, uma vez que nele destaca-se um forte componente individualista, expresso no ‘atleta-herói’. Em contrapartida, os mesmos Jogos também dramatizam coletividades, reunindo ritos de caráter universalista, com as cerimônias de abertura e encerramento, bem como ritos cívico-nacionalistas, celebrando os símbolos do país vencedor, com o hasteamento da bandeira nacional ao som do seu respectivo hino.

Neste sentido, não deixa de ser curioso que o ritual de reconhecimento olímpico, quando o atleta recebe sua medalha, tenha uma estrutura dramática que destaca o indivíduo, mas que fica inteiramente deslocado quando o vencedor é uma equipe. Premiar o herói olímpico é, pois, equivalente a glorificar o indivíduo como um personagem crítico do nosso mundo social. Esse “indivíduo” carregado de heroicidade que, acreditando em si mesmo e nos seus recursos, treinou e esforçou-se solitariamente, quase sempre contra tudo e todos, inclusive contra seus eventuais defeitos físicos, sociais e emocionais para, no final, ver sua crença em si mesmo recompensada (DaMATTA, 2006, p. 29).

<sup>18</sup> Na definição formal e oficial que consta na Carta Olímpica (estatuto do COI), este termo corresponde a uma filosofia de vida baseada no equilíbrio das qualidades do corpo, da vontade e do espírito, aliando o desporto à cultura e à educação (COI, 1997).

Diante desse cenário complexo, ressalta-se que os JO, juntamente com o MO, são indissociáveis de uma ideologia oficial de difusão e massificação das práticas de atividades físicas, cujo objetivo declarado era de transformar o esporte em um empreendimento essencialmente educativo, moral e social, destinado a fomentar uma proposta de reforma dos indivíduos, das sociedades e das nações (TAVARES, 1999; 2003; 2008).

Nesse cenário, nos chama a atenção a perspectiva coubertiniana no que diz respeito ao valor da atividade esportiva, entendida “[...] como parte da educação de qualquer jovem assim como a ciência, a literatura e as artes [...]” (MIRAGAYA 2009, p. 41). Entretanto, a esse respeito, autores como Todt et al. (2007, p. 151) esclarecem:

O ideal educacional, defendido por Coubertin, não emergiu simplesmente como uma mera provisão do esporte, nem muito menos como uma consequência espontânea da simples participação nele; esta não seria uma forma adequada de interpretação, uma vez que, para o Barão, a missão educacional do esporte seria um fato consequente.

Nota-se, pois, que Coubertin defendia o esporte como parte de uma educação considerada ideal, desde que o mesmo fosse tecido por processos pedagógicos destinados a evidenciar sobremaneira o seu potencial educativo (DaCOSTA; TAVARES, 1999; TODT, 2006; MÜLLER; TODT, 2015). Ora, se esta tese é verdadeira, pode-se extrair como consequência que, até mesmo para o idealizador do Olimpismo, o fenômeno esportivo não consiste em algo naturalmente educativo, pelo menos não em um sentido socialmente positivo<sup>19</sup>.

Na esteira dessa discussão, autores como Lenskyj (2008) e Naul (2008), por exemplo, formulam críticas sobre as abordagens e discursos que tentam naturalizar os atletas olímpicos, por exemplo, como referências de caráter moral e social, sobretudo, em decorrência de comportamentos corruptos e antidesportivos por parte de membros do COI, quiçá, dos próprios atletas – com a ingestão de substâncias dopantes –, bem como em virtude do teor político, ideológico e comercial inerentes às mensagens e narrativas olímpicas.

<sup>19</sup> Para fins ilustrativos, talvez valha a pena lançar mão de uma citação feita pelo Barão de Coubertin no texto intitulado ‘*Le caractere de notre entreprise*’ ou ‘O caráter de nossos negócios’, referente ao Boletim do Comitê Internacional para os Jogos Olímpicos, em 1894, conforme se segue: “Mas tanto hoje como ontem sua ação será benéfica ou prejudicial segundo o que se saiba tirar dele e a direção na qual se o estimule. O atletismo pode colocar em jogo as paixões mais nobres, assim como as mais vis; pode desenvolver o desinteresse e o sentido de honra, bem como o afã pelo lucro; pode ser cavalheiresco ou estar corrompido, ser viril ou bestial; cabe, finalmente, utilizá-lo para consolidar a paz quanto para preparar a guerra” (MÜLLER; TODT, 2015, p. 654).

Evidencia-se, aqui, que o referido intento instrutivo e valorativo direcionado ao fenômeno esportivo e, especialmente, ao esporte olímpico, resulta de um conjunto de sistematizações e, por conseguinte, de apropriações e reapropriações correlatas ao seu uso. Aqui, denota-se mais uma vez o caráter complexo e ambivalente que envolve tal fenômeno e, por extensão, os respectivos pressupostos do Olimpismo. Tal como problematizado por Tavares (2003, p. 104):

Em face desta ambivalência, o esporte competitivo tem encontrado apreciações opostas. Para seus entusiastas, o esporte, notadamente o esporte olímpico, pode ser genuinamente o caminho para a promoção de um ser humano desenvolvido de maneira equilibrada, do entendimento internacional e a tolerância, entre outras qualificações. Para os céticos, a competição esportiva se tornou sinônimo de degradação de valores humanos, violência e chauvinismo. Como referência mundial do esporte de competição, uma considerável parte destas posições tem por objeto os Jogos Olímpicos como evento, o Movimento Olímpico como organização e o Olimpismo como fundamento.

Destarte, ao tratarmos dos JO, mais especificamente, observe-se que estamos fazendo referência aos atletas do mais alto escalão nas suas respectivas modalidades, alcançando o auge da performance em suas carreiras esportivas<sup>20</sup>. Em contrapartida (e de forma simultânea), também se faz necessário considerar diferentes aspectos valorativos, educacionais e culturais que transcendem o cenário relacionado à sua performance nos campos, nas arenas e nos demais espaços de competições esportivas. Estes aspectos podem ser expressos mais claramente pelo somatório de ritos e símbolos olímpicos, tais como as cerimônias de abertura e encerramento, o revezamento da tocha, o acendimento da pira, o hasteamento da bandeira (com seus anéis continentais), a celebração do hino e a realização dos juramentos. Outro exemplo de sua manifestação é a própria relação do atleta com o *fair play*<sup>21</sup>.

No bojo desta vertente axiológica, um dos princípios fundamentais contidos na Carta Olímpica pode ser bastante ilustrativo, a saber: “[...] O Olimpismo visa criar um estilo de vida

<sup>20</sup> Também conhecido como “carreira atlética”, este termo designa um conjunto de atividades esportivas de caráter plurianual que um sujeito pratica almejando o pico individual de performance atlética no âmbito local, regional, nacional ou internacional, incluindo, para tanto, uma sucessão de estágios como iniciação, especialização, investimento no esporte de alto rendimento e, por fim, a sua interrupção, seja de forma voluntária ou não (STAMBULOVA et al., 2009).

<sup>21</sup> Este termo pode ser dividido em dois tipos: formal (relacionado diretamente ao cumprimento de regras e dos regulamentos esportivos), e não formal (correlato ao comportamento cavalheiresco e aos valores morais do atleta). Este último transcende, portanto, as respectivas regras escritas, sendo respaldado/legitimado por um apelo social, haja vista que a infração deste não raras vezes chega a ser mais condenável do que a infração das referidas normatizações (LENK, 1976).

baseado no prazer encontrado no esforço, no valor educacional do bom exemplo e no respeito aos princípios éticos fundamentais universais" (COI, 1997, p. 8).

Aliás, a própria noção de “excelência” – tão difundida pelos ideais olímpicos –, por exemplo, tem raízes fincadas na cultura grega, por meio da noção de *arete*, expressando um dever consigo mesmo para além do desempenho esportivo. Perpassa, então, pela esperada virtude de notabilizar-se nas diversas dimensões da vida humana (física, intelectual e ética), ajudando a justificar a personificação do atleta como herói e/ou como referência valorativa. Para o momento, interessa-nos destacar, de maneira especial, a importância atribuída pelo Olimpismo na combinação da tríade “esporte, cultura e educação”, sobretudo, para a formação da juventude, suscitando-lhe a valorização da saúde, da competição leal e do comportamento cavalheiresco (MÜLLER; TODT, 2015), bem como do adequado conceito de liberdade, capaz de criar as melhores condições para sua coexistência social (TODT et al., 2007).

Com efeito, conforme antes mencionado, o esporte olímpico corresponde a um bom exemplo de materialização do discurso relacionado ao fenômeno esportivo, conferindo-lhe uma ambivalência declarada, a qual reiteradamente pontuamos não situar-se como uma dicotomia inconciliável, mas como direcionamento para a pluralidade, em especial, a partir de uma liminaridade entre os aspectos voltados para a cidadania/educação/formação humana, de um lado; e os aspectos voltados para a performance/competição/doping, de outro.

De acordo com o antropólogo belga Claude Lévi-Strauss (1985, p.49), “[...] Pensar a pluralidade implica o reconhecimento de que a vida da humanidade não se desenrola sob o regime de uma uniforme monotonia”. Assim, considerando-se a pluralidade de apreciações possíveis, entendemos que é necessário e profícuo buscar uma justa medida que, recusando posições absolutas, permita situar o atleta num contexto de mediações entre valores sociais contrapostos (LOVOSOLO, 1995), visto que não há uma relação inequívoca entre eles e os valores associados ao fenômeno esportivo e especificamente ao esporte Olímpico (TAVARES, 2003).

Em face do exposto, advogamos pela necessidade de enveredarmos o foco de interesse deste empreendimento investigativo para os jovens<sup>22</sup> atletas de elite, com idades entre 15 e 18 anos, participantes da mais recente modalidade de competição olímpica criada pelo COI, a

<sup>22</sup> De acordo com Rocha e Pereira (2009), este público nunca havia sido tão observado como nos últimos dez anos, despontando com grandes investimentos em pesquisas (de mercado e acadêmicas), cujo foco das discussões não mais restringe-se aos campos da Psicanálise e da Educação como outrora, mas contempla diferentes nuances, tais como: comportamento, saúde, educação, consumo, sexualidade e tecnologia.

qual pode ser considerada como o mais proeminente megaevento<sup>23</sup> de caráter esportivo, cultural e educacional direcionado para os mesmos. Trata-se dos Jogos Olímpicos da Juventude ou Youth Olympic Games (YOG).

Assim, para efeitos deste estudo, é preciso ter presente que, ao fazermos menção aos jovens atletas de elite, estamos nos referindo notadamente àqueles sujeitos que compõem o esporte de alto rendimento, cuja preparação envolve um conjunto de treinamentos sistematizados em clubes ou similares, com elevada demanda de comprometimento e esforço, objetivando participar de competições de alto nível – desde eventos no âmbito nacional, até megaeventos internacionais, como é o caso dos YOG.

De fato, essa demarcação se faz importante para situar o leitor de que os sujeitos desta pesquisa – diferentemente dos jovens que praticam esporte no âmbito do lazer ou no âmbito escolar, por exemplo – estão construindo a sua carreira atlética e, desta forma, são orientados por um conjunto de valores intervenientes do sistema esportivo de alta competição, cuja maximização da performance e a busca por resultados representam o determinante mais significativo no seu desenvolvimento (HEINILÄ, *apud* TAVARES, 2003). Nesse sentido, compreende-se que “[...] o valor da excelência e da superação é um elemento característico do esporte de alto rendimento que nos Jogos Olímpicos, em função de seu nível de excelência e periodicidade, torna-se ainda mais agudo” (TAVARES, 2003, p. 107).

*Citius, altius, fortius. Mais alto, mais forte, mais veloz [sic]. A máxima latina que configura o esporte olímpico coloca questões importantes para a reflexão da corporeidade, entre elas destacamos a necessidade histórica do ser humano ultrapassar limites físicos, psíquicos, simbólicos ou ainda a construção de elementos estéticos capazes de ultrapassar a vida cotidiana, imprimindo e exprimindo sentidos novos para a existência como parece ser o caso do esporte e de sua capacidade de expressão corporal, estética e cultural (NÓBREGA; DIAS, 2014, p. 61).*

Por outro lado, enquanto atletas olímpicos, é preciso ter presente que tais jovens também estão sujeitos a uma rede de elementos valorativos, culturais e educacionais correlatos, que no caso dos YOG, particularmente, se pretende combinar por meio de uma

<sup>23</sup> Os megaeventos são assim denominados em virtude da sua capacidade de reunir diferentes aspectos, tais como: larga escala cultural, característica dramática, apelo popular massivo, impacto nas identidades nacionais e no espaço público, bem como significância em nível internacional. Ademais, ressalta-se, ainda, que a sua organização é comumente realizada a partir de uma parceria entre os governos do país-sede e as organizações internacionais não governamentais (ROCHE, 2000), como é o caso do COI, por exemplo. Nesse cenário, concordamos com o apontamento de Almeida, Mezzadri e Marchi Junior (2009, p. 181) sobre o fato de os megaeventos constituírem-se em um “[...] campo fértil de investigação de relações sociais complexas e paradoxais da sociedade moderna”.

programação híbrida<sup>24</sup>. Nesse sentido, por intermédio do Programa de Educação e Cultura ou *Culture and Education Programme* (CEP), estes Jogos propõem-se a ofertar múltiplas atividades como possibilidade de promoção dos valores olímpicos para os jovens atletas, fomentando, ao longo de 12 dias, a ambivalência entre o desempenho esportivo e o desenvolvimento humanístico (TURINI et al. 2008; DaCOSTA, 2009; TAVARES, 2009; PARRY, 2012).

Diante do que está posto, em virtude da atmosfera híbrida idealizada e do perfil etário dos seus praticantes, nós optamos por investigar como *lócus* da presente pesquisa os YOG de Buenos Aires em 2018 (YOG-2018), considerando-os como um terreno fértil não apenas para a vivência de competições esportivas, como também para a vivência de experiências educacionais. Consideramos que isto o qualifica como uma oportunidade espaço-temporal propícia para a análise do nosso objeto de estudo: a ambivalência entre a performance esportiva e a formação humana do atleta de elite.

Para tanto, torna-se imprescindível conferir uma centralidade para as práticas destes sujeitos, as quais são potencialmente produtoras de diferentes sentidos e significados ou, mais especificamente, para as maneiras como eles consomem as atividades ofertadas pelo CEP no espaço-tempo da Vila Olímpica da Juventude ou *Youth Olympic Village* (YOY). Afinal, conforme argumentado por Certeau (1995, p. 141-142),

[...] se é verdade que qualquer atividade humana possa ser cultura, ela não o é necessariamente ou não é ainda forçosamente reconhecida como tal. Para que haja verdadeiramente cultura, não basta ser autor de práticas sociais; é preciso que essas práticas sociais tenham significado para aquele que as realiza [...] pois cultura não consiste em receber, mas em realizar o ato pelo qual cada um marca aquilo que outros lhe dão para viver e pensar.

Nessa conjuntura, recorreremos ao aporte teórico-metodológico cereteuniano no que tange às noções de *consumo produtivo, táticas e estratégias, lugar e espaço* (CERTEAU, 1994) para conferir o protagonismo aos sujeitos desta pesquisa no contexto dos YOG-2018 e, por extensão, refutar a ideia de que o fenômeno esportivo e cultural está sujeito a uma incorporação passiva, acrítica e disciplinada de ideologias e valorações (positivas ou negativas).

<sup>24</sup> Lançamos mão deste termo para fazer alusão a algo que foi (ou que se propôs a ser) mesclado, misturado, combinado, tal como a atmosfera criada nos YOG a partir de uma suposta simbiose entre as suas programações esportiva, cultural e educacional.

Aliada a esta intencionalidade, ainda se faz oportuno antecipar a informação de que foram realizadas algumas investigações na literatura internacional sobre temática homóloga, enquanto, no contexto brasileiro e latino-americano, por sua vez, nenhum estudo se propôs a desbravá-la até o presente momento – conforme apresentamos no Capítulo II desta Tese –, aventando, desta maneira, uma lacuna na produção do conhecimento.

Com efeito, em face do que foi apresentado até aqui, a problemática que se coloca ao presente estudo demanda investigarmos a interconexão entre os aspectos culturais/educacionais e os aspectos competitivos correlatos aos YOG-2018, localizando-se tanto no processo de organização e oferta de artefatos culturais e educacionais pelo Comitê Organizador dos Jogos Olímpicos da Juventude de Buenos Aires (BAYOGOC), quanto, de maneira especial, na pluralidade de apropriações e construções de sentidos pelos jovens atletas como consumidores e praticantes do cotidiano da YOJ.

Nesse viés de raciocínio, é imperioso assinalar que os sentidos “[...] devem brilhar como uma metonímia em relação a esse todo” (CERTEAU, 1994, 162). Em outras palavras, compreende-se que os sentidos são construídos de forma contínua, dialógica<sup>25</sup> e simultânea entre o individual (relacionando-se com as experiências e conhecimentos prévios de cada um) e o coletivo (relacionando-se com os processos de interação com seus pares), atinentes à determinada trama cotidiana em que os atores sociais se inserem temporal e espacialmente (COULON, 1995). Em outras palavras, a nossa individualidade/subjetividade só existe se tiver como referência o outro (BAKHTIN, 2000).

Assim, acreditamos que da mesma forma como o pedestre pode reinventar um percurso diferente em meio à ordem urbana projetada, os jovens atletas olímpicos também podem, a partir das suas interações e do seu consumo produtivo, construir sentidos deslocados daquilo que foi projetado pelos organizadores dos Jogos.

Portanto, o desenvolvimento da presente tese pautou-se em torno da seguinte questão norteadora: Como os jovens atletas de elite se apropriam, consomem e constroem sentidos acerca das diferentes atividades culturais e educacionais que lhes foram ofertadas nos YOG-2018?

<sup>25</sup> A semelhança do ocorre com as interações, os sentidos não são necessariamente consensuais, visto que envolvem uma pluralidade de vozes – por vezes conflituosas e discordantes –, de tal modo que a sua construção será sempre dialógica e intersubjetiva, na qual o “eu” e o “outro” são inseparáveis, constituindo-se mutuamente. Logo, não é possível descartar a existência do outro que habita em nós (BAKHTIN, 2000).

Ora, em observância aos pressupostos argumentativos pertencentes à questão norteadora supramencionada, objetiva-se na presente pesquisa compreender a experiência educacional dos jovens atletas de elite no cotidiano dos YOG-2018, especialmente, no que se refere à sua relação com a programação cultural e educacional deste megaevento, buscando trazer luz para a narrativa ambivalente entre competição/performance de um lado e educação/formação humana de outro. Assim, em conformidade com este objetivo central, delineamos, ainda, os seguintes objetivos específicos:

- Revisar de forma sistemática o que vem sendo produzido na literatura científica nacional e internacional a respeito da experiência educacional dos jovens atletas de elite nas edições anteriores aos YOG-2018.
- Identificar e analisar as práticas empregadas pelos atletas participantes dos YOG-2018 nas atividades culturais e educacionais ofertadas pelo CEP.
- Analisar as produções discursivas dos jovens atletas acerca da sua experiência de participação nos YOG-2018, enfocando o consumo das referidas atividades do CEP.

Com efeito, ao considerarmos que o significado da ambivalência atravessa a impossibilidade de uma ordem unívoca (BAUMAN, 1999), nós tomamos como ponto de partida a dialética existente entre as atividades oferecidas aos jovens atletas e o seu respectivo consumo. Isto nos permite pensar em múltiplas formas de apropriações, seguidas pelas suas consequentes produções de sentidos. Note-se, então, que todos os objetivos elencados acima caminham para o desafio de discutir sobre a referida ambivalência que envolve o fenômeno estudado e a forma como ela se materializa, mais especificamente, nos YOG-2018.

Nessa conjuntura, apresentamos a seguinte tese: embora a programação cultural e educacional dos YOG-2018 possa favorecer aspectos como a socialização<sup>26</sup> e a construção de amizades, os jovens atletas de elite produzem sentidos polissêmicos a partir das suas interações e do seu consumo produtivo, o qual é mediado, sobretudo, pelos valores intervenientes do sistema esportivo de alto rendimento, refletindo, destarte, na referida ambivalência.

<sup>26</sup> Entende-se, aqui, como um processo de constituição e compartilhamento de experiências dos indivíduos em um determinado espaço, incluindo normas, valores e, sobretudo, as respectivas redes de sentidos produzidas pelas múltiplas relações tecidas entre eles.

## Considerações sobre a Organização e o Itinerário da Tese

A presente Tese está organizada em um conjunto de cinco capítulos, precedidos por uma parte de caráter introdutório e acrescidos pela bibliografia e pelos apêndices. Em síntese, com exceção do primeiro, os Capítulos correspondem respectivamente a um dos objetivos específicos delineados alhures, estruturando-se em um formato de artigos, haja vista que cada um deles contém aspectos como introdução, caminhar metodológico, resultados/discussão e considerações finais com relativa autonomia, muito embora estes permaneçam devidamente articulados, confluindo em direção ao objetivo central que orienta o estudo.

Preliminarmente, nas *Considerações iniciais da Tese*, dissertamos sobre o nosso objeto de estudo, incluindo o breve apanhado histórico-conceitual, a sua pertinência/justificativa, o diálogo com a literatura correspondente, a delimitação da problemática circunscrita ao mesmo, os objetivos geral e específicos, a organização e o itinerário da tese, os aspectos atinentes ao caminhar metodológico da pesquisa e, por fim, o principal referencial teórico mobilizado para fins analíticos. Nesta parte introdutória, tencionamos contextualizar e problematizar o objeto da pesquisa, apresentando uma resolução de partida para enfrentar a lacuna identificada.

No Capítulo I – *Contextualização e caracterização dos YOG*, discorremos a respeito dos YOG, destacando a sua criação histórica alinhavada à influência da tradição e da missão do MO, as principais características que o diferem de outros megaeventos desta natureza, incluindo a sua programação híbrida, com a proclamada ênfase na tríade ‘esporte, cultura e educação’, bem como uma pincelada sobre os cenários socioculturais e estruturais em que esses Jogos foram desenvolvidos. Aqui, pretendemos situar o leitor sobre o contexto do *locus* desta pesquisa, apresentando um panorama descritivo do caráter inovador desse megaevento.

No Capítulo II – *A Experiência educacional dos atletas de elite nos YOG: Uma Revisão Sistemática*, situamos o leitor sobre o que vem sendo produzido na literatura nacional e internacional a respeito da participação dos jovens atletas de elite nos YOG, com foco nas suas experiências educacionais. Assim, pretendemos dar visibilidade para as contribuições destes estudos no que se refere às aprendizagens dos referidos atletas nas edições anteriores, sem, contudo, esperar que elas se repitam nesta edição de Buenos Aires. Com efeito, esse esforço nos possibilitou a identificação de lacunas capazes de justificar o que foi produzido nos Capítulos subsequentes.

No Capítulo III – *Entre as atividades promovidas e o consumo produtivo: análise das práticas dos jovens atletas nos YOG-2018*, apresentamos os dados produzidos por meio da observação direta, sistematizada em diário de campo, dos registros iconográficos de imagens paradas (fotografias) e das interações comunicativas (fala em ato – enunciação<sup>27</sup>) destes atores no cotidiano intercultural dos YOG-2018. Pretendemos, com isso, identificar, analisar e dar visibilidade às práticas empregadas pelos jovens atletas em relação à programação cultural e educacional que lhes foi ofertada.

No Capítulo IV – *Entre as atividades promovidas e o consumo produtivo: análise dos discursos dos jovens atletas nos YOG-2018*, analisamos as produções discursivas dos jovens atletas acerca da sua experiência de participação nos YOG, com ênfase no consumo das atividades educativas e culturais ofertadas pelo CEP. Objetivamos, com isso, compreender os sentidos produzidos por estes atores acerca do uso das referidas atividades, permitindo-nos perspectivar as possibilidades de mediação entre as dimensões da performance e da formação humana correlatas ao fenômeno em foco.

Por fim, à guisa de conclusão, nós apresentamos o Capítulo V – *Considerações finais da Tese*, no qual retomamos a nossa questão norteadora e o nosso objetivo central, sintetizando, agrupando e concatenando os principais dados produzidos em cada capítulo, a partir de um movimento reflexivo de metanálise<sup>28</sup>. Desta forma, intentamos abrir horizontes de compreensões sobre o nosso objeto de estudo.

### **Considerações sobre o caminhar metodológico do estudo**

O saber científico – entendido pelos gregos como “*epistéme*” – lida com fenômenos complexos e com realidades contextuais e transitórias, buscando lançar luz sobre ambos, na tentativa de explicá-los e/ou compreendê-los. Para tanto, a ciência afasta-se de conceitos meramente opinativos – entendidos pelos gregos como “*doxa*” –, munindo os referidos fenômenos de um rigor teórico-metodológico e de uma organização lógica e racional, ainda

<sup>27</sup> Pode ser definida como um conjunto de expressões, palavras e sentenças que são produzidas e articuladas a partir de determinados diálogos/negociações em uma ação situada e, por isso, não pode ser afastada de seu contexto de produção. A enunciação ou ‘fala em ato’ expressa, portanto, a operação da ‘língua em uso’ pelos atores em um determinado contexto social (BAKHTIN, 2000).

<sup>28</sup> Apesar de ser oriunda e tradicionalmente utilizada nas pesquisas quantitativas, a metanálise ou “meta-análise” também pode se apresentar como um suporte importante para as investigações qualitativas, mediante um pensar sistemático e reflexivo (BICUDO, 2014).

que os mesmos continuem permeados por uma rede potencialmente diversificada, não linear e imprevisível de valores, sentidos, emoções, saberes e fazeres. Nesse sentido, Veiga-Neto (2005, p. 25-51) adverte:

No que tange ao rigor, é preciso não confundi-lo com exatidão. Um dos mais pesados fardos que o pensamento cientificista herdou do platonismo – levando-o às últimas – foi instituir na dupla ilusão que decorre da Doutrina dos Dois Mundos. De uma parte, insistindo na ilusão da existência de um outro mundo, inteligível, habitado pelas formas perfeitas/exatas e fora do acesso direto pelos sentidos. De outra parte, insistindo na ilusão da representação como sendo a operação de acesso, isso é, como mediação entre aquele mundo (inteligível) e esse nosso mundo (sensível). Como bem sabemos, advém daí tanto o sonho da exatidão que norteia o cientificismo quanto o desprezo pelos saberes vistos como não-exatos. É justamente nesse ponto que surge a confusão entre rigor e exatidão.

Compartilhamos, então, com a analogia que Rubem Alves (1981) nos propõe entre o pesquisador e o pescador, na medida em que este último necessita fazer a escolha dos anzóis (os métodos) baseada numa hipótese acerca dos peixes (os dados) que eventualmente podem ser pescados (pesquisados). Nesse sentido, adverte o autor: “[...] Sem anzóis não há peixes. Cuidado, entretanto, com a arrogância do pescador que, com um peixinho na mão, pretende haver desvendado o mistério da lagoa escura ...” (ALVES, 1981, p. 87).

Diante desse cenário complexo e potencialmente polissêmico atinente ao ato de produção do conhecimento, adotamos neste estudo uma postura investigativa despida da busca por verdades científicas quantificáveis, hierárquicas, estáveis, consolidadas e/ou definitivas, desencadeando, amiúde, em determinadas dicotomias e maniqueísmos teóricos – comuns à prática da racionalização<sup>29</sup>.

Assim, caminhamos na direção do que aponta Boaventura de Sousa Santos (2010), para o qual a ciência deve “sensocomunizar-se”, no sentido de buscar uma aproximação entre a vida cotidiana e o conhecimento científico, constituindo-se em função da realidade complexa de determinados grupos sociais, com projetos de vida locais. Além disso – ou justamente por este motivo –, o mesmo autor também adverte que toda cultura é parcial e, por extensão, todo conhecimento sobre determinada realidade também será sempre parcial (SANTOS, 2004), evidenciando a sua condição de incompletude (MORIN, 2002).

<sup>29</sup> Refere-se a construção de uma visão coerente e totalizante do universo, tentando explicar uma dada realidade complexa em função de um único aspecto (o econômico ou o político, por exemplo), alimentando a crença de que os males da humanidade são devidos a uma só causa e/ou a um só tipo de agente (MORIN, 2002).

Na esteira desta reflexão, o sociólogo português José Machado Pais (2003b) acrescenta que essa consciência epistemológica acerca da impossibilidade de tomar posse do real é justamente a condição para entendermos alguma coisa do que se passa no dinamismo cotidiano. Logo, reconhecemos a possibilidade de coexistirem diferentes modos de produção de dados e de interpretação em relação à realidade contextual, cujo presente investimento científico se propôs a debruçar-se.

Isto posto, em decorrência das características do nosso objeto, o caminhar metodológico da pesquisa foi sendo delineado sob um viés qualitativo e resultou do exercício do possível, no intuito de alargar as possibilidades de leitura a respeito do mesmo. Para tanto, optamos por abordá-lo sob os cânones de um delineamento metodológico<sup>30</sup> que articula os fundamentos da revisão sistemática de literatura (SAVIN-BADEN, MAJOR, 2010; GOMES; CAMINHA, 2014) com os pressupostos da etnometodologia<sup>31</sup> (GARFINKEL, 1992; COULON, 1995; HERITAGE, 1999; SILVA; VOTRE, 2012).

Em síntese, a revisão sistemática foi utilizada no Capítulo II, cujas buscas foram realizadas em 5 bases de dados diferenciadas: *SciELO*, *Scopus*, *SPORTDiscus*, Portal de Periódicos da CAPES e *Web of Science*. Em consonância com os critérios de inclusão e exclusão estabelecidos, sete artigos foram selecionados e analisados, com ênfase nos seguintes aspectos: objetivo, abordagem metodológica (método e técnicas), localidade (*lócus*), sujeitos participantes (amostra) e principais resultados encontrados.

A etnometodologia, por sua vez, foi empregada nos Capítulos III e IV, a partir do ‘mergulho’ do pesquisador no campo, estabelecendo interfaces com as pesquisas nos/dos/com os cotidianos (FERRAÇO, 2003; PAIS, 2003b; OLIVEIRA, 2007; ALVES, 2008). De acordo com Garfinkel (1992), ao privilegiar a abordagem microssociológica, a etnometodologia busca lançar luz sobre os etnométodos<sup>32</sup> (“o que” e “como”) utilizados pelos atores no contexto histórico e cultural em que as suas ações e as suas falas são produzidas, visando compreender as maneiras pelas quais eles constroem sentidos. Na perspectiva etnometodológica, portanto, dar-se-á maior importância à compreensão do que à explicação (SILVA; VOTRE, 2012).

<sup>30</sup> A sua descrição será pormenorizada no interior de cada capítulo, incluindo os instrumentos de coleta de dados mobilizados e os procedimentos de análise adotados.

<sup>31</sup> Conforme levantamento realizado por Silva et al. (2015), sua aplicação no contexto brasileiro vem ganhando espaço na área da Educação Física, contribuindo para fortalecer o campo das pesquisas socioculturais com abordagem qualitativa.

<sup>32</sup> De acordo com Coulon (1995, p. 17), podem ser entendidos como “[...] métodos que os indivíduos utilizam para dar sentido e, ao mesmo tempo, construir suas ações cotidianas: comunicar, tomar decisões, raciocinar”.

Destarte, essa opção metodológica nos permitiu encarar os sujeitos não apenas como atores, mas também como autores das suas práticas, haja vista que a vida cotidiana não é dada *à priori*, ou seja, não funciona como um *modus operandi* estático e imposto pela sociedade; ao contrário, ela é produzida na dinamicidade das ações (e interações) dos seus praticantes. Partimos, então, desta orientação de pesquisa para compreender o que (e como) os jovens atletas fazem com os objetos que lhe são entregues no contexto temporal e espacial dos YOG-2018, em especial, no cotidiano da YOY.

No que se refere ao levantamento das informações que constituíram o *corpus* de análise dos Capítulos orientados pela etnometodologia, nós buscamos, em várias fontes, as pistas ou indícios das tessituras dos conhecimentos atinentes a uma determinada realidade contextual. Noutras palavras, intentamos considerar “[...] os modos de lidar com a diversidade, a diferença, e a heterogeneidade, dos cotidianos e de seus praticantes, tanto quanto suas múltiplas e diferentes relações” (ALVES, 2008, p. 43). Para tanto, optamos por lançar mão da observação direta com notas de campo, dos registros iconográficos e das enunciações dos jovens atletas no Capítulo III; bem como das entrevistas guiadas com estes sujeitos, no Capítulo IV.

Com efeito, a forma qualitativa que escolhemos para abordar o nosso objeto de estudo justifica-se pelo entendimento de que a experiência do sujeito é mediada pela interação dialógica e indissociável que ele estabelece com o mundo que o cerca, a qual entendemos que pode ser melhor compreendida pelo aparato qualitativo do que pelos escores numéricos. Assim, concentramos nossos esforços no universo de sentidos produzidos pelos sujeitos desta pesquisa, envolvendo, desta forma, um conjunto de crenças, motivos, expectativas, interesses, aspirações, valores, atitudes e visões de mundo inerentes às suas práticas e discursos.

Compreende-se, pois, que a referida programação híbrida atinente ao contexto intercultural deste megaevento esportivo representou um campo profícuo para o referido delineamento metodológico, no intuito de colocar em evidência a ambivalência declarada entre a performance/competição e educação/formação humana no que se refere ao fenômeno esportivo olímpico, pensando-a a partir de uma possível liminaridade. Destarte, tal como adverte Tavares (2011b), em virtude do seu caráter multifacetado, as investigações sobre megaeventos permitem-nos ou exigem-nos, considerar as intersecções de saberes e interesses, o que, por sua vez, implica na necessidade de uma complementaridade teórica e uma pluralidade metodológica.

Ademais, vale ressaltar que esta pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) – Campus de Goiabeiras, tendo sua aprovação deferida sob o número do CAAE 99991018.0.0000.5542 e número de parecer 3.066.398, conforme exigências estabelecidas pela Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde.

### **Considerações sobre o aporte teórico-metodológico ceriteuniano**

Apoiados neste referencial, busca-se retomar a importância das “[...] práticas microbianas, singulares e plurais” (CERTEAU, 1994, p. 175) dos atores sociais, desenroladas em diferentes contextos cotidianos. Assim, ao fazermos referência às práticas dos mesmos, estamos nos referindo aos seus respectivos “modos de operação”, ou às suas possibilidades de ação, ou ainda, às suas astúcias anônimas das artes de fazer em determinadas circunstâncias particulares de tempo, de lugar e competição, cujo interesse de análise, portanto, permeia os interstícios de transgressões de uma normatividade ou organização institucional (CERTEAU, 1994).

Com isso, conferimos nesta Tese uma centralidade ao jovem atleta de elite como “praticante ordinário” em relação ao consumo das atividades culturais e educacionais correlatas à trama cotidiana dos YOG-2018. Para Certeau (1994), o cotidiano é aquilo que nos é dado em partilha dia após dia, nos prendendo intimamente a partir do interior. Ou seja, consiste no ambiente em que as práticas sociais são formalizadas e constituídas, cujas influências exteriores existem, mas não determinam as experiências singulares, permitindo-nos (enquanto atores e autores) a escrita de uma nova história a caminho de nós mesmos.

Portanto, tratar o jovem atleta como praticante implica considerar a capacidade que é a sua de jogar criativamente com tais mecanismos de ordem e estabilidade, em especial, a partir de diferentes “maneiras de fazer”<sup>33</sup> que formam a contrapartida do lado dos consumidores (CERTEAU, 1994), ou, no caso deste estudo, tratar-se-ia da produção que tais sujeitos fazem a partir do consumo das atividades culturais e educacionais ofertadas pelo CEP – consumo produtivo –, tendo, portanto, o fenômeno esportivo olímpico como pano de fundo.

<sup>33</sup> “As maneiras de fazer constituem mil práticas pelas quais os usuários se reapropriam do espaço organizado pelas técnicas de produção sociocultural” (CERTEAU, 1994, p. 41).

À guisa de informação, tal centralidade no sujeito da ação – a partir da sua capacidade criativa de reinventar o cotidiano – pode dialogar com outras proposições teóricas formuladas por um conjunto de autores oriundos de diferentes formações e orientações epistemológicas, dentre as quais pode-se citar as noções de “corpo-próprio” do fenomenólogo francês Maurice Merleau-Ponty (1994); de “homem lento”, do geógrafo Milton Santos (1996); e de “sujeito corporificado”, da socióloga Ana Clara Torres Ribeiro (2000).

Afinal, o que os conceitos supracitados têm em comum? Todos propõem uma inversão na forma de interpretar as práticas culturais contemporâneas, deslocando a atenção para o conjunto de ações, práticas e operações de resistência e de subversão diante dos mecanismos da produção sociocultural vigente. Tal perspectiva centrada no sujeito confere, portanto, uma visibilidade para a sua capacidade inventiva para adaptar, improvisar, tecer, politizar, inovar e reinventar a sua experiência cotidiana, em detrimento de supostas práticas determinadas previamente por uma organização institucional.

Trata-se, pois, de um processo denominado por Certeau (1994) de ‘antidisciplina’, compondo-se por práticas desviantes, transgressoras e astuciosas que são capazes de jogar contra os mecanismos autoritários e disciplinares da ordem social dominante, a qual é interpretada por Michel Foucault (1979) a partir dos mecanismos de “domesticação e controle dos corpos”<sup>34</sup>.

Observe-se que Certeau (1994) estabelece com o referido autor o que ele próprio denomina de ‘*antiafinidade eletiva*’, sustentando em seus pressupostos que o cerne da questão não deve situar-se na ordem disciplinar, mas, nos modos de operação ou nos esquemas de ação dos grupos ou dos indivíduos na condição de consumidores, o que os tornam mais fracos, porém, não os tornam passivos ou dóceis, posto que o cotidiano pode ser inventado com mil maneiras de caça não autorizada. Nesse viés de raciocínio, é preciso situar a experiência do praticante diante de um conjunto plural de referências e, conseqüentemente, de diferentes formas de apropriações, desenroladas em contextos de mediações, de influências normativas/valorativas e de operações discursivas.

<sup>34</sup> Foucault sintetiza a tentativa de domesticação e controle exercidos sobre os sujeitos e seus corpos a partir do modelo do *panóptico*, um dispositivo de vigilância e invisibilidade, cujo foco do ‘espetáculo’ é invertido, isto é, direcionando-se para o próprio público, funcionando, portanto, como um laboratório eficaz de poder, com capacidade de observar e controlar o comportamento humano. Aqui, cumpre-nos assinalar que, embora este autor enfatize em suas obras os mecanismos de dominação e poder – motivando, aliás, a crítica certeuniana –, o mesmo não deixa de reconhecer a importante dimensão da resistência: “[...] É preciso analisar o conjunto das resistências ao panóptico em termos de tática e de estratégia, vendo que cada ofensiva serve de ponto de apoio a uma contra-ofensiva” (FOUCAULT, 2015, p. 341).

Com efeito, advogamos que tal experiência não se dá nem no mundo, nem no sujeito, mas na interação dialógica entre eles, numa partilha com os demais sujeitos, tendo, para tanto, as múltiplas linguagens como algumas das possibilidades de expressão e articulação, dentre elas, as relações orais de comunicação, instituídas pela memória local, material e simbólica. Por isso, pode-se depreender que “[...] todo relato é um relato de viagem – uma prática do espaço” (CERTEAU, 1994, p. 200). Ora, no bojo dessa discussão, o filósofo francês Paul Ricoeur (1994, p. 119) acrescenta:

É essa experiência que, por sua vez, tem o mundo como horizonte. Referência e horizonte são correlativos como o são a forma e o fundo. Qualquer experiência possui, ao mesmo tempo um contorno que a cerca e discerne e ergue-se sobre um horizonte de potencialidades que constituem seu horizonte externo e interno. [...] Porque estamos no mundo e somos afetados por situações, tentamos nele nos orientar por meio da compreensão e temos algo a dizer, uma experiência a levar à linguagem e a partilhar.

Compreende-se, pois, que esta presença relacional e circunstancial de estar no mundo torna-se o organizador das práticas cotidianas (CERTEAU, 1985), posto que tais praticantes passam a reconhecê-lo como um espaço de envolvimento prático, isto é, de potencialidades vivenciais, definido por um conjunto de interações dialógicas e relações simbólicas.

Nesse contexto, se faz mister elucidar a distinção estabelecida por Certeau (1994) entre dois importantes conceitos: o espaço e o lugar. Inspirado na tradição fenomenológica pontyana – que distingue um espaço antropológico (e existencial) de um espaço geográfico –, o autor indica que o lugar retrata uma ordem racional por meio da configuração instantânea de elementos e posições, na qual imperam aspectos como estabilidade e simetria (equivalente à lógica geométrica/geográfica), apontando para uma suposta vitória sobre o tempo, uma vez que a sua composição/organização se mantêm inalterada, isto é, sem movimento e sem temporalidade, reunindo vantagens conquistadas por meio da prática panóptica, capaz de observar e controlar os “inimigos”. Portanto, pode-se conjecturar que o lugar sempre precede o movimento cotidiano.

Já o espaço, por sua vez, é constituído pelas ações produzidas por sujeitos situados historicamente, numa relação processual e conflitual com o mundo, dispondo da capacidade de modificá-lo e reinventá-lo por diferentes maneiras de atuar nele (equivalente à lógica antropológica). Denota, portanto, numa instabilidade animada por um conjunto de movimentos cotidianos (sutis e silenciosos) que se desdobram em diferentes vetores de

direção, quantidade de velocidade e variável de tempo, bem como por operações que orientam, circunstanciam e temporalizam o espaço. Assim, fundamentado por tal perspectiva (fenomenológica) do existir no mundo, Certeau (1994) admite a existência de tantos espaços, quanto experiências espaciais distintas.

Em suma, *o espaço é um lugar praticado*. Assim a rua geometricamente definida por um urbanismo é transformada em espaço pelos pedestres. Do mesmo modo, a leitura é o espaço produzido pela prática do lugar constituído por um sistema de signos – um escrito (CERTEAU, 1994, p. 202).

Nesse sentido, evidencia-se a existência de um movimento dialético, em que os espaços se constituem como tal a partir das operações e práticas dos sujeitos que dão vida aos lugares, os quais, por sua vez, precisam se reorganizar face às alterações provocadas pelos referidos movimentos sutis e silenciosos do cotidiano, na tentativa de recuperar sua estabilidade.

Ademais, importante acrescentar, ainda, que Michel de Certeau (1994) recorre a outros dois conceitos considerados elementares – nas suas investigações com o cotidiano – para explicar as maneiras de atuação desses praticantes diante das informações que lhe são distribuídas e dos objetos que lhe são entregues. Trata-se das “estratégias” e das “táticas” cotidianas, as quais estão significativa e reciprocamente associadas às respectivas noções de lugar e espaço.

Segundo este autor, as estratégias consistem nas operações que organizam o lugar, ou, dito de outra maneira, na arte dos fortes, uma vez que envolve o cálculo/manipulação das relações assimétricas e hierárquicas de forças com a exterioridade de alvos/ameaças a serem atingidos. Tais operações servem de base para fomentar o controle e a conservação das posições, da disciplina e da ordem das coisas, legitimando-as e postulando o lugar do poder, do querer e do saber, o qual pode ser circunscrito como um “próprio”, num mundo enfeitado por diferentes poderes. Desta forma, associa-se à ideia de uma autoridade – uma instituição, uma entidade ou, simplesmente, um grupo de indivíduos –, atuando a favor de uma ordem ou status dominante, em princípio, impostos de cima para baixo. Não obstante, a presença e a circulação dessa representação sociocultural por meio de práticas estratégicas não determinam a forma como ela é para seus usuários, sendo necessária, portanto, uma análise mais apurada a respeito da sua manipulação pelos praticantes que não a fabricaram (CERTEAU, 1994).

No cerne dessa questão, o autor nos apresenta a noção de tática, remetendo-nos para a perspectiva dos consumidores que lidam diretamente com os bens culturais oferecidos pelo sistema, inventando novas maneiras ou artes de fazer. Assim, estes mostram-se capazes de combater a fatalidade da ordem, perturbar o equilíbrio e desfazer a estabilidade local (ainda que nem sempre de forma consciente). Sintomaticamente, as táticas expressam a “arte dos fracos”, operada como um cálculo que não pode contar com um lugar próprio, uma vez que se encontram nas margens institucionais, o que, por sua vez, demanda a necessidade de reinventar-se em um “não-lugar”, isto é, o lugar do outro, insinuando-se para ele sem, no entanto, apreendê-lo por inteiro (CERTEAU, 1994).

Com efeito, é através dessas táticas (ou de ‘não-lugares’), que os praticantes do cotidiano têm a oportunidade de ‘captar no voo’ algumas possibilidades de ganho nas respectivas formas de consumo, constituindo as suas produções assumidas pela criatividade dispersa, tática e bricoladora em ‘práticas significantes’, logrando uma consequente vitória dos mais fracos sobre os mais fortes (CERTEAU, 1994).

Sustentamos, pois, que tal cotidiano é interpretado e modificado a partir das interações estabelecidas entre os respectivos sujeitos que coexistem num determinado espaçotempo, comportando a pluralidade de experiências individuais e coletivas, comuns e contrastantes. Nessa perspectiva, compreendemos que as suas “maneiras de fazer” podem ser compostas por inventividades, improvisações e/ou resistências, constituindo os espaços como lugares praticados, a partir de múltiplas redes de relações e interações (CERTEAU, 1994), sendo responsáveis por legitimar ou não aquilo que lhes foi ofertado para consumo.

Porquanto, foi buscando “beber na fonte” do referido aporte teórico-metodológico que nos propomos a analisar e compreender a complexidade com que se dá a tessitura do espaço praticado pelos jovens atletas de elite nos YOG-2018, em especial, no cotidiano da YOY, focalizando as suas respectivas formas de consumo, apropriação e construção de sentidos. Com isso, pretendemos lançar luz sobre os aspectos circunscritos ao fenômeno esportivo olímpico – com sua proclamada ambivalência entre desempenho esportivo e desenvolvimento humanístico – e ao contexto especificamente investigado, enquanto possível manifestação desse discurso.

## CAPÍTULO I

### CONTEXTUALIZAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DOS YOG

*“Apelamos a todos os que apreciam verdadeiramente o esporte, bem como a todos aqueles que desejam ver reunida a juventude de todos os países no mais pacífico dos campos de batalha, o campo do jogo”*

*(PIERRE DE COUBERTIN)*

Este capítulo possui o objetivo lógico-narrativo de contextualizar um pouco mais a pesquisa ao apresentar um panorama descritivo a respeito desse megaevento esportivo de caráter inovador, com destaque para a sua criação histórica alinhavada à influência da tradição e da missão do MO; as principais características que o diferem de outros megaeventos desta natureza, incluindo a sua programação híbrida, com a declarada ênfase na tríade ‘esporte, cultura e educação’; bem como uma sucinta contextualização dos cenários socioculturais e estruturais em que esses megaeventos (de verão e de inverno) foram realizados.

Conforme anteriormente assinalado, a recriação dos JO pelo Barão de Coubertin foi motivada por sua crença no potencial educativo do esporte e na sua função mimética das relações sociais e democráticas, entendendo-o, pois, como um empreendimento moral voltado para o aperfeiçoamento humano (PARRY, 1998; DaCOSTA; TAVARES, 1999; TODT, 2006; MÜLLER; TODT, 2015). Com efeito, tal perspectiva de Coubertin contribuiu para tornar os JO diferentes de qualquer outro evento ou organização esportiva, cujo eixo de referência perpassa predominantemente pela difusão de uma ideologia do MO de ambições universalistas (TAVARES, 2003). Assim, segundo ressaltado por Todt et al. (2007, p. 52), este Movimento

[...] tem sua filosofia apoiada não apenas em uma excelente programação esportiva, mas sobretudo na utilização do esporte como um fator de aprimoramento do homem, de sua cultura e de uma grande preocupação relacionada com a proteção do meio ambiente em que vivemos.

A este respeito, Tavares (2003) argumenta que os ideais olímpicos poderiam ser bem representados ou traduzidos pelos seus próprios lemas, os quais, no entender do autor, são consagrados tanto pelo senso comum, quanto pela vulgata dos estudos olímpicos, com destaque para o lema “*citius – altius – fortius*” (mais rápido – mais alto – mais forte) e a frase “o importante é competir”. Nestes, supõe-se que o interesse focal deve perpassar pela busca de cada praticante por sua melhor “versão” dentro da competição, desobrigando-se, pois, do resultado final.

Não obstante, em que pese a histórica proposta axiológica inerente aos ideais olímpicos, é preciso considerar que estamos atravessando nos últimos anos um período denominado de “pós-tradicional” em relação a tais pressupostos, especialmente, em decorrência dos episódios de escândalo envolvendo alguns membros do COI, culminando, dentre outras coisas, na necessária reforma de toda a estrutura do MO, com a criação da "Comissão de Ética" deste Comitê e com a realização de um conjunto de eventos destinados a fomentar o debate das questões que o envolvem (DaCOSTA, 2002).

Isto posto, é forçoso reconhecer, por exemplo, uma determinada tensão entre aquilo que é historicamente idealizado pelo MO, com o conjunto de interesses políticos e diferentes relações de poder estabelecidas no meio esportivo, numa tentativa de ajustar os JO [e, por extensão, os YOG] à lógica mercadológica/capitalista<sup>35</sup> (DaCOSTA, 2002).

Com efeito, é justamente neste contexto crítico que os YOG foram criados, numa tentativa de explicitar os ideais valorativos e atualizar a mensagem do Olimpismo, enfocando o potencial educacional dos JO para inspirar os jovens e reviver mais autenticamente tais ideais, conforme apregoado pelo COI. Segundo consta na Carta Olímpica, ou mais especificamente, no Princípio de nº 6, por exemplo, há o pressuposto de que o esporte pode representar um importante instrumento para educar a juventude, visando a construção de um mundo mais justo, harmônico e solidário. Vejamos:

O objetivo do Movimento Olímpico é contribuir para a construção de um mundo melhor e pacífico pela **educação da juventude através do esporte** praticado sem discriminação de qualquer tipo e no espírito Olímpico, o qual requer entendimento mútuo com um espírito de amizade, solidariedade e fair play (COI, 1997, p. 9, grifo nosso).

<sup>35</sup> Segundo DaCosta (2002), ao longo dos seus 100 anos de história, o COI foi exposto aos interesses de comercialização e confrontos políticos, de tal modo que os JO têm enfrentado regularmente crises e críticas, baseadas no argumento de que o significado central do Olimpismo – contribuir para a paz mundial – havia sido seriamente comprometida.

Nesse sentido, os YOG surgem como a mais nova e significativa modalidade de competição esportiva adicionada à família dos JO em um período compreendido em aproximadamente um século<sup>36</sup>, visto que a última inovação havia sido a criação dos JO de Inverno, em 1924 (TORRES, 2010). Sua proposta foi aprovada pelo COI em julho de 2007, tendo como principal objetivo fazer dos YOG o maior evento de caráter esportivo, destinado a promover a oportunidade aos jovens atletas mais talentosos de todo o mundo para participarem de um programa de competição esportiva de alto nível, incluindo a parte festiva e cultural historicamente atrelada aos JO, com a vivência das cerimônias oficiais (COI, 2009; 2010). Sobre este ponto, Müller e Todt (2015) chamam a atenção para a concepção coubertiniana de que estes Jogos deveriam conter um conjunto de elementos artísticos e culturais, capazes de colocá-los em um patamar acima das demais competições internacionais, preservando uma relação estreita com o modelo antigo.

Os Jogos Olímpicos como manifestação da juventude que se renova a cada quatro anos, expressão de um novo “culto ao ser humano”, precisariam ser incrementados. Cerimônias como a festa de abertura e de encerramento, a homenagem aos vencedores, os arcos Olímpicos, as bandeiras, mais tarde o juramento e o fogo Olímpico, constituíam o marco festivo. Uma organização tão festiva assegurava aos Jogos um valor duradouro, cujo patrono era o exemplo artístico-festivo dos Jogos antigos (MÜLLER, 2015, p. 32-33).

Não obstante, embora tais elementos tenham se estendido também para os YOG, os seus idealizadores defendem que estes não devem ser considerados simplesmente como uma variação reduzida da “versão adulta” ou mesmo uma espécie de “mini-JO”, mas, devem representar a explicitação da tríade ‘esporte, cultura e educação’, estruturando-se por meio da experiência de ‘Competir, Aprender e Compartilhar’ ou ‘*Compete, Learn & Share*’, numa tentativa anunciada de estimular o desenvolvimento do espírito olímpico em uma idade mais jovem (COI, 2009; 2010; 2018b).

Sintomaticamente, importa-nos frisar que a proposta de combinar essa tríade também está alinhavada à influência da tradição e da missão do MO, exaltando o equilíbrio das qualidades do corpo, do espírito e da mente por meio da referida combinação – expressa como um Princípio Fundamental na Carta Olímpica.

<sup>36</sup> Os Jogos Paralímpicos acontecem desde 1960. Entretanto, ressalta-se que a sua organização é de responsabilidade do Comitê Paralímpico Internacional e, por isso, embora sejam legítimos e reconhecidos, estes Jogos não podem ser considerados como um evento do COI.

Aliás, observado de maneira retrospectiva, é importante fazer a ressalva de que o criador deste Movimento – o Barão de Coubertin – não pensava inicialmente ou prioritariamente em renovar os JO. Sua preocupação primeva residia na “[...] substituição e reformulação da educação francesa, buscando na Inglaterra o seu modelo ideal” (TODT et al., 2007, p. 152). Isto é, um modelo que fosse capaz de reformar os problemas que assolavam o contexto sociocultural francês<sup>37</sup>, promovendo a paz e a igualdade entre os indivíduos. Para tanto, ele vislumbrou no esporte um instrumento de desenvolvimento educacional capaz de fomentar o aprendizado de valores éticos e morais, equilibrando o espírito de grupo com o impulso competitivo, o que, por sua vez, só seria possível se praticado em um ambiente democrático e, ao mesmo tempo, meritocrático<sup>38</sup>, contribuindo para amenizar as desigualdades sociais vigentes (MÜLLER, 2008; MÜLLER; TODT, 2015).

A opção por fazer algumas visitas à Inglaterra permitiu a Coubertin refinar a sua compreensão sobre o esporte moderno e seus aspectos pedagógicos, acompanhando de perto o funcionamento do sistema educacional inglês, cuja prática esportiva – especialmente, em Rugby – fazia parte da rotina dos escolares (MIRAGAYA, 2009). Segundo a autora, a partir daí, Coubertin vislumbrou na prática esportiva um contributo para desenvolver a força moral da juventude e daí ser levada para a vida como um todo, enquanto um instrumento de educação e cultura.

Com efeito, tais intenções coubertinianas de dimensões sociocultural e pedagógica acabaram originando um *constructo* caro aos Estudos Olímpicos<sup>39</sup>, o qual convencionou-se chamar, já há alguns anos, de Educação Olímpica (EO)<sup>40</sup>, cujas contribuições teórico-práticas foram produzidas por um somatório de autores.

<sup>37</sup> Na época, tal cenário tornou-se ainda mais problemático com a esmagadora derrota do Império Francês para o Reino da Prússia na Guerra Franco-Prussiana. Apesar de ter sido travado em um curto período (1870-1871), este foi considerado um dos principais conflitos do século XIX, capaz de ocasionar uma crise que acabou impregnando a economia, a política, a cultura e o próprio imaginário coletivo e cotidiano do povo francês (STANCIK, 2012).

<sup>38</sup> As ideias e ações de Coubertin fundavam-se, dentre outras coisas, numa espécie de idealismo utópico, o que o fazia acreditar, por exemplo, que a prática esportiva assentava-se numa suposta igualdade de condições, isto é, em um “jogo equilibrado”, de tal modo que as pessoas socialmente desfavorecidas teriam chances iguais de superar àquelas com melhores condições socioeconômicas. Entretanto, vale a pena comentar, aqui, que embora expostas às mesmas regras esportivas, os respectivos praticantes não se encontram necessariamente no mesmo ponto de partida, transformando o discurso da meritocracia em um instrumento capaz de aplinar as desigualdades sociais.

<sup>39</sup> Expressa o “[...] nome dado ao conjunto de estudos de caráter acadêmico que tem como tema, *locus* ou viés de análise dos fenômenos esportivos os Jogos Olímpicos e/ou o Movimento Olímpico em suas mais diversas manifestações” (TAVARES et al., 2005, p. 751).

<sup>40</sup> Franceschi Neto-Wacker (2009) assinala que ainda não existe uma definição precisa ou uma delimitação específica do que é Educação Olímpica, incluindo os seus objetivos e proposições pedagógicas.

Com base em Miragaya (2009), cumpre-nos observar que, embora Coubertin não tenha utilizado este termo em seus escritos<sup>41</sup>, a EO pode ser considerada como um dos seus legados, uma vez que ele fez referência a outros termos e/ou expressões símile, quais sejam: ‘educação através do esporte’; ‘educação sportiva’, ou, ainda, ‘pedagogia olímpica’. A alcunha do termo EO, por sua vez, foi dada pelo historiador alemão Nobert Müller somente na década de 1970, a partir das suas pesquisas relacionadas com as temáticas da Educação e dos Estudos Olímpicos (MIRAGAYA, 2009).

Numa tentativa de sistematizar conceitualmente o referido termo, Tavares (2009) caracteriza a EO como um conjunto de propostas pedagógicas de educação por meio do esporte, tendo como referência os preceitos do MO. Logo, “[...] o esporte é uma condição suficiente, enquanto os valores olímpicos, símbolos, histórias e tradições constituem as condições necessárias para a definição” (KIRST; TAVARES, 2018, p. 88). No entender de Müller (2008), tais propostas devem direcionar seus esforços para prover uma educação de caráter universal, bem como o desenvolvimento integral do ser humano, opondo-se à educação cada vez mais especializada, tal como encontra-se em muitas disciplinas.

A este respeito, Gomes (2009) destaca a importância da natureza **multidisciplinar** e **multicultural** correlata a aplicação dessas propostas, tendo o esporte como eixo central, tornando-se um potencializador educacional para a formação humana, a qual, segundo a autora, só se constrói por intermédio das relações intersubjetivas, estimuladas culturalmente e contextualizadas historicamente.

Abreu (2009), por sua vez, adverte que a implementação de uma proposta de EO com um viés multicultural pressupõe considerar as esferas macro e micro correlatas ao seu conceito. Ora, enquanto a primeira diz respeito ao universalismo olímpico, composto por um conjunto de valores, codificações e interconexões globais; a segunda, por sua vez, refere-se ao pluralismo olímpico, composto por um conjunto de interpretações particulares, adaptações plurais e diferenças culturais contextualizadas.

Destarte, se por um lado é mister compreender os ideais olímpicos e universais que compartilhamos, por outro, é necessário um esforço para lhe dar vida nos diferentes contextos culturais, admitindo, desta maneira, múltiplas formas de interpretações. Aliás, estas, por sua vez, serão influenciadas pelo conjunto de histórias e tradições inerentes aos respectivos

<sup>41</sup> Durante a sua eclética trajetória, Coubertin escreveu mais de 1.100 artigos e 30 livros (MÜLLER, 2008). Além de seu interesse em reforma educacional, Coubertin é conhecido por seus trabalhos publicados em história, política e sociologia, cujo esporte era central em seus pensamentos a esse respeito (MAASS, 2007).

contextos em que os grupos sociais – com compromissos e interesses distintos – estão situados (PARRY, 1994).

Ainda no que concerne ao debate desta temática, seria inoportuno deixar de mencionar as contribuições do pedagogo alemão Roland Naul (2008), sobretudo, a partir do seu esforço em sistematizar quatro diferentes (mas, não excludentes) abordagens didáticas correlatas aos programas de EO, são elas: 1- Abordagem orientada para o conhecimento; 2- Abordagem orientada para a experiência; 3- Abordagem orientada para a competição; 4- Abordagem orientada para o mundo da vida.

A primeira, voltada para o conhecimento, tem como foco o legado histórico e educacional do ideário olímpico, apresentando informações de nomes, datas e fatos; já a segunda abordagem está pautada na participação de crianças e jovens nos jogos, festivais artísticos e celebrações esportivas, tais como as olimpíadas escolares, com ênfase especial ao ensino do *fair play*; a terceira, por sua vez, embora não perca de vista o *fair play* como princípio, está centrada nos esforços físicos intensos para superar os próprios limites e alcançar níveis elevados de treinamento, condicionamento e competição, oferecendo uma plataforma para o desenvolvimento individual e social; por fim, a quarta abordagem procura estabelecer uma ligação entre os princípios olímpicos e as experiências dos indivíduos no esporte com as experiências advindas de outras áreas de suas vidas, projetando os ideais olímpicos como uma motivação e inspiração para o contexto sociocultural em que a criança ou jovem se inserem. Trata-se de uma proposição que afeta de maneira direta as suas atitudes e comportamentos para além dos limites da prática do esporte e da atividade física e interfira positivamente na ação social dos indivíduos (NAUL, 2008).

Em face do exposto, destaca-se uma compreensão histórica acerca do potencial educativo e transformador atribuído ao esporte em geral e, em especial, ao esporte olímpico, cujos efeitos supostamente deveriam materializar-se no estilo de vida de cada praticante, transcendendo, portanto, a sua experiência no âmbito esportivo. Assim, tal como assinalado por Meinberg (2007, p. 66):

A ética e educação olímpicas não deviam referir-se tão somente aos que atuam na competição esportiva. O espírito olímpico devia contagiar a todos, especialmente os jovens, na mesma medida. A educação esportiva como educação olímpica visa não somente aos heróis do esporte de alto rendimento [...] mas, o que não é uma contradição para Coubertin os que estão preparados para, através da educação olímpica, atingir aquela atitude interior e espiritual que Coubertin elegera como objetivo do olimpismo. E tal

educação deveria se modelar também no sentido de que outros setores da existência e outros campos de atuação, e por fim toda a vida, se orientassem pelo espírito olímpico.

Portanto, é com base nesta intencionalidade de dimensões esportiva, cultural e educacional que os YOG emergem como uma espécie de “carro-chefe” das estratégias do COI direcionadas especificamente para o público jovem, aproximando-o dos ideais correlatos ao MO, cujo principal objetivo perpassa pelo desenvolvimento do espírito olímpico na geração de jovens atletas a partir de uma abordagem ética no esporte e na vida, com a promoção dos respectivos princípios e valores olímpicos.

De acordo com o que é apresentado na Carta Olímpica, existem sete Princípios Fundamentais intrínsecos ao Olimpismo, girando em torno de aspectos como: prazer do esforço, desenvolvimento harmonioso, universalidade, entendimento mútuo, solidariedade, *fair play* e não-discriminação (COI, 1997). Tais princípios devem tomar forma nos valores olímpicos, os quais, por sua vez, são oficialmente resumidos/definidos pelo MO como: Excelência, Respeito e Amizade. O primeiro, diz respeito a fazer sempre o melhor possível no campo de jogo e na vida profissional, valorizando mais o processo e o progresso em relação aos objetivos pessoais, beneficiando-se da combinação saudável de corpo, mente e vontade fortes; o segundo, por sua vez, corresponde a atitude de respeitar a si próprio, as outras pessoas, o meio ambiente e o esporte em geral, com suas regras e regulamentos no campo de jogo, representado pelo *fair play*, na luta contra o doping e qualquer outro comportamento antiético, devendo reverberar na sua vida diária; já o terceiro, consiste em utilizar o esporte como uma ferramenta para o entendimento mútuo, criação e fortalecimento de vínculos entre as pessoas de todas as culturas, inspirando a humanidade a fazer amizades independente das diferenças políticas, econômicas, de gênero, raciais ou religiosas (MAASS, 2007).

Nesse sentido, o COI sustenta que os YOG representam uma oportuna possibilidade para introduzir tais pressupostos olímpicos junto ao público mais jovem, a partir do compartilhamento e da celebração da diversidade de culturas em uma atmosfera eminentemente festiva (COI, 2007; 2008). Conforme pontuado por Turini et al. (2008, p. 378):

A iniciativa do COI com os YOGs chama a atenção das instituições esportivas de todo o mundo para a importância da formação do jovem atleta também no âmbito dos valores. Este fato se torna relevante na medida em que se considera esta faixa etária do indivíduo crucial no desenvolvimento de seus princípios e valores tão importantes para a formação da sua personalidade e autonomia moral.

Nesse contexto, vale comentar que a estrutura dos YOG foi de alguma maneira inspirada no modelo do Festival Olímpico da Juventude Europeia ou *European Youth Olympic Festival* (EYOF)<sup>42</sup>, o qual servia como uma espécie de “aquecimento” para os JO, contando, inclusive, com um conjunto de rituais olímpicos, tais como, as cerimônias de abertura e encerramento e o acendimento da Chama Olímpica durante toda a duração do evento (WONG, 2011).

Com efeito, embora o EYOF também fosse regido pelos princípios educacionais para a juventude por meio do desporto, os YOG apresentam como diferencial a criação de novos formatos de competição esportiva e, de maneira especial, a implementação do CEP na tentativa de concretizar tais intentos valorativos e equilibrar a tríade ‘esporte, cultura e educação’. Via de regra, a proposta inovadora do COI (2009) é de que o trabalho seja desenvolvido para além do campo de jogo, com o oferecimento de atividades diversificadas, sustentando-se, basicamente, em cinco temas principais: Olimpismo (histórias e valores do MO), responsabilidade social (envolvimento da comunidade e meio ambiente), desenvolvimento de habilidades (contexto esportivo), expressão (mídias digitais e festivais) e saúde e bem-estar (riscos no esporte e estilo de vida ativo).

Assim, por intermédio do CEP, tal Comitê propõe-se a oferecer uma plataforma educacional para abordar e discutir temáticas sociais relevantes para os jovens atletas e para a sociedade contemporânea, tais como: nutrição, estilo de vida saudável, desafios da carreira esportiva, prevenção de lesões, perigos do *doping*, revolução multimídia e o cuidado com o meio ambiente. Para tanto, requer do referido Programa a oferta de numerosas atividades interativas, *workshops*, oficinas, fóruns compostos por atletas renomados, especialistas internacionais e grandes personalidades nas áreas de educação, cultura e esporte (COI, 2009).

Ademais, o COI também projeta a promoção de exercícios que envolvam, por exemplo, a formação de equipes mistas (por sexo e/ou por nações), no intuito de dar aos jovens atletas participantes a oportunidade de aprender sobre os valores olímpicos, conhecer outras culturas e, conseqüentemente, tornarem-se aptos para serem ‘embaixadores’ juvenis em suas comunidades locais, no intuito de propagar os mesmos valores em seus respectivos

<sup>42</sup> Foi criado em 1990 por iniciativa do presidente do Comitê Olímpico Europeu (COE) na época, o belga Jacques Rogge, o qual viria a se tornar presidente do COI entre 2001 e 2013. Inicialmente este evento atendia pelo nome de “Jornadas Olímpicas da Juventude Europeia”, cuja primeira edição aconteceu no ano seguinte à sua criação, na cidade de Bruxelas, capital da Bélgica, aonde também fica localizada a sede da União Europeia.

países. Assim, segundo os objetivos do COI, eles teriam a missão de inspirar e estimular os seus pares sobre a importância da prática esportiva para a saúde, a partir da adoção e da manutenção de um estilo de vida mais saudável. Ao mesmo tempo, almeja-se fomentar uma maior integração, compromisso e responsabilidade social desses praticantes nas suas respectivas comunidades (COI, 2007; 2008; 2009).

Conforme apresentaremos a posteriori, parte da literatura internacional aponta que os YOG – em comparação com as outras duas modalidades olímpicas – apresenta-se como àquela que mais se aproxima dos objetivos declarados do MO, em virtude da referida programação híbrida, com um programa de competições esportivas aliado ao diversificado programa de atividades culturais e educacionais do CEP. Para tanto, este megaevento aposta na promoção e disseminação do processo de internacionalismo e dos seus respectivos valores, valendo-se, ainda, do empreendimento de diferentes ações voltadas para a celebração, o aprendizado e o compartilhamento da diversidade cultural, cujos participantes estão imersos numa atmosfera festiva (TORRES, 2010; WONG, 2011; 2012; PARRY, 2012; KRIEGER, 2012; SCHNITZER et al., 2014; PARENT; KRISTIANSEN; MACINTOSH, 2014; KRIEGER; KRISTIANSEN, 2016).

Sintomaticamente, de forma análoga ao que ocorre com os JO convencionais, os YOG também foram projetados para serem realizados a cada quatro anos, isto é, no período denominado de Olimpíada, fornecendo uma experiência irrepetível para os jovens atletas com idades entre 15 e 18 anos<sup>43</sup>.

Aliás, apesar da presente investigação focalizar a experiência dos jovens atletas nos YOG-2018, urge esclarecer que diferentes edições dos YOG (Quadro 1) precederam a realização destes Jogos na capital argentina, enquanto outras já estão previstas para acontecerem, incluindo a realização de forma intercalada entre as edições de inverno e verão, de modo que a cada dois anos seja realizada uma de suas edições. A seguir, seguindo uma organização temporal, tais edições serão descritas com um pouco mais de detalhes.

<sup>43</sup> Embora este megaevento aconteça a cada quatro anos, interessante notar que o lapso temporal das idades dos respectivos atletas jovens é de apenas 3 anos (cuja data de nascimento, no caso dos YOG-2018, deve constar entre 1 de janeiro de 2000 e 31 dezembro de 2003), de tal modo que apenas lhe é possível desfrutar desta experiência de participação uma única vez. Em contrapartida, é possível – ainda que incomum – que esta não seja a primeira atividade olímpica destes atletas, haja vista que eles podem já ter disputado a última edição dos JO, como é o caso da mesa-tenista brasileira Bruna Yumi Takahashi, que fez parte da delegação brasileira dos YOG-2018 após ter disputado os JO do Rio, em 2016.

**Quadro 1:** Edições dos YOG.

Ano	Edição	Tipo	Cidade - País
2010	I Jogos Olímpicos da Juventude	Verão	Singapura - Singapura
2012		Inverno	Innsbruck - Áustria
2014	II Jogos Olímpicos da Juventude	Verão	Nanquim – China
2016		Inverno	Lillehammer - Noruega
2018	III Jogos Olímpicos da Juventude	Verão	Buenos Aires, Argentina
2020		Inverno	Lausanne – Suíça
2022	IV Jogos Olímpicos da Juventude	Verão	Dakar – Senegal
2024		Inverno	A ser confirmado

Fonte: Souza, Mataruna-Dos-Santos e Tavares (2019).

### 1.1 CINGAPURA 2010

Em 21 de fevereiro de 2008, Cingapura foi escolhida oficialmente como primeira cidade-sede dos YOG, após superar a concorrência de Moscou, numa contagem que abarcou 53 a 44 votos, respectivamente. Logo, o Comitê Organizador destes Jogos dispôs de apenas dois anos e meio para receber este megaevento esportivo, contrastando com o fato de que as cidades que recebem os JO são eleitas basicamente com seis a sete anos de antecedência. Entretanto, isto não significou apenas um grande desafio e uma grande responsabilidade para os cingapurianos, mas, significou, em especial, um crescente status internacional da sua nação (APLIN, 2015).

Assim, a primeira edição dos YOG foi realizada entre 14 a 26 de agosto de 2010, na cidade de Cingapura. Ao todo, estes Jogos reuniram um conjunto de 50.688 voluntários, funcionários e demais sujeitos credenciados para os Jogos, bem como um total de 3.524 jovens atletas de 204 Comitês Olímpicos Nacionais (CONs), os quais competiram em aproximadamente 200 eventos esportivos, espalhados por um total de 26 esportes, incluindo modalidades inovadoras, sob o pretexto de trazer mais atratividade e dinamicidade para este público. Dentre elas, pode-se citar o revezamento de Ciclismo, Natação<sup>44</sup>, Atletismo, Esgrima, Arco e Flecha, Pentatlo moderno, Tênis de mesa e Triatlo (com a formação das equipes mistas

<sup>44</sup> Para fins informativos, ressalta-se que o primeiro revezamento de gênero misto realizado na história de um megaevento olímpico foi o revezamento de nado livre 4x100m nestes Jogos de Cingapura.

por gêneros, continentes ou CONs), bem como uma variação do Basquete para um formato 3x3<sup>45</sup> (SYOGOC, 2010).

A cerimônia de abertura destes Jogos também foi direcionada pela Comissão Organizadora para o referido público alvo, envolvendo, por exemplo, a exploração de diferentes aspectos tecnológicos, como a transmissão de 54 vídeos multimídias. Dentre eles, destaca-se uma mensagem do multicampeão Olímpico da natação, Michael Phelps, com os seguintes dizeres: "Faça o seu melhor, mas, acima de tudo, se divirta", dando a entender que aquele evento, de fato, diferenciava-se dos demais megaeventos esportivos.

Ainda na referida cerimônia, o então presidente do COI e entusiasta dos YOG, Jacques Rogge, fez questão de mencionar em seu discurso que aquele momento marcaria a entrada dos jovens atletas no mundo Olímpico, com a oportunidade de concorrer com os melhores atletas do mundo da sua geração, testando seus próprios limites e habilidades e, sobretudo, podendo desfrutar da oportunidade de preparar-se para a vida além do campo de jogo, apreciando mais profundamente os valores Olímpicos por intermédio do CEP (SYOGOC, 2010).

Em virtude da caracterização de que os YOG não se restringiam apenas à excelência no esporte, foi disponibilizada aos jovens atletas não apenas uma programação esportiva, mas, uma ampla programação de atividades culturais e educacionais, a qual girava em torno das cinco temáticas citadas anteriormente, visando incentivá-los a experimentarem os valores proclamados do MO. Assim, dentre as atividades ofertadas, incluem-se: festivais de dança e música; sessões de bate-papo com os campeões; fóruns relacionados ao esporte, criação de peças de azulejo e origami; artes circenses e percussão comunitária; atividades de descoberta sobre a sua carreira e sobre as culturais de diferentes países; e atividades envolvendo questões ambientais, como jardinagem (SYOGOC, 2010).

Conforme divulgado pelo Comitê Organizador destes Jogos, além de participar destas atividades do CEP, os jovens atletas puderam aproveitar a estadia na YOY – localizada no campus da Universidade Tecnológica de Nanyang (UTN) – não apenas para concentrar-se na excelência esportiva, mas também para interagir com os demais atletas e regressar para casa com maior conhecimento sobre outras culturas e com boas lembranças de amizades formadas durante sua estadia em Cingapura. Para tanto, na tentativa de minimizar a lacuna linguística existente e facilitar a comunicação entre eles, tal Comitê ofereceu serviços de interpretação e

<sup>45</sup> Esta nova competição olímpica é disputada em uma quadra de dimensões reduzidas com equipes de três atletas jogando uns contra os outros, assemelhando-se, por exemplo, ao "basquete de rua". Esta modalidade também fará sua estreia na versão adulta nos JO de Tóquio em 2020.

tradução para 11 idiomas diferentes: inglês, português, espanhol, francês, italiano, alemão, japonês, coreano, chinês, árabe e russo (SYOGOC, 2010).

Por fim, conforme destaca Aplin (2015), o fato de ter inaugurado os YOG, confere a Cingapura a garantia de um lugar significativo nos livros de história. Segundo o autor, se por um lado, tal pioneirismo não signifique a garantia de um legado duradouro, por outro, o fato de concluir a desafiadora tarefa que lhe foi designada, de forma eficiente, profissional e produtiva, representa um símbolo importante de orgulho e esforço nacional, aproveitando-se da ocasião para apresentar as suas melhores características para o resto do mundo.

## 1.2 INNSBRUCK 2012

Ao sediar a primeira edição dos YOG de Inverno entre 13 e 22 de janeiro de 2012, Innsbruck se tornou a primeira cidade a receber um megaevento olímpico de inverno em três ocasiões distintas, uma vez que a mesma já havia sediado os JO de Inverno em 1964 e em 1976, além de ter sediado outros 15 eventos esportivos importantes (SCHNITZER, 2012), o que, por sua vez, talvez ajude a justificar a sua escolha (em dezembro de 2008, por 84 votos contra 15 de Kuopio, cidade finlandesa) para ser sede dos primeiros YOG de Inverno em 2012. A própria cerimônia de abertura destes Jogos destacou esse feito celebrando o terceiro megaevento olímpico em Innsbruck, ao acender três caldeirões, representando cada uma das edições realizadas nesta cidade austríaca.

O respectivo Comitê Organizador destes Jogos (tal como havia ocorrido com os organizadores dos YOG de Cingapura) ressaltou que não dispôs dos regulares seis ou sete anos para trabalhar na preparação destes Jogos, mas, apenas 3 anos, numa tentativa anunciada de oferecer um conceito inovador de esporte, cultura e aprendizado, destinado a inspirar os 1.022 jovens atletas – representantes de 69 países – que participaram dos primeiros YOG de Inverno (IYOGOC, 2012).

Com efeito, ainda na condição de presidente do COI, Jacques Rogge aproveitou a oportunidade da cerimônia de abertura dos primeiros YOG de Inverno – outrossim, como o fez nos primeiros YOG – para produzir um discurso que fosse capaz de oferecer um panorama geral de que estes jogos representavam uma celebração global do esporte e dos valores olímpicos; e de que os respectivos atletas participantes representavam a próxima geração de homens e mulheres do esporte, com a oportunidade de não apenas competir uns contra os

outros e ganhar medalhas, mas, também, para aprender com seus pares e fazer amizades que durarão uma vida inteira, juntamente com as suas memórias. Assim, ele concluiu o referido discurso destacando que tais jovens deveriam se comportar como verdadeiros atletas olímpicos, isto é, buscar a excelência, mas, competir com amizade e respeito pelos seus oponentes, rejeitando o doping e outros atalhos indevidos e injustificáveis (COI, 2012).

No que se refere à programação esportiva destes YOG de Inverno, o Comitê organizador ressalta que da habilidade/agilidade no gelo à velocidade/excitação na montanha, foram realizadas disputas de um total de 63 eventos, os quais foram diluídos em um conjunto de sete esportes (que também integraram o programa olímpico nos JO de Inverno de Sochi, na Rússia, em 2014) e 15 disciplinas, a saber: Biatlo, Bobsleigh, Combinado nórdico, Curling, Esqui alpino, Esqui cross-country, Esqui estilo livre, Hóquei no gelo, Luge, Patinação artística, Patinação de velocidade, Patinação de velocidade em pista curta, Salto de esqui, Skeleton e Snowboard (IYOGOC, 2012). Note-se que são esportes e disciplinas bem diferentes daqueles praticados nas edições dos YOG.

Em contrapartida, há que se ressaltar a existência de um substrato comum entre todas as edições dos YOG (incluindo as de inverno): trata-se da atuação do CEP, neste caso, com a oferta de um conjunto diversificado de atividades de caráter cultural e educacional no Centro de Congresso de Innsbruck (localizado a 10 minutos de traslado da YOY). Afinal, conforme já mencionado anteriormente, este é um dos principais marcadores da transformação destes Jogos em um megaevento olímpico de caráter inovador.

Conforme o Comitê Organizador destes Jogos, a essência do CEP foi inspirar, envolver e integrar atletas internacionais, esperando-se que fossem criadas naquele contexto uma rede de amizades entre eles, capazes de perdurar após o retorno para os seus respectivos países. Para tanto, foram ofertadas um total de 22 atividades, divididas em 6 formatos diferentes (IYOGOC, 2012).

O primeiro formato é o “*Media Lab*”, cujas atividades foram ofertadas em diferentes *workshops*, tais como, vídeo, TV, fotografia, web e mídias sociais. Aqui, os jovens atletas participantes receberam dicas sobre como se comportar e se expressar diante de uma câmera de vídeo ou foto e como usar a Internet com responsabilidade, incluindo quais tipos de informações pessoais são seguras para serem compartilhadas nas suas respectivas redes sociais (IYOGOC, 2012).

O segundo, por sua vez, é o “*Word Mile*”, cujas atividades enfocaram as culturas diversificadas dos países que participaram dos YOG de Innsbruck, dando vida à experiência artística e cultural na praça da YOY. Os estandes foram compostos por escolares locais, os quais apresentaram cada um dos países participantes destes Jogos, cobrindo 5 temas principais: história e geografia; tradições em arte, esporte e música; cultura e estilos de vida; roupa e linguagem; e personalidades famosas (IYOGOC, 2012).

O terceiro, “*Sustainability Project*”, ofertou *workshops* práticos, chamando a atenção dos participantes para a importância dos aspectos ambientais e do desenvolvimento sustentável, incluindo a separação correta de resíduos e a economia de água e energia. Também foram ofertados *workshops* de conscientização da montanha, na estação de esqui de Nordkette, informando-os sobre os riscos das encostas marcadas e os passos a serem tomados em caso de uma eventual avalanche (IYOGOC, 2012).

O quarto formato é o “*Arts Project*”, ofertando aos atletas participantes uma plataforma para se expressarem através de uma diversidade de ritmos de danças e de músicas, incluindo uma oficina da dança oficial dos YOG (tal como havia sido realizada na cerimônia de abertura), facilitando a comunicação entre eles e promovendo o intercâmbio cultural. Outro elemento de destaque neste formato foi uma espécie de ‘Muro da Fama’ dando a todos os participantes a chance de comunicar suas emoções ao deixar sua própria mensagem numa superfície de mármore com oito metros de comprimento (IYOGOC, 2012).

Já o quinto formato, “*Competence Project*”, ofertou atividades voltadas para as suas vidas como atletas profissionais. Nos cursos de culinária *Be the Chef!* (Seja o Chef!), os jovens puderam aprender a preparar refeições saudáveis e nutritivas de um atleta, enquanto outros *workshops* enfocaram as melhores formas de equilibrar escola e treinamento, a importância da dieta, da hidratação e da gestão do tempo, os perigos do treinamento excessivo e a importância da prevenção e reabilitação de lesões, bem como aspectos da vida após o esporte profissional, com a discussão de diferentes oportunidades disponíveis após o final de suas carreiras atléticas. Neste formato, inclui-se, ainda, as sessões de conversas com 34 atletas-modelo<sup>46</sup>, os quais compartilharam suas experiências pessoais/profissionais e responderam as perguntas dos jovens atletas, permitindo que gerações diferentes desfrutassem a atmosfera única dos YOG (IYOGOC, 2012).

<sup>46</sup> Trata-se de atletas convidados pelo COI para atuarem nos YOG como uma espécie de mentor para os jovens atletas participantes, compartilhando com os mesmos a sua experiência de vida e a sua trajetória esportiva, bem como acompanhando-os ou incentivando-os a participarem das referidas atividades na YOY.

O sexto e último formato consiste no “Festival Olímpico 2012”, cujas atividades foram ofertadas aos atletas no turno da noite, das 19:00 às 23:00 horas, voltando-se para o divertimento e para o conhecimento de pessoas de todo o mundo, com videoclipes, apresentações de bandas ao vivo e sessões de bateria. Também foram ofertadas, neste formato, atividades de acampamento, com uma série de tarefas de formação de equipes e jogos interativos para promover uma melhor comunicação entre os atletas. Aqui, inclui-se também as atividades voltadas para os jovens locais, com foco na iniciação esportiva, dando aos mesmos a chance de experimentar novos esportes, como escalada e esportes com gelo (IYOGOC, 2012).

Por fim, destaca-se que o CEP dos Jogos de Innsbruck contou com a colaboração de 33 jovens embaixadores (representantes de 33 CONs), os quais tinham como principais missões: incentivar os jovens atletas a participarem das referidas atividades, a conhecerem novas pessoas e culturas e a divertir-se dentro e fora do campo de jogo, intentando fomentar o equilíbrio da tríade ‘esporte, cultura e educação’ (IYOGOC, 2012).

### 1.3 NANQUIM 2014

Os segundos YOG foram realizados no período compreendido entre 16 e 28 agosto de 2014, em Nanquim, um dos principais berços da civilização chinesa com 500.000 anos de atividades humanas e mais de 2.480 anos de história como cidade, representando um símbolo de riqueza e prosperidade da cultura oriental. Foi concedido a Nanquim o direito de sediar a segunda edição destes Jogos em 11 de fevereiro de 2010, tornando-se a segunda cidade chinesa<sup>47</sup> a receber um evento olímpico (NYOCOG, 2014).

Em suma, competiram nestes Jogos um conjunto de 3.579 jovens atletas – 1.908 do sexo masculino e 1.851 do sexo feminino –, os quais representaram um total de 203 países. O Programa de Esportes incluiu 28 esportes e 222 eventos. Comparado com a edição anterior, foram adicionadas duas modalidades esportivas (Golfe e Rugby) e aproximadamente 20 novos eventos, como a estreia da competição feminina no Boxe (48-51kg, 57-60kg e 69-75kg) e o Hóquei 5, ao invés do tradicional Hóquei com 11 jogadores de cada lado. Além disso, as competições de equipes mistas (seja por sexo ou por nação) continuaram figurando estes

<sup>47</sup> A primeira a sediar um megaevento de natureza olímpica foi Pequim, com a realização da XXIX edição dos JO da era moderna, em agosto de 2008.

Jogos. Nesta edição, por exemplo, um total de 15 esportes e 18 eventos tiveram tal composição, tais como: equipe internacional mista de Tiro com Arco; Revezamento misto de equipe internacional de Atletismo 8x100m; Badminton com pares mistos; equipe continental mista de Esgrima; equipe mista de Golfe e revezamento de equipe continental mista de Triatlo (NYOCOG, 2014).

Nesse contexto, o Comitê Organizador da edição de Nanquim escolheu como *slogan* oficial: "Compartilhe os jogos, compartilhe nossos sonhos", buscando evidenciá-lo desde a cerimônia de abertura, com inúmeras e específicas apresentações culturais e artísticas. A título de ilustração, em uma dessas apresentações, um grupo de jovens estava em suas bicicletas coloridas pedalando para algum lugar distante, denotando a ideia de estar perseguindo seus sonhos em direção ao futuro.

De fato, no intuito de destacar que o DNA destes Jogos está atrelado à transmissão e à celebração do 'Espírito Olímpico' entre os jovens, com ênfase não apenas no valor da Excelência, mas, da Amizade e do Respeito, o atual presidente do COI, Thomas Bach<sup>48</sup>, afirmou na abertura destes Jogos que os jovens atletas estavam em Nanquim para participar das competições esportivas que eles amavam, para aprender as habilidades necessárias para as suas futuras profissões e também para fazer amigos de diferentes países, origens e culturas (NYOCOG, 2014).

Nessa perspectiva, um dos aspectos fomentados pelo Comitê Organizador deste megaevento reside justamente no maior local de não competição, no interior da sua YOY, a qual funcionou 24 horas por dia em Nanquim, desde a sua abertura oficial em 12 de agosto até o seu encerramento em 30 de agosto, acomodando cerca de 5.900 membros, incluindo atletas, oficiais de equipe, jovens embaixadores, jovens repórteres, atletas-modelo e funcionários do COI. Aqui, foram fornecidas refeições básicas, instalações de acomodação e transporte, bem como uma variedade de atividades do CEP.

Estas atividades tiveram início na noite de 15 de agosto, numa sessão de boas-vindas na praça da YOY, com a presença de aproximadamente 3.000 atletas, 104 jovens embaixadores e alguns atletas-modelo. Foi disponibilizado aos atletas um conjunto de jogos interativos e atividades de aprendizagem, cuja ênfase perpassava por uma variedade de temas, tais como a escrita dos caracteres chineses, a carreira esportiva, a história e os valores do

<sup>48</sup> Foi eleito em setembro de 2013, após ter sido Vice-presidente deste mesmo Comitê na gestão de Jacques Rogge, indicando, portanto, a continuidade de um trabalho, o que inclui, por exemplo, a importância atribuída aos YOG.

esporte Olímpico, a prevenção de lesões, os primeiros socorros, a prevenção do HIV, etc. (NYOCOG, 2014).

Em síntese, tais atividades culturais e educacionais também foram promovidas em outros ambiente fora da YOV, com destaque para as atividades de aventura e caça ao tesouro oriental no Parque Florestal Nacional de Laoshan; as visitas ao Museu de história da Muralha e ao Museu Olímpico de Nanquim; as atividades de agricultura ecológica, onde jovens atletas trabalharam com os agricultores no jardim de chá, colhendo as suas folhas e fazendo o seu próprio chá, etc. Ao todo, foram realizadas 1.498 sessões de atividades do CEP em múltiplas localizações da cidade durante todo o megaevento, as quais foram direcionadas para os jovens atletas e demais funcionários dos 203 CONs, bem como o público em geral, especialmente, os jovens locais da cidade, englobando, desta forma, um total de 1,23 milhão de participantes (NYOCOG, 2014).

#### 1.4 LILLEHAMMER 2016

Os segundos YOG de Inverno foram sediados em Lillehammer – candidata única em dezembro de 2011 –, que, à semelhança de Innsbruck, também já havia sediado os JO de Inverno, porém, neste caso, em um intervalo temporal menor, de 22 anos. Assim, alguns espaços de competição desta cidade norueguesa, incluindo o mesmo local da abertura dos Jogos de 1994 (na arena de Salto de Esqui) puderam ser reaproveitados nos YOG de Inverno em 2016.

Aliás, na ocasião desta cerimônia de abertura, vale a pena fazer um destaque para o discurso do presidente do COI, Thomas Bach, direcionado especialmente para os jovens atletas participantes, a saber: “Esses Jogos serão sobre o seu amor pelo esporte. Também serão sobre aprendizado e compartilhamento e sobre como fazer novos amigos. É isso que os Jogos Olímpicos da Juventude têm a ver: reunir jovens atletas de todo o mundo para desfrutar de competição e amizade”<sup>49</sup>.

Ora, da mesma forma que o seu antecessor (Jacques Rogge), o referido presidente do COI busca explicitar que os YOG (incluindo as edições de inverno) caracterizam-se como uma proposta inovadora para os jovens atletas, porque estão pautados numa ambivalência

<sup>49</sup> Tradução nossa. Ver mais em: <https://www.olympic.org/news/young-athletes-share-their-love-of-sport-as-lillehammer-2016-gets-off-to-a-spectacular-start>.

entre a sua competição esportiva e o seu desenvolvimento humanístico, contemplando, de maneira especial, a criação de novos vínculos com os atletas de diferentes culturas.

Em suma, tais Jogos foram realizados entre 12 e 21 de fevereiro de 2016, cujos números envolvidos superaram a edição de Innsbruck. Ao todo, foram recebidos 1.067 atletas de 71 países diferentes – aliás, maior do que a referida edição dos JO de 1994 que contemplou 67 nações –, os quais disputaram um total de 70 eventos esportivos (LYOGOC, 2016). Não obstante, ressalta-se que apesar dos números relativamente superiores, a programação esportiva foi baseada nos mesmos esportes e disciplinas da edição anterior dos YOG de Inverno.

No que se refere à programação cultural e educacional destes Jogos, por sua vez, também é possível identificar muitas semelhanças com as demais edições dos YOG, possivelmente em decorrência da designação de determinada estrutura e configuração específicas por parte do COI, ao exercer sua autoridade, poder e controle sobre Comitê Organizador dos YOG de Inverno de Lillehammer, tal como apontado pelo estudo de Lesjø, Strittmatter e Hanstad (2017).

Nesse sentido, vale a pena acrescentar que, ao investigar sobre a questão da identidade organizacional deste mesmo Comitê Organizador, outro estudo aponta que havia uma consciência forte e compartilhada entre os seus líderes acerca dos valores atinentes a tal megaevento, conforme pré-estabelecido pelo COI (SKILLE; SYVERSEN; HANSTAD, 2019). Segundo identificado por estes autores, quando uma pessoa era incluída na organização da edição dos YOG de Lillehammer 2016, esta era recebida por um discurso especial de boas-vindas, onde tratava-se especificamente destes valores, o que também servia como lembrete para os demais membros.

Isto posto, parece-nos que esse tipo de ação, aliada a um acompanhamento permanente por parte do COI, ajudam a justificar a coerência e a harmonia existente entre os valores (ambivalentes) que são propostos nas diferentes edições dos YOG, muito embora também seja permitido aos respectivos organizadores deste megaevento a possibilidade de exercer uma relativa autonomia nas proposições metodológicas de tais atividades.

O caso dos YOG de Inverno de Lillehammer, por exemplo, foi baseado no conceito *Learn & Share* (aprender e compartilhar), ofertando 33 atividades em um espaço de 2.500 metros quadrados, chamado de *Haakons Hall*. De acordo com o Comitê Organizador destes Jogos, todos os participantes tiveram a oportunidade de aprender sobre diferentes aspectos

formativos, os quais tiveram o Olimpismo como tema geral e, como temas de foco específico, a responsabilidade social, o planejamento de carreira (incluindo a vida após o esporte competitivo), o treinamento correto, a prevenção de lesões e a nutrição, além de poderem compartilhar experiências divertidas e fazer novas amizades em um ambiente festivo (LYOGOC, 2016).

Conforme afirma a principal responsável pela execução do referido conceito adotado em Lillehammer – Linda Jacobsen –, as atividades educacionais que foram ofertadas para os todos os participantes tiveram um papel importante para atender o objetivo de fazer com que os mesmos retornassem para suas casas com algo mais importante do que uma experiência competitiva ou, simplesmente, com uma medalha na bagagem, alcançando, desta forma, as expectativas anunciadas pelo próprio COI. Segundo ela, toda a área educacional se tornou um grande ponto de encontro, onde os atletas de 71 nações diferentes conviveram juntos e se conheceram melhor, atravessando as fronteiras nacionais e culturais. Para tanto, foram disponibilizados nesta área, jogos como pebolim, tênis de mesa, videogame e jogos de tabuleiro para garantir que os atletas encontrassem velhos conhecidos e fizessem novos amigos (LYOGOC, 2016).

No que se refere a tais atividades, vale a pena ressaltar um ponto interessante que diferenciou os YOG de Inverno de Lillehammer dos demais YOG. Trata-se da iniciativa dos organizadores de desenvolver o “Dia da Educação” – em 17 de fevereiro –, no qual todas as competições e treinamentos terminaram às 14:00 horas, permitindo a todos os atletas participarem das atividades educacionais pelo resto do dia (LYOGOC, 2016).

O Comitê Organizador destes Jogos destacou, ainda, como grande sucesso o total de quinze atletas-modelo (representando as quinze disciplinas do programa esportivo) que compareceram ao referido espaço educacional, incentivando os jovens atletas a ter o melhor desempenho dentro e fora do campo de jogo, bem como os 39 jovens Embaixadores, que foram designados por seus respectivos CONs com a missão de melhorar as oportunidades de aprendizado dos referidos atletas que participaram destes Jogos (LYOGOC, 2016).

## 1.5 BUENOS AIRES 2018

Capital da República Argentina e com uma população de aproximadamente 13 milhões de pessoas, Buenos Aires foi escolhida pelo COI, em 2013, para sediar a primeira edição de

um megaevento Olímpico para a juventude na América Latina, representando também o *lócus* da presente investigação.

Objetivamente, os YOG-2018 receberam – entre os dias 6 e 18 de outubro de 2018 – um número de atletas que superou todas as edições passadas, haja vista que esta contou com a participação de aproximadamente 4.000 atletas que representaram 206 CONs diferentes, os quais, por sua vez, fazem parte de uma das cinco Associações, Organizações ou Comitês Olímpicos Continentais: África, América, Ásia, Europa e Oceania (BAYGOC, 2018).

Com efeito, a edição de Buenos Aires foi composta por talentosos e promissores jovens atletas de elite da geração nascida nos anos 2000, mais conhecida como “Geração Z”. E embora não seja possível identificar na literatura uma data precisa a respeito do seu surgimento, muitos autores compartilham o entendimento de que esta se inicia a partir dos anos 1990, reunindo características da geração anterior, a “Geração Y”. A diferença substancial perpassa pelo fato de que elas são mais ampliadas, misturadas e diversificadas na atual geração, cujos jovens sumariamente não reconhecem mais o mundo sem tecnologia e sem acesso rápido à informação, pois nasceram em um mundo digital e conectado (LEVENFUS, 2002).

Segundo Oliveira (2012), uma geração não traduz apenas uma simples separação da sociedade em decorrência da idade cronológica, mas, atravessa um conjunto de vetores históricos, sociais e culturais, justificando a existência de um perfil comportamental entre as pessoas que convivem em um mesmo período temporal. Ora, este processo é denominado por Pais (2003a) de “consciência geracional”, na qual os jovens – como membros de uma mesma geração – tendem a compartilhar experiências e problemas símiles.

De forma genérica, também conhecida como “Geração Internet”, a Geração Z reúne as seguintes características: liberdade de expressão e de escolha; personalização de diferentes aspectos no seu cotidiano; compartilhamento rápido de ideias e informações em tempo real; desejo pelo entretenimento e pela possibilidade de construir práticas inovadoras e trocas interativas com as pessoas a sua volta; velocidade e agilidade nas respostas, própria ao ambiente digital; e procura fragmentada por produtos e experiências que denotem um grau de status e autenticidade (TAPSCOTT, 2010).

Nessa conjuntura, parece-nos salutar fazer uma menção ao XIII Congresso Olímpico, realizado em Copenhague no ano de 2009. O evento reuniu na capital dinamarquesa aproximadamente 1.250 participantes e observadores, incluindo membros do COI e membros

honorários, presidentes, secretários-gerais e outros representantes de Federações Internacionais e CONs, atletas, treinadores, juízes, árbitros e representantes das cidades candidatas para sediar futuros JO (COI, 2010).

Um dos principais temas colocados em pauta neste evento foi “Olimpismo e Juventude”, tratado por seus organizadores como sendo de grande importância para o futuro do MO. Aqui, Rita Subowo, representante do COI, destacou que a busca por uma vida bem equilibrada representava não apenas um dos principais pilares da filosofia do Olimpismo, como também, a principal mensagem a ser passada para a juventude nos dias atuais. Para tanto, ela afirmava que era um desejo do COI investir na combinação dos esportes e das atividades interativas, inovadoras e diversificadas, com as artes, a música, a dança, a cultura e o entretenimento, visando despertar neste público-alvo o interesse na prática esportiva e a conscientização da referida mensagem (COI, 2010).

O COI tem como premissa histórica a tentativa de retomar mais claramente a visão coubertiniana a respeito da grandeza dos JO na promoção de competições esportivas, combinadas harmonicamente com as manifestações artísticas e culturais, promovendo a cooperação corporal e o culto da beleza para dar uma poderosa expressão simbólica (LENK, 1976). Nesse sentido, os YOG, representariam mais claramente a oportunidade de concretizar tais intentos ao promover o encontro de um conjunto ampliado e diversificado de atletas de diferentes localidades, concedendo-lhes a oportunidade para desfrutar da filosofia olímpica através das competições e, em especial, das referidas atividades culturais e educacionais, podendo compartilhar, interagir e aprender com tais experiências.

Assim, consoante ao entendimento de que os atletas participantes dos YOG-2018 estão situados em um contexto dinâmico, veloz, diversificado e conectado, o BAYOGOC estabeleceu como alguns dos pilares centrais desta edição olímpica, a celebração da diversidade cultural e da igualdade de gênero, marcada por algumas ações que se iniciaram desde a sua cerimônia de abertura<sup>50</sup> e que se estenderam ao longo da sua programação.

Ressalta-se que a própria escolha da sua mascote tem como justificativa uma tentativa de chamar a atenção para tais questões. Embora seja nominada de forma fictícia como “#Pandi” (justamente para denotar uma associação imediata com os meios digitais), esta

<sup>50</sup> Nestes Jogos, por exemplo, o acendimento da Pira Olímpica foi realizado ao mesmo tempo, por um homem e por uma mulher: o velejador Santiago Lange e a judoca Paula Pareto, ambos medalhistas de ouro nos JO do Rio de Janeiro, em 2016.

o mascote representa uma espécie de onça-pintada, ou gato selvagem, característico do norte da Argentina e que corre risco real de extinção. De acordo com o Comitê Organizador destes jogos, alegoricamente ela tem cerca de 16 anos e é considerada de “gênero fluido”, devendo servir como uma importante fonte de inspiração para a construção de um mundo mais justo através do esporte, da cultura e da arte (COI, 2018c).

### **1.5.1 Sistema de qualificação dos atletas**

O sistema de qualificação dos referidos atletas para participarem destes Jogos é determinado pelo COI em conjunto com as Federações Internacionais, com destaque para dois princípios básicos: universalidade (local) e desempenho (por meio da qualificação direta). O primeiro, foi instituído para oportunizar um equilíbrio continental, com a representação de múltiplos CONs. Para tanto, foram destinadas quantidades limitadas de vagas para os esportes individuais, não sendo permitida a entrada de mais de 70 atletas nestes esportes, permitindo a inclusão de até quatro atletas de cada nação (dois homens e duas mulheres), independentemente de suas marcas de qualificação.

No caso das modalidades coletivas, por sua vez, os respectivos CONs poderiam compor a sua delegação com no máximo duas equipes, das quais impreterivelmente uma deveria ser masculina e a outra feminina, não podendo repetir a mesma modalidade esportiva. Para ilustrar tal composição, pode-se citar o exemplo do Futsal. Nesta modalidade esportiva, a delegação brasileira optou por levar para os YOG-2018 uma equipe masculina, enquanto a delegação portuguesa optou por uma equipe feminina. Ademais, também foi instituído para esta edição dos YOG o critério de igualdade por sexo na quantidade total dos atletas presentes nas suas respectivas delegações.

No que diz respeito ao princípio do desempenho, por sua vez, é preciso assinalar uma variância na quantidade de atletas em conformidade com o esporte (e com as suas respectivas disciplinas, quando aplicável), estabelecendo-se, basicamente, em torno de seletivas organizadas pelas Federações e Confederações Nacionais das referidas modalidades, consentâneas com as disposições das Federações Internacionais<sup>51</sup>, bem como pelas disposições dos CONs – como o Comitê Olímpico Brasileiro (COB) –, visando assegurar a oportunidade

<sup>51</sup> No caso da Natação, por exemplo, os atletas precisam atingir nas seletivas de qualificação determinados níveis de tempo definidos pela FINA (Federação Internacional de Natação).

equitativa para os jovens atletas de elite poderem participar destes Jogos. No caso brasileiro, por exemplo, 33 dos 79 atletas qualificados para representar o país nos YOG-2018, foram oriundos dos Jogos Escolares da Juventude, os quais são organizados pelo COB desde o ano de 2005, representando o maior e principal evento esportivo para a juventude estudantil brasileira<sup>52</sup>.

Mas, mais do que esses aspectos de qualificação/classificação descritos acima, ressalta-se também a existência de um outro aspecto, considerado pelo COI como critério de admissão para todos os atletas nestes Jogos. Trata-se da necessária atitude ética, em conformidade com o que está previsto na Carta Olímpica em vigor, incluindo, portanto, a concretização do chamado espírito olímpico. Ora, embora não haja por parte deste Comitê qualquer testagem ou análise prévia correlatas à conduta moral dos jovens atletas, tal aspecto pode ser identificado mais claramente através da ritualização do Juramento Olímpico que os mesmos devem prestar na cerimônia de abertura dos Jogos:

Em nome de todos os competidores eu prometo que nós tomaremos parte nestes Jogos Olímpicos, respeitando e aceitando as regras que o governam, com verdadeiro espírito de esportividade, para a glória do esporte e a honra dos nossos times (COI, 1997, p. 86).

Sinteticamente, todos os atletas olímpicos têm (ou, na realidade, espera-se que tenham) determinada clareza a respeito do compromisso ético que está em jogo nas respectivas competições esportivas que eles disputam, reconhecendo que o seu valor não reside apenas na vitória, mas na vivência do referido espírito olímpico, ao recusar vantagens injustificáveis e meios ilegítimos, fazendo da sua participação no esporte um ato de cidadania, de compartilhamento e de civilização.

### **1.5.2 Programação esportiva**

Na edição de Buenos Aires foram disputadas um conjunto de 280 provas, distribuídas em 32 esportes (Figura 1)<sup>53</sup> e 36 disciplinas<sup>54</sup>, quais sejam: Atletismo, Badminton, Basquete

<sup>52</sup> Os Jogos Escolares Brasileiros têm entre suas justificativas reforçar a construção da cidadania e dos ideais do MO através das atividades esportivas, conforme consta no seu Regulamento Geral. Ver mais em: <https://www.cob.org.br/Handlers/RecuperaDocumento.ashx?codigo=5072>.

<sup>53</sup> Aqui estão inclusos a Natação e os Saltos Ornamentais, também considerados disciplinas dos esportes aquáticos.

<sup>54</sup> Para mais informações sobre cada uma delas, consultar: <https://www.buenosaires2018.com/sports>.

3x3, Boxe, *Break Dance*, Canoagem, Ciclismo (BMX, BMX Freestyle e um evento combinado, que irá incluir Ciclismo de Estrada e Mountain Bike), Escalada Esportiva, Esgrima, Futsal, Ginástica Acrobática, Ginástica Artística, Ginástica Rítmica, Ginástica de Trampolim, Golfe, Handebol de Praia, Hipismo, Hóquei 5, Judô, Caratê, Levantamento de Peso, Luta Olímpica, Natação, Patinação de Velocidade sobre Rodas, Pentatlo Moderno, Remo, Rugby de Sete, Saltos Ornamentais, Taekwondo, Tênis, Tênis de Mesa, Tiro com Arco, Tiro Esportivo, Triatlo, Vela (Windsurfer, Kiteboarding e Nacra 15) e Voleibol de Praia (BAYGOC, 2018).

**Figura 1** – Pictogramas dos esportes praticados nos YOG-2018.



Fonte: <https://www.olympic.org>.

Embora a sua programação esportiva comporte muitos esportes que já fazem parte dos JO, os YOG, por sua vez, gozam de uma maior liberdade para incluir um conjunto de variações, inovações e experimentações de algumas modalidades, que, eventualmente, podem vir a ser incluídas nos JO. Dentre os novos formatos de modalidades apresentados pela primeira vez em uma competição olímpica, destacam-se: o Caratê, o Futsal (em substituição ao Futebol), a Escalada esportiva, a Patinação de velocidade sobre rodas, o Kitesurf (classe da vela que estará no programa de Paris 2024), o Handebol de praia, o Ciclismo *BMX Freestyle* e o *Break Dance*, visando, segundo o BAYOGOC, uma maior aproximação com o público jovem.

Conforme propalado por seus organizadores, ao longo da edição de Buenos Aires, foi possível ver os atletas de diferentes CONs deixando momentaneamente a sua representação

nacional de lado para competirem juntos em uma gama de eventos mistos e inovadores. Dentre eles, destaca-se a união das atletas de duas nações distintas (uma da Índia e uma do Paquistão) para competirem conjuntamente num evento de Tiro esportivo, visto que, apesar da vizinhança, tais nações são consideradas rivais política e esportivamente, sobretudo, nos campos de Hóquei e Críquete (COI, 2018d).

Por outro lado, apenas como contraponto desta tentativa de deixar as representatividades nacionais de lado nos YOG, vale a pena citar o caso de Mohammad Soleimani, atleta de Taekwondo que foi retirado, por sua própria equipe, da final na categoria de 48 kg contra um concorrente de Israel nos primeiros YOG, em 2010, sob o pretexto de uma suposta lesão no tornozelo. Entretanto, ao abrir uma investigação imediata, o COI descobriu que se tratava na realidade de uma recusa por parte da delegação iraniana para evitar a disputa com rivais de Israel, algo que já ocorria desde as Olimpíadas de Atenas 2004, porque o Irã não reconhece Israel politicamente como um estado (PARRY, 2012). Ora, isso demonstra que, em alguns casos, o esporte em geral e o esporte olímpico, em particular – incluindo os YOG –, são impotentes para atenuar tais rivalidades políticas.

De todo modo, o BAYOGOC faz menção, ainda, a outros exemplos expressivos e potencialmente inovadores, como os eventos mistos continentais de Equitação, de Esgrima e de revezamento no Triatlo, reunindo os jovens atletas por seus respectivos continentes (COI, 2018d). Aliás, para efeitos informativos, destaca-se que, a exemplo das edições anteriores e dos próprios JO, nos YOG-2018 não foram divulgados ranqueamentos oficiais de medalhas por nação.

Ademais, além da composição de equipes que envolveram uma junção de diferentes CONs, nestes Jogos, também foram formadas equipes mistas por sexo, como por exemplo, no revezamento de algumas provas de atletismo e natação. Nesse sentido, tal como foi assinalado pelo COI, a edição argentina representou a primeira vez que um evento olímpico contou com a participação do mesmo número de atletas masculinos e femininos, recebendo cerca de 2.000 mulheres e 2.000 homens (COI, 2018a).

Em suma, as competições esportivas foram majoritariamente concentradas nos quatro principais Parques temáticos localizados em diferentes partes da capital argentina: Parque Olímpico (onde a YOV foi anexada), Parque Tecnópolis, Parque Urbano e Parque Verde. As exceções perpassam pela disputa de determinadas modalidades que exigiram locais independentes, em decorrência de uma maior demanda de espaço, são elas: Golfe (no

Hurlingham Club); BMX e Patinação de velocidade sobre rodas (no Paseo de la Costa); Vela (Club Nautico San Isidro); e Rugby de sete (Club Atletico de San Izidro Sede La Boya).

### 1.5.3 Programação cultural e educacional na YOV

Paralelo às competições esportivas, os YOG-2018 também ofereceram um conjunto de atividades culturais e educacionais organizadas e articuladas pelo CEP, oferecendo aos jovens atletas, durante a sua permanência na YOV, o contato com diferentes temáticas, tais como: estilo de vida saudável, expressão, prevenção de lesões, os perigos do *doping*, carreira esportiva, entre outros. A programação também incluiu a visita de diferentes atletas de nível internacional neste mesmo local – como foi o caso da futebolista brasileira Marta –, os quais foram selecionados pelo COI para atuarem como uma espécie de atletas-modelo, na tentativa de promover um momento de conversação e troca de experiências com os atletas da nova geração.

De fato, conforme previsto pelo Comitê Olímpico Argentino (COA), o CEP tem como principal fundamento engendrar o referido caráter cultural e educacional destes Jogos, com atividades projetadas para envolver basicamente quatro elementos interdependentes, são eles: **Aprendizagem** – debate de questões esportivas entre si e com experts da área através de fóruns, seminários, oficinas e atividades festivas; **Responsabilidade** – atividades multiculturais voltadas para o sentido de responsabilidade social; **Compartilhamento** – oportunidade para uma troca de ideias e formação de amizades duradouras por meio do intercâmbio cultural; e **Celebração** – apreciação do espírito olímpico, transcendendo fronteiras, classes sociais, gênero, cultura, raça e religião, no intuito de unir povos e culturas (COA, 2011).

Portanto, este programa teve como um dos principais objetivos gerar um entendimento mais profundo dos valores associados aos JO e ao MO, conferindo aos jovens atletas a possibilidade de se conectarem, se expressarem e se apropriarem das respectivas iniciativas valorativas.

Assim, no intuito de contribuir com a concretização destes objetivos, eles deveriam permanecer na YOV durante todo o período dos Jogos e apesar da sua participação nas atividades culturais e educacionais não ser necessariamente de caráter obrigatório, é preciso estar atento para as formas como estas atividades foram ofertadas pelo BAYOGOC – a partir

das iniciativas do CEP – e, sobretudo, como elas foram consumidas pelos jovens atletas, o que foi objeto de análise nos Capítulos III e IV desta Tese.

#### 1.5.4 Participação do público

O acesso aos locais deste megaevento esportivo foi inteiramente gratuito, possibilitando ao público acompanhar as modalidades esportivas e desfrutar de inúmeras atividades culturais e educacionais, respeitando-se a capacidade máxima dos Parques. Para ingressar nos quatro Parques temáticos era necessária apenas a apresentação do passe olímpico (Figura 2) no momento da entrada, desde que se enquadrasse dentro dos seus limites de capacidade. Isto posto, a fim de conseguir este Passe (em formato de bracelete ou pulseira eletrônica, denominada “*Youth Olympic Pass*”), por sua vez, era necessário que o expectador fizesse uma solicitação prévia ao cadastrar-se no *site* “[www.buenosaires2018.com](http://www.buenosaires2018.com)”, o qual estava disponível desde 31 de julho de 2018.

**Figura 2** – Passe Olímpico utilizado pelo público nos YOG-2018.



Fonte: <http://www.rededoesporte.gov.br>.

Ora, além de poder acompanhar cerca de 4.000 jovens atletas mais talentosos em ação nas suas respectivas competições esportivas, este Passe também permitia ao público, que estivesse presente no interior dos Parques temáticos, desfrutar de uma verdadeira festa cultural, a partir da oferta de mais de 1.200 atividades recreativas, das quais 800 eram atividades artísticas e educativas e 468 consistiam em sessões de iniciação esportiva, destinada especialmente para o público infanto-juvenil.

Conforme consta no referido sítio eletrônico, o BAYOGOC precisou fazer o processamento de pouco mais de 290.000 pedidos prévios, com um total de 1.001.496 espectadores presentes no somatório das pessoas que visitaram os Parques com o público presente na cerimônia de abertura.

Dentre o público presente, destacamos a participação expressiva de inúmeros escolares da capital argentina, a qual justifica-se em virtude do programa "*La escuela va a los Juegos*". Trata-se da disponibilização de um passe de acesso diferenciado por parte do BAYOGOC para aproximadamente 36.000 crianças e jovens alunos das escolas públicas e privadas. Para tanto, tais escolas precisavam apenas estar registradas previamente no referido programa. Assim, seus alunos puderam experimentar a programação dos YOG-2018 nos respectivos locais durante um dia inteiro, seja como espectadores e/ou como consumidores das referidas atividades de iniciação esportiva e demais atividades recreativas, educativas e culturais, numa tentativa do COI de motivá-los a aderir a prática esportiva e de difundir os seus símbolos e valores olímpicos.

### **1.5.5 Cerimônia de abertura**

A abertura dos YOG-2018 foi realizada em 6 de outubro na principal avenida de Buenos Aires, a Avenida 9 de Julio, mais especificamente, na zona do Obelisco, conhecida como o “coração” da cidade<sup>55</sup>. Esta foi a primeira vez que uma cerimônia olímpica foi realizada de forma livre e gratuita à comunidade, isto é, fora dos tradicionais estádios<sup>56</sup>.

Consoante ao que foi propagado pelo BAYOGOC (2019), a cerimônia de abertura dos YOG-2018 foi inovadora para cerca de 200 mil pessoas que compareceram ao evento. O *show* apresentado teve como destaque a flutuação dos anéis olímpicos e a encenação dos esportes olímpicos da juventude no Obelisco, bem como a apresentação da cultura argentina, com destaque para a atuação de numerosos dançarinos de tango nas varandas dos apartamentos ao longo da avenida, tudo isso acompanhado por consideráveis aparato tecnológico e acervo pirotécnico, conforme ilustrado na Figura abaixo.

<sup>55</sup> Trata-se do local onde ocorrem diversos fatos históricos, como manifestações políticas e sociais, incluindo comemorações de triunfos esportivos, representando, assim, um dos principais cartões postais da cidade.

<sup>56</sup> Muito embora a abertura de outros eventos esportivos já tenha sido organizada junto ao público presente, como por exemplo, a Copa da Ásia de 1996, na orla de Abu Dhabi (SOUZA; MATARUNA-DOS-SANTOS; TAVARES, 2019).

**Figura 3** – Pirotecnia na abertura dos YOG-2018.



Fonte: <https://www.olympic.org/photos/buenos-aires-2018/opening-ceremony>.

Não obstante, a despeito dessa atmosfera festiva e simbólica da referida cerimônia, tal como foi amplamente propalada pelo BAYOGOC – incluindo a publicação de inúmeras fotos e vídeos no sítio eletrônico do COI, bem como as próprias imagens televisionadas em tempo real –, ressalta-se a dificuldade imposta ao público presente para realmente desfrutar dessa grande festa, conforme se observa em autores que estiveram presentes *in loco*, como Souza, Mataruna-Dos-Santos e Tavares (2019, p. 237):

[...] Comparando a transmissão do evento por televisão com o que foi na realidade a abertura ao vivo *in loco*, poder-se-á dizer que foram eventos distintos e não o mesmo. A plasticidade da transmissão televisiva mostra um sucesso único ao invés da caótica aglutinação de pessoas, sem espaço para sentar, com dificuldades de entendimento do espetáculo e sem orientação alguma do que estava por acontecer.

Por outro lado, em consonância com a tradição da ideologia olímpica, ressalta-se que esta cerimônia foi composta pela celebração de alguns ritos e símbolos que também se fazem presentes na abertura dos JO convencionais, tais como: o momento do juramento, o hasteamento da bandeira e o acendimento da pira olímpica. De fato, em virtude da notável capacidade de disseminar os seus ideais,

[...] Coubertin cuidou com especial atenção e meticulosidade das cerimônias e símbolos olímpicos que até hoje acontecem durante os Jogos, já que são essas cerimônias, ritos e símbolos, que os diferenciam, pelo aspecto festivo que comportam, das demais competições internacionais (COI, 2002).

Contudo, a experiência histórica demonstra que a crescente espetacularização dos JO<sup>57</sup> tem relegado de forma gradativa os tradicionais aspectos protocolares e rituais dos eventos Olímpicos para um plano mais secundário, tal como ilustrado no que podemos chamar de “abertura pirotécnica” atinente aos YOG-2018, a qual, aliás, nos dizeres de Souza, Mataruna-Dos-Santos e Tavares (2019, p. 237), correu o risco de se tornar “[...] quase que apenas um grande show de rua”. Por ora, ressaltamos que as principais nuances desta cerimônia serão retratadas no Capítulo IV da presente Tese, a partir da perspectiva dos jovens atletas olímpicos.

Ora, diante deste breve panorama do que foi realizado nas edições dos YOG (verão e inverno), parece-nos significativo situar o nosso leitor de que o COI investe recursos humanos e financeiros em um programa voltado especificamente para a transferência de conhecimentos entre os Comitês Organizadores dos seus megaeventos. Assim, as pessoas envolvidas nos mesmos são consideradas como parte do MO e membros do “*Olympic Family*”, enquanto tal programa é denominado de “*Olympic Games Knowledge Management*” (COI, 2016). Trata-se, portanto, de uma tentativa estratégica para garantir que os próximos anfitriões tomem parte da riqueza de detalhes correlatos à realização do referido megaevento, de tal modo que haja a devida incorporação e difusão dos mesmos códigos, princípios e valores olímpicos no planejamento, gerenciamento e realização da edição que cada Comitê Organizador se responsabiliza.

Nessa perspectiva, vale a pena fazer menção a dois estudos realizados com algumas lideranças do Comitê Organizador dos YOG de Inverno de Lillehammer, por exemplo, os quais demonstraram que o COI propõe-se a fazer um acompanhamento cuidadoso dos seus megaeventos, visando ter conhecimento e controle sobre a realização dos mesmos, incluindo questões locais, como tráfego, infraestrutura e instalações (LESJØ; STRITTMATTER; HANSTAD, 2017; SKILLE, SYVERSEN E HANSTAD, 2019). Para tanto, segundo estes

<sup>57</sup> Segundo Proni (2002), a edição dos Jogos de Berlim, em 1936, foi representativa para que o esporte olímpico começasse a tomar as proporções de espetáculo. Na ocasião, a Alemanha nazista – a fim de demonstrar a superioridade da raça ariana – investiu um montante de aproximadamente 30 milhões de dólares na construção de infraestrutura, tais como: estádios, ginásios, pistas, piscinas e demais instalações, incluindo uma luxuosa Vila Olímpica. Além disso, estes também foram os primeiros Jogos a serem televisionados, ainda que apenas para o público local. No entender de Tubino (1997), a partir daí, os JO que até então não gozavam de um grande apelo e sucesso, passaram a ser cada vez mais usados para fins políticos pelos respectivos governos das cidades-sede, o que levou ao aumento da sua divulgação, estreitando laços com os meios de comunicação de massa. Portanto, muito mais do que um megaevento esportivo, os JO tornaram-se uma oportunidade para a realização de reformas urbanas nas cidade-sede, bem como para fazer bons negócios em vários setores da economia (SANTOS, 2000).

estudos, o COI exige um conjunto de informações, dos respectivos organizadores, por meio de manuais detalhados, rotinas de comunicação e um conjunto de relatórios, permitindo-lhe operacionalizar uma avaliação constante e, caso julgue necessário, solicitar determinados ajustes.

De forma sintomática, no caso específico dos YOG, é preciso ter presente que todas as edições supramencionadas foram pautadas rigorosamente por alguns objetivos centrais (e transversais), a saber: incentivar os jovens atletas de todos os cantos do mundo a desenvolverem sua paixão pelo esporte e, ao mesmo tempo, aprenderem sobre os valores olímpicos de Excelência, Respeito e Amizade, compartilhados em um ambiente festivo, intercultural e educacional.

Nesse sentido, observe-se que tais objetivos caminham ao encontro dos pressupostos do Olimpismo na tentativa de promover o desenvolvimento individual e social por meio do engajamento ético na prática esportiva, intentando aspectos como: participação, esforço, igualdade, justiça, paz e entendimento mútuo.

Em contas finais, importa-nos destacar que a referida transversalidade parece incidir diretamente na ocorrência de uma certa padronização entre aquilo que foi proposto nas supramencionadas edições dos YOG, haja vista que foi (e, ao que tudo indica, continuará sendo) facultado, aos seus respectivos organizadores, uma curta margem de manobra, assegurando, destarte, pouca variação entre elas.

## CAPÍTULO II

### A EXPERIÊNCIA EDUCACIONAL DOS JOVENS ATLETAS NOS YOG: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA

*“A incompreensão do presente nasce fatalmente da ignorância do passado. Mas talvez não seja menos vão esgotar-se em compreender o passado se nada se sabe do presente”*

(MARC BLOCH)

#### 2.1 INTRODUÇÃO

Os megaeventos representam parte significativa da nossa experiência contemporânea e, por isso, devem estar sempre sujeitos ao debate e até mesmo ao escrutínio público (TAVARES, 2011b)<sup>58</sup>. Devido às suas implicações multifacetadas, os megaeventos de caráter esportivo, particularmente, têm despertado interesse acadêmico em diversas partes do mundo, em especial, no que se refere ao contexto brasileiro. Tal fato justifica-se em virtude da realização de alguns destes no transcorrer de apenas uma década – com destaque para os Jogos Pan-Americanos em 2007, a Copa do Mundo de Futebol em 2014 e os JO do Rio em 2016 – servindo como um incentivo, quiçá uma exigência para que a comunidade científica os examinasse a partir de diferentes perspectivas (REPPOLD FILHO, 2013).

Dentre os megaeventos de caráter esportivo, interessa-nos destacar, mais especificamente, os YOG, não apenas por seu alcance global e por seu caráter historicamente recente, mas, em especial, por vincular-se mais explicitamente a uma meta-teoria de prática esportiva, tal como já ocorria (e ocorre) com os JO, cujo eixo de referência está circunscrito por um conjunto de valores orientadores (TAVARES, 2003). Assim, o propósito do COI permeia a promoção do sentido educacional dos JO em geral (e dos YOG em particular), definindo os valores olímpicos como base para o seu desenvolvimento (TURINI et al., 2008).

<sup>58</sup> O autor evidencia que o termo ‘megaevento’ possui definições concorrenciais e pontos de aplicação que vão além do âmbito esportivo.

Para tanto, no caso específico dos YOG, o CEP assume um papel determinante ao ofertar inúmeras atividades para inspirar os jovens atletas de elite a experimentarem – durante 12 dias ininterruptos – o intercâmbio cultural e a convivência de acordo com os valores olímpicos, a partir de uma declarada experiência ambivalente entre o desempenho esportivo e o desenvolvimento humanístico (TURINI et al. 2008; DaCOSTA, 2009; TAVARES, 2009; PARRY, 2012). Ora, tais características podem ajudar a demarcar uma diferença significativa em relação às versões ‘adultas’ dos JO, uma vez que estas, como demonstrou Tavares (2002), possuem distâncias entre valores declarados e práticas consubstanciadas.

Destarte, em face da supramencionada ambivalência entre as pretensões educacionais e o caráter competitivo de alto rendimento dos YOG, podemos estabelecer como foco de investigação as maneiras como os jovens atletas se apropriam da experiência educacional nestes Jogos e como as articulam com a prática esportiva competitiva. Todavia, a criação recente dos YOG sugere-nos uma possível escassez de pesquisas e de conhecimentos acumulados sobre estes Jogos e sobre seus respectivos protagonistas.

Diante desse cenário, nos deparamos com a seguinte questão norteadora para esta revisão: O que vem sendo produzido na literatura científica a respeito da experiência educacional dos jovens atletas de elite nos YOG? Isto posto, o presente estudo tem como objetivo compreender o que vem sendo produzido na literatura nacional e internacional a respeito da experiência educacional dos jovens atletas de elite neste megaevento. Com isso, pretendemos dar visibilidade para as contribuições destes estudos no que tange às experiências de aprendizagem dos protagonistas dos YOG: os jovens atletas.

## 2.2 CAMINHAR METODOLÓGICO

No presente estudo utilizamos os pressupostos de uma revisão sistemática de literatura, com delineamento qualitativo descritivo. Tal método estrutura-se a partir de uma síntese de estudos relacionados à questão norteadora supramencionada, considerando as similaridades e as diferenças entre os mesmos, permitindo não apenas conhecer o panorama de publicações sobre a referida temática à luz da literatura disponível, como também a identificação de possíveis lacunas e as perspectivas para pesquisas futuras, incluindo, por exemplo, novas possibilidades interpretativas e novos direcionamentos teóricos sobre o objeto estudado (SAVIN-BADEN, MAJOR, 2010; GOMES; CAMINHA, 2014).

Para tanto, realizamos uma consulta nas seguintes bases de dados eletrônicas<sup>59</sup>: *SciELO*, *Scopus*, *SPORTDiscus*, Portal de Periódicos da CAPES e *Web of Science*. Os descritores utilizados no levantamento dos artigos pertinentes a esta revisão foram: “educação” e “experiência educacional”, combinados entre si por meio do operador booleano “OR” e combinados, ainda, com “Jogos Olímpicos da Juventude”, por meio do operador booleano “AND”, em três línguas: português, inglês e espanhol. Incluímos também um recorte temporal de nove anos, abrangendo o período compreendido entre os anos de 2010 e 2019, de tal modo que fosse possível contemplar desde a primeira edição dos YOG até o presente momento.

Nesse sentido, foram estabelecidos os seguintes critérios de inclusão: (a) abordar o caráter educacional dos YOG; (b) ter como sujeitos, os jovens atletas olímpicos; (c) estar publicado no período compreendido de 2010 a 2019; (d) constituir-se em um estudo empírico, publicado em revista científica nos idiomas inglês, português ou espanhol, com disponibilidade do texto completo. Em contrapartida, os critérios de exclusão implementados foram: (a) falta de relação direta com o tema; (b) ser realizado com outros sujeitos, sem o envolvimento dos referidos atletas; (c) artigos não publicados, artigos de revisão, artigos de opinião e resenhas críticas, bem como artigos originais que não estavam integralmente disponíveis nos referidos idiomas.

Ademais, no que diz respeito aos procedimentos de busca dos artigos, procedemos inicialmente com uma leitura cuidadosa dos títulos, dos resumos e das respectivas palavras-chave, visando averiguar se tais estudos eram condizentes ou não com todos os critérios supracitados. Por conseguinte, em consonância com a orientação do *Centre for Reviews and Dissemination* (2008), operamos uma análise criteriosa da qualidade da literatura selecionada a partir da leitura na íntegra dos textos que atenderam aos respectivos critérios elencados neste estudo.

Diante do exposto, para fins de análise, optamos por dar centralidade para os principais itens contidos nos artigos selecionados nesta revisão, quais sejam: objetivo, abordagem metodológica (método e técnicas), localidade (*lócus*), sujeitos participantes (amostra) e principais resultados. No que diz respeito ao tratamento destes últimos, mobilizamos procedimentos de análise de conteúdo (BARDIN, 2011).

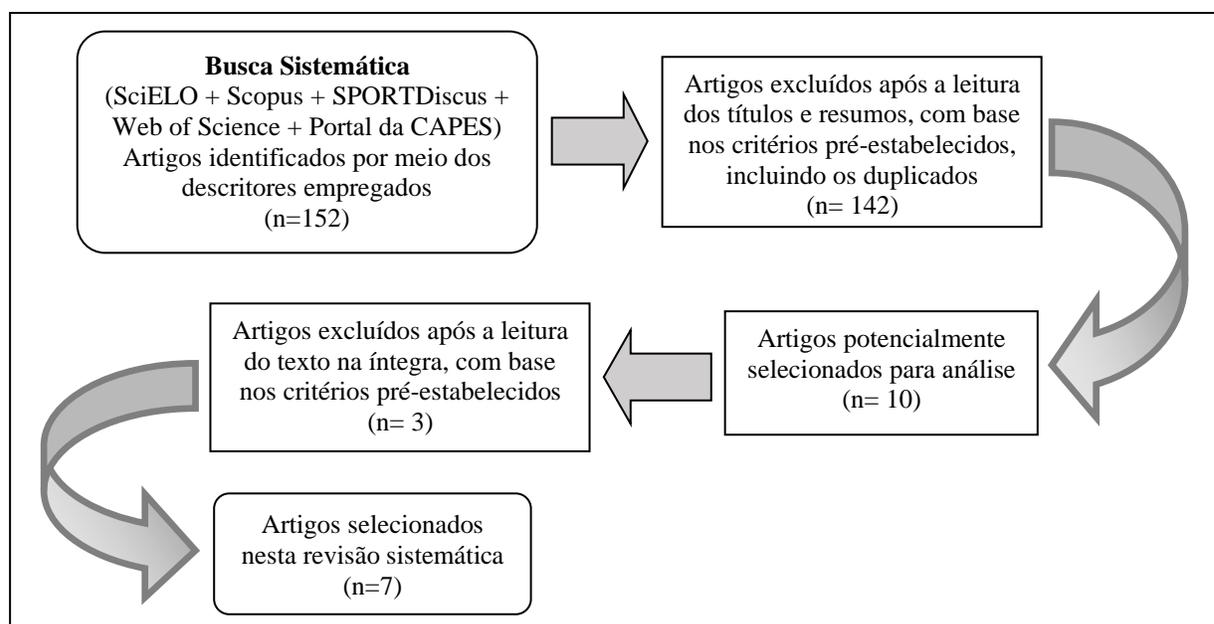
<sup>59</sup> Nossa escolha por estas bases perpassou por uma verificação das principais bases bibliográficas empregadas em revisões anteriores sobre temáticas de caráter sociocultural e pedagógico.

Assim, em conformidade com a proposição desta autora, nós iniciamos uma etapa exploratória do material, visando identificar as principais unidades de registro nos referidos artigos, incluindo os pontos convergentes e divergentes; em seguida, partimos para a etapa de categorização, a fim de organizar e condensar tais unidades para melhor compreensão dos dados; por fim, operacionalizamos a sua consequente descrição e interpretação, estabelecendo um diálogo fundamentado com a literatura relacionada à temática (BARDIN, 2011).

### 2.3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Conforme sintetizado pelo fluxograma abaixo (Figura 4), a procura inicial nas bases de indexação resultou no levantamento total de 152 artigos (SciELO = 2; Scopus = 21; SPORTDiscus = 40; Portal de Periódicos da CAPES = 48; Web of Science = 41). Dentre eles, 142 foram excluídos após a leitura dos títulos e resumos, seja por falta de relação direta com a temática de interesse (enfocando aspectos como: turismo, economia política, empreendedorismo, sustentabilidade, nutrição e obesidade), seja por não incluir os jovens atletas como sujeitos do estudo (pautando-se, por exemplo, na perspectiva dos espectadores, dos treinadores e dos voluntários), ou simplesmente por não estarem disponíveis na íntegra, bem como por eliminação dos duplicados.

**Figura 4** - Fluxograma da seleção e triagem dos estudos incluídos na revisão.



Fonte: O autor.

Em face do exposto, dez artigos foram selecionados para fazermos a leitura na íntegra. Destes, três artigos foram excluídos por não enfocarem no corpo do texto a discussão educacional atrelada aos YOG. Assim, um total de sete publicações cumpriram com todos os critérios pré-estabelecidos e compuseram a amostra final da presente revisão sistemática.

Preliminarmente, nos chamou a atenção uma quase totalidade de publicações no idioma inglês, a partir do filtro estabelecido nas referidas bases de dados, representando 98,7% da nossa amostra inicial. Ou seja, dos 152 artigos inicialmente identificados em nossa busca, apenas dois estavam no idioma espanhol e nenhum na língua portuguesa. Tal situação pode estar associada a dois fatos. Em primeiro lugar, o fato das edições dos YOGs (de Verão e de Inverno) terem sido realizadas nos continentes asiático e europeu<sup>60</sup> pode ter atraído uma maior atenção de pesquisadores destes continentes do que de outros, muitos dos quais costumam publicar seus textos em inglês. Em segundo lugar, ao próprio fato de existirem poucos grupos de pesquisa em EO no continente sul-americano, o que faz com que a produção do conhecimento continue sendo concentrada no continente europeu.

A seguir, serão pormenorizados os principais itens contidos nos sete artigos que compuseram a amostra final desta revisão.

### **2.3.1 Quanto aos Objetivos**

Conforme ilustrado no Quadro 2, os artigos analisados buscaram focar a perspectiva dos verdadeiros protagonistas deste megaevento (os jovens atletas olímpicos), objetivando analisar, compreender, explorar, avaliar, examinar e, portanto, dar visibilidade ao que havia sido vivenciado por eles nas edições em que tiveram a oportunidade de competir e participar, com especial interesse para o componente educacional idealizado pelo COI para estes Jogos, o qual materializa-se, mais diretamente, nas atividades ofertadas pelo CEP.

Compreendemos que tais objetivos são deveras pertinentes, uma vez que o mundo vivido ou experimentado pela ação dos jovens atletas pode conter singularidades por vezes dissonantes daquilo que lhe é previamente – e externamente – projetado. Assim, reiteramos

<sup>60</sup> Com exceção da edição mais recente, que ocorreu pela primeira vez na América do Sul, na cidade de Buenos Aires, Argentina, em 2018. Talvez, este fato ajude a fomentar a realização – e consequente publicação – de pesquisas acerca da referida temática na língua espanhola, por exemplo, especialmente por pesquisadores sul-americanos.

que de forma análoga ao pedestre que pode reinventar um percurso diferente em meio à ordem urbana projetada (CERTEAU, 1994), os jovens atletas olímpicos também são capazes de construir sentidos que se aproximam ou que se distanciam daquilo que foi projetado pelo COI.

Por isso, compreende-se que, ao focar as experiências destes atletas – a partir das interações dialógicas que eles estabelecem no referido contexto –, tais estudos podem contribuir para elucidar a percepção dos mesmos sobre sua participação nos YOG e, mais especificamente, nas atividades educacionais correlatas.

**Quadro 2** – Objetivos dos estudos analisados.

REFERÊNCIA	OBJETIVOS
Krieger (2012)	Analisar as experiências dos atletas participantes dos YOG-2010 e colocar sua percepção do evento em contraste com as políticas do COI.
Kristiansen (2013)	Examinar como os atletas noruegueses experimentaram os primeiros YOG de Inverno-2012, equilibrando o programa de competições regulares com o CEP e o que os atletas percebem como estressores e como eles lidam com isso.
Parent; Kristiansen; Macintosh (2014)	Compreender as experiências de jovens atletas em um festival de esporte juvenil, especificamente os YOG de Inverno-2012, destacando as percepções e os estressores relacionados a tais experiências.
Schnitzer et al. (2014)	Apresentar um <i>feedback</i> abrangente sobre os primeiros YOG de Inverno-2012 da parte interessada mais importante neste evento: os atletas, destacando sua percepção a respeito do CEP.
Peters; Schnitzer (2015)	Avaliar a percepção da experiência nos YOG de Inverno-2012 a partir do ponto de vista dos jovens atletas de elite e de outros grupos de interesse, destacando expectativas, experiências e legados.
Krieger; Kristiansen (2016)	Explorar a consciência dos jovens alemães e noruegueses participantes dos YOG-2010 e dos YOG de Inverno-2012 acerca da missão educativa adicional deste megaevento.
Macintosh; Parent; Culver (2019)	Compreender a perspectiva dos jovens atletas sobre o ambiente dos YOG de Inverno-2016, destacando suas experiências, percepções e aprendizagens.

Fonte: O autor.

### 2.3.2 Quanto à Abordagem Metodológica

Verificamos que nenhum dos estudos que compôs essa revisão sistemática especificou o método utilizado no corpo do texto, embora um deles tenha feito menção ao “estudo de caso” no título do artigo. Assim, os autores empenharam-se em descrever no corpo do texto apenas aspectos como: a abordagem metodológica, as técnicas de coleta de dados e os procedimentos empregados, denotando uma certa confusão entre a abordagem e os instrumentos para produção dos dados com o método mobilizado para tal. Decerto, isto parece-nos ocasionar uma determinada inconsistência metodológica nestas pesquisas.

De todo modo, verifica-se que a abordagem metodológica mais recorrente nesses estudos foi a abordagem qualitativa, a qual foi recorrida em cinco deles, cujas principais técnicas utilizadas para a produção de dados foram as entrevistas semiestruturadas (KRIEGER, 2012; KRISTIANSEN, 2013; KRIEGER; KRISTIANSEN, 2016), o grupo focal (PETERS; SCHNITZER, 2015) e a entrevista semiestruturada como complemento das observações realizadas no local do evento (MACINTOSH; PARENT; CULVER, 2019). Os outros dois estudos, por sua vez, operaram por meio de uma abordagem mista, empregando como principais técnicas a aplicação de questionários qualitativos e quantitativos, complementados pelas observações (PARENT; KRISTIANSEN; MACINTOSH, 2014), bem como a união da aplicação de questionários com a composição de grupos focais (SCHNITZER et al., 2014).

### 2.3.3 Quanto à Localidade

Conforme especificado no Capítulo I, até o presente momento, foram realizadas um total de três edições dos YOG, as quais foram sediadas nas cidades de Cingapura (2010), Nanquim (2014) e Buenos Aires (2018), em Singapura, China e Argentina, respectivamente. Alia-se a estas, duas edições dos YOG de Inverno, sediadas em Innsbruck (2012) e Lillehammer (2016), na Áustria e Noruega, respectivamente.

Ora, por se tratarem de estudos empíricos – cujo foco perpassa pela compreensão da experiência dos jovens atletas nestes Jogos –, os artigos analisados têm suas coletas de dados correspondentes às suas respectivas localidades. Destarte, a maior parte da nossa amostra (aproximadamente 70 %) optou por dar centralidade aos atletas que participaram dos primeiros YOG de Inverno, tendo como *lócus*, portanto, a cidade de Innsbruck (KRISTIANSEN, 2013; PARENT; KRISTIANSEN; MACINTOSH, 2014; SCHNITZER et al., 2014; PETERS; SCHNITZER, 2015). Aqui, pode-se incluir, ainda, um estudo que reuniu os dados coletados nesta localidade com os dados coletados outrora, referente à edição de Cingapura (KRIEGER; KRISTIANSEN, 2016). Nesse sentido, os outros dois estudos restantes, por sua vez, tiveram como *lócus* a primeira edição dos YOG, em Cingapura (KRIEGER, 2012) e a segunda edição dos YOG de Inverno, em Lillehammer (MACINTOSH; PARENT; CULVER, 2019).

Já no que tange à localidade dos autores, verifica-se novamente uma concentração no continente europeu, haja vista que cinco dos sete artigos analisados foi composto exclusivamente por pesquisadores europeus, seja da Alemanha, da Áustria e/ou da Noruega (KRIEGER, 2012; KRISTIENSEN, 2013; SCHNITZER et al., 2014; PETERS; SCHNITZER, 2015; KRIEGER; KRISTIENSEN, 2016).

Além disso, dentre os dois artigos restantes, identificamos que somente um foi composto exclusivamente por pesquisadores canadenses (MACINTOSH; PARENT; CULVER, 2019), enquanto o outro contemplou uma mescla de dois autores canadenses e uma autora norueguesa (PARENT; KRISTIENSEN; MACINTOSH, 2014). Tais dados podem ajudar a justificar o fato de a maior parte dos estudos focalizarem os YOG de Inverno, os quais foram realizados em solo europeu, ao passo que a realização dos YOG concentrava-se, até então, em solo asiático.

#### **2.3.4 Quanto aos Sujeitos Participantes**

Em consonância com um dos nossos critérios de inclusão, os sujeitos participantes dos artigos por nós analisados inevitavelmente englobaram os jovens atletas. Todavia, um dos estudos também incluiu em sua amostra outros sujeitos que direta ou indiretamente faziam parte do seu contexto de atuação no ambiente dos YOG, a saber: treinadores, embaixadores, chefes de missão e até mesmo os atletas-modelo.

O quantitativo de sujeitos investigados nestes artigos variou de acordo com a abordagem assumida pelos respectivos autores. Nos dois estudos que trabalharam com uma abordagem mista, por exemplo, verificamos que o número de sujeitos variou entre 89 – dos quais, 43 eram jovens atletas – e 662; já nos estudos com abordagem qualitativa, por sua vez, esse quantitativo teve uma variação entre oito e 36.

No que diz respeito ao procedimento de seleção dos referidos sujeitos, percebe-se que apenas dois estudos especificaram que foi feito um procedimento de amostragem proposital ou uma amostra intencional (KRISTIENSEN, 2013; KRIEGER; KRISTIENSEN, 2016). Os demais estudos, por sua vez, não especificaram este procedimento, mas, da mesma forma que os dois anteriores, buscaram compor as suas amostras com participantes que contemplassem algumas características diversificadas, quais sejam: representatividade de ambos os sexos (n=7); competir em esportes diferenciados ou fazer parte de nações e/ou continentes

diferentes (n=5); e, até mesmo, obter níveis diferentes de sucesso nas competições esportivas, incluindo atletas medalhistas e não medalhistas (n=1), conforme pode ser verificado no Quadro 3.

Outro importante aspecto a ser pontuado diz respeito a dificuldade de acesso em relação aos referidos sujeitos de pesquisa (atletas de elite). Conforme sugere o estudo de Parent, Kristiansen e Macintosh (2014), por exemplo, o COI é uma instituição que não mede esforços para restringir o acesso aos atletas olímpicos durante os seus respectivos eventos, limitando, desta forma, as possibilidades de desenvolver pesquisas empíricas com este público-alvo.

De fato, com exceção dos eventuais casos em que o estudo já conta previamente com uma parceria e/ou um patrocínio do COI, muitos pesquisadores necessitam se desdobrar para operacionalizar suas pesquisas com tal público. Em um dos estudos, por exemplo, os autores se viram obrigados a costurar um acordo com o referido Comitê, assegurando-lhe o envio de um relatório pós-Jogos acerca das experiências e percepções dos jovens atletas em troca do acesso aos mesmos no decorrer deste megaevento (MACINTOSH; PARENT; CULVER, 2019).

Com efeito, em alguma medida, tal obstáculo pode nos dar indícios sobre o baixo número de estudos em relação à experiência dos jovens atletas em diferentes bases de indexação, uma vez que o acesso ao público-alvo investigado é condição *sine qua non* para a realização de uma pesquisa de campo. E este acesso, no caso dos referidos sujeitos, parece ser algo substancialmente remoto.

Ainda a respeito deste item, há um segundo e importante aspecto que também é digno de nota. Apesar da tentativa destes estudos em diversificar as suas amostras, observa-se que, a rigor, o foco concentrou-se nos jovens atletas do continente europeu, em especial, alemães e noruegueses – concordando com as nacionalidades dos pesquisadores –, haja vista que mesmo as pesquisas que relataram ter contemplado nações de diferentes continentes, delimitaram a realização das entrevistas nos seguintes idiomas: inglês, francês, alemão e russo. Desta forma, pode-se afirmar que, em comparação com os norte-americanos e europeus, os atletas africanos, asiáticos e sul-americanos, por exemplo, foram inequivocamente sub-representados nestas pesquisas, constituindo-se, portanto, em uma notória lacuna na produção do conhecimento.

**Quadro 3** – Sujeitos participantes dos estudos analisados.

REFERÊNCIA	SUJEITOS PARTICIPANTES
Krieger (2012)	Oito atletas alemães entre 16 e 18 anos de idade, participantes dos YOG de Cingapura. Dentre eles, cinco eram do sexo masculino e três do sexo feminino, os quais competiram em cinco esportes diferentes.
Kristiansen (2013)	Nove jovens atletas da equipe norueguesa, incluídos três homens e seis mulheres com idades entre 17 e 18 anos. Destes, quatro atletas foram entrevistados em Innsbruck, após terminarem seus eventos competitivos de forma precoce; enquanto os outros cinco foram entrevistados no prazo de algumas semanas após voltar para a Noruega.
Parent; Kristiansen; Macintosh (2014)	27 atletas da equipe norueguesa (13 mulheres e 14 homens) e 28 atletas da equipe canadense (7 mulheres e 21 homens).
Schnitzer et al. (2014)	662 jovens atletas, 346 homens (52,3%) e 316 mulheres (47,7%), cuja maioria fazia parte do continente europeu (60%), seguido pela Ásia (19,5%), América do Norte (10,5%) e demais continentes (6%); Destes, 43 atletas de 17 nações diferentes, compuseram os grupos focais competindo em oito esportes diferentes. As entrevistas foram realizadas em inglês, francês, alemão e russo.
Peters; Schnitzer (2015)	89 participantes. Destes, 43 eram jovens atletas de 17 nações diferentes, competindo em oito esportes diferentes; enquanto o restante dos sujeitos eram treinadores, embaixadores, chefs de missão ou atletas-modelo. As entrevistas foram realizadas em inglês, francês, alemão e russo.
Krieger; Kristiansen (2016)	22 jovens atletas. Dentre eles, oito alemães entre 16 e 18 anos de idade, que participaram dos YOG de Cingapura (cinco eram do sexo masculino e três do sexo feminino), os quais competiram em seis esportes diferentes (Natação, Salto, Salto com vara, Vela, Esgrima, Corrida de 400m) e com diferentes níveis de sucesso nas competições YOG (medalhistas e não medalhistas); e 10 atletas noruegueses e 4 alemães que participaram dos YOG de Inverno-2012, os quais competiram em 11 esportes diferentes.
Macintosh; Parent; Culver (2019)	36 jovens atletas que participaram dos YOG de Inverno de Lillehammer (15 do sexo feminino e 21 Do sexo masculino), representando 24 CONs, todos os continentes, e 14 disciplinas desportivas. As entrevistas foram realizadas em inglês e francês.

Fonte: O autor.

### 2.3.5 Quanto aos Principais Resultados

Após a leitura exploratória dos sete artigos incluídos nesta revisão, com o intuito de identificar e organizar as características centrais e os elementos-chave contidos nos seus principais resultados, foram construídas duas categorias de análise, a saber: 1- Objetivos educacionais: Possibilidades e contingências; 2- Objetivos educacionais: Desafios e resistências. A seguir, serão apresentados e discutidos, respectivamente, os elementos que mais se aproximam e os elementos que concorrem com os objetivos educacionais – tal como idealizado pelo COI –, tomando como base a perspectiva dos jovens atletas olímpicos a respeito da sua participação singular em uma das edições dos YOG.

- Objetivos educacionais: Possibilidades e contingências

O primeiro aspecto a ser destacado como uma possibilidade educacional nos YOG se refere ao primeiro grande momento destinado a reunir e apresentar todos os atletas de elite, juntamente com o fomento dos símbolos olímpicos: trata-se do cerimonial de abertura. Este é apontado pelos sujeitos da pesquisa como sendo uma experiência emocionalmente forte e marcante, em especial, por conta da sua semelhança com o ritual de abertura dos JO (KRIEGER; KRISTIANSEN, 2016). Este momento é apontado, ainda, como uma grande plataforma de aprendizagem intercultural entre os respectivos atletas participantes, propiciando-lhes, dentre outras coisas, um maior conhecimento geográfico (PETERS; SCHNITZER, 2015).

O segundo aspecto que merece destaque, diz respeito a exigência do COI para que os jovens atletas permaneçam na YOY durante todo o evento, diferindo-se, neste caso, dos JO convencionais, nos quais os atletas retornam para os respectivos países em que residem imediatamente após concluírem seus compromissos esportivos. Assim, no caso específico dos YOG, Krieger (2012) assinala que os jovens atletas dispõem de maiores oportunidades para conhecer e para fazer amizade com atletas de diferentes culturas no interior da YOY, bem como para participar do conjunto diversificado de atividades educacionais e culturais oferecidas pelo CEP.

Conforme apontado por Schnitzer et al. (2014), os questionários respondidos pelos jovens atletas – participantes dos Jogos de Innsbruck – revelaram que, ao participarem das atividades do CEP, eles puderam reunir um conjunto de aprendizagens a respeito dos seguintes aspectos: valores olímpicos (86,1%); outras culturas (83,2%); gerenciamento de suas carreiras futuras como atletas de elite (80%); expressão das suas próprias opiniões (74,6%); senso de responsabilidade social (69,3%); prevenção de lesões no desporto e melhoria do estilo de vida (62,9%). O estudo de Peters e Schnitzer (2015), por sua vez, acrescenta que aqueles atletas que se dispuseram a participar das atividades do CEP gostavam de partilhar as suas experiências com os demais atletas no grupo focal, reconhecendo, inclusive, o grande esforço dos organizadores destes Jogos com tais iniciativas, visando fornecer-lhes benefícios adicionais e contribuir com o seu processo formativo, ou seja, para além do compromisso esportivo.

Assim, o CEP foi visto pelos atletas de diferentes nacionalidades como um programa capaz de promover uma maior interação entre eles e, por consequência, aumentando a possibilidade de fazer novos amigos, expressando, portanto, o valor da Amizade<sup>61</sup> (SCHNITZER et al., 2014; MACINTOSH; PARENT; CULVER, 2019). Ora, conforme assinalado por Maass (2007), este valor está imerso na tradição da antiga trégua olímpica e refere-se, no nível macro, à construção de um mundo mais pacífico através do esporte e, no nível micro, à formação de vínculos ao longo da vida do atleta, incluindo os seus companheiros de equipe, os seus respectivos oponentes e os demais atletas.

Além disso, o CEP também foi considerado importante para prepará-los para enfrentar os desafios futuros, como por exemplo, as formas de lidar com a mídia e até mesmo conceder entrevistas para canais de rádio ou TV, aprimorando, desta maneira, suas habilidades de comunicação (SCHNITZER et al., 2014; PETERS; SCHNITZER, 2015). Logo, verifica-se que a participação nos YOG em geral e nas atividades do CEP em particular, pode propiciar um aprendizado que transcende as questões relacionadas ao desempenho atlético destes jovens, mas englobam também uma reflexão sobre seu desenvolvimento psicológico, emocional e social.

Dentre os aspectos mais apreciados pelos atletas de diferentes países acerca da sua experiência na YOY, destacam-se as visitas dos atletas-modelo, os quais falavam não apenas sobre suas façanhas e desafios no esporte, mas enfatizavam continuamente a importância da educação ao longo de uma carreira de alto desempenho, explorando aspectos como doping, segurança, formas de agir, etc. (KRIEGER; KRISTIANSEN, 2016). Assim, os encontros com tais atletas renomados foram considerados importantes para o seu desenvolvimento pessoal e para atenuar o aspecto competitivo, uma vez que o foco não estava apenas no seu desempenho esportivo (KRISTIANSEN, 2013; PETERS; SCHNITZER, 2015). Além disso, a presença dos atletas-modelo (ou estrelas, como os jovens atletas chamavam), serviu, ainda, como um importante incentivo para que tais jovens participassem das respectivas atividades do CEP (SCHNITZER et al., 2014).

Outro aspecto significativo apreciado foi o “Yogger”, um dispositivo eletrônico (com forma de conexão USB) que foi distribuído pela comissão organizadora dos YOG a todos os participantes, funcionando como uma plataforma virtual, capaz de estimular ou facilitar o

<sup>61</sup> Conforme apontado anteriormente, a amizade, a excelência e o respeito representam os principais valores propagados pelo COI, uma vez que sintetizam os princípios fundamentais do Olimpismo expressos na Carta Olímpica (COI, 1997).

intercâmbio de informações entre os atletas, isto é, como uma espécie de “quebra-gelo”, conforme apontado por alguns deles (PARENT; KRISTIANSEN; MACINTOSH, 2014). Assim, o *Yogger* foi percebido pelos atletas como uma ideia útil não apenas para o estabelecimento do primeiro contato com outros atletas, mas, para a manutenção deste contato durante e após os Jogos através das redes sociais (PETERS; SCHNITZER, 2015; KRIEGER; KRISTIANSEN, 2016; MACINTOSH; PARENT; CULVER, 2019). Por fim, foi apontado que o *Yogger* também serviu para armazenar dados, imagens e experiências vivenciadas no desenrolar dos YOG, muito embora alguns atletas tenham reclamado da fragilidade da ferramenta (PETERS; SCHNITZER, 2015).

Em contrapartida, ao serem questionados, por exemplo, sobre o que eles haviam apreciado nos YOG em geral, a participação nas atividades do CEP foi apontada por cerca de 72 % da amostra, em comparação com aqueles que preferiam as disputas esportivas (96,6 %), ou a convivência na YOY (93,3 %), ou os passeios na cidade de Innsbruck (93,2 %), ou, ainda, a oportunidade de conhecer atletas olímpicos de outras culturas (87,2 %), denotando, portanto, que as atividades educacionais do CEP eram comparativamente menos apreciadas na perspectiva dos referidos sujeitos (SCHNITZER et al., 2014).

De fato, muitos atletas afirmaram que ficaram encantados com a experimentação da atmosfera internacional e intercultural presente neste megaevento, por meio da sua cerimônia de abertura, perpassando pelas suas competições esportivas e, em especial, a partir da convivência com os atletas de diferentes culturas, compartilhando um conjunto de experiências, gostos e aspirações nas dependências da YOY (PARENT; KRISTIANSEN; MACINTOSH, 2014; MACINTOSH; PARENT; CULVER, 2019). Até mesmo o momento de se alimentarem na sala de jantar foi apontado pelos atletas como uma rica e importante experiência cultural (KRIEGER; KRISTIANSEN, 2016). Tais aspectos, inclusive, serviram para estreitar laços não apenas entre atletas de diferentes culturas, como também entre as próprias equipes nacionais (PETERS; SCHNITZER, 2015).

Contudo, interessante notar em diferentes estudos que alguns atletas associaram essa memorável experiência valorativa, educacional e cultural ao simples fato de compartilharem o ambiente da YOY e não necessariamente ao participarem das atividades planejadas e organizadas pelo CEP (KRIEGER, 2012; PARENT; KRISTIANSEN; MACINTOSH, 2014; KRIEGER; KRISTIANSEN, 2016). Logo, embora aproximem-se dos objetivos formativos e educacionais – em especial, quanto ao internacionalismo, ao intercâmbio cultural e à

construção de amizades –, tais resultados parecem-nos, em alguma medida, contingenciais, materializando-se a partir de reuniões e interações socioculturais de caráter informal entre os referidos atletas.

- Objetivos educacionais: Desafios e resistências

Apesar da possibilidade/obrigatoriedade da sua estadia na YOY durante todo o evento, muitos atletas ainda tiveram escassas experiências no CEP ou simplesmente não participaram das suas atividades. As razões apontadas por eles são variadas. Alguns alegaram falta de oportunidades, decorrente de um cronograma extenso de competições; outros, falta de interesse, ao considerar tais atividades como “infantis” e, portanto, inadequadas para suas idades; outros, priorizaram ver seus companheiros de equipe competindo; outros, ainda, porque optaram por usar o seu tempo livre para descansar e recuperar entre suas competições (KRIEGER, 2012; KRISTIANSEN, 2013; PARENT; KRISTIANSEN; MACINTOSH, 2014; SCHNITZER et al., 2014; KRIEGER; KRISTIANSEN, 2016).

Nesse sentido, o foco na competição esportiva não pode ser descartado como um dos fatores que concorreu com as possibilidades educacionais advindas das atividades do CEP. Ora, os mesmos atletas que apreciavam o ambiente interativo e amigável da YOY e que consideraram as iniciativas do CEP como uma boa alternativa para conhecer atletas de outras culturas e fazer novos amigos, por exemplo, também apontaram que a razão primeva para estarem naqueles jogos (em Innsbruck) era para competir e tentar ganhar o maior número de medalhas possíveis, demonstrando que a importância que o COI atribui ao CEP não era óbvio para muitos atletas (SCHNITZER et al., 2014). Afinal, conforme argumentado por Pound (*apud* KRIEGER, 2012), os YOG são destinados aos atletas jovens que já estão inseridos dentro do sistema esportivo de alto rendimento. Portanto, para tais atletas, essa é uma competição que se disputa uma única vez na vida (KRIEGER; KRISTIANSEN, 2016), justificando a atitude de muitos deles em priorizá-la.

Aliás, ressalta-se que os eventos competitivos inovadores, com equipes mistas – por sexo e por continente –, por exemplo, embora tenham sido considerados agradáveis, também acabaram gerando um certo estranhamento, haja vista que, para eles, as competições regulares gozam de maior prestígio e, por isso, são mais atraentes na busca pela medalha olímpica (KRISTIANSEN, 2013; KRIEGER; KRISTIANSEN, 2016).

De fato, por se tratarem de atletas de elite em suas categorias, a dimensão esportiva – através do seu desempenho atlético nas competições – representou o aspecto mais dominante para os jovens atletas de elite nos YOG, relacionando-se ao valor da excelência (PETERS; SCHNITZER, 2015; KRIEGER; KRISTIANSEN, 2016; MACINTOSH; PARENT; CULVER, 2019). Tal excelência para os jovens atletas foi expressa como o esforço para ser o melhor no seu esporte, numa busca contínua pela vitória, mas, ancorada por uma noção de *fair play* – relacionada ao valor do respeito –, conforme experienciaram com as iniciativas do CEP (MACINTOSH; PARENT; CULVER, 2019).

Com efeito, a participação nestas atividades interativas também foi apontada pelos jovens atletas como um aspecto que contribuiu para formar a base da sua experiência, incluindo a possibilidade de aumentar a rede de contatos dos atletas dentro do seu círculo esportivo, bem como angariar um conjunto de conselhos e preparações específicas para desenvolver habilidades de comunicação com a mídia e com o público, além de uma motivação extra para seguirem seus objetivos enquanto atletas de elite, visando disputar competições futuras, como os JO. Estes fatores podem ser considerados, portanto, como alguns dos possíveis (intangíveis) e importantes legados deste megaevento para estes sujeitos (PETERS; SCHNITZER, 2015).

No âmbito da discussão sobre os legados resultantes dos megaeventos esportivos, Reppold Filho (2013) destaca que estes podem ser vistos por diferentes caracterizações: positivos ou negativos, intencionais ou não intencionais, tangíveis ou intangíveis, etc. Dentre elas, Romera (2014) adverte-nos para a necessidade de olharmos mais atentamente para os aspectos intangíveis – conforme identificado acima –, cujos desdobramentos interferem diretamente sobre diferentes dimensões sociais, tais como: saúde pública, prevenção ao uso de drogas e diminuição da violência nos estádios.

Por fim, com base na perspectiva dos respectivos atletas investigados, alguns estudos não se furtaram de apontar algumas medidas que poderiam ser tomadas pelo Comitê Organizador de cada megaevento, numa tentativa de atenuar a baixa participação dos jovens atletas nas referidas atividades promovidas pelo CEP, são elas: oportunizar atividades diferenciadas para contemplar diferentes idades dos atletas, visto que jovens com 15 ou com 18 anos de idade têm gostos e preferências diferentes; incluir temas mais próximos da sua realidade contextual, isto é, temas que elencassem, por exemplo, a conciliação da escola, vida familiar e esporte; investir em mais visitas de atletas-modelo na YOY para compartilhar suas

histórias, bem como atividades que reflitam diretamente sobre suas carreiras esportivas (KRIEGER, 2012; PARENT; KRISTIANSEN; MACINTOSH, 2014; SCHNITZER et al., 2014; KRIEGER; KRISTIANSEN, 2016).

Outras providências também foram mencionadas, quais sejam: organizar de forma mais equilibrada o cronograma de competições esportivas dos diferentes atletas; instruir os jovens embaixadores, os representantes dos respectivos CONs e os próprios treinadores das diferentes delegações para desempenharem uma comunicação mais eficaz com os jovens atletas acerca da existência e, sobretudo, do real propósito do programa educacional, incentivando-os a participarem das suas respectivas atividades (SCHNITZER et al., 2014), haja vista que muitos atletas não tinham as necessárias informações prévias a respeito das mesmas e/ou as consideravam como mero entretenimento ou distração cultural (KRISTIANSEN, 2013).

## 2.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados mostram-nos que não há, ainda, uma justa medida entre a narrativa oficial do COI – sobre o equilíbrio da tríade ‘esporte, cultura e educação’ – e as expectativas, experiências, percepções e predileções dos jovens atletas olímpicos que participaram de diferentes edições dos YOG, sobretudo, no que diz respeito ao consumo das atividades oferecidas pelo CEP, as quais têm como intuito lograr os objetivos educacionais explicitamente atrelados a este megaevento.

Por um lado, os resultados indicam que algumas iniciativas do CEP foram apreciadas pelos jovens atletas que se propuseram a participar das suas atividades, representando, neste caso, um dos possíveis e importantes legados intangíveis deste megaevento esportivo. Por outro lado, verifica-se que muitas aprendizagens dos atletas nos YOG – em especial, quanto ao internacionalismo, ao intercâmbio cultural e à construção de amizades – parecem ter sido, em alguma medida, contingenciais, materializando-se muito mais a partir de reuniões e interações socioculturais de caráter informal entre eles.

Ademais, verifica-se que tais atividades ofertadas pelo CEP parecem ser alvo de uma certa estranheza por parte dos atletas investigados, os quais, por diferentes e múltiplas razões, apresentam uma resistência ou dificuldade de participação. A este respeito, o que se observa é que estas atividades contrariam a cultura esportiva competitiva tradicional, especialmente a de

alto rendimento em que estes atletas estão imersos, contribuindo para justificar o referido estranhamento.

Assim, compreende-se que tal intento educativo requer uma reflexão, quiçá uma reavaliação ou um rearranjo da programação educacional e cultural por parte de cada Comitê Organizador dos YOG, no intuito de gerar maiores condições para que os jovens atletas possam experimentar plenamente o espírito olímpico e as possibilidades educacionais correlatas a um megaevento esportivo que pretende transcender a dimensão competitiva.

Com base nos dados expostos nesta revisão, também foi possível identificar algumas lacunas nos respectivos estudos, com destaque para uma determinada inconsistência metodológica (confundindo método com abordagem e/ou com instrumentos de produção dos dados) e, em especial, por contemplar majoritariamente os atletas norte-americanos e europeus como sujeitos investigados, constituindo, portanto, um cenário assimétrico de representatividade. Esta última aponta para a necessidade de outras pesquisas que contemplem atletas de outros continentes ou subcontinentes, como os africanos e os sul-americanos, respectivamente, bem como a realização de estudos comparativos entre tais atletas, uma vez que estamos lidando com valores que, apesar de pretenderem-se universais, guardam elevada relação com preceitos socioculturais arraigados.

Por fim, tais dados demonstram que a busca pelo equilíbrio entre a competição esportiva e os objetivos culturais e educacionais representa um desafio necessário para a formatação de um megaevento esportivo, em especial, para o público mais jovem, como é o caso dos YOG. Conclui-se, portanto, que o seu sucesso não reside (ou não deveria residir) na tentativa de reproduzir os JO tradicionais para a juventude, como uma espécie de “mini-olimpíada”, destinada a prepará-la para atuar nas edições adultas, mas, em especial, na sua capacidade (ou potencialidade) para equilibrar mais claramente a proclamada e supramencionada tríade.

### CAPÍTULO III

#### ENTRE AS ATIVIDADES PROMOVIDAS E O CONSUMO PRODUTIVO: ANÁLISE DAS PRÁTICAS DOS JOVENS ATLETAS NOS YOG-2018

*“Produtores desconhecidos, poetas de seus negócios, inventores de trilhas nas selvas da racionalidade funcionalista”*

(MICHEL DE CERTEAU)

#### 3.1 INTRODUÇÃO

A revisão sistemática realizada no capítulo anterior – a respeito das experiências educacionais dos jovens atletas nas primeiras edições dos YOG – trouxe à tona alguns subsídios para pensarmos num possível hiato existente entre as estratégias institucionais e centralizadoras do COI – aplicadas pelo BAYOGOC – e a perspectiva dos jovens atletas no que tange ao consumo das respectivas atividades do CEP destes Jogos.

Não obstante, importante salientar que esta situação díspar entre o que é proposto institucionalmente e o que, de fato, interessa aos consumidores não decorre exclusivamente destes serem representados por jovens atletas de elite, tendo em vista que outros autores, como Mello et al. (2011), por exemplo, enfocaram um público-alvo diferente (jovens alunos de um projeto social), mas encontraram resultados semelhantes, ao identificarem que estes sujeitos possuíam expectativas, gostos e interesses voltados para a competição, em oposição à proposta crítico-superadora do projeto em que eles participavam (cujo esporte era a atividade central). No caso do ambiente investigado, tal disparidade acabou provocando-lhes uma insatisfação e/ou uma rejeição enquanto consumidores, seguida pela sua conseqüente evasão (MELLO et al., 2011).

Diante desse cenário, concordamos com Michel de Certeau (1994) a respeito da necessidade e importância de olharmos para os atores das práticas cotidianas não como consumidores passivos dos bens culturais oferecidos, mas, como praticantes, uma vez que no entremeio dos seus movimentos táticos de uso e apropriação, tornam-se capazes de

transformar criativamente aquilo que lhes é ofertado (consumo produtivo), recriando as balizas que cerceiam suas ações em um determinado lugar de domínio e poder. Sintomaticamente, isso ajuda a justificar maior ou menor distanciamento entre aquilo que é ofertado, proposto ou imposto institucionalmente com aquilo que o indivíduo recebe, se apropria e consome.

Com efeito, é na esteira dessa discussão sobre as práticas dos sujeitos que este autor desenvolve as importantes noções de estratégia e tática como “artes de fazer” o cotidiano. Para ele, as práticas estratégicas fazem referência aos sujeitos e/ou instituições detentores de algum tipo de poder centralizador e espetacular, sendo particularmente responsáveis por estabelecer as regras de determinado convívio social e oferecer o conjunto de atividades, serviços e bens culturais correlatos, numa tentativa de produzir/manter a estabilidade do lugar (CERTEAU, 1994), tal como pode ser ilustrado pelas práticas dos organizadores dos YOG, bem como dos organizadores do projeto social supracitados.

Já as práticas atinentes ao plano tático, por sua vez, referem-se ao lugar dos mais “fracos”, visto que estes não são responsáveis pela fabricação, mas, pelo consumo das atividades previamente definidas, muito embora tais atores possam criar um tipo de resistência à ordem imposta – de forma silenciosa, sutil e astuciosa –, inventando “mil maneiras” de utilizá-las ou de consumi-las, operando golpes possibilitados pelas falhas que as conjunturas superiores vão abrindo (CERTEAU, 1994). De fato, são estes movimentos táticos, segundo tal perspectiva teórica, que provocam a instabilidade do local, transformando-o, desta forma, em um espaço social, tal como pode ser exemplificado, aqui, pelas práticas dos jovens atletas dos YOG, bem como dos jovens alunos do referido projeto social.

Portanto, nota-se que as práticas dos jovens atletas de elite nos YOG – foco deste estudo – podem expressar potenciais de apropriação e/ou um consumo produtivo a partir dos usos que estes fazem com as atividades promovidas pelo CEP. Tais usos ou “maneiras de empregar” (CERTEAU, 1994), por sua vez, podem confluir ou destoar da proposta do COI de transformar a sua modalidade de competição olímpica mais recente em um empreendimento capaz de não apenas reunir os melhores atletas jovens de todo o mundo, mas fomentar a celebração de diferentes culturas e o desenvolvimento do espírito olímpico através das referidas atividades do CEP, representando um catalisador da tríade esporte, cultura e educação (COI, 2009; 2010). Destarte, buscamos analisar as práticas dos jovens atletas participantes dos YOG-2018 na relação com as atividades culturais e educacionais que lhes foram postas para consumo no cotidiano da YOV.

### 3.2 CAMINHAR METODOLÓGICO

Em termos metodológicos, esse investimento científico foi estruturado por meio da etnometodologia (GARFINKEL, 1992; COULON, 1995), correlata ao cotidiano da YOY dos YOG-2018. Tal opção metodológica justifica-se por ensejar uma maior compreensão acerca dos fenômenos que são tomados como objeto, tendo como referência as práticas concretas dos agentes sociais no seu ambiente de ocorrência (COULON, 1995). Para efeitos deste estudo, trata-se, particularmente, das diferentes “maneiras de fazer” que os jovens atletas de elite mobilizam para inventar o cotidiano da YOY. Deste modo, a análise apoiou-se na teoria do cotidiano de Michel de Certeau.

Numa perspectiva microssocial, tal como assumimos nesse trabalho, o pesquisador é um instrumento-chave e o ambiente é uma fonte direta dos dados, dispensando, por exemplo, a necessidade de mobilizarmos o emprego instrumental estatístico para a análise e a interpretação do fenômeno objeto de estudo, haja vista que o propósito desse tipo de investigação não é alcançar uma generalização dos fatos, mas, proporcionar uma compreensão contextualizada.

Em consonância com estes pressupostos teórico-metodológicos, optei por lançar mão da observação direta (VIANNA, 2003), sistematizada em diário de campo; dos registros iconográficos de imagens paradas (BAUER; GASKELL, 2002); e das interações comunicativas como os meios investigativos para identificar o encadeamento das ações, operações e interações dos sujeitos em um determinado contexto situacional (CHAUVIN; JOUNIN, 2015). Assim, inspirando-me na perspectiva etnometodológica, reconheço a importância de “[...] observar diretamente o cotidiano das relações estabelecidas pelos atores sociais e procurar recuperar o sentido que eles dão a cada ato, no contexto em que se inserem, temporal e espacialmente” (GUESSER, 2003, p. 154).

Ora, uma vez que a análise do referido objeto de estudo impelia-me a uma tentativa de ‘captar no voo’ (CERTEAU, 1994) a forma como os jovens atletas de elite interagiam com as atividades culturais e educacionais que lhes foram ofertadas nos YOG-2018, se fazia mister, em primeiro lugar, obter o acesso direto ao local onde tais interações aconteciam (especificamente, na YOY), o qual constituiu-se em um processo árduo e gradativo, conforme apresento a seguir.

Com o auxílio de passagens cedidas pela UFES, pude deslocar-me até Buenos Aires, capital da Argentina e cidade-sede dos YOG-2018, com a antecedência de dois dias da sua abertura, a fim de participar do Fórum *Olympism in Action* (OIA), cujo retorno ao Brasil ocorreu somente ao final destes Jogos, totalizando 15 dias na cidade. O OIA consiste em um evento de caráter acadêmico – realizado pelo COI nos dias 5 e 6 de outubro –, o qual contou com inúmeras palestras e rodas de discussão, abordando uma série de temas que de alguma maneira afetam a juventude no mundo do esporte, com destaque para a mídia e tecnologia, o combate à corrupção, a importância das questões educacionais, a carreira futura, a luta contra o *doping* e o engajamento com os valores olímpicos.

Com efeito, participar deste evento me pareceu importante para a realização do presente estudo, especialmente, por dois motivos. Primeiro, por receber um crachá de identificação pessoal (Figura 5) por parte dos organizadores deste Fórum, permitindo-me o acesso a todos os Parques Olímpicos de competição – *All Parks* (APA) –, além do próprio OIA, obviamente; e segundo – e não menos importante –, pela possibilidade de estabelecer contatos com alguns pesquisadores que têm produzido trabalhos na área dos Estudos Olímpicos.

**Figura 5** – Crachá de identificação pessoal.



Fonte: O autor.

Neste ponto, importa-me acrescentar que, dentre eles, encontravam-se alguns que não apenas tinham pretensões investigativas símile às minhas no que se refere aos YOG-2018, mas, mais do que isso, que tiveram participação autoral em alguns dos artigos que compuseram a revisão sistemática que desenvolvi no Capítulo anterior. Ora, considero que estas trocas de informações permitiram-me refinar o olhar para algumas questões correlatas ao meu objeto de estudo, com destaque, por exemplo, para questões como a ambientação (atmosfera) desse megaevento e o acesso ao respectivo público-alvo desta pesquisa.

Além disso, cabe-me ressaltar que a importância de se familiarizar com a ambientação da cidade-sede e com a sua respectiva organização espacial e temporal já havia sido demonstrada no estudo realizado por Tavares (2011a), o qual, valendo-se de uma perspectiva microsociológica, focalizou as configurações dos espaços relacionados à realização dos JO na cidade de Pequim (em 2008) e a dinâmica dos sujeitos envolvidos.

Recorro, então, às minhas explorações iniciais (e espaciais) na cidade de Buenos Aires para fazer um comparativo com o caso de Pequim, a partir das quais pude deparar-me com algumas semelhanças e divergências correlatas. Dentre as principais semelhanças, destaco a identificação do conjunto de arranjos oportunamente distribuídos pelas ruas da cidade para evocar estes Jogos, muito embora em uma dimensão bem mais modesta em comparação à Pequim e “[...] dos telões, espetáculos, performances e da festa de rua que se transformou Sydney ou mesmo da praça das medalhas em Copacabana, no Rio” (SOUZA; MATARUNADOS-SANTOS; TAVARES, 2019, p. 241). No caso de Buenos Aires, tais arranjos podem ser exemplificados com a utilização de bandeiras, cartazes e até meios de transporte com figuras e dizeres em alusão direta aos YOG-2018, mais recorrentemente, com a exibição da sua logomarca, da sua mascote – normalmente segurando a Tocha Olímpica – e, claro, dos celebrados e consolidados Anéis Olímpicos.

Outrossim, também me arrisco a reforçar que “Uma instalação olímpica é sempre um espaço de destinação exclusiva” (TAVARES, 2011a, p. 362). Tal fato foi evidenciado ao observar que a principal avenida da cidade estava sendo inteiramente tomada para a abertura dos Jogos. No dia da cerimônia, por exemplo, já não se via mais a volumosa movimentação de carros nas suas adjacências – tal como de costume –, uma vez que este espaço estava destinado exclusivamente (ainda que de forma temporária) para os ensaios dos atores envolvidos, bem como para a testagem dos aparelhos correlatos.

No que diz respeito às principais diferenças, por sua vez, verifiquei uma relação diferenciada do BAYOGOC com o público, o qual parece deixar de ser visto prioritariamente como consumidores (torcedores) do espetáculo esportivo, mas, de forma análoga, como potenciais consumidores de diferentes atividades de caráter cultural, educacional e recreativo. No caso dos JO, por exemplo, o que mais se aproximava disso eram os pequenos jogos e desafios mediados por animadores profissionais com o público no intervalo, visando manter uma excitação constante (TAVARES, 2011a).

Em contrapartida, no caso dos YOG-2018 – e o que me parece ser uma das epifanias do COI –, foi ofertada uma ampla programação de atividades recreativas e culturais nos referidos Parques de competições olímpicas, mas, de forma descolada da programação esportiva. Ou seja, elas passam a ocorrer não apenas no hiato existente entre as disputas olímpicas – tal como nos JO –, mas, também de forma simultânea em outros espaços, o que pode ajudar a justificar as gigantescas filas que se formavam na entrada dos referidos Parques, bem como a grande procura por essas atividades recreativas. Além disso, creio ser importante recuperar a informação de que a entrada nestes Parques temáticos – para assistir as competições olímpicas e/ou para participar das referidas atividades – requeria apenas o porte de um passe olímpico, o qual, por sua vez foi cedido sem gerar nenhum custo para as pessoas interessadas.

Sobre este ponto, vale a pena fazer alguns comentários. Primeiro, que este consumo inteiramente *free* por parte do público que participou dos YOG-2018 – incluindo a própria cerimônia de abertura – refere-se a um elemento notadamente singular se considerarmos os megaeventos esportivos em geral, e os JO em particular. Ora, sem buscar adentrar na seara da origem do financiamento e dos custos atinentes a estes Jogos, este aspecto parece-me expressar a dimensão do empreendimento do COI na busca pela promoção do ideal olímpico. Talvez, uma forma de frear a mercantilização dos JO, numa tentativa de resgatar o ideal coubertiniano. O segundo aspecto, diz respeito ao potencial incremento na promoção de um tipo de Educação Olímpica, não somente para os jovens atletas envolvidos, mas para todo o público presente, com notável apelo à participação de crianças e jovens, diferenciando este megaevento dos JO de Pequim, por exemplo.

Sintomaticamente, tal conjuntura apresentada acima me permite pensar que, nos YOG-2018, foram contemplados alguns públicos diferentes dos JO convencionais, incluindo, por exemplo, as famílias que se deslocaram das suas casas e enfrentaram enormes filas não para

assistir tais competições olímpicas (ou, pelo menos, não apenas para este fim), mas, especialmente, para utilizar os seus espaços como uma oportunidade de praticar variadas atividades físicas, recreativas e culturais. De todo modo, apesar de considerá-la uma faceta social relevante, ressalto que os limites estabelecidos para este estudo não me permitem investigar o consumo destas atividades na perspectiva do público presente, cuja complexidade demanda a realização de novos estudos.

Outro aspecto que também me chamou a atenção no caso dos YOG-2018 foi uma maior flexibilização nas condições de acesso às instalações de treinamento e, conseqüentemente, aos atletas, o que também constatei nas próprias arenas de competições. Trata-se de uma aproximação pouco provável de acontecer em relação aos JO convencionais, devido ao suposto e esperado assédio do público. Nas idas aos Parques Olímpicos, por exemplo, percebi alguns jovens atletas sentados em frente às referidas arenas, aguardando para assistirem outras competições, sem nenhum tipo de abordagem por parte do público presente. Nas ocasiões em que eram abordados, verifiquei que se tratavam, na realidade, de membros da imprensa (solicitando-lhes uma entrevista) ou, até mesmo, membros das suas próprias famílias – aparentemente pai, mãe e namorada(o) –, muitos dos quais aguardavam-lhes do lado de fora das arenas para saudá-los.

Nesse sentido, em face do menor grau de rigidez dos YOG-2018 – em comparação com os JO –, presumi que o acesso à YOY também poderia ser eventualmente flexibilizado durante estes Jogos. Assim, busquei estabelecer um contato presencial junto ao BAYOGOC no início deste megaevento, mais especificamente, na recepção da YOY, a fim de identificar a viabilidade de adentrar naquele local e colocar em prática as minhas pretensões investigativas. Todavia, nesta aproximação, fui informado de que o referido crachá de identificação pessoal que houvera sido cedido pelos organizadores do Fórum não estendia o meu acesso à YOY, a qual era destinada exclusivamente aos jovens atletas e suas respectivas delegações, bem como aos membros da imprensa, devidamente credenciados e aos convidados especiais (membros do COI, atletas-modelo e demais sujeitos que de alguma maneira faziam parte da organização/realização das atividades desenvolvidas naquele local), incluindo, ainda, os próprios voluntários.

Ora, apesar da tentativa esperançosa, tal negativa inicial não me causou perplexidade, uma vez que outros autores já haviam apontado que o COI é deveras burocrático para conceder o acesso direto aos atletas olímpicos durante seus eventos, impondo, para tal

finalidade, um conjunto de obstáculos (PARENT; KRISTIENSEN; MACINTOSH, 2014). Assim, se por um lado, o COI não poderia (ou abriu mão de) controlar tal restrição nos Parques Olímpicos, tampouco, nos passeios alternativos que alguns atletas faziam pela capital argentina, por outro lado, nota-se que tal restrição era perfeitamente exequível no interior da YOY. Aliás, importante comentar que eu também não me furtei de estabelecer um contato prévio por *e-mail* com o BAYOGOC a respeito do acesso a este local – há cerca de um ano e meio antes da realização dos YOG-2018 –, mas, não obtive nenhum retorno.

Além disso, ainda no intuito de lograr o acesso à YOY e uma melhor aproximação aos jovens atletas, também ponderei a possibilidade de atuar como voluntário destes Jogos. Contudo, concluí que tal iniciativa poderia transformar-se em uma armadilha para os propósitos deste estudo, uma vez que os voluntariados podem ser designados pelos organizadores para diferentes localidades, não apenas para a YOY, por exemplo. Ademais, mesmo que eu fosse conduzido para este local, as tarefas pelas quais os voluntários são encarregados poderiam concorrer com tais intentos e/ou dispersar-me enquanto pesquisador.

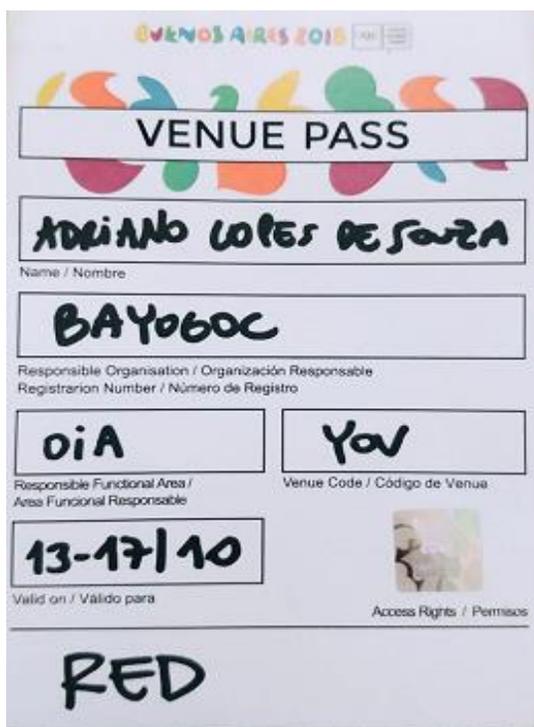
Após as primeiras tratativas/negativas junto à recepção da YOY, fui informado de que ainda poderia recorrer à responsável pelo que poderia ser chamado de “casos omissos” acerca do acesso àquele local. Assim, em virtude da dificuldade de contatá-la pessoalmente, me propus a fazê-lo mediante a um contato telefônico, cujo número foi cedido na recepção deste local. Em posse deste, efetuei sucessivas ligações e, ao ser finalmente atendido, expliquei a minha situação e fui comunicado de que, neste caso, somente seria possível adentrar na YOY sob a alcunha de ‘visitante’ – munido com a autorização de três visitas. Para tanto, seria necessário estabelecer um novo contato, mas, desta vez, a partir do envio de um e-mail (indicado pela responsável) para o setor em que ela trabalha.

Por intermédio deste *e-mail*, informei os meus dados de identificação, bem como as respectivas pretensões investigativas naquele local, solicitando não apenas três visitas – como de praxe –, mas, caso fosse possível, postulando um quantitativo maior, devido a natureza da nossa pesquisa. No dia seguinte, este *e-mail* foi retornado, solicitando-me pormenores da necessidade, intenção e pertinência da minha solicitação e, conseqüentemente, da minha presença na YOY.

Assim, dois dias após reencaminharmos o devido *e-mail* contendo as demais informações requeridas, obtive um retorno comunicando-me de que o meu pedido havia sido apreciado e deferido, com a autorização de acesso durante um total de cinco dias (13 a 17 de

outubro). Logo, retornei à recepção da YOY, a fim de formalizar o acesso recém adquirido, com a entrega de um Passe Olímpico específico para adentrar ali, conforme ilustrado na Figura 6. Portanto, este Passe me autorizou a circular livremente nas dependências da YOY – com exceção dos alojamentos onde as delegações nacionais foram acomodadas –, permitindo-me acompanhar de perto as atividades ofertadas pelo CEP para os referidos atletas e, como é de especial interesse para esse estudo, a forma como estes sujeitos interagem entre eles (e com elas) durante o período supramencionado (manhã, tarde e noite).

**Figura 6** – Passe Olímpico utilizado para adentrar na YOY.



Fonte: O autor.

Com efeito, após superar a dificuldade de acessar a Vila, concentrei-me no passo seguinte: apurar o meu olhar para o foco deste estudo, ou seja, identificar a disposição e a organização das atividades culturais e educacionais ofertadas pelo CEP e, sobretudo, captar o consumo que os jovens atletas faziam das mesmas. De fato, estes intentos demandam um tipo de relação diferenciada do pesquisador com o contexto situacional complexo e diversificado em que ele está implicado, exigindo-lhe uma espécie de ‘sensibilidade etnográfica’, capaz de estranhar o que lhe é familiar e, ao mesmo tempo, familiarizar-se com o que lhe é estranho (VELHO, 1978). Na perspectiva etnometodológica, tal capacidade de estranhamento no campo de investigação equivale à postura de ‘indiferença etnometodológica’, necessária para

evitar o fascínio do pesquisador com o campo investigado, minimizando, assim, os efeitos da força de uma ‘atitude natural’ diante do fenômeno em curso (GARFINKEL, 1992).

Aqui, urge compreender que o processo de “observação” não envolve somente o olhar, mas, convoca todas as capacidades sensoriais do pesquisador. Aqui, deve-se considerar, por exemplo, o contexto de “enunciação” (CERTEAU, 1994), isto é, as diferentes formas de comunicação dos atores na situação específica em que são produzidas, incluindo o entendimento daquilo que não se diz, ou do que é percebido sem ser dito (CHAUVIN; JOUNIN, 2015).

De maneira objetiva, embora a observação desenvolvida na presente pesquisa recaia sobre um ambiente devidamente organizado pelo BAYOGOC, pode-se apontar que esta é do tipo *in natura*, haja vista que ela ocorre em uma situação de contexto natural externo e não em um artificialismo produzido em laboratórios, com variáveis inteiramente controladas (VIANNA, 2003).

A este respeito, é preciso considerar que a observação de uma determinada “cena social” impõe, como uma das principais limitações, o grau de influência que o pesquisador pode causar após ingressar no contexto observado, podendo alterar a ordem natural das situações complexas a serem observadas e causar uma distorção nos dados coletados (VIANNA, 2003). Nesse sentido, torna-se razoável sublinhar que a observação direta operacionalizada no campo buscou o recurso da espreita, cuja prerrogativa de poder estar imerso no mesmo universo dos voluntários, membros da imprensa, visitantes e demais pessoas envolvidas com a organização das atividades culturais e educacionais, parece ter contribuído para que a minha presença fosse relativamente “banalizada” e, por extensão, para que os meus intentos científicos fossem ligeiramente dissipados, acarretando uma alteração pouco significativa na experiência dos sujeitos observados.

Por extensão, tal observação caracteriza-se também como sendo uma técnica não estruturada, possibilitando ao pesquisador transitar pelo espaço focalizando alguns fatores que julgue importante para o objetivo do estudo, integrando-se ao cotidiano dos sujeitos observados, na tentativa de compreendê-lo por intermédio das suas interações (VIANNA, 2003). Portanto, reitero que o foco deste estudo não está na construção de escores numéricos em relação aos sujeitos, mas, na observação e registro de um evento tal como ele ocorre, documentando o conjunto de ações, comportamentos e fatos correlatos.

Não obstante, conforme advertido por Vianna (2003), ainda que seja de tipo não estruturada, o processo de observação requer, dentre outras coisas, a organização daquilo que vai ser contemplado, o que, por sua vez, depende da identificação de aspectos como “quem”, “o que” e “quando” observar, com a identificação dos elementos mais relevantes e pertinentes para ajudar a responder as indagações da pesquisa.

Assim, foram estabelecidos dois aspectos principais a serem considerados no processo de observação, correlatos ao propósito deste estudo: O primeiro consiste em observações mais gerais a respeito do ambiente intercultural da YOY nos YOG-2018, incluindo a composição e a oferta das atividades culturais e educacionais destinadas aos jovens atletas; já o segundo, inclui as observações mais específicas a respeito das práticas cotidianas destes atletas a partir dos usos que eles fazem das referidas atividades que lhes foram postas para consumo.

Nesta perspectiva, o uso de um diário de campo mostrou-se uma decisão acertada, na tentativa de descrever as nuances que circunscrevem acontecimentos, pessoas, ações e objetos no referido contexto. Assim, as anotações contidas ali foram responsáveis por favorecer o registro, a identificação, a organização e a posterior análise dos fenômenos, situações, atitudes e diálogos mais recorrentes no ambiente estudado, fundamentados por determinada perspectiva teórica e circunscritos pelas redes de subjetividades do próprio pesquisador (CHAUVIN; JOUNIN, 2015). Nesse processo, adotei a opção de fazer breves notas de campo de forma simultânea à observação, evitando eventuais lapsos de memória. Assim, após cada saída do campo, por sua vez, busquei tomar nota e fazer alguns comentários acerca dos principais aspectos observados.

Ademais, cabe-me salientar que a utilização da fotografia como forma de registro iconográfico dos eventos observados apresentou-se como uma possibilidade não apenas para ilustrar os serviços oferecidos, mas, para fornecer narrativas icônicas capazes de formular pistas para uma melhor leitura e descrição de representações e apropriações dos praticantes nos usos das atividades no cotidiano da YOY. Conforme sinalizado por Alves (2010), a fotografia não deve ser considerada como um substituto do real, mas, como uma forma de interpretá-lo a partir de um recorte fotografado. Logo, é preciso ter presente que, enquanto componente polissêmico de uma dada realidade, tal registro suscita a necessidade de desvendar uma intrincada rede de significações, cujos atores sociais interagem dialeticamente com os signos, consumindo-os e produzindo-os (CARDOSO; MAUAD, 1997).

### 3.3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

No presente estudo, organizamos os dados produzidos com a observação direta a partir de dois eixos de análise. No primeiro, focalizamos as práticas institucionais e o ambiente intercultural empreendido na YOY dos YOG-2018, dando visibilidade ao plano estratégico referente à composição da sua estrutura e da oferta das atividades culturais e educacionais. No segundo, focalizamos as práticas dos jovens atletas, dando visibilidade ao plano tático atinente ao campo de possibilidades de usos e maneiras de fazer destes sujeitos em relação às referidas atividades.

#### 3.3.1 O plano estratégico do CEP

Conforme mencionado anteriormente, um dos principais objetivos que o COI estabelece para os YOG é a celebração e o compartilhamento das diferenças culturais, bem como a promoção e o desenvolvimento do espírito olímpico e dos seus respectivos valores junto ao público mais jovem, o que, por sua vez, demandava não apenas a realização de competições esportivas olímpicas, mas, exigia o arranjo de uma programação híbrida capaz de fomentar também os aspectos culturais e educacionais. Tal intento serve para justificar a criação do CEP e a sua consequente atuação no interior da YOY, a fim de promover, dentre outras coisas, a interação, a socialização e a construção de amizades entre os jovens atletas competidores de vários esportes e representantes de diferentes nações e, por extensão, de diferentes culturas.

Assim, após o nosso mergulho no cotidiano da Vila, nos deparamos com um ambiente extenso, aberto e bem ornamentado – com muitas bandeirolas coloridas, à semelhança do que ocorre no Brasil em tempos de Copa do Mundo –, sendo composto/dividido pelo BAYOGOC por cinco diferentes setores, quais sejam: Praça (*Village Square*), Quadra (*La cancha*), Palco central (*Stage*), Zona Residencial (*Residential Zone*) e Salão/Sala de estar (*The Hall/ARM's lounge*). Em síntese, cada setor era formado por um conjunto diversificado de estandes ou estações (fixas ou móveis), disponibilizando o consumo de uma variedade de serviços, atividades e bens culturais para cerca de 4.000 jovens atletas que transitavam pela YOY ao longo de 12 dias<sup>62</sup>, tal como ilustrado na figura abaixo.

<sup>62</sup> Como pormenorizamos no Capítulo I, os YOG-2018 foram oficialmente iniciados na noite de 6 de outubro, com a realização da sua cerimônia de abertura na principal avenida da capital argentina. Por consequência,

Figura 7 – Programação cultural e educacional da YOY

VENUE	Disciplina	7-oct Sun	8-oct Mon	9-oct Tue	10-oct Wed	11-oct Thu	12-oct Fri	13-oct Sat	14-oct Sun	15-oct Mon	16-oct Tue	17-oct Wed	18-oct Thu	
Village Square	Athlete 365	10.00 - 21.00	10.00 - 21.00	10.00 - 21.00	10.00 - 21.00	10.00 - 21.00	10.00 - 21.00	10.00 - 21.00	10.00 - 21.00	10.00 - 21.00	10.00 - 21.00	10.00 - 21.00	10.00 - 18.00	
	Performance Accelerator	10.00 - 21.00	10.00 - 21.00	10.00 - 21.00	10.00 - 21.00	10.00 - 21.00	10.00 - 21.00	10.00 - 21.00	10.00 - 21.00	10.00 - 21.00	10.00 - 21.00	10.00 - 21.00	10.00 - 18.00	
	Gamechangers Hub	10.00 - 21.00	10.00 - 21.00	10.00 - 21.00	10.00 - 21.00	10.00 - 21.00	10.00 - 21.00	10.00 - 21.00	10.00 - 21.00	10.00 - 21.00	10.00 - 21.00	10.00 - 21.00	10.00 - 18.00	
	Big Games	10.00 - 21.00	10.00 - 21.00	10.00 - 21.00	10.00 - 21.00	10.00 - 21.00	10.00 - 21.00	10.00 - 21.00	10.00 - 21.00	10.00 - 21.00	10.00 - 21.00	10.00 - 21.00	10.00 - 18.00	
	Circus Corner	14.30 - 20.30	14.30 - 20.30	14.30 - 20.30	14.30 - 20.30	14.30 - 20.30	14.30 - 20.30	14.30 - 20.30	14.30 - 20.30	14.30 - 20.30	14.30 - 20.30	14.30 - 20.30	14.30 - 20.30	
	Make it your own. Stencil techniques	14.00 - 20.00	14.00 - 20.00	14.00 - 20.00						14.00 - 20.00	14.00 - 20.00	14.00 - 20.00		
	Argentine Culture								18.50 - 22.00					
La cancha	Relax techniques and exercises	09.30 - 11.00	09.30 - 11.00	09.30 - 11.00	09.30 - 11.00	09.30 - 11.00	09.30 - 11.00	09.30 - 11.00	09.30 - 11.00	09.30 - 11.00	09.30 - 11.00	09.30 - 11.00	09.30 - 11.00	
	Open Sport Games	11.00 - 21.00	11.00 - 21.00	11.00 - 21.00	11.00 - 21.00	11.00 - 21.00	11.00 - 21.00	11.00 - 21.00	11.00 - 21.00	11.00 - 21.00	11.00 - 21.00	11.00 - 21.00		
	Sports, equity and integration			16.00 - 17.00			16.00 - 17.00		16.00 - 17.00	16.00 - 17.00				
Stage	Live Dancers	17.00 - 18.30	17.00 - 18.30				17.00 - 18.30	17.00 - 18.30	18.30 - 19.15	17.00 - 18.30				
	Olympic Batucada	18.30 - 19.15		17.00 - 18.30		17.00 - 18.30	18.30 - 19.15	18.30 - 19.15		18.30 - 19.15	18.30 - 19.15	18.30 - 19.15		
	DJ Booth		18.30 - 19.15	18.30 - 19.15	18.30 - 19.15	18.30 - 19.15	18.30 - 19.15	18.30 - 19.15		18.30 - 19.15	18.30 - 19.15	18.30 - 19.15		
	Karaoke		18.45 - 20.30	18.45 - 20.30	18.45 - 20.30	18.45 - 20.30				18.45 - 20.30	18.45 - 20.30	18.45 - 20.30		
	Live Music	20.00 - 20.45	18.30 - 19.15	18.30 - 19.15	21.00 - 21.45	18.30 - 19.15			18.45 - 20.30		20.00 - 20.45	21.00 - 21.45		
Residential Zone	3D PAINTING (Live art intervention)	09.30 - 12.00	09.30 - 12.00	09.30 - 12.00	09.30 - 12.00	09.30 - 12.00	09.30 - 12.00	09.30 - 12.00	09.30 - 12.00	09.30 - 12.00	09.30 - 12.00	09.30 - 12.00	09.30 - 12.00	
	Collective Mural	17.00 - 20.00	17.00 - 20.00	17.00 - 20.00	17.00 - 20.00	17.00 - 20.00	17.00 - 20.00	17.00 - 20.00	17.00 - 20.00	17.00 - 20.00	17.00 - 20.00	17.00 - 20.00	17.00 - 20.00	
	Free Relaxing	09.00 - 21.00	09.00 - 21.00	09.00 - 21.00	09.00 - 21.00	09.00 - 21.00	09.00 - 21.00	09.00 - 21.00	09.00 - 21.00	09.00 - 21.00	09.00 - 21.00	09.00 - 21.00	09.00 - 21.00	
	Star View Point		21.00 - 22.00	21.00 - 22.00	21.00 - 22.00	21.00 - 22.00	21.00 - 22.00	21.00 - 22.00		21.00 - 22.00	21.00 - 22.00	21.00 - 22.00	21.00 - 22.00	
The Hall	Chat with champions		20.00 - 21.00		20.00 - 21.00			20.00 - 21.00	20.00 - 21.00					
ARM's Lounge	Yogger Desk	10.00 - 21.00	10.00 - 21.00	10.00 - 21.00	10.00 - 21.00	10.00 - 21.00	10.00 - 21.00	10.00 - 21.00	10.00 - 21.00	10.00 - 21.00	10.00 - 21.00	10.00 - 21.00	10.00 - 18.00	
	Digital Painting					20.00 - 21.00						20.00 - 21.00	21.00 - 23.00	

Fonte: O autor.

Observamos que o BAYOGOC confere aos atletas um trânsito livre por todo o ambiente, os quais podem frequentar tais estandes ou estações, mediante ao seu gosto (afinidade, vontade, curiosidade, etc.) e à sua disponibilidade de tempo. Aliás, é oportuno ratificar que a sua participação nas respectivas atividades do CEP não é de caráter obrigatório, haja vista que muitas delas coincidem com próprio calendário de competição de determinados esportes. A título de exemplo, cumpre-nos informar que algumas competições olímpicas, como no caso dos atletas de Vôlei de praia e de Basquete 3x3, duraram praticamente todo o período dos YOG-2018; enquanto as competições dos atletas de Patinação de Velocidade sobre Rodas, bem como de BMX Freestyle e de Caratê, por exemplo, foram finalizadas no curto período de dois dias: 7 a 8 de outubro, 10 a 11 de outubro e 17 a 18 de outubro, respectivamente.

Por outro lado, em que pese essa não obrigatoriedade de participação nas referidas atividades, o COI – mais precisamente por intermédio do CEP – engendra aquilo que Michel de Certeau (1994) chama de operações estratégicas, isto é, ações que servem de base para

cumpre-nos esclarecer que a programação esportiva nos respectivos locais de competição e a programação cultural e educacional que foi ofertada aos jovens atletas na YOY tiveram início somente no dia seguinte e se estenderam até o dia 18 do mesmo mês.

fomentar a ordem e a conservação das posições, apresentando-se, portanto, como estruturante do lugar. Uma delas, assume forma de coerção a partir da determinação imputada aos jovens atletas para que permanecessem hospedados na YOV até o final dos YOG-2018<sup>63</sup>, independente do seu respectivo calendário de competição. Aliás, essa é uma das notáveis diferenças deste megaevento para os JO, pois, nestes últimos, àqueles atletas que concluem suas competições esportivas (sendo eliminados precocemente ou finalistas) não costumam permanecer na Vila Olímpica, retornando prontamente para os países em que residem.

Um dos primeiros aspectos que nos chamaram a atenção em nossas observações *in loco* diz respeito à própria organização estrutural da YOV, cujo último setor era formado pela Zona Residencial: um conjunto de apartamentos divididos por nações, nos quais todos os jovens atletas ficaram hospedados. Isso significa dizer que, em todas as suas chegadas e saídas, estes sujeitos tinham que percorrer basicamente – senão obrigatoriamente – pelos demais setores, dentre os quais foram montados um conjunto de estandes e estações. As Figuras abaixo, por exemplo, ilustram, respectivamente, uma estação de atividades circenses (montada no dia 14 de outubro) e uma estação de *Street Dance* ou Dança de Rua (montada no dia 17 de outubro).

**Figura 8** – Estação de atividades circenses.



Fonte: O autor.

<sup>63</sup> Tal como nos foi informado por voluntários que trabalhavam na YOV, cabe-nos sublinhar que eventualmente podem ocorrer algumas exceções a esta regra, como no caso de uma delegação que havia entregue um documento ao Comitê Organizador solicitando o retorno imediato de determinados atletas ao seu país de origem, após o fim das suas respectivas competições. O argumento utilizado era de que tal concessão representaria uma espécie de atenuante aos efeitos deletérios da sua ausência no respectivo calendário escolar e/ou universitário de provas.

**Figura 9** – Estação de *Street Dance*.

Fonte: O autor.

Com efeito, parece-nos que as duas estações foram pontualmente situadas nas proximidades da Zona Residencial, tal como pode-se notar na parte superior das Figuras. Essa estratégia parecia ajustar-se à intenção de persuadir ou de despertar a atenção e a curiosidade dos jovens atletas que estavam saindo dos seus respectivos apartamentos ou retornando aos mesmos.

Além disso, observamos que em meio a tais estandes e estações, havia sido instalado um refeitório conjugado, de modo que os jovens atletas se viam praticamente obrigados a saírem de seus respectivos apartamentos no intuito de se alimentarem. Afinal, conforme advertido por um dos voluntários, os atletas não tinham autorização do BAYOGOC para levar comida ao interior destes locais, mas, somente água engarrafada, sob o argumento de que este controle evitaria a possibilidade de contaminação do alimento.

Aliás, em nossas observações, estabelecemos um interessante diálogo com a gerente do refeitório – uma brasileira que já havia trabalhado nos JO do Rio de Janeiro em 2016 –, a qual informou-nos a respeito das dimensões daquele local: cerca de 140 metros de extensão e 60 metros de largura, contendo 2.000 cadeiras disponíveis. Segundo ela, eram recebidas aproximadamente 6.300 pessoas no café da manhã (5:00h às 10h:30min) e também no jantar (18:00h às 24:00h), enquanto no almoço (11:00h às 15h:30min), eram atendidas cerca de 4.500 pessoas, incluindo os jovens atletas e as suas respectivas delegações. Ademais, ela assegurou que era disponibilizada também uma variedade de alimentos, a fim de contemplar e,

ao mesmo tempo, oportunizar o conhecimento de diferentes culturas culinárias, incluindo a culinária local.

Ainda segundo relato da nossa informante, nos primeiros dias dos YOG-2018, as mesas do refeitório eram ocupadas de maneira mais ou menos homogênea por cada delegação, mas, no decorrer do evento, ela notara que as mesas já estavam sendo espontaneamente compartilhadas pelos atletas de diferentes nações, dando a entender que eles estavam fazendo novas amizades. Com efeito, a nossa visita ao referido local permitiu-nos observar/testemunhar não apenas a grande variedade/quantidade de alimentos, como também o referido compartilhamento de mesas entre atletas representantes de diferentes CONs.

Observamos, ainda, que o BAYOGOC repetiu uma estratégia meticulosa dos organizadores das edições anteriores, na tentativa de rivalizar com a não obrigatoriedade dos jovens atletas em participar das referidas atividades. Trata-se da distribuição de um dispositivo eletrônico com conexão *bluetooth* para todos os participantes. Segundo pontuado por Rocha e Pereira (2009), os jovens em geral podem ser considerados de forma inequívoca como os maiores usuários dos aparelhos multifuncionais, uma vez que eles já nasceram em um mundo marcado pela incorporação, ascensão e consolidação da internet.

Ora, denominado de *Yogger*, o referido dispositivo entregue aos jovens atletas nos YOG-2018 possuía o formato de uma pequena mão e foi projetado, basicamente, para atender uma dupla função. A primeira delas, era facilitar/estimular o contato inicial com outros atletas a partir da simples junção com um dispositivo semelhante (Figura 10), o que, por sua vez, acarretava a troca de dados pessoais, incluindo nome, telefone, e-mail, contas das redes sociais, etc. Sintomaticamente, essa troca propiciava também uma determinada pontuação nos seus respectivos dispositivos.

A segunda, por sua vez, apresentava-se como uma espécie de *upgrade* na motivação dos atletas para frequentarem os estandes e estações que foram montados pelo CEP, a fim de participarem das atividades ofertadas em ambos. Assim, ao final de cada atividade vivenciada, os atletas conseguiam acumular um conjunto de pontos, bastando-lhes, para tanto, aproximar o seu dispositivo a uma placa digital *Touch & Glow* (Figura 11), a qual ficava sob os cuidados dos voluntários, sempre acompanhando-os e orientando-os na realização destas atividades. Neste caso, observe-se que o plano estratégico parece lançar mão do que poderíamos nominar de “gamificação” da participação destes atletas no interior da YOV.

**Figura 10** – Dispositivo *Yogger*.



Fonte: <https://www.lanacion.com.ar>.

**Figura 11** – Placa digital *Touch & Glow*.



Fonte: O autor.

Com efeito, a somatória destes pontos conquistados após a realização nestas atividades – incluindo a pontuação advinda das trocas de contato com os outros atletas – poderia ser convertida em diversos brindes personalizados e exclusivos com o logo dos YOG-2018, tais como: lenços, mochilas, bonés, toalhas, capas para os celulares e até mesmo um carregador

portátil para estes aparelhos. Estes brindes poderiam ser retirados no estande “*Yogger Desk*”, conforme ilustrado na Figura abaixo.

**Figura 12** – Estande do *Yogger Desk*.



Fonte: O autor.

Na esteira dessas estratégias persuasivas com a utilização da tecnologia digital, também constatamos uma atenção especial dada para a relação do jovem atleta com a mídia, especialmente, a mídia digital<sup>64</sup>. Assim, dentre os serviços oferecidos pelo BAYOGOC para contemplar este aparato tecnológico, destaca-se um tipo de consultoria especializada, a qual foi ofertada mais precisamente no estande “*The Game Changers*”<sup>65</sup>, a partir da promoção de *workshops* com especialistas e influenciadores digitais. Estes auxiliaram os jovens atletas a produzirem o seu próprio conteúdo midiático e, por conseguinte, compartilhá-lo com seus fãs através das suas mídias sociais, abordando as suas experiências pessoais e, em especial, as suas conquistas esportivas.

Em observância ao conjunto de serviços e atividades oferecidos no cotidiano da YOYV, identificamos outras atividades que também podem ser caracterizadas como espécies de consultorias, tal como as que foram ofertadas no estande “*Athlete 365*”, mais especificamente,

<sup>64</sup> Pode ser definida como um somatório de veículos e aparelhos de comunicação baseados em tecnologia digital, como por exemplo, computadores, telefones celulares, *smartphones*, vídeos digitais, jogos eletrônicos e outras mídias interativas, permitindo a distribuição ou comunicação digital de obras escritas, sonoras ou visuais (SOUZA, 2015). Portanto, é inegável que a esfera do digital permeia de modo expressivo a nossa vida contemporânea, orientando-nos em diversas experiências e relações, incluindo-se, por exemplo, o próprio campo da pesquisa (MARTINS, 2019). Tal fato parece-nos ainda mais significativo no que diz respeito aos jovens da Geração Z, também conhecida como “Geração Internet”.

<sup>65</sup> Pode ser traduzido, embora não literalmente, como: “Transformadores do Jogo”.

nas seções ‘*Olympic Solidarity*’ e ‘*Career+*’. Na primeira seção, foi oferecido um suporte para os atletas a respeito da continuidade de suas carreiras esportivas como atletas de elite. Aqui, eles foram orientados, por meio do jogo de *Snookball*<sup>66</sup>, sobre as formas de captar financiamentos disponibilizados pela Solidariedade Olímpica Internacional<sup>67</sup>. Já na segunda seção, foi ofertado um suporte no sentido destes atletas investirem em suas carreiras futuras. Aqui, eles foram orientados, por meio de aplicativos e jogos interativos que haviam sido instalados e disponibilizados nos *tablets*, a respeito das possibilidades existentes no meio esportivo que melhor se encaixavam com o conjunto de habilidades e afinidades demonstradas por cada um deles.

Não obstante, também identificamos a coexistência de um outro tipo de consultoria personalizada para os atletas, a qual, por sua vez, destoou um pouco da perspectiva cultural e educacional do CEP: trata-se do estande “*Performance Accelerator*” ou “Acelerador de Desempenho (Figura 13), formado por uma parceria do COI com a Universidade de Lausanne e com o Instituto Nacional de Esporte, Especialização e Performance (INSEP).

**Figura 13** – Estande do *Performance Accelerator*.



Fonte: O autor.

<sup>66</sup> Trata-se de uma versão aumentada de um jogo conhecido como Sinuca, mas, neste caso, devendo ser jogado com os pés.

<sup>67</sup> Consiste em uma comissão designada pelo COI, cujo objetivo é administrar os recursos financeiros destinados para os CONs que apresentarem projetos de desenvolvimento relativos ao universo olímpico, podendo contemplar, por exemplo, os jovens atletas.

Nesse estande, fomos surpreendidos por uma receptividade mais questionadora, provavelmente em virtude do seu propósito relativamente destoante. No que concerne às demais localidades, por exemplo, contamos com uma quase indiferença dos nossos interlocutores, de tal modo que podíamos entrar, observar, fazer anotações e tirar fotografias com certa liberdade e sem interrupção, até a nossa própria iniciativa em estabelecer uma conversação com alguns responsáveis, visando esclarecer alguma dúvida ou curiosidade que eventualmente tenha surgido nas observações. Já no que diz respeito ao *Performance Accelerator*, por sua vez, nós é que fomos antecipadamente interpelados por seus membros sobre o que desejávamos naquele local, conferindo-nos um bom indicativo sobre o seu teor diferenciado.

De fato, tal como o próprio nome sugere, o foco, aqui, não está na promoção da interação ou do compartilhamento de vivências entre os jovens atletas, mas, na otimização do seu treinamento esportivo. Para tanto, eram realizados testes físicos individualizados no intuito de oferecer uma análise detalhada sobre o corpo de cada atleta (enfocando suas articulações e seus músculos). Esses testes permitiam a identificação das suas eventuais fraquezas, acompanhada pela elaboração de uma série de exercícios específicos destinados para fortalecê-las, visando, em última instância, evitar possíveis lesões e maximizar seu rendimento esportivo.

No que diz respeito à oferta destas atividades do CEP, há, ainda, outros três aspectos que nos chamaram à atenção em nossas observações, são eles: o “Salão ou Sala de estar”, a estação fixa de “Grandes Jogos” e o setor do “Palco”, os quais, de alguma maneira, parecem ter sido montados na YOYV como uma estratégia para oferecer, aos jovens atletas, um lastro de possibilidades de interação, divertimento e socialização.

Quanto ao primeiro aspecto, por exemplo, observamos o arranjo de pequenos bancos, cadeiras e sofás, destinados para fomentar a interação entre os referidos sujeitos. É também neste mesmo espaço que ocorria o episódico, interativo e prestigiado “*Chat with Champions*” ou “Bate-papo com os campeões”. Em um formato de *talk-show*, era ofertada aos jovens atletas a possibilidade de interagir entre eles e, sobretudo, interagir com alguns atletas já consagrados, selecionados pelo COI para visitarem aquele espaço e atuarem como uma espécie de “atleta-modelo”, tanto por seus feitos esportivos, quanto por sua trajetória de vida diferenciada, incluindo a dimensão valorativa que os envolvem.

Já no que se refere à estação dos Grandes Jogos, por sua vez, identificamos o oferecimento de diferentes atividades de caráter lúdico-recreativo, com destaque para os jogos com dimensões acima das convencionais, tais como: jogos de xadrez, tiro ao alvo e mesa de pebolim<sup>68</sup>. Seu horário de funcionamento normal (com acompanhamento dos voluntários) era entre às 10:00h da manhã e às 21:00h da noite.

Finalmente, no que concerne ao setor do Palco, constatamos a oferta de um conjunto de atividades calcadas basicamente na interface entre musicalidade<sup>69</sup> e dança, com destaque para cantorias no Karaokê, danças de diferentes ritmos internacionais, bem como batucadas e *shows* ao vivo (de dança e de música). Seu horário de funcionamento iniciava normalmente no final da tarde, a partir das 17:00h ou 18:00h e se estendia no máximo até às 21:45min, a fim de não atrapalhar o descanso dos atletas, tendo em vista que este setor ficava situado próximo ao setor da Zona Residencial. Conforme ilustrada abaixo, a Figura 14 apresenta um mosaico de fotografias da estação fixa de Grandes Jogos, incluindo, ao fundo, tanto o setor do Palco (parte inferior, à direita), quanto o setor da Zona Residencial (à esquerda).

**Figura 14** – Mosaico de fotografias da estação de Grandes Jogos.



Fonte: O autor.

<sup>68</sup> Em algumas regiões do Brasil, este jogo também é chamado de “totó”.

<sup>69</sup> Conforme assinalado por Cuervo et al. (2017, p. 222): “[...] As concepções acerca da musicalidade refletem-se nas condutas musicais dos sujeitos e comunidades, nos diferentes modos de interação e produção musicais, especialmente na performance, na sua apreciação e consumo de música”.

De acordo com Santos (1997), a ludicidade reflete uma necessidade do ser humano em qualquer idade, sendo propulsora não apenas de diversão, mas, em especial, do desenvolvimento pessoal, social e cultural dos sujeitos, facilitando, desta maneira, os processos de socialização, comunicação e expressão, os quais, outrossim, também podem ser fomentados a partir da música e/ou da dança, por exemplo. Logo, inspirados em Michel de Certeau, poderíamos pensar que estes elementos são compatíveis com os intentos estratégicos do CEP na promoção de um ambiente dinâmico, lúdico e intercultural, ou, nos termos deste autor, são condizentes com os dispositivos da ordem dominante, na tentativa de gerir as relações e as ações em direção a uma exterioridade de alvos específicos que ameaçam o seu poder (CERTEAU, 1994). As ameaças, neste caso, poderiam configurar-se, por exemplo, na manifestação das atitudes de distanciamento e/ou de não-envolvimento entre os referidos atletas no cotidiano da YOY.

Portanto, parece-nos que a YOY foi organizada estruturalmente (e estrategicamente) para sugerir uma maior possibilidade de os jovens atletas visitarem os estandes e as estações que foram montados e espalhados pela Vila e, por extensão, participarem das respectivas atividades ofertadas, muitas das quais são caracterizadas por aspectos como ludicidade, interatividade e tecnologia, numa tentativa de fomentar, dentre outras coisas, novos encontros e interações entre eles.

### **3.3.2 O plano tático dos jovens atletas**

Neste subtópico, daremos continuidade à descrição e análise dos nossos dados, cuja centralidade doravante será dada aos jovens atletas como praticantes do cotidiano da YOY, pois, apesar de estarem situados neste espaço na condição de consumidores, eles não relacionam-se passivamente com os artefatos culturais e educacionais que lhes são ofertados, podendo imprimir as suas marcas a partir do respectivo consumo (CERTEAU, 1994). Isto posto, focalizamos a suas diferentes maneiras de lidar com o processo de racionalidade definido pelo outro, o qual é representado, aqui, pelo COI, por intermédio do BAYOGOC/CEP.

Assim, identificamos no cotidiano da YOY um complexo amálgama de práticas. Algumas delas, foram construídas sob maior rigidez e controle, como a obrigatoriedade de os

jovens atletas permanecerem hospedados neste local, mesmo após ter findado seu calendário de competições olímpicas, bem como por passarem diariamente por uma inspeção com aparelho de raio X a cada vez que adentravam ali, de maneira análoga a um controle de embarque aéreo. Aliás, a respeito deste protocolo de segurança, vários atletas noruegueses – participantes dos YOG de Inverno de Innsbruck – o consideraram como uma experiência estressante e desgastante, em virtude das filas para adentrar na YOYV (PARENT; KRISTIANSEN; MACINTOSH, 2014).

Em contrapartida, constatamos que outras práticas foram construídas sob maior permissividade e tolerância, como por exemplo, a relativa autonomia dos jovens atletas ao saírem e voltarem para este local a qualquer hora<sup>70</sup>, bem como, a não obrigatoriedade de frequentarem os estandes do CEP e participarem das suas respectivas atividades.

De maneira geral, observamos diversos atletas transitando pelos estandes e pelas estações (fixas e móveis) estrategicamente instalados na YOYV, bem como participando das suas respectivas atividades – alguns, acompanhados pelo(a) respectivo(a) treinador(a). Aqui, chamou-nos a atenção que, apesar de muitos atletas de uma mesma nacionalidade andarem recorrentemente de forma agrupada (sobretudo, em duplas ou em trios), parte deles buscavam estabelecer uma aproximação inicial com os atletas de outras nacionalidades, mediante, por exemplo, ao uso do dispositivo eletrônico (e estratégico) do *Yogger*.

Não obstante, no bojo das interações estabelecidas entre os jovens atletas na YOYV, identificamos a ação voluntária de uma parte deles em misturar-se e integrar-se com agrupamentos de nacionalidades diferentes, seja para participar de uma das atividades oferecidas, seja para interagirem com atletas desconhecidos e/ou, aparentemente, para reencontrar “velhos” conhecidos de outras competições esportivas. Aliás, notamos, ainda, alguns atletas (particularmente, vietnamitas e chineses) lançando mão de um tradutor no seu celular, demonstrando um desejo de se comunicarem. Com efeito, consideramos que iniciativas como essas denotam uma possível manifestação do interesse destes sujeitos em construir novas amizades e/ou em fortalecê-las, corroborando com os achados de Peters e Schnitzer (2015), de que tais sujeitos apreciavam se reunir com os atletas de outras equipes ao se moverem no espaço da YOYV.

<sup>70</sup> A YOYV ficava aberta aos atletas 24 horas por dia, embora as atividades do CEP cessassem por volta das 22:00h.

Além disso, ressalta-se que, a rigor, era no período noturno que a interação entre os jovens atletas chegava ao seu ponto mais alto. Isso porque muitos deles competiam durante o dia e/ou assistiam outras competições esportivas, e/ou, ainda, realizavam um *tour* pela capital argentina, retornando para a YOYV somente ao anoitecer.

De fato, além da maior movimentação de pessoas, este período contava com a prerrogativa das atividades de dança e música no palco, como uma espécie de festival, o que, talvez, ajude a justificar o seu apelo junto a boa parte dos atletas jovens, servindo para estreitar a comunicação entre eles. Afinal, conforme advogado por um conjunto de autores, como Volp, Deutsch e Schwartz (1995), Knapp e Hall (1999) e Ribas (2009), tanto a música, quanto a dança são formas de linguagem potencialmente eficazes para favorecer as relações interpessoais nas diferentes áreas da vida cotidiana.

Nessa perspectiva, pode-se articular que tais interações desenroladas entre os jovens atletas em uma certa temporalidade, são capazes de dar vivacidade ao lugar, transformando-o em um espaço praticado (CERTEAU, 1994), muito embora a natureza desta pesquisa não nos permita sustentar que estes novos vínculos irão acabar se efetivando como amizades duradouras.

Em nossas observações de caráter mais geral, constatamos um ambiente deveras intercultural no cotidiano da YOYV. Primeiramente, em decorrência da obviedade deste local recepcionar um conjunto de 4.000 atletas – e demais membros que compõem as delegações – correspondentes à 206 países diferentes. Por conseguinte, em virtude das iniciativas institucionais, a partir da organização estrutural e da oferta de atividades culturais e educacionais, aludidas acima, com o intuito declarado de fomentar estes aspectos. Não obstante, tal como pretendemos mostrar na sequência, as práticas dos jovens atletas sinalizam para um consumo não passivo ou disciplinado das atividades do CEP, haja vista que tais práticas (de tipo tático) podem, nos termos de Certeau (1994), desfazer a fatalidade da ordem.

Nesse sentido, analisamos uma rede de ações táticas que mais nos chamaram a atenção no cotidiano da YOYV, no intuito de dar visibilidade para a mobilidade tática que os jovens atletas empregam na relação com os objetos que lhes são entregues para consumo. Destarte, para fins analíticos, nos inspiramos na teoria certauniana para dividir as práticas cotidianas destes sujeitos em duas categorias heterogêneas, embora interligadas e/ou indissociáveis (1- Táticas de desvio ou resistência; 2- Táticas de bricolagem), as quais serão focalizadas a seguir.

- Táticas de desvio ou resistência

As ações táticas têm por excelência características de resistência, de antidisiplina e, portanto, de transgressão, com um sentido disruptivo sobre os limites estabelecidos institucionalmente. Assim, esta categoria expressa a dimensão ética das práticas cotidianas (CERTEAU, 1994), constituindo-se, no caso deste estudo, pela recusa dos jovens atletas em se identificar com uma ordem estabelecida, a qual, por sua vez, é caracterizada pela organização e estruturação dos estandes, das estações e das respectivas atividades culturais e educacionais que lhes foram entregues.

Ora, de forma inequívoca, seria utópico da nossa parte conseguir observar, acompanhar e, tampouco, diferenciar os 4.000 jovens atletas que ininterruptamente transitavam pela YOY – manhã, tarde e noite. Contudo, ao longo das nossas observações, foi possível tomar nota de algumas sutilezas e singularidades em meio às pluralidades e dinamicidades da trama cotidiana. Dentre elas, destacam-se determinados grupos de atletas – especialmente, embora não exclusivamente, competidores de algumas equipes de Futsal<sup>71</sup> –, cujas práticas nos chamaram a atenção pelo fato de transitarem por estes espaços basicamente em direção a dois destinos específicos: ou para dirigirem-se até o refeitório a fim de se alimentarem ou para deslocarem-se até um dos quatro Parques temáticos da capital argentina, visando a disputa das suas respectivas competições esportivas. Além disso, notamos, ainda, que eles o faziam quase sempre de forma agrupada, acompanhados, inclusive, pelos membros da sua comissão técnica, denotando uma organização prévia das respectivas comissões.

Nesse contexto, durante os cinco dias em que ‘mergulhamos’ no cotidiano da YOY, raramente os vimos visitando o conjunto de estandes e de estações e, por tabela, participando das suas respectivas atividades. Identificamos, pois, que alguns agrupamentos de atletas saíam da YOY pela manhã portando os seus respectivos equipamentos de competição<sup>72</sup> e somente

<sup>71</sup> Esta modalidade esportiva fez a sua estreia nas competições olímpicas nos YOG-2018, a qual tivemos a oportunidade de assistir alguns jogos antes de logarmos o acesso ao cotidiano da YOY, o que, por sua vez, foi importante para reconhecermos os referidos atletas neste local, como por exemplo, as equipes do Brasil e Argentina (masculinas) e da Bolívia e Portugal (femininas).

<sup>72</sup> Dentre eles, além das chuteiras de Futsal, verificamos atletas com quimonos (de Caratê ou de Judô), raquetes de Tênis e até mesmo bicicletas atinentes a uma das disciplinas do Ciclismo. Portanto, seria impropriedade resumir as referidas práticas (classificadas, aqui, como de desvio ou resistência) aos atletas de uma modalidade específica. Adicionalmente, ressalta-se, ainda, a identificação de outros atletas (como as competidoras de Futsal da República Dominicana) participando de diferentes atividades do CEP, ratificando que tais práticas não estão condicionadas a uma determinada modalidade esportiva.

retornavam com o crepúsculo do entardecer, deslocando-se imediatamente para a Zona Residencial e para o refeitório (não necessariamente nessa ordem).

Em casos como esse, pode-se conjecturar algumas situações possíveis: por um lado, supõe-se que tais atletas estavam sobrecarregados por sua competição esportiva diária, algo que, aliás, já foi alegado por alguns atletas em outros estudos (KRIEGER, 2012; KRISTIENSEN, 2013; PARENT; KRISTIENSEN; MACINTOSH, 2014; PETERS; SCHNITZER, 2015); por outro lado, uma vez concluída a sua competição esportiva diária, supõe-se que estes sujeitos poderiam optar por fazer uso do seu tempo para acompanhar os seus próximos competidores e/ou para torcerem por seus compatriotas em outras modalidades.

Com efeito, na hipótese do primeiro cenário, temos a questão do compromisso esportivo dos atletas, enquanto na hipótese do segundo, temos uma ação deliberada dos mesmos em se colocarem na condição de expectadores. No entanto, em ambos, é interessante observar que tais atletas estavam imbuídos sobremaneira da programação esportiva/competitiva correlata aos YOG-2018, permitindo, destarte, o desdobrar de uma relação de desvio ou resistência com as atividades do CEP.

Não obstante, no bojo dessa reflexão, vale a pena chamar a atenção do leitor para um cenário adicional. Verificamos que alguns atletas não se delongavam nos Parques de competição, retornando para a YOY imediatamente após os seus compromissos esportivos e, mesmo com o tempo livre neste espaço, faziam a opção (ou, talvez, eram impelidos a fazer por sua comissão técnica) por usá-lo para o seu descanso e para sua recuperação física, tal como corroborado por outros estudos (KRISTIENSEN, 2013; PARENT; KRISTIENSEN; MACINTOSH, 2014; KRIEGER; KRISTIENSEN, 2016), o que nos permite inferir a mesma interpretação delineada acima.

Em observância à identificação desta situação na dinâmica do cotidiano da YOY, parece-nos pertinente exemplificar um momento específico no qual as atletas de Futsal da Bolívia e de Portugal, por exemplo, retornaram para este espaço – após encerrarem a sua competição diária. Na ocasião, todas as atletas portuguesas seguiram imediatamente para a Zona Residencial (tal como ocorria com regularidade), enquanto três atletas bolivianas, por sua vez, pararam para observar o conjunto de atividades circenses correlatas a uma estação móvel, já mencionada outrora.

Neste exemplo, identificamos que as referidas atletas observavam atônitas outros sujeitos vivenciando atividades de flexibilidade e equilíbrio, até o momento em que uma delas

advertiu as demais, a partir da seguinte enunciação captada: “*Lembrem-se que não podemos demorar muito aqui. Precisamos descansar*”<sup>73</sup>. Esta interação comunicativa pode suscitar que haja uma espécie de ‘autorregulação compartilhada’ entre os próprios atletas de uma equipe. Afinal, em questão de poucos minutos, as referidas atletas retornaram conjuntamente para os seus apartamentos, sem sequer experimentar tais atividades, dando a entender, portanto, que naquele momento deveriam permanecer focadas em algo que fosse presumivelmente mais importante do que o conjunto de atividades ofertadas na Vila. Novamente, tudo indica tratar-se do seu calendário de competição olímpica<sup>74</sup>.

De acordo com Michel de Certeau (1994), quanto mais controlado é o lugar, mais invisíveis são as ações táticas dos praticantes. Sintomaticamente, aproveitando-se da brecha institucional de uma não obrigatoriedade de participação nas atividades do CEP, as práticas descritas acima podem ser bons exemplos para dar visibilidade às táticas engenhosas de desvio e/ou de resistência de alguns grupos de atletas para ‘tirar partido do forte’ (CERTEAU, 1994), particularmente em relação ao que havia sido estrategicamente programado/ofertado para eles no interior da YOV. Diante desse cenário, parece-nos que tais possibilidades de ação correlatos ao plano tático dos jovens atletas não apenas engendraram resultados remotamente previstos pelo plano estratégico, tal como ilustrado pelas práticas de desvio e de resistência que alguns atletas empregaram diante dos atividades ofertadas, demonstrando que, de fato, não houveram operações de passividade, submissão e conformismo por parte dos mesmos na posição de consumidores e enquanto praticantes do espaço da YOV.

Ora, tendo em vista que a relação instituída entre o dito e o ‘não-dito’ no discurso dos sujeitos é propulsora da produção de sentidos (SILVA, 2008), advogamos que o mesmo pode acontecer com a relação estabelecida entre o feito e o ‘não-feito’ nas suas respectivas práticas cotidianas, apresentando-se, pois, como nuances que requerem a nossa atenção. Afinal, constatamos que foi rigorosamente no entremeio dessa relação que parte dos jovens atletas observados puderam renunciar os supostos benefícios atrelados ao conjunto de atividades ofertadas e reinventar-se em um ‘não lugar’, provocando, desta maneira, deslocamentos nas fronteiras de dominação (CERTEAU, 1994), conforme foi demonstrado acima.

<sup>73</sup> Tradução nossa.

<sup>74</sup> Para efeitos de informação adicional, ressalta-se que a equipe boliviana, tal qual a portuguesa (medalhista de ouro no Futsal feminino), também chegou a fase final nestes Jogos, logrando feitos esportivos que parecem ser proporcionais às suas pretensões ou, pelo menos, à sua tradição nesta modalidade, ao conquistar com um inesperado quarto lugar.

Portanto, pode-se depreender que a experiência de determinados atletas participantes dos YOG-2018 foi mediada quase que exclusivamente pela programação esportiva destes Jogos, uma vez, que a sua participação na programação cultural e educacional foi limitada, quiçá, inexistente. Aliás, isto pode ser um indicativo do que poderia ser classificado como um conjunto de variáveis intervenientes: modalidade esportiva praticada pelo atleta, sua nacionalidade, nível ocupado no ranking mundial e a própria orientação da comissão técnica.

- Táticas de bricolagem

Enquanto a categoria acima compreendeu a dimensão ética nas práticas de desvio e/ou de resistência por parte de alguns atletas em relação à programação do CEP, a presente categoria analítica, por sua vez, expressa a dimensão estética na maneira como muitos deles escolhem as atividades do repertório disponível, segundo seus interesses próprios, isto é, em função do horizonte de seus gostos, necessidades e aspirações. Aqui, nota-se que não há uma relação fuga ou recusa das atividades ofertadas, mas, um consumo produtivo a partir de práticas que se revelam como uma espécie de *bricolagem*.

Apoiados em Certeau (1994), utilizamos essa expressão para nos referirmos ao cabedal de práticas construídas ou “fabricadas” por sujeitos considerados mais fracos, mas, ao mesmo tempo, capazes de articular criativamente um sem número de elementos fragmentados, desdobrando-se em algo novo, a partir da estética da recepção, ou mais precisamente, a partir da “arte de fazer”.

Isto posto, analisamos, aqui, um conjunto de práticas que se apresentam como táticas de *bricolagem*, a partir da relação estética entre o que é ofertado e o que é consumido, sobretudo, por estas sobrelevarem mais claramente diferentes maneiras destes atletas em ‘lidar com’ os bens e produtos culturais que foram estrategicamente ofertados no espaço da Vila, dentre os quais destacam-se: *Yogger*; *Performance Accelerator*; *Athlete 365*; e *Chat with Champions*.

Conforme assinalado anteriormente, observou-se no cotidiano da Vila que parte das interações entre os atletas de esportes e nacionalidades diferentes foram fruto do uso do *Yogger*. Assim, o primeiro aspecto desta categoria diz respeito aos diferentes usos que os jovens atletas fizeram deste dispositivo. Identificamos, por exemplo, que algumas destas interações foram não apenas iniciadas, como também continuadas por seu intermédio, com o

desenrolar de conversas – geralmente, em torno de seus respectivos esportes, como preparação, andamento da competição, etc. – que, por vezes, se prolongavam para além do próprio local do encontro.

A figura abaixo demonstra a socialização entre atletas de nacionalidades diferentes no jogo de pebolim<sup>75</sup>, a qual havia sido precedida pelo uso do *Yogger* nas proximidades deste espaço. Na ocasião, captamos uma comunicação entre eles, na qual um dos atletas argentinos sugeriu às demais atletas para jogarem juntos, dando continuidade para a referida interação.

**Figura 15** – Socialização entre atletas de nacionalidades diferentes no jogo de pebolim.



Fonte: O autor.

Ainda no que se refere ao exemplo e à imagem acima, é possível notar que uma das atletas (usando calça e uniforme da seleção argentina com detalhes em azul) estava com uma tala de proteção na perna direita, normalmente utilizada para imobilizar total ou parcialmente determinadas articulações. Talvez, isso pode ser um indício de que a mesma não tinha mais condições/preensões esportivas naquele megaevento, o que supostamente poderia tê-la deixado mais propícia para desfrutar de momentos como esse (à semelhança do que ocorre com aqueles atletas que finalizam o seu calendário de competições esportivas); ou, talvez, pode ser apenas um cuidado extra para que a mesma volte a competir neste mesmo megaevento. De todo modo, importa-nos destacar o fato de os referidos atletas estarem notadamente compartilhando um momento de socialização, a qual foi engendrada a partir do uso do *Yogger*.

<sup>75</sup> A expressão originalmente utilizada por ele foi “metegol”, forma como este jogo é conhecido em seu país.

Segundo sugerido por parte da literatura internacional, uma das principais razões relatadas pelos jovens atletas que apreciaram o *Yogger*, em diferentes edições dos YOG, foi justamente a capacidade deste dispositivo em facilitar o estabelecimento do primeiro contato entre eles, funcionando, portanto, como uma espécie de “quebra-gelo”, capaz de deixá-los mais à vontade para conversarem (PARENT; KRISTIENSEN; MACINTOSH, 2014; PETERS; SCHNITZER, 2015; KRIEGER; KRISTIENSEN, 2016; MACINTOSH; PARENT; CULVER, 2019).

Em contrapartida, por mais que o *Yogger* tenha sido notadamente utilizado por alguns atletas – tal como exemplificado acima – como um elemento capaz de engendrar o compartilhamento de experiências integradoras e socializadoras, cumpre-nos acrescentar que nós também identificamos algumas situações cotidianas no espaço da YOY que, em alguma medida, destoam destes achados, as quais parecem enveredar-se na contramão das interações comunicativas mais prolongadas por meio do referido dispositivo.

No bojo dessa pluralidade, acentua-se a identificação da troca de dados digitais entre alguns atletas (de diferentes nacionalidades), seguida por uma nítida e imediata indiferença dos mesmos. Ora, situações desse tipo, por exemplo, permitem-nos relativizar a natureza e pertinência do primeiro contato estabelecido, cuja ideia central (e estratégica) é encetar uma conversa inicial e não apenas promover a mera junção de dispositivos, a partir da qual cada atleta simplesmente seguia para o seu lado, sem qualquer indício de uma interação mais profícua.

Nesse sentido, apesar de reconhecermos que estes mesmos atletas podem eventual e futuramente vir a trocar mensagens – em especial, por meio das redes sociais –, compreendemos que eles também podem manter a suposta relação estabelecida entre eles da mesma forma em que foi iniciada: sem verbalizar uma única palavra. Para ilustrar esse tipo de relação, tomamos nota do momento em que duas atletas da Croácia se aproximaram de uma atleta da Coreia do Norte que estava sentada (e desacompanhada) em um dos bancos espalhados pela YOY, limitando-se a apontar para os seus próprios dispositivos, ao passo que a norte-coreana (demonstrando ter entendido a mensagem), sacou o seu dispositivo do bolso e efetuou a permuta de dados, atendendo ao desejo das croatas, as quais imediatamente optaram por bater em retirada.

De fato, consideramos ser perfeitamente razoável que a barreira linguística tenha representado um entrave na comunicação entre as atletas acima identificadas. Entretanto,

verificamos a ocorrência de casos semelhantes no interior da YOY, em que alguns atletas simplesmente transitavam por este espaço com o referido dispositivo estendido a sua frente, efetuando a troca de dados com os atletas que encontravam no caminho (envolvendo àqueles do mesmo continente e, inclusive, da mesma língua oficial, como por exemplo, estadunidenses e canadenses; colombianos e chilenos). Consideramos que estes exemplos configuram-se como relações intersubjetivas e, ao mesmo tempo, superficiais, haja vista que são compostas geralmente por uma troca de olhares e por pouquíssimas palavras – acompanhadas algumas vezes por um sorriso e, raríssimas vezes, por um aperto de mão – seguindo-se, obviamente pela junção mencionada (e imediata) do dispositivo eletrônico. Observe-se, portanto, que essa notável ruptura na relação que acabara de ser estabelecida por meio do *Yogger* difere diametralmente do caso do pebolim, outrora mencionado.

De forma sintomática, tais ações deliberadas dos respectivos sujeitos nos remetem para o caráter funcional inerente à interação superficialmente estabelecida entre eles, a qual parece pautar-se tão somente na possibilidade que lhes foi concedida de somar mais pontos a cada nova junção com outro dispositivo e, conseqüentemente, trocá-los por brindes personalizados com o logo deste megaevento. Ou seja, temos aqui um movimento da ação tática de *bricolagem*, capaz de jogar dentro do campo adversário contra as suas respectivas configurações de poder, acessando determinados fragmentos dos bens e serviços que lhes são oferecidos para consumo (CERTEAU, 1994), representados, aqui, pelo referido uso que alguns atletas fizeram do *yogger*.

Com efeito, tais situações destoantes no que se refere aos diferentes usos deste dispositivo, colocam em evidência os movimentos plurais, ambíguos e contraditórios no cotidiano da YOY, visto que este não é um espaço composto por operações ou esquemas de ações previamente determinadas. Afinal, conforme sinalizado por Michel de Certeau (1994), é a relação socialmente estabelecida que determina seus termos, de modo que cada individualidade pode comportar uma pluralidade (por vezes contraditória) de suas determinações relacionais. Ou seja, os processos de organização e de controle – expressando um lugar de poder – não são irremediavelmente capazes de paralisar os movimentos humanos de produção e inventividade, permitindo-nos “[...] acreditar na *liberdade gazeteira das práticas*” (CERTEAU, 1994, p. 18), por mais que estas sejam sutis e silenciosas.

O segundo aspecto, por sua vez, faz referência à opção que os jovens atletas fizeram pelo consumo das atividades ofertadas no estande *Performance Accelerator*, embora estas

tenham destoado um pouco da perspectiva cultural e educacional do CEP (ou talvez, exatamente por isso). Conforme salientado outrora, não sentimos por parte dos nossos interlocutores uma espécie de sinalização tacitamente favorável para observarmos frequentemente o seu cotidiano – tal como fazíamos nas demais localidades. Isto nos limitou a tomar nota do que foi observado em uma única visita exploratória, na qual identificamos uma atleta chinesa e dois atletas australianos bastante concentrados na realização dos seus testes personalizados, com nenhuma interação estabelecida ou fomentada entre eles.

Não obstante, se por um lado nos defrontamos com o impeditivo de observarmos maiores detalhes de tais práticas no interior deste espaço, por outro, vale a pena acrescentar que identificamos, no seu derredor, um frequente movimento de entrada e saída dos atletas de diferentes CONs, os quais aparentavam curiosidade, interesse e/ou entusiasmo com a possibilidade de otimizarem suas performances corporais e, conseqüentemente, esportivas. Aliás, nesse movimento, não foram raras as vezes em que identificamos o acompanhamento dos seus respectivos treinadores, denotando a sua anuência, quiçá, sua orientação, tal como supomos ter acontecido com dois atletas egípcios, por exemplo. Afinal, embora não tenha sido possível captar a enunciação estabelecida entre eles – em virtude da barreira linguística –, observamos que, antes de adentrarem naquele local com o seu treinador, este proferiu algumas palavras e, logo em seguida, apontou em direção ao referido estande, para o qual todos se encaminharam de forma entusiasmada.

Sintomaticamente, nota-se que a procura dos jovens atletas por aquilo que lhes foi colocado para consumo no *Performance Accelerator* – o que, de alguma maneira, também se repete nos outros dois aspectos descritos em seguida – parece ser consonante não apenas com a rotina destes sujeitos, mas, com a própria construção da sua identidade<sup>76</sup> atlética, apontando, neste caso, para aquilo que pode ser considerado como um dos traços mais fortes que eles imprimem em sua bricolagem. Ou seja, trata-se da sua inventividade anônima, astuciosa, criativa e quase invisível para fazer uma síntese dos fragmentos atinentes aos produtos ofertados, baseando-se, para tanto, no seu próprio arranjo de gostos, interesses e regras (CERTEAU, 1994).

<sup>76</sup> Com base no sociólogo britânico-jamaicano Stuart Hall (2000), a noção de identidade pode ser entendida a partir do advento da pós-modernidade, isto é, como identidades abertas, fluidas, contraditórias, inacabadas [e por que não ambivalentes?]. Nesse sentido, ela pode ser construída continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos diferentes sistemas culturais que nos cercam.

Nesse sentido, vale a pena fazer menção à investigação produzida por Valle (2003), a qual se propôs a investigar como a prática do esporte de alto rendimento impacta na identidade do jovem atleta, identificando que a sua rotina diferencia-se do que se espera de outros jovens da mesma idade, pois a sua condição de atleta requer a adequação a uma série de padrões de treinamento, de dieta, de cobranças, dentre outras coisas. Destarte, seu corpo é constantemente regido por um controle de qualidade destinado para lidar com o elevado nível de competitividade que lhe é exigido. Tais condicionantes reverberam no seu processo de construção identitária, o qual acaba associando-se ao caráter de heróico, saudável, belo e vencedor, cuja otimização da performance o ajuda a vencer os desafios do cenário esportivo (VALLE, 2003).

Na esteira da discussão que envolve o seu círculo esportivo, o terceiro aspecto compreende a participação dos jovens atletas nas atividades colocadas para consumo nas seções ‘*Olympic Solidarity*’ e ‘*Career+*’, ambas correlatas ao estande do “*Athlete 365*”, conforme retratado na Figura 16. Em nossas observações, constatamos que estas apresentam alguns elementos em comum que ajudam a justificar a opção bricoladora por parte dos jovens atletas ao consumi-las. Aqui, ressalta-se a interatividade proporcionada pelo jogo de *Snookball* e pelos jogos e aplicativos virtuais, bem como, em especial, a possibilidade que estes sujeitos encontraram para capitalizar informações que fossem úteis para o bom seguimento das suas carreiras enquanto atleta de elite e também para as suas carreiras pós-atléticas, respectivamente.

**Figura 16** – Participação dos jovens atletas nas seções *Olympic Solidarity* e *Career+* do “*Athlete 365*”.



Fonte: O autor.

Em contrapartida, a Figura acima nos dá indícios sobre o que pode ser a diferença mais representativa acerca dos usos que os referidos sujeitos fizeram das atividades ofertadas nas seções *Olympic Solidarity* (à esquerda) e *Career+* (à direita). Trata-se do processo de socialização entre eles, o qual é nítido na primeira (com a participação conjunta dos atletas de diferentes nacionalidades), e negligenciado na segunda, com exceção dos momentos em que os próprios atletas (da mesma nacionalidade) tinham a iniciativa de compartilhar os seus respectivos resultados. Captamos, por exemplo, uma comunicação interativa entre atletas equatorianos, na qual um deles protagonizou a seguinte enunciação: “*Já terminei. Creio que vou ser um homem de negócios*”<sup>77</sup> (risos).

Sintomaticamente, apesar de ter sido empregada em tom de galhofa, tal enunciação (aliada à procura dos jovens atletas pela referida atividade/consultoria sobre sua carreira pós-atlética) pode trazer à tona uma preocupação comum aos atletas profissionais, inclusive, para os mais jovens. De acordo com Campos, Cappelle e Maciel (2017), a aposentadoria destes sujeitos ocorre por volta dos 40 anos de idade, período em que outros profissionais ainda são eminentemente produtivos, justificando tamanha preocupação. Além disso, os autores argumentam que tal problemática ainda pode ser agravada em decorrência da escassez de políticas públicas e de iniciativas privadas direcionadas para que os ex-atletas continuem inseridos no mercado de trabalho.

Por fim, o quarto aspecto, não menos importante, é representado pelas práticas de consumo empregadas pelos jovens atletas em relação ao “*Chat with Champions*”. E diferentemente dos outros três – cuja oferta era diária –, este aspecto, por sua vez, era pontualmente programado para ocorrer em apenas cinco dos 12 dias dos YOG-2018, conforme foi retratado na Figura 7. No entanto, um exemplo que nos parece representativo do seu uso foi rigorosamente em uma data que não constava previamente na referida programação (17/10/2018), indicando uma espécie de estratégia flexível (de improviso) por parte do BAYOGOC para aproveitar tal oportunidade.

Nesta ocasião, a “atleta-modelo” convidada para conversar com os jovens atletas na YOY foi a brasileira Marta, eleita seis vezes a melhor jogadora de Futebol do mundo (cinco de forma consecutiva) e contou, sobremaneira, com a participação dos atletas brasileiros (Figura 17), os quais estavam observando e escutando atentamente o compartilhamento de suas experiências.

<sup>77</sup> Tradução nossa.

**Figura 17** – Participação dos atletas brasileiros no *Chat with Champions*



Fonte: O autor.

De fato, nitidamente fascinados com a carreira de sucesso da referida atleta multacampeã no cenário esportivo, identificamos que alguns atletas mais curiosos se sentiram à vontade para elaborar perguntas a respeito da sua trajetória esportiva, incluindo como havia sido o início da sua carreira, os triunfos alcançados e as principais dificuldades enfrentadas por ela neste árduo e vitorioso percurso. Foram elaboradas, ainda, questões que giravam em torno do preconceito que a mesma precisou superar para ganhar a devida notoriedade em um esporte historicamente e hegemonicamente masculinizado<sup>78</sup>.

Segundo apontado por autores como Kristiansen (2013) e Peters e Schnitzer (2015), tais encontros com os atletas-modelo na YOV foram considerados pelos jovens atletas como sendo importantes para o seu desenvolvimento pessoal e para atenuar o aspecto competitivo dos YOG, uma vez que o foco não estava apenas no seu desempenho esportivo. Além disso, os atletas-modelo – também chamados de “estrelas” pelos sujeitos participantes – foram considerados por eles como a principal motivação para participarem de outras atividades do CEP (SCHNITZER et al., 2014).

<sup>78</sup> No que se refere às condições historicamente desiguais de acesso e participação das mulheres no cenário esportivo, vale a pena consultar os estudos de Goellner (2006) e de Martins e Reis (2018). No primeiro, a autora tece suas considerações a partir da análise da história das práticas corporais e esportivas no contexto nacional, focalizando o surgimento e a projeção de vários talentos esportivos femininos. Enquanto no segundo, as autoras concentram seus esforços na análise da questão de gênero relacionada ao futebol profissional espanhol, focalizando a marginalização feminina nesse contexto, cujas causas atravessam fatores como: ausência de uma liga profissional, falta de patrocínio e ausência de políticas públicas na promoção da urgente e necessária justiça social.

Não obstante, no caso do Bate-papo com a atleta Marta correlato aos YOG-2018, nos chamou a atenção a presença dos atletas brasileiros de Futsal, os quais – à semelhança do que havia ocorrido com as atletas portuguesas desta modalidade, por exemplo –, também não foram vistos frequentando quaisquer outros estandes e estações e, conseqüentemente, participando das suas respectivas atividades. Outrossim, isto nos permite inferir que os mesmos também fizeram uso de táticas de desvio e/ou resistência em relação às demais atividades ofertadas no cotidiano da YOY, aliando-as às táticas de bricolagem, cuja nacionalidade da referida atleta-modelo e/ou a proximidade da sua modalidade esportiva com o Futsal e/ou, ainda, a possibilidade de inspirar-se com a trajetória vitoriosa de uma grande vencedora em seu esporte podem ajudar a justificar tais movimentos astuciosos, incluindo, em especial, a participação seletiva, quiçá exclusiva, destes sujeitos no “*Chat with Champions*”.

Finalmente, destacamos nesta categoria que aquilo que poderia ser visto institucionalmente como um conjunto de estratégias bem-sucedidas devido ao consumo dos referidos objetos ofertados, parece-nos corresponder particularmente à dimensão estética inerente às “artes de fazer” dos respectivos sujeitos no cotidiano da YOY. Ou seja, trata-se das maneiras pelas quais eles decidiram utilizar os produtos ofertados por um lugar de poder, o qual pode ser representado pelo lugar próprio das esferas institucionais – com seus respectivos dispositivos estratégicos –, expressando a vitória do lugar sobre o tempo (CERTEAU, 1994).

Destarte, pode-se conjecturar que, embora as práticas bricoladoras observadas sejam correlatas ao plano tático – espaço de apropriação –, em algumas situações, estas também podem assumir nuances estratégicas, como em alguns casos acima identificados, na medida em que atravessam não apenas a legitimação de determinadas atividades ofertadas pelo CEP, mas a aparente busca, por parte dos jovens atletas de elite, pela ocupação de um lugar próprio, intentando tomá-lo para si ao consumir e manipular a parte da referida programação que fosse capaz de atender ao que eles pareciam buscar naquele espaço.

### 3.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Munidos com as lentes da teoria certauniana, foi possível captar na YOY um ambiente deveras intercultural, cujo cotidiano enseja uma pluralidade de práticas tanto no plano estratégico, a partir da composição da sua estrutura e das atividades ofertadas pelo CEP, quanto no plano tático, a partir dos usos e apropriações diferenciados dos jovens atletas.

No que se refere ao plano estratégico de um lugar relativamente controlado, nós identificamos diferentes iniciativas institucionais – seja como forma de coerção ou, mais recorrentemente, de persuasão – destinadas para engendrar múltiplos encontros e interações entre os jovens atletas de diferentes culturas, tanto por meio de uma determinada organização estrutural, quanto por meio de grande parte da sua programação de atividades culturais e educacionais. A respeito da oferta destas últimas, os resultados demonstram que a racionalização estratégica do COI – por intermédio do BAYOGOC/CEP – lança mão de aspectos como ludicidade, interatividade e tecnologia para despertar a atenção, o interesse e a participação dos jovens atletas nas mesmas e, consoante aos seus interesses institucionais, para fomentar uma espécie de ‘educação em valores olímpicos’, endossando o seu lugar de poder.

No que diz respeito ao plano tático, por sua vez, as análises produzidas indicam um conjunto de práticas astuciosas dos jovens atletas na posição de consumidores/usuários/praticantes, ratificando que não houve por parte deles uma relação de passividade, mas, de “produtividade”. Tais práticas foram focalizadas a partir de dois tipos. As táticas de desvio e/ou resistência indicam um certo caráter de renúncia destes sujeitos em relação aos possíveis e diversificados benefícios ofertados pelo plano estratégico (incluindo diferentes brindes de participação), a fim de lograrem outras possibilidades de ganho não compatíveis com a ordem estabelecida pela racionalidade técnica. As táticas de bricolagem, por sua vez, evidenciaram as maneiras singulares de apropriação das informações que lhes foram distribuídas e dos objetos que lhes foram entregues por um lugar de poder, baseando-se, para tanto, em seus interesses próprios, isto é, nos aspectos associados especialmente ao seu círculo esportivo de alto rendimento: financiamento olímpico, carreira futura, relação com as mídias, performance corporal e bate-papo com os campeões.

Em contas finais, as práticas dos jovens atletas participantes dos YOG-2018 no cotidiano da YOY nos remetem para uma rede de operações táticas de um não lugar, cuja produção de sentidos transcendia as questões culturais e educacionais. Tais sentidos associaram-se, sobretudo, ao seu próprio crescimento profissional e, desta forma, suas práticas de espaço também podem assumir nuances estratégicas, postulando a ocupação de um lugar próprio e a afirmação da sua identidade enquanto atleta de alto rendimento, evidenciando, portanto, uma relação de interdependência e competição entre as práticas estratégicas (ordenadas de organização) e as práticas táticas (poéticas de apropriação).

## CAPÍTULO IV

### ENTRE AS ATIVIDADES PROMOVIDAS E O CONSUMO PRODUTIVO: ANÁLISE DOS DISCURSOS DOS JOVENS ATLETAS NOS YOG-2018

*Por vezes, a vida quotidiana navega por si mesma, a olho nu, sem bússola. Neste vagabundeio, a vida quotidiana é também o espaço do ingovernável - de onde pode surgir o imprevisível, o aleatório, o imprevisto.*

*(JOSÉ MACHADO PAIS)*

#### 4.1 INTRODUÇÃO

As análises realizadas no capítulo anterior focalizaram as práticas espontâneas dos jovens atletas no cotidiano da YOV, as quais apontaram para o caminho da “produtividade” e não da “passividade” na relação com as atividades culturais e educacionais que lhes foram ofertadas, com a conseqüente produção de sentidos voltados, em especial, para a afirmação da sua identidade enquanto atletas de elite.

Ora, o processo de afirmação da identidade implica demarcar “o que somos” e, conseqüentemente, “o que não somos”, seja enquanto indivíduos ou enquanto membros de um grupo. Com efeito, considera-se que isto pode ser bastante significativo entre os jovens, por exemplo, haja vista que estes têm sido expostos, histórica e socialmente, aos discursos dominantes que lhes outorgam um vazio de poder, o que, por ventura, acaba levando-os a se entregarem a atividades que lhes deem alguma visibilidade, como o envolvimento com condutas de risco (PAIS; CABRAL, 2004), ou, no caso da população deste estudo, como a prática do esporte de alto rendimento.

Conforme aludido anteriormente, embora possuam características comuns e/ou similares (como o notável interesse pelas tecnologias digitais), os jovens atletas de elite têm (ou necessitam de) um projeto de vida e de carreira, cuja rotina diferenciada de treinos, de dieta, de sono, etc. os diferem em grande medida de outros jovens. Nesse sentido, Pais (1990) adverte-

nos que a juventude não pode ser considerada apenas sob um prisma homogêneo, isto é, como uma categoria etária ou biológica, situada em um campo semântico que a toma como unidade, mas, precisa ser considerada sob a ótica de um campo semântico que a toma como diversidade.

Ainda de acordo com Pais (1990), diante da heterogeneidade de juventudes, torna-se imperioso investigar as relações estabelecidas por determinados grupos de jovens em um contexto histórico, cultural e temporal específico. Este é caracterizado nos limites desta pesquisa pelos YOG-2018, cujos intentos – segundo mencionado anteriormente – perpassam não apenas pela promoção de uma programação esportiva, mas, pela oferta de uma programação cultural e educacional capaz de fomentar aspectos conectados à ideia de espírito olímpico, tais como: solidariedade, entendimento e respeito mútuos, construção de amizades, etc., – atravessando, desta forma, a cerimônia de abertura destes Jogos e, em especial, o espaço da YOY.

Não obstante, tanto a literatura científica examinada (no Capítulo II), quanto a observação direta operacionalizada (no Capítulo III), demonstram que há, de fato, um certo descompasso entre as pretensões estratégicas correlatas às atividades ofertadas pelo CEP e as consequentes “maneiras de fazer” (CERTEAU, 1994), materializadas nas práticas táticas dos jovens atletas na relação com tais atividades culturais e educacionais.

Consideramos, pois, que esta relação necessita ser melhor explorada, partindo-se, desta vez, da perspectiva dos próprios atletas, reconhecendo que os discursos produzidos a partir da sua experiência criativa e/ou de resistência como “praticantes do cotidiano” (CERTEAU, 1994) deve assumir um papel de primeira grandeza na compreensão do lugar ocupado por eles em relação à oferta de artefatos temporal e espacialmente localizados, com a consequente possibilidade de ressignificá-los.

Para tanto, vale a pena destacar que a nossa intenção não perpassa pela ideia de dar voz a estes atores sociais, em decorrência de dois motivos centrais: primeiro, porque isto eles já têm, posto que o referido megaevento é destinado para eles; segundo, e não menos importante, pela cautela de não nos considerarmos detentores do poder de fala, impossibilitando-nos a atitude de concedê-la a alguém. Nossos intentos, portanto, enredam-se em uma tentativa de dar aos respectivos atletas – praticantes do espaço – uma escuta ativa e atenta.

Diante do exposto, buscamos analisar, neste capítulo, os discursos produzidos pelos jovens atletas de forma guiada e intencional no que tange à sua experiência de participação

nos YOG-2018. Assim, considerando o entendimento ceriteuniano, de que as ‘maneiras de falar’ oferecem figuras típicas para a análise das ‘maneiras de fazer’ (CERTEAU, 1994), nós objetivamos, neste Capítulo, compreender novas pistas sobre as suas práticas, ou nos termos etnometodológicos, sobre os métodos cotidianos/etnométodos (COULON, 1995) empregados por eles na relação com as atividades e bens culturais que lhes foram ofertados no contexto investigado e as suas consequentes formas de apropriação e construção de sentidos.

## 4.2 CAMINHAR METODOLÓGICO

Em consonância com as particularidades do nosso objeto de estudo, a decisão sobre o caminhar da presente pesquisa apontou para uma abordagem de natureza qualitativa, cujo interesse perpassa pelos sentidos construídos por sujeitos situados em um determinado espaçotempo, manifestando-se, portanto, na concretude de uma rede complexa de intersubjetividades, interações e interconhecimentos (CHAUVIN; JOUNIN, 2015). Assim, compreende-se que tal abordagem conflui para a compreensão da complexidade do cotidiano, o qual é instituído a partir de múltiplas redes de relações – por vezes conflituosas e/ou competitivas – entre os sujeitos da ordem social dominante e os sujeitos fracos, ordinários e criativos (CERTEAU, 1994).

Isto posto, como referência metodológica, estruturamos este estudo por meio de uma etnometodologia (GARFINKEL, 1992; COULON, 1995; SILVA; VOTRE, 2012), centrada na dinâmica do cotidiano dos YOG-2018, especialmente, no que se refere ao espaço da YOV. Com base na perspectiva etnometodológica, “[...] a interpretação sociológica erudita não deve servir de pretexto para a destruição da informação contextual inicial e indicial produzida pelos atores sociais no cotidiano de suas ações” (SILVA, 2012, p. 193). Isto posto, nosso foco de interesse perpassa pela maneira como os jovens atletas de elite se servem da produção discursiva para determinar a posição de suas experiências na relação com os bens culturais que lhes foram ofertados na YOV, incluindo, ainda, àqueles provenientes da cerimônia de abertura deste megaevento.

Com isso, nós optamos por dar uma centralidade, aqui, para as produções discursivas provenientes de entrevistas guiadas realizadas com os respectivos atores sociais – no horizonte das suas experiências em um dado contexto. De acordo com Richardson (2015), o termo “*entrevista*” é formado pela junção de duas palavras: *entre* e *vista*. A primeira, indica a

relação entre duas pessoas ou coisas. A segunda, refere-se ao ato de ver e focar algo. Portanto, no seu entender, refere-se ao ato de perceber realizado entre duas (ou mais) pessoas.

No caso da entrevista realizada de forma guiada, particularmente, recomenda-se que o pesquisador atue como uma espécie de "guia" para o entrevistado, apresentando-lhe de forma paulatina um conjunto de temas a serem tratados no decorrer da entrevista. Ou seja, neste formato, não se pretende estabelecer uma relação estruturada de perguntas e respostas, mas, antes disso, um processo interativo, capaz de conferir ao entrevistador e ao entrevistado, a possibilidade de formular algumas questões e explorá-las durante este processo e a possibilidade de relatar<sup>79</sup> livremente sobre os temas propostos na interação, respectivamente (RICHARDSON, 2015). Tais possibilidades encaminham-se, no caso deste estudo, para o aprofundamento dos principais aspectos culturais e educacionais atinentes à sua participação nos YOG-2018.

Nesse sentido, à semelhança do que se postula na condução de um grupo focal, por exemplo, a opção por trabalharmos com esse tipo de entrevista justifica-se pela possibilidade de angariar um conjunto de informações produzidas no processo interativo (ideias, crenças, opiniões, interesses, percepções, sentimentos, atitudes e valores).

Com efeito, nas entrevistas guiadas também se faz mister criar as melhores condições para que os sujeitos se situem a respeito do foco de interesse da pesquisa e se sintam à vontade para poder explicitar pontos de vista, ponderar, fazer críticas e expor situações positivas e/ou negativas, abrindo perspectivas diante da problemática para o qual foi convidado a conversar, seja individual ou coletivamente<sup>80</sup>.

Conforme mencionado no Capítulo anterior, os atletas comumente transitavam na YOV de forma agrupada (sobretudo, em duplas ou em trios). Desta forma, a composição da entrevista (de forma individual ou coletiva) dependia sobremaneira da disponibilidade acenada pelos mesmos após o convite realizado na referida abordagem. Vale ressaltar que, em alguns poucos casos, os atletas estavam acompanhados também por seus treinadores. Porém, no momento da entrevista, estes não fizeram nenhum tipo de interferência e até buscaram manter

<sup>79</sup> De acordo com Certeau (1994, p. 203): “Os relatos efetuam, portanto, um trabalho que, incessantemente, transforma lugares em espaços ou espaços em lugares. Organizam também os jogos das relações mutáveis que uns mantêm com os outros”

<sup>80</sup> Sintomaticamente, nota-se que, em alguma medida, as entrevistas guiadas podem assumir características de grupos focais, os quais, são utilizados para investigarmos, por meio de reflexões compartilhadas, como o conhecimento, as ideias, os relatos, as percepções e os intercâmbios linguísticos operam em um determinado contexto cultural (BARBOUR; KITZINGER, 1999).

uma certa distância destes atletas, conferindo-lhes a devida autonomia para comentarem os temas propostos.

Em síntese, foram elaborados dois roteiros diferenciados de conversação, os quais serviram para a realização das entrevistas guiadas (individuais ou coletivas), na tentativa de mapear os sentidos construídos por estes sujeitos a partir do que foi experienciado e praticado por eles.

O primeiro roteiro foi operacionalizado nos primeiros dias dos YOG, antes de logarmos o acesso à YOY. Assim, as entrevistas foram realizadas nos próprios locais dos Jogos, enquanto os jovens atletas aguardavam as suas competições nas áreas livres ou nas arquibancadas, bem como na recepção da YOY (Figura 18) – onde foram instalados um conjunto de sofás e almofadas gigantes para acomodar atletas, pessoas da imprensa e demais visitantes –, enquanto eles aguardavam outros membros da comissão técnica e/ou outros jogadores para se dirigirem aos respectivos locais de competição, bem como no momento em que retornavam dos mesmos.

**Figura 18** – Recepção da YOY



Fonte: O autor.

O tema principal deste primeiro roteiro girava em torno das suas primeiras experiências naquele ambiente olímpico, focalizando diferentes aspectos da sua participação na cerimônia de abertura, incluindo os sentidos e significados que os jovens atletas atribuem aos YOG, em geral, e a esta cerimônia, em particular, com destaque para a sua apropriação acerca dos rituais olímpicos protocolares (momento do juramento, hasteamento da bandeira e acendimento da Pira Olímpica), bem como a entrada conjunta de todos os atletas.

Já o segundo roteiro foi operacionalizado basicamente a partir da segunda metade destes Jogos. Para tanto, nos valem do difícil e frutífero acesso à YOY – concedido pelo BAYOGOC, entre os dias 13 e 17 de outubro – para alargar as possibilidades de entrevistar os jovens atletas de elite diretamente no local aonde as atividades culturais e educacionais foram ofertadas. Neste processo interativo, foi oportuno utilizarmos, em alguns casos, os sofás adaptados que haviam sido montados na YOY justamente para favorecer as interações entre os jovens atletas e/ou para concederem entrevistas para a imprensa.

Com efeito, o tema principal do segundo roteiro, por sua vez, girava em torno das experiências dos jovens atletas nos YOG-2018 e, em especial, no cotidiano da YOY, focalizando diferentes aspectos da sua participação nas atividades culturais e educacionais que lhes foram ofertadas, com destaque para as suas expectativas iniciais, os seus gostos e interesses, as finalidades das mesmas, as principais aprendizagens, os principais significados atribuídos e o convívio geral com os atletas de outros países.

Em consonância com o nosso referencial teórico-metodológico, a escolha do número de sujeitos que compuseram o quadro das entrevistas guiadas não buscou atender critérios de amostragem probabilística. Deu-se, pois, de forma intencional e por conveniência, ao optarmos por abordar os jovens atletas olímpicos que estavam transitando entre as atividades culturais e educacionais oferecidas na YOY ou, mais especificamente, no intervalo de participação entre uma e outra, a fim de não afetar a naturalidade destas circunstâncias práticas. Esta forma de abordagem representou, inclusive, um dos nossos principais critérios de inclusão, seguido por questões como acessibilidade e disponibilidade dos mesmos em participar desta pesquisa durante a nossa permanência no campo.

Além disso, em decorrência de uma lacuna identificada na literatura científica – tal como apontado no capítulo II desta Tese –, optamos por focalizar os atletas sul-americanos neste estudo, levando-nos a adotar como critério de exclusão àqueles que não apresentavam nacionalidade congruente com tal opção. Aliás, cumpre-nos acrescentar que esta medida também foi oportuna no sentido de minimizar a influência das barreiras linguísticas na necessária interação desenvolvida com respectivos atletas entrevistados, haja vista o nosso maior domínio dos idiomas Português e Espanhol.

Portanto, ratificamos, aqui, que o nosso desenho metodológico não buscou atender a uma amostragem representativa no sentido estatístico, mas, uma espécie de ‘amostragem teórica’ (BARBOT, 2015), visando a identificação, exploração e análise de dados centrados ao

redor de um determinado grupo de atletas, os quais compõem (e constroem) uma determinada trama cotidiana, permitindo-nos, desta maneira, compreendê-los no contexto específico de sua produção à luz da teoria por nós mobilizada.

Assim, conforme demonstrado no Quadro 4, compuseram a conjunção de entrevistas guiadas da presente investigação um total de 25 jovens atletas sul-americanos de ambos os sexos, pertencentes a 7 países diferentes e que competiram em uma das seguintes modalidades esportivas<sup>81</sup>: Atletismo, Basquete 3x3, Futsal, Ginástica Artística, Caratê, Judô, Levantamento de Peso, Luta Olímpica, Vela e Vôlei de Praia.

**Quadro 4** – Composição das entrevistas guiadas

País	Sexo		Modalidade esportiva		Sujeitos envolvidos		TOTAL
	Masculino	Feminino	Individual	Coletiva	Primeiro Roteiro	Segundo Roteiro	
Argentina	3	3	6	-	2	4	6
Bolívia	-	4	-	4	2	2	4
Brasil	5	2	2	5	3	4	7
Chile	-	2	2	-	2	-	2
Equador	-	2	2	-	-	2	2
Uruguai	-	1	1	-	-	1	1
Venezuela	2	1	3	-	1	2	3
TOTAL	10	15	16	9	10	15	25

Fonte: O autor.

Com base nas características descritas no Quadro acima, vale a pena comentar que não partimos da premissa de tentar igualar a quantidade dos sexos feminino e masculino na população deste estudo, pois, embora consideremos a igualdade de gênero no esporte como uma vertente importante de pesquisa, a presente Tese não objetiva debruçar-se sobre ela. Ademais, acrescenta-se que estudos anteriores realizados com atletas olímpicos (TAVARES, 1998; 2003), não encontraram diferenças significativas nas respostas deste público-alvo em relação à valores e atitudes em decorrência do sexo, o que nos deu subsídios para a decisão

<sup>81</sup> Não houve, da nossa parte, uma escolha intencional por estas modalidades e não por outras. Esta questão atravessou um caráter arbitrário, articulado, por sua vez, com os critérios de inclusão e exclusão anteriormente mencionados.

metodológica adotada. Em todo caso, em ambos os roteiros elaborados, a diversidade em relação ao sexo dos sujeitos entrevistados esteve contemplada.

Conforme sugerido por Barbot (2015) e Richardson (2015), ao abordar os sujeitos deste estudo, nos certificamos de fazer uma breve autoapresentação, seguida pela apresentação do nosso objeto de estudo, visando lograr seus respectivos consentimentos. Assim, explicamos alguns aspectos operacionais relevantes para todos os entrevistados, como por exemplo, o fato de as entrevistas não se constituírem em uma espécie de teste de conhecimentos, de modo que não haviam respostas certas ou erradas para nenhum dos temas a serem discutidos; afinal, o nosso objetivo era tão somente compreendê-los a partir das suas próprias perspectivas, isto é, com base no que eles haviam praticado naquele espaço. Ainda assim, buscamos informá-los que se considerassem qualquer um dos assuntos em pauta sem sentido, difícil ou delicado, eles poderiam pedir maiores esclarecimentos, quiçá, recusar-se a respondê-los e/ou comentá-los.

Além disso, asseguramos aos jovens atletas que eles seriam identificados no presente estudo apenas por suas respectivas nacionalidades, garantindo-lhes, desta forma, o devido anonimato, tal como o sigilo das suas respostas, visto que estas seriam utilizadas unicamente para fins de pesquisa. Assim, com a devida autorização dos referidos sujeitos, todos os discursos produzidos nas entrevistas guiadas foram registrados em áudio, a fim de serem posteriormente transcritos.

Com efeito, recomenda-se que o pesquisador organize/negocie as entrevistas com os sujeitos pesquisados tomando por base uma gestão de tempo limitado, preferencialmente, realizando-as no espaço de um único encontro (BARBOT, 2015). Em virtude do perfil do nosso público-alvo e do ambiente em que os entrevistamos, por exemplo, nos comprometemos a não delongar este processo. Em síntese, a duração das entrevistas não excedeu o tempo de 15 minutos no primeiro roteiro e 20 minutos no segundo, cujas produções discursivas foram transcritas na íntegra<sup>82</sup>, o que nos possibilitou fazer uma melhor exploração do material, perpassando por uma leitura flutuante/exploratória e seguindo-se por uma leitura exaustiva de todo o conteúdo (RICHARDSON, 2015), visando a identificação e a consequente extração das principais características indiciais contidas ali.

Destarte, para subsidiar as análises e a interpretação do material empírico produzido, apoiamo-nos na teoria do cotidiano de Michel de Certeau e recorreremos aos conceitos-chave

<sup>82</sup> Em vista da importância deste processo de transcrição (e/ou tradução), contamos com a colaboração de uma especialista na língua espanhola, aumentando a sua precisão e, conseqüentemente, a confiabilidade dos dados produzidos.

etnometodológicos de “indicialidade”, “relatabilidade” e “noção de membro”, sistematizados pelo sociólogo francês Alain Coulon, na tentativa de compreender os sentidos produzidos pelos jovens atletas sul-americanos a partir da sua experiência de participação na trama cotidiana dos YOG-2018.

A indicialidade é representada por uma “margem de incompletude” das palavras, de tal modo que estas só fazem sentido em uma perspectiva microssocial, despida de uma generalização possível. Ou seja, os termos indiciais são próprios de determinado grupo e, por isso, só podem ser compreendidos em circunstâncias contextuais e particulares da sua produção, o que, por sua vez, não esgota a integralidade do seu sentido potencial, pois os discursos não são compostos por uma homogeneidade semântica das palavras (COULON, 1995). Assim, conforme sugerido por Guesser (2003), tais expressões podem comunicar um conjunto de ideias e conteúdos já subentendidos ou já referidos, que podem ser deduzidos no contexto da interação, sem a necessidade de uma explanação verbal pormenorizada.

Já a relatabilidade, refere-se às maneiras como as cenas cotidianas são descritas pelos atores sociais, tornando a realidade que produziram e experienciaram algo compreensível, compartilhável, analisável, relatável. Deste modo, os movimentos cotidianos são dotados de sentido e significado por meio da linguagem em uso, isto é, através dos processos pelos quais são relatados pelos respectivos sujeitos (COULON, 1995).

Por fim, a noção de membro não se esgota na ideia de pertencer socialmente a um determinado grupo, mas, de dominar e compartilhar uma linguagem comum. Desta forma, um membro deve ser entendido como “[...] alguém que, tendo incorporado os etnométodos de um grupo social considerado, exhibe ‘naturalmente’ a competência social que o agrega a esse grupo e lhe permite fazer-se reconhecer e aceitar” (COULON, 1995, p. 48).

#### 4.3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

No processo analítico, buscamos mapear os termos indiciais (ideias, palavras, expressões) que emergiram com maior proeminência no tratamento dos dados produzidos a partir das entrevistas guiadas – incluindo os dois roteiros utilizados –, cujos sentidos e significados dependem sobremaneira do conhecimento prévio a respeito do contexto local em que os referidos termos foram produzidos.

Em face do exposto, ressalta-se que o ensejo de observarmos *in loco* a cerimônia de abertura e, em especial, o conjunto de atividades consumidas por estes sujeitos no cotidiano da YOY, foram imprescindíveis para acumularmos uma rede de conhecimentos das circunstâncias práticas correlatas ao uso destes termos indiciais (e contextuais), possibilitando-nos compreendê-los para além do seu sentido estritamente semântico.

#### 4.3.1 Termo indicial 1: “é a primeira vez, né?”

Iniciamos o processo interativo guiando nossos entrevistados com o “disparo” de uma temática referente ao significado dos JO para eles. Em meio à complexidade ali imbricada, emergiram diferentes relatos, com destaque para a seguinte expressão: “é a primeira vez, né?”. Ela nos indica uma associação imediata feita pelos jovens atletas entre os tradicionais JO com os YOG que eles estavam participando, resultando na sua atribuição de significado, conforme exemplificado nos seguintes discursos:

**É a primeira vez, né?** É algo único que você tem que aproveitar (Argentina, grifo nosso).

É muito importante para um atleta, porque em geral, já que é sua primeira vez nos Jogos, então significa muito (Chile).

Ah! é uma coisa muito boa! Um atleta que vai jogar na Olimpíada ‘pow’, ainda mais da nossa idade (Brasil).

Inicialmente, cumpre-nos ressaltar que ao empregar o termo “Olimpíada” no excerto acima, o atleta brasileiro (tal como outros atletas no transcórre das entrevistas) estava fazendo menção aos JO ou, mais precisamente, aos YOG do qual eles estavam participando. Afinal, a rigor, baseado no que está prescrito na Carta Olímpica, a Olimpíada significa o período de quatro anos consecutivos entre as edições dos JO (COI, 1997), conforme ocorria desde a Antiguidade. Isso significa dizer que, apesar de ser contabilizado em referência aos JO, o mesmo período de uma Olimpíada comporta não apenas estes Jogos, como os Jogos Olímpicos de Inverno (dois anos depois) e as versões de Inverno e de Verão dos YOG (nos mesmos anos dos JO e dos Jogos Olímpicos de Inverno, respectivamente).

Ora, embora esteja voltada para os atletas jovens, a própria nomenclatura deste megaevento não os deixa mentir: de fato, eles estavam tendo uma experiência olímpica primeva, justificando o uso da referida expressão indicial, cuja natureza vai além da

informação que lhes é dada. Destarte, a expressão “é a primeira vez, né?” atravessa fatores contextuais, denotando um entendimento coletivo de uma significação atrelada ao caráter inaugural e à conseqüente intenção tacitamente compartilhada entre eles de repetir tal experiência na versão adulta e efetivamente profissional. Isso parece justificar-se, especialmente, em virtude do apelo simbólico da excelência que estes Jogos podem despertar nos respectivos atletas de elite, conforme ilustrado no relato abaixo:

Para mim, é como um prêmio, porque aqui [nos YOG] é onde estão os melhores em todas as modalidades. É como se já fôssemos privilegiados por estar aqui (Argentina).

De acordo com Tavares (1998; 2003), em comparação com outras competições esportivas, os JO [e, por extensão, os YOG] têm um caráter diferenciado e superior, em decorrência, por exemplo, desta ideia de reunir em um mesmo lugar os melhores atletas de diferentes modalidades (e localidades). Assim, a expressão indicial mencionada acima parece manifestar a ideia de existir um saber comum socialmente compartilhado entre os membros de um grupo específico (COULON, 1995), o qual é representado neste estudo por parte dos jovens atletas sul-americanos que participaram dos YOG-2018.

No desenrolar da interação com/entre os nossos entrevistados a respeito da mesma temática, percebe-se o entendimento destes sujeitos de que, eventualmente, tal experiência olímpica também pode ser a última como atleta de elite, em decorrência da incerteza e da angústia que os acomete sobre a continuidade de suas carreiras. Tal situação pode ser evidenciada nos seguintes discursos:

Para mim, estar nos JO [YOG] é algo... não sei, é uma coisa linda, é uma experiência única, que talvez não volte a acontecer e, não sei, é algo único (Argentina).

É uma experiência que vai marcar a minha vida, seguindo uma carreira profissional ou não no [seu esporte] (Brasil).

É uma grande oportunidade para ensinar-nos o que vai ser o futuro, se vamos a querer continuar neste esporte ou não, mudar o que vai ser nosso futuro (Bolívia).

Com efeito, relatos como esses nos levam a crer que tais Jogos podem impactar de forma crucial na identidade atlética destes sujeitos, representando eventualmente uma espécie de divisor de águas no seguimento da sua carreira esportiva. Conforme sugere Brandão et al. (2000), a identidade atlética expressa a forte e exclusiva identificação do indivíduo com o

esporte, de modo que a sua falta e/ou o seu decréscimo podem provocar o “*Drop-out*” prematuro, isto é, a desistência da referida carreira, antes mesmo que o atleta tenha alcançado o seu potencial máximo.

Com efeito, o dado supra corrobora com o estudo realizado por Peters e Schnitzer (2015), no qual foi constatado que a experiência de participação nos YOG de Inverno de Innsbruck 2012 representou majoritariamente para os atletas entrevistados um importante processo de aprendizagem a respeito das melhores formas de lidar com o sucesso e com as decepções, permitindo-lhes refletir sobre o que eles podem fazer para o esporte e sobre o que o esporte pode fazer por eles. Portanto, compreende-se que tal experiência pode ajudá-los a planejarem melhor o seu futuro, reavaliando seu potencial atlético e reconsiderando se, de fato, vale a pena dar seguimento às suas carreiras como atletas de elite (PETERS; SCHNITZER, 2015).

Em face do exposto, consideramos que seria temerário afirmar, por exemplo, que somente os jovens atletas que fossem medalhistas nestes Jogos seguiriam suas trajetórias no esporte de alto rendimento, tampouco que eles chegariam a disputar os JO convencionais. Afinal, embora façam parte do esporte de elite – dentro de suas respectivas categorias –, supomos que tais sujeitos naturalmente podem tomar parte dos megaeventos esportivos com graus variados de competitividade, resultante de uma determinada mediação das suas respectivas pretensões na esfera esportiva, tal como demonstrado no seguinte relato:

É, de todas até hoje na minha vida, essa [experiência] é a melhor de todas né? Jogos Olímpicos [YOG] é onde estão os melhores do mundo e graças a Deus competi antes de ontem e consegui sair com uma boa marca. Não foi a melhor marca da minha vida, mais cheguei entre os dez melhores da prova. E eu fiquei muito feliz com o meu resultado, e é isso cara (Brasil).

Nesse viés de raciocínio, não seria ilógico conjecturar que um medalhista de prata ou de bronze, por exemplo, pode, em alguma medida e sob determinadas condições, lamentar-se pelo fato de não conquistar o tão esperado ouro, enquanto outro atleta não medalhista – tal como o atleta brasileiro acima –, por sua vez, pode comemorar por lograr feitos esportivos que sejam considerados relevantes (excelentes?) para si. Aliás, vale a pena pontuarmos que isto não significa relegar ou desmerecer o valor de uma medalha olímpica, por exemplo, mas, apenas evidenciar que o fato de disputá-los (JO/YOG) já significa uma medida de excelência para os respectivos atletas, corroborando com o que foi identificado no estudo realizado por

Tavares (2003), ao entrevistar atletas alemães e brasileiros que participaram dos JO de Sydney em 2000.

Em linhas gerais, pode-se articular que um dos elementos estruturantes em relação à continuidade da carreira esportiva destes atletas jovens será a sua experiência de participação nos YOG-2018, a qual parece-nos ter como principal baliza um desempenho positivo/satisfatório nas suas respectivas competições esportivas, podendo encorajá-los ou fragilizá-los nesta empreitada. Decerto, também não podemos descartar a existência de inúmeras variáveis presentes no jogo – à semelhança do que ocorre na vida cotidiana – que direta ou indiretamente podem influenciar, quiçá, direcionar os caminhos delineados por eles e, conseqüentemente, os seus resultados alcançados.

Nesse sentido, tal como advertido por Bauman (2004), muitas pessoas são acometidas por situações dramáticas e angustiantes de incertezas, instabilidades e inseguranças contemporâneas, especialmente, no que se refere às suas perspectivas de futuro. E no caso dos jovens, particularmente, Pais (2001, p. 13) acrescenta:

Os seus futuros imaginados também se bifurcam na possibilidade de futuros que na realidade podem ou não vir a concretizar-se. Os seus horizontes de futuro são abertos, havendo um investimento forte em “futuros presentes” de tipo utópico, abertos às surpresas, aos imprevistos, às inovações.

Ora, a despeito deste ponto, é interessante observar que os jovens atletas de elite parecem estar diante de um paradoxo que transita entre, por um lado, encarar a sua inédita e irrepetível participação nos YOG-2018 como uma oportunidade para divertir-se, fazer contatos, conhecer novas culturas, construir amizades, por exemplo, tal como são estimulados pelo CEP destes Jogos; e, por outro, encará-la como uma vitrine propícia para ganhar visibilidade e notoriedade nas suas competições, utilizando este megaevento como uma oportunidade de amadurecer técnica e psicologicamente para se firmar nas suas respectivas modalidades esportivas, com a conseqüente (e iminente) participação nos JO, tal como já aconteceu com outros atletas, conforme descrevemos adiante.

#### **4.3.2 Termo indicial 2: “início de uma meta”**

Ao focalizarmos a temática da cerimônia de abertura nas entrevistas guiadas, identificamos que este momento parece significar um marco para os jovens atletas que

convivem com o paradoxo supramencionado, cujas produções discursivas sugerem um deslocamento entre tais eixos, conforme ilustrado a seguir:

Bom, significou o **início de uma meta**. Um sonho que nesse momento estava começando a cumprir-se (Venezuela, grifo nosso).

É um sonho estar aqui. Me fez sentir muita emoção, me fez sentir que estava aqui, como: “Sim! estou aqui, é de verdade!” (Bolívia).

É um sonho na vida de qualquer atleta que, tipo, tem uma meta. Quem é atleta, almeja isso (Brasil).

Têm-se como corolário destes relatos que tais atores começaram a perceberem-se mais claramente como atletas olímpicos a partir do rito protocolar de abertura atinente aos YOG-2018. Trata-se, portanto, do momento em que, como se diz popularmente, a “ficha começa a cair” e, com ela, desenvolve-se o progressivo domínio da linguagem comum ao grupo no qual o sujeito está imbricado. Assim, ao descrever que tal experiência consistia na realização de um sonho comum/compartilhado e, ao mesmo tempo, no “início de uma meta”, os referidos atletas de elite evidenciam que tal cerimônia de abertura representa uma espécie de ‘rito de passagem’, compondo-se pela incorporação dos etnométodos próprios a este grupo específico, a partir dos quais afirma-se o sentimento de pertencimento como seus respectivos membros (COULON, 1995). Aqui, ratifica-se a mesma intenção tacitamente partilhada entre eles, indicando que os YOG-2018 resultam uma importante porta de entrada para vir a participar dos JO.

No estudo realizado com diferentes atletas brasileiros que participaram da edição dos JO de Atlanta em 1996, por exemplo, Tavares (1998) identificou que a participação nestes Jogos representou, para estes sujeitos, a maior e mais importante experiência da sua carreira esportiva. Segundo este autor, os principais motivos resultam basicamente do grau de excelência deste megaevento, sua periodicidade (quadrienal) e por sua histórica e reconhecida tradição, de tal modo que nada se compara, por exemplo, às cerimônias de abertura e encerramento destes Jogos (TAVARES, 1998). Aliás, algo semelhante ao que o COI prevê para os YOG.

No que tange à correlação manifesta entre esses dois megaeventos, Souza, Mataruna-Dos-Santos e Tavares (2019, p. 234) parecem corroborar a perspectiva dos jovens atletas entrevistados, uma vez que estes autores fazem menção a um detalhe importante:

[...] os YOG são como uma porta de preparação para os Jogos Olímpicos convencionais. Tal percepção ganha validação nos dados quando observarmos que nos Jogos Rio 2016 foram conquistadas 80 medalhas (19 de ouro, 33 de prata e 28 de bronze) por atletas que anteriormente representavam seus países nos YOG.

Aliás, dentre esses atletas, vale a pena especificar o caso emblemático do canoísta baiano Isaquias Queiroz, que, após ter participado dos YOG de Cingapura 2010 – sem conquistar nenhuma medalha –, foi aos JO do Rio 2016 e acabou se tornando o maior medalhista brasileiro em uma única edição destes Jogos, denotando que o pico de carreira de um atleta, de fato, não é (ou não deveria ser) nos YOG.

Destarte, no caso deste estudo, nota-se que o fato de considerar os JO como uma meta a ser alcançada ajuda a justificar a valorização e a importância que os referidos sujeitos atribuem aos YOG-2018, considerando a oportunidade de participar destes Jogos como um sonho que estava se realizando naquele momento e, simultaneamente, como uma etapa em direção à referida meta de médio/longo prazo.

Ora, por um lado, os nossos dados concordam com o estudo de Peters e Schnitzer (2015), ao apontarem que os atletas de diferentes nacionalidades perceberam os YOG de Inverno de 2012 – em Innsbruck – como o maior evento em que eles tinham participado até aquele ano; por outro lado, tais dados contrastam com o estudo realizado por Krieger (2012), que, após entrevistar oito atletas alemães que participaram dos YOG de Cingapura 2010, identificou que sete deles subestimaram este megaevento, alegando que ele sequer representava o auge do seu calendário esportivo anual, ao utilizarem, para tanto, o pretexto de que o mesmo não acarretava modificações significativas no ranqueamento mundial (KRIEGER, 2012).

Diante do exposto, parece-nos que a percepção dos referidos atletas alemães pautava-se sobremaneira nos resultados esportivos de curto prazo, diferindo-se, deste modo, dos atletas sul-americanos que compuseram o presente estudo. Ademais, vale comentar que tais apreciações opostas em relação aos YOG indicam a necessidade da realização de novas pesquisas com o mesmo público-alvo para termos um quadro mais claro acerca das atitudes dos jovens atletas em relação a este megaevento esportivo.

Com efeito, de forma análoga ao que tradicionalmente ocorre com a versão adulta, identificamos em nossas observações *in loco* que os YOG-2018 também celebraram um

conjunto de rituais<sup>83</sup> e símbolos Olímpicos na sua cerimônia de abertura. Dentre eles, destacam-se o momento do Juramento, o acendimento da Pira e o hasteamento da Bandeira Olímpica, cujos respectivos significados foram colocados como pontos de pauta na realização das referidas entrevistas guiadas.

Assim, no olhar dos sujeitos desta pesquisa, identificamos que tais rituais são significativamente competentes para comunicar-lhes a mensagem de que, naquele exato momento, estava sendo constituída uma determinada comunidade de excelência, evidenciando mais uma vez a ‘noção de membro’ (COULON, 1995) em relação a uma determinada elite esportiva, conforme demonstrado abaixo:

É um **juramento** para que tomemos isto seriamente, de que não é um jogo, uma copa interna do teu país ou de escola, um interescolar (Bolívia, grifo nosso).

Aquele **fogo** lá [na Pira Olímpica] mostra que agora é pra valer né? Tipo, você está lá no meio dos melhores, representando o Brasil e todo mundo lá no país torcendo por nós. É muito bom! (Brasil, grifo nosso).

De que em verdade começou, porque desde que chegamos na vila foi tudo brincadeira, conhecer pessoas. Depois de **acender a chama** [na Pira Olímpica] foi como: “sim! agora começou, amanhã começa a competição” (Bolívia, grifo nosso).

Acho que é o mais importante que um atleta pode viver, porque é a primeira vez nos jogos, então é bem significativa a **bandeira** [Olímpica] (Chile, grifo nosso).

Portanto, com base na perspectiva dos sujeitos desta pesquisa, pode-se conjecturar que a abertura dos YOG-2018 parece ter cumprido o que Tavares (2003) denomina de função ‘quase-religiosa’ das cerimônias e dos símbolos olímpicos, os quais reificam-se como um ritual moderno e secular<sup>84</sup>, capaz de engendrar um sentimento coletivo de envolvimento e compromisso, elevando os Jogos ao nível de uma experiência singular na vida dos atletas participantes. De fato, tais elementos fornecem subsídios para que os JO – e, por extensão, os YOG – possam sobressair-se sobre qualquer outro evento esportivo que os respectivos atletas já tenham participado anteriormente. Aqui, denota-se a vivência de experiências significativas

<sup>83</sup> Refere-se a um sistema cultural de comunicação simbólica, expressando o que está presente no cotidiano de um determinado grupo, incluindo o discernimento do arcabouço de ideias e de valores comuns a seus integrantes (PEIRANO, 2003).

<sup>84</sup> Conforme esclarece Rodolpho (2004, p. 140), “[...] os rituais podem ser seculares ou religiosos, e ambos mostram o invisível: enquanto os rituais seculares demonstram as relações sociais (civis, militares, éticas, festivas), os sagrados evidenciam o sagrado, o transcendente”.

para eles na relação que estabelecem com os símbolos presentes na referida cerimônia, cuja produção de sentidos atravessa, portanto, o seu caráter festivo e espetacularizado.

Este dado vai ao encontro do estudo realizado por Krieger e Kristiansen (2016) junto a doze atletas alemães e 10 atletas noruegueses que participaram dos YOG de Cingapura 2010 ou dos YOG de Inverno de Innsbruck 2012. Conforme identificado pelos autores, a cerimônia de abertura foi vista por estes sujeitos como uma das suas experiências mais marcantes nos respectivos megaeventos, principalmente, em virtude do fomento de alguns símbolos olímpicos que histórica e tradicionalmente compõe a abertura dos JO (KRIEGER; KRISTIENSEN, 2016), tais como os acima descritos pelos atletas sul-americanos investigados.

#### 4.3.3 Termo indicial 3: “não ir com tua bandeira”

Ainda no que diz respeito à sua experiência na cerimônia de abertura dos YOG-2018, identificamos que os jovens atletas fizeram diferentes menções sobre o momento em que foram apresentados para o público presente como protagonistas deste megaevento, a partir das quais emergiu a expressão indicial “não ir com tua bandeira”.

Sobre este ponto, importante destacar que enquanto na cerimônia de abertura dos JO cada delegação desfila sob o signo da sua bandeira nacional, nos YOG, por sua vez, todos os atletas são convidados a desfilar conjuntamente [tal como aconteceu nos YOG-2018], numa tentativa institucional de fomentar maiores trocas interculturais entre eles (KRIEGER; KRISTIENSEN, 2016). Todavia, ao tratar deste tema, os jovens atletas sul-americanos lançaram mão de um emaranhado de discursos que nos permitem identificar a produção de sentidos polissêmicos a respeito do referido momento/fomento, considerando-o divertido, estranho e/ou desorganizado, conforme demonstrado abaixo:

Ou seja, **não ir com tua bandeira?** Por um lado, senti que foi bem divertido, bem enérgico [todos entrarem juntos]. Por outro lado, não se notava quem era quem, de onde eram, só se via uma massa de pessoas entrando (Bolívia, grifo nosso).

Sei lá, eu achei estranho entrar todo mundo junto e misturado daquele jeito, mas eu tava lá com meu time (Brasil).

Na realidade, foi um pouco esquisito que só passara a bandeira e que não passara conosco. Todas as delegações [juntas], mas, tudo bem (Venezuela).

Bom, eu creio que poderia ter sido melhor, mas, a nossa equipe esteve bem representada (Argentina).

Eu creio que o ponto baixo é que não souberam entrar os atletas. Estávamos todos muito apertados, tinha muita gente e não tinha nem cadeiras, acho que foi isso o que menos gostei. Então, pensando nos outros [JO], onde entram por delegação, é bem bonito. Aqui foi muito desorganizado (Chile).

Percebe-se que ao tornar as suas experiências relatáveis, explicáveis, os jovens atletas descrevem as maneiras pelas quais lidam com as interações promovidas na abertura do referido evento, indicando os seus respectivos sentidos. Trata-se da manifestação do conceito de relatabilidade (COULON, 1995). Assim, constatamos nos relatos dos jovens atletas entrevistados que tal estranhamento acarretado pela entrada diferenciada se justifica, sobretudo, em virtude da expectativa que eles tinham de desfilarem nesta cerimônia com o porte das suas respectivas bandeiras nacionais, convergindo, neste caso, para as táticas de resistência, conforme apontamos no Capítulo anterior.

Segundo argumentado por DaMatta (2006), os JO devem ser considerados como um grande ritual que dramatiza, simultaneamente, coletividades e individualidades, por meio das cerimônias de abertura e encerramento e das cerimônias de premiação, respectivamente, buscando o equilíbrio entre o universalismo e o nacionalismo. Com isso, pode-se depreender, no caso deste estudo, que o uso da expressão indicial “não ir com tua bandeira” sugere o atravessamento do seu campo semântico (deslocar-se sem o porte da sua bandeira), denotando que houve uma certa dificuldade dos sujeitos entrevistados na mediação do referido equilíbrio, haja vista que a coletividade celebrada naquele momento envolvia a totalidade de atletas jovens, independente das cores de sua bandeira nacional.

Ademais, identificamos nas interações discursivas dos/com nossos entrevistados que o fato de buscarem estar junto/próximo dos seus pares enquanto “time”, seja referente à sua modalidade esportiva (especialmente, se coletiva) ou à sua nação como um todo, representou, para alguns deles, uma espécie de atenuante ao estranhamento decorrente da entrada conjunta e misturada. A partir deste movimento, eles produziram uma sutil desconstrução de um espaço que havia sido institucionalmente organizado em prol do fomento das interações entre os jovens atletas de diferentes culturas. A este respeito, Certeau (1994, p. 97) argumenta:

Os consumidores produzem "trajetórias indeterminadas", aparentemente desprovidas de sentido porque não são coerentes com o espaço construído, escrito e pré-fabricado onde se movimentam. São frases imprevisíveis num

lugar ordenado pelas técnicas organizadoras de sistemas. [...] essas "trilhas" continuam heterogêneas aos sistemas onde se infiltram e onde esboçam as astúcias de interesses e de desejos diferentes.

Assim, no que se refere aos interesses e desejos não atendidos, percebemos que os jovens atletas relataram não apenas determinada desorganização/confusão no momento em que foram apresentados, mas, também, o fato de passarem muito tempo em pé olhando para o Obelisco. Um dos atletas acrescentou, inclusive, o seu entendimento a respeito do desconforto gerado para o público presente em decorrência do mesmo motivo.

Eu creio que as pessoas ficaram um pouco entediadas no final porque não haviam cadeiras para sentar-se e estavam a muito tempo em pé. E bom, as primeiras coisas que se fizeram penduradas no obelisco estiveram boas, mas depois não, porque as pessoas se cansaram de estar olhando o tempo todo só para o obelisco (Argentina).

Em Souza, Mataruna-Dos-Santos e Tavares (2019) observa-se que, a despeito da plasticidade da transmissão televisiva, por exemplo, o evento de abertura dos YOG-2018 reuniu uma caótica aglutinação de pessoas, sem espaço para sentar, com dificuldades de entendimento do espetáculo e sem orientação alguma do que estava por acontecer, de tal modo que somente os atletas tiveram uma vista privilegiada do palco.

Entretanto, em observância às produções discursivas dos sujeitos desta pesquisa, pode-se articular que tal localização privilegiada que eles ocupavam não parece ter sido suficiente para atender aos seus interesses e, conseqüentemente, isentar a cerimônia de abertura dos YOG-2018 das referidas críticas, muito embora eles a tenham considerada significativa, em especial, a partir da identificação de alguns símbolos que também aparecem nos JO.

#### **4.3.4 Termo indicial 4: “Ainda temos jogos”**

O processo interativo atinente ao segundo roteiro, por sua vez, foi iniciado com foco na participação geral dos nossos entrevistados nas atividades do CEP, uma vez que esta era uma premissa inequívoca para que eles pudessem relatar as suas experiências nestas atividades. Logo, com maior ou menor grau de envolvimento/engajamento, todos tiveram a oportunidade de experimentar pelo menos uma parte delas.

Foi nesse contexto que emergiu a expressão indicial “ainda temos jogos”, na qual os ‘jogos’ são representados por suas respectivas competições olímpicas e parecem reificar uma

espécie de justificativa por parte de alguns atletas para a sua baixa adesão à diversidade de atividades ofertadas pelo CEP, conforme exemplificado nos relatos a seguir:

Não muito, com isso de que **ainda temos jogos** e estamos nos concentrando, então, não temos saído muito [da Zona Residencial] (Bolívia, grifo nosso)

Somente de algumas, porque ainda temos que treinar e descansar para outros jogos (Equador).

Não temos tido tempo de fazer muitas porque ontem competimos e hoje nós estamos recuperando (Argentina).

Nota-se que, para alguns atletas, parece ser mais difícil conciliar a programação híbrida dos YOG-2018, geralmente em decorrência de um calendário esportivo mais extenso. Este dado, inclusive, já havia sido verificado nos estudos de Krieger (2012), Kristiansen (2013), Parent, Kristiansen e Macintosh (2014) e Peters e Schnitzer (2015), o que, de alguma maneira, pode ajudar a justificar determinadas táticas de desvio e resistência e, até mesmo, as táticas de bricolagem (mencionadas no Capítulo anterior). Afinal, ao dispor de um tempo mais escasso para consumir a programação cultural e educacional na YOY, é compreensível que haja uma maior seletividade de atividades por parte do jovem atleta enquanto consumidor.

De forma sintomática, é possível extrair da referida expressão indicial que o fato de concluir os seus respectivos compromissos esportivos, representaria, para estes atletas – “ainda” pouco participativos –, uma espécie de prerrogativa para que pudessem consumir uma diversidade maior das atividades ofertadas. Aliada a esta questão, também identificamos que parte dos atletas – incluindo até mesmo alguns atletas argentinos – alegaram que antes de chegarem na YOY simplesmente desconheciam a existência de uma programação diferente da programação esportiva.

De acordo com Kristiansen (2013), a falta das necessárias informações prévias por parte dos atletas sobre a programação cultural e educacional pertencente aos YOG pode acarretar-lhes um certo embaraço ao se depararem com a sua correlata configuração de atividades, os quais acabam tendo maior dificuldade de compreender a relevância da sua própria participação.

Em contrapartida, também é possível verificar nas produções discursivas de outros sujeitos entrevistados – mais especificamente, os atletas brasileiros, a atleta uruguaia e um atleta argentino –, que estes diferem-se dos demais ao demonstrarem dispor de algum conhecimento prévio no que diz respeito à configuração de um espaço que transcendia as

difundidas (e esperadas) competições olímpicas, conforme se evidencia nos seguintes discursos:

Eu sabia que teria uma parte onde estaríamos com todas as pessoas dos outros países, onde poderíamos conversar, mas, não sabia que teríamos todas estas atividades (Argentina).

Sim, sim! Eu fui informado disso daí [programação cultural e educacional] quando viemos do Brasil pra cá. Já tinha as informações todas já, as palestras, tudo. Já tinham avisado (Brasil).

Em Uruguai nos falaram [da programação cultural e educacional], mas não especificamente cada atividade, nos falaram que teríamos um programa cultural, a importância de praticar esporte, como também a integração (Uruguai).

A partir destes excertos, verifica-se que o referido atleta argentino tinha uma noção de que haveria, nos YOG-2018, uma parte destinada para o compartilhamento e a interação com os atletas de países diferentes e não apenas “competição e treinamento”, tal como havia sido apontado por outros atletas argentinos. Todavia, é preciso relativizar se este conhecimento prévio, de fato, estaria ancorado na existência de um programa de atividades culturais e educacionais, posto que tal convívio intercultural invariavelmente já faz parte de uma Vila Olímpica, seja da juventude ou não.

Destarte, com base nas produções discursivas dos atletas representados neste estudo, não fica claro se outras delegações além da brasileira e da uruguaia buscaram informar previamente aos seus atletas sobre uma programação diferenciada que ocorreria de forma simultânea à sua programação esportiva. No caso brasileiro, verifica-se que houve um detalhamento das atividades correlatas; já no caso uruguaio, apesar de não ter sido informado os pormenores destas atividades culturais e educacionais, nota-se que houve uma preocupação em destacar a importância não apenas dos seus respectivos compromissos esportivos, mas, dos seus jovens atletas aproveitarem tal experiência nestes Jogos para integrar-se com outros atletas no cotidiano da YOV.

Ressalta-se, aqui, que autores como Schnitzer et al. (2014) já haviam chamado a atenção para a importância dos membros dos CONs, por exemplo, desempenharem essa função de comunicá-los acerca da existência e, sobretudo, sobre o real propósito do programa educacional, incentivando-os, desta forma, a participarem das suas respectivas atividades. Decerto, concordamos que tais informações prévias podem servir como uma espécie de predisposição

favorável para que estes sujeitos se interessem pelas atividades do CEP e, por tabela, reconheçam os YOG-2018 mais do que apenas um megaevento de caráter esportivo.

#### 4.3.5 Termo indicial 5: “seu lado competitivo”

Ao guiarmos o diálogo para o papel ou finalidade deste programa de atividades no espaço da YOY, os jovens atletas sul-americanos contemplados neste estudo produziram um conjunto de discursos que apontam para uma heterogeneidade, a partir da qual surgiu o termo indicial “seu lado competitivo”, atravessando aspectos como educação, interação, socialização, construção de amizades, diversão e distração, conforme pode ser exemplificado nos discursos abaixo:

Creio que para educar ao atleta, para interagir, para não somente ver o esporte por **seu lado competitivo** (Equador, grifo nosso).

Ah! Na minha opinião é tipo pra fazer novas amizades sabe? Conversar mais com as pessoas, conhecer. E não ficar só trancado [na Zona Residencial], assim, pressionado na competição: “tem que competir! tem que competir!”. Saber também que tem o momento pra você brincar, de lazer também (Brasil).

Para mim, essas atividades são para distrair os atletas após as competições para que não fiquem tão estressados caso não tenha dado seu resultado, que depois que compitam relaxem um pouco e depois comecem a competir novamente (Venezuela).

Para mim, são para se distrair da competição porque há uma tensão no que é a competição e isto [programa cultural e educacional] como que te ajuda a distrair um pouco, para te divertir (Argentina).

Com base nestes fragmentos discursivos, é interessante perceber que, a despeito da sua notável heterogeneidade (interação, amizade, distração, etc.), tais produções apontam para a constituição de um substrato comum, cujo horizonte é a sua própria competição esportiva. Assim, o termo indicial “seu lado competitivo” parece-nos trazer à tona o entendimento de que o cenário esportivo vivenciado pelos referidos atletas de elite possui um lado que orienta-se por um eminente nível de competitividade, o qual pode acabar acarretando-lhes níveis proporcionais de tensão, pressão e ansiedade – conforme demonstrado nos seus próprios relatos acima.

De fato, por um lado “[...] parece ilógico que se questione a idéia [sic] de excelência para o atleta olímpico, uma vez que esta é uma das noções mais fundamentais e permanentes para o esporte de alto rendimento” (TAVARES, 1998, p. 55), servindo, inclusive, como justificativa para a adoção de um estilo de vida baseado em uma rotina de treinos e campeonatos, na busca pela performance e pelo resultado excelentes (HEINILÄ, *apud* TAVARES, 2003). Todavia, por outro lado, também se faz necessário ter uma certa cautela acerca dos seus possíveis ou eventuais efeitos negativos, em especial, no que diz respeito aos atletas ainda jovens. Afinal, conforme adverte Rocha e Pereira (2009, p. 15), estes estão situados, grosso modo, em

[...] um espaço liminar, uma espécie de lugar intermediário, que faz a transição entre uma maturidade adiada e uma infância espremida. Assim, é de sua natureza ser transição, algo como um limbo, uma passagem intermediária e, como tal, mediadora de diferenças entre estados diversos. Não por acaso, a adolescência é vista como um “rito de passagem”, nela os estudantes, por exemplo, são chamados no gerúndio – vestibulandos, formandos, etc. –, pois esse lugar de transição e mediação é a marca central do jovem.

Com efeito, em observância à pouca idade deste público-alvo, ressalta-se que alguns autores da literatura internacional fazem uma análise crítica a respeito da implementação e a consequente realização dos YOG, levantando, por exemplo, algumas supostas mazelas associadas ao caráter precoce da identificação de talentos, da especialização e do processo de maturação, aliando-se, ainda, à má conciliação da carreira esportiva do jovem atleta com o seu respectivo estudo (escolar ou universitário), além da questionável influência educacional a partir das ações direcionadas para as suas respectivas experiências de aprendizagem neste megaevento esportivo, cultural e educacional (DIGEL, 2008; 2010; WONG, 2011; 2012; PARRY, 2012).

Não obstante a estas críticas, a referida indicialidade – “seu lado competitivo” – também permite-nos pensar na compreensão tacitamente compartilhada entre os jovens atletas de que o aspecto competitivo não representa a totalidade do fenômeno esportivo – mesmo aquele caracterizado pelo alto rendimento, como é o caso do esporte olímpico –, denotando que tal cenário também comporta a existência de ‘outro(s) lado(s)’, voltando-se para a experimentação de aspectos diversificados, como a interação, a socialização e a possível construção de amizades, o que sinteticamente confluiria para a narrativa ambivalente construída pelo COI no que tange ao ambiente em que os YOG são realizados.

Sintomaticamente, a identificação destes dados também corrobora com o nosso entendimento a respeito de uma possível ambivalência entre os aspectos voltados para a competição esportiva e a performance atlética, de um lado; e os aspectos voltados para a educação, a socialização e a formação humana, de outro, demonstrando que estas representam duas frentes (ou dois lados de uma mesma moeda) que em alguma medida podem ser concorrentes, mas, não necessariamente excludentes.

Contudo, pode-se depreender que a coexistência destes aspectos correlatos ao desenvolvimento humanístico com os aspectos atinentes ao “lado competitivo” no contexto deste megaevento, não implica necessariamente em um equilíbrio entre eles, haja vista que os primeiros foram apontados por muitos atletas justamente como possibilidade para deixar momentaneamente de lado as suas competições esportivas, consistindo, então, em um subterfúgio capaz de atenuar o estresse acarretado por elas.

Dito de outra maneira, é possível inferir que, em última instância, as atividades ofertadas pelo CEP podem significar para os referidos atletas a instrumentalização para que estes alcancem a sua melhor performance nas suas competições subsequentes, atuando, desta forma, como parte da sua preparação (física, cognitiva e/ou psicológica). Aqui, começa a tomar forma a significação de um contorno utilitário ou de uma função instrumental para estes sujeitos em relação a tais atividades. Ademais, identificamos, ainda, que estas também podem significar um tipo de consolo mediante eventuais reveses nestas competições, conforme exemplificado no seguinte relato:

Aprendi que apesar de ficar, às vezes, muito triste [com o resultado esportivo], você pode se divertir aqui [na YOV] (Argentina).

Note-se, então, que até mesmo para àqueles atletas que já concluíram seus compromissos esportivos, a competição esportiva continua apresentando-se como um dos principais elementos norteadores da sua atitude de participação e no respectivo uso que fazem destas atividades, reverberando, destarte, na sua experiência de aprendizagem neste megaevento.

Portanto, seja como uma forma de preparação para seu próximo compromisso de competição esportiva, ou como uma forma de consolo após findá-lo sem o devido êxito, o consumo que tais atletas fazem das atividades do CEP a partir da estética da recepção, nos faz

pensar nas táticas de bricolagem propostas por Michel de Certeau (1994), produzindo sentidos novos e, não raras vezes, contrastantes com a oferta das respectivas atividades.

#### 4.3.6 Termo indicial 6: “essas coisas”

No transcorrer das entrevistas guiadas, os jovens atletas relataram quais foram as atividades em que eles mais gostaram de ter participado, cujos dados sugerem uma relação com a oferta de ganhos circunscritos pelo seu círculo esportivo ou, apesar de menor ocorrência, para além deste. Com base nesses relatos, nós identificamos o uso do termo indicial “essas coisas”, o qual assume uma relação de sinonímia com a cláusula “*et cetera*”. Tomemos como exemplo a produção dos seguintes discursos:

[...] É... como eu posso dizer? Ah! Tem [uma atividade] explicando pra você o que é o doping, tipo qual substância é proibida, em tal situação, isso e aquilo, **essas coisas**. É tipo um questionário [digital] que você tem que acertar tipo 8 perguntas de 10 pra você ganhar um boné (Brasil, grifo nosso).

Eu gostei de ter aprendido, como falou meu colega [sobre o esporte seguro], de ter a informação correta sobre **essas coisas** (Venezuela, grifo nosso).

Isso daqui principalmente oh! [dispositivo *Yogger*] É porque vale pontos, né? e quem pegasse mais informação das pessoas ganha brinde. Nossa! saímos então pegando informação de todo mundo (risos). [...] É tipo assim: você encosta a mão [formato do dispositivo] e ela fica verde. Aí significa que você pegou a informação da pessoa, tipo: *instagram*, *facebook*, **essas coisas** (Brasil, grifo nosso).

Diante desse cenário, pode-se verificar algumas diferenças e algumas similitudes no uso do termo indicial “essas coisas”. Os dois primeiros fragmentos discursivos apresentados, por exemplo, parecem estar ancorados ao cotidiano de treinos e jogos destes sujeitos, cujo horizonte de experiência pressupõe o entendimento compartilhado sobre a classificação e a proibição de um conjunto de substâncias que são consideradas dopantes nas suas respectivas modalidades esportivas, visando ultrapassar os seus próprios limites dentro do que eles chamam de ‘esporte seguro’.

Já o terceiro fragmento, por sua vez, parece ancorar-se ao cotidiano destes jovens para além do seu círculo esportivo, cuja experiência de comunicação com as novas mídias figura entre as suas principais características, oferecendo aos seus usuários o controle para buscar e

compartilhar, em tempo real, uma rede de informações e contatos do seu interesse (TAPSCOTT, 2010).

Não obstante, pode-se conjecturar que, em todos os casos acima mencionados, a referida indiciabilidade reflete uma espécie de contrato verbal, tácito e consensual, realizado pelos atores envolvidos no processo interativo acerca de determinadas compreensões comuns, mesmo que estas estejam desacompanhadas da continuidade e/ou detalhamento do conteúdo relatado (SILVA; VOTRE, 2012).

Além disso, observe-se que uma atleta brasileira faz uma menção específica ao dispositivo *Yogger*, cujo relato parece-nos ser bastante ilustrativo a respeito de um dos possíveis usos que havíamos identificado em nossas observações, corroborando, neste caso, para um tipo de uso funcional (angariar pontos e trocá-los por brindes) por parte destes jovens, em detrimento de uma interação mais genuína/prolongada entre eles, conforme projetado pelo CEP. Ora, entendemos que este fato exemplifica uma contrapartida dos sujeitos a respeito do que lhes foi posto para consumo ao manipular/deslocar a função precípua (e institucional) do referido dispositivo. Logo, nos termos ceriteunianos, relatos como esse “[...] contam aquilo que, apesar de tudo, se pode aí fabricar e fazer” (CERTEAU, 1994, p. 207), transformando o respectivo lugar em um espaço, isto é, um lugar praticado.

De fato, com base nos dados produzidos pelos atletas sul-americanos entrevistados, é possível pensar que a constituição do CEP, com a oferta de múltiplas atividades culturais e educacionais, pode ganhar alguns contornos utilitários não apenas para os seus emissores/organizadores, como também, para eles próprios – como consumidores/usuários –, reverberando, destarte, no seu gosto e, até mesmo, na sua correlata experiência de aprendizagem. Assim, constatamos que as suas ‘artes de fazer’ (CERTEAU, 1994) empregadas nestas atividades parece articular-se com a possível utilidade das mesmas, podendo apresentar-se tanto a partir de um retorno imediato, quanto um retorno a posteriori, desdobrando-se, desta maneira, em algo novo e útil – consumo produtivo.

O retorno imediato evidencia-se com a possibilidade de os jovens atletas ganharem um boné personalizado com o logo dos YOG-2018, mediante à sua performance na atividade do doping. A este respeito, vale a pena retomar a informação – apontada no Capítulo anterior – de que a mera participação (facultativa) nas demais atividades do CEP, bem como as permutas de contato com outros atletas pelo dispositivo *Yogger* já poderiam conceder pontos aos jovens atletas, cuja somatória permitia-lhes trocar de maneira imediata por outros brindes

no estande do *Yogger Desk*, tais como lenços, mochilas, toalhas, capas para celular, etc. Trata-se, portanto, do que consideramos ser uma iniciativa estratégica de se aplicar uma lógica lúdica e de jogo na participação dos jovens atletas no interior da YOY, no intuito de aumentar a motivação e o engajamento destes sujeitos nas atividades colocadas para consumo.

Ora, este processo de mimese de jogo ou “gamificação” baseia-se na ação de utilizar uma determinada sistemática inerente ao ato de jogar em um contexto fora de jogo, cujo foco central consiste em “[...] envolver emocionalmente o indivíduo dentro de uma gama de tarefas realizadas. Para isso se utiliza de mecanismos provenientes de jogos que são percebidos pelos sujeitos como elementos prazerosos e desafiadores” (BUSARELLO; ULBRICHT; FADEL, 2014, p. 33-34). Nesse sentido, verifica-se que os próprios discursos dos atletas brasileiros, tal como descritos acima, nos parecem representativos de como tais atletas mediavam o aspecto imediato ao fazer uso da referida sistemática.

Quanto ao retorno a posteriori, por sua vez, destaca-se determinada rede de conhecimentos que lhes sejam úteis, sobretudo, àqueles que direta ou indiretamente podem ser agregados ao seu *know-how* esportivo como atleta de elite, trazendo-lhes implicações de curto, médio e/ou longo prazo. Alguns exemplos significativos resultam das já mencionadas atividades de doping e do *Performance Accelerator*, incluindo, ainda, o *Chat with champions*, as quais também foram relatadas por outros atletas como uma das que eles mais gostaram e/ou como uma das que contribuíram para o seu aprendizado, seja aprofundando seus conhecimentos sobre como reagir em diferentes situações temerárias em relação às substâncias dopantes, seja como otimizar seus treinamentos, evitar possíveis lesões e maximizar seu rendimento nas competições pósteras.

Todas [as atividades] são legais. É porque acho que, assim, as que a gente precisa realmente saber foram as mais interessantes, como aquela do doping e aquele bate-papo com os grandes campeões, sabe? (Brasil).

O que eu mais gostei foi ver os atletas que já competiram nas olimpíadas e tão aí, tem medalha de ouro... A gente conhecer eles é uma experiência boa, né? Eles falar um pouco pra gente da experiência deles. Dá pra aprender muito com eles (Brasil).

Bom, as que mais você mais aprende são as enquetes que são na maioria sobre o doping ou sobre o que precisa ter um atleta para conseguir fazer o que faz (Argentina).

Gostei de várias partes [do CEP]. Se você parte da dopagem ou coisas que deveria ou não deveria fazer um atleta, isso nos ensina a maioria dos jogos que temos aqui [na YOV] (Venezuela).

Gostei de uma que você joga todo o corpo, se relaxa e descobre seu ponto fraco. [...] Eu não lembro do nome, mas é aquela lá [apontando para o estande do *Performance Accelerator*] (Equador).

Também tem um circo que eu estive me divertindo muito e aprendi a fazer malabarismo. Assim, foi o que mais gostei, porque eu achei que era muito difícil e agora posso fazer com meus amigos (Argentina).

Constata-se, aqui, que os conhecimentos que eles consideram ser necessários conhecer (como o doping, a trajetória de um campeão ou as próprias fragilidades corporais) ou simplesmente os que eles têm vontade de aprender (como o malabarismo) estão associados diretamente com as atividades que mais lhes interessam ou que lhe apeteçam. Observe-se no caso do *Performance Accelerator*, por exemplo, que apesar de disponibilizar um relatório para os atletas logo ao final da atividade (portanto, de maneira imediata), sua efetividade irá materializar-se inexoravelmente no transcorrer das suas inúmeras competições esportivas, da mesma forma que os respectivos conhecimentos sobre o doping, justificando-se, desta maneira, como um ganho a posteriori.

Os relatos acima apresentam, pois, bons indícios para pensarmos na existência de uma articulação criativa entre gosto, utilidade e aprendizagem, a qual parece-nos conferir vivacidade ao lugar, demonstrando que os relatos, tal como indica Certeau (1994), têm um papel cotidiano e magisterial de demarcar alguns usos do lugar, como uma apropriação narrativa.

Nessa perspectiva, além de focar os aspectos calcados no círculo esportivo/competitivo do jovem atleta, também é pertinente fazer menção a outras produções discursivas (embora menos prevalentes) que também apontaram a questão do gosto para algumas atividades mais socializantes, cujos respectivos aprendizados estavam imbuídos de determinados aspectos voltados para a sua formação humana, com destaque para o compartilhamento com os atletas de diferentes culturas, conforme demonstrado nos seguintes relatos:

O que eu gostei foi o karaokê porque tinham representantes de todos os países na frente. Da última vez que fui subiram umas chilenas ou algo assim a cantar uma música como que clássica para todos os que falam espanhol e todos começaram a cantar e bailar. Fizemos uma conga por todos lados (Uruguai).

Gostei das atividades que nos leva a interagir com outros atletas e conhecer culturas diferentes da nossa (Argentina).

Eu também gostei dos jogos de recreação para socializar com os atletas que conhecemos, que são de outros países. E você também aprende a ser mais aberto para socializar com outros [atletas desconhecidos] e fazer novas amizades. Como também para tirar um pouco da mente o nosso esporte (Venezuela).

Para estes atletas, parece-nos que determinadas atividades ofertadas na YOY pode significar tanto um retorno de maneira imediata, com a vivência de momentos interativos, recreativos e socializantes no cotidiano da YOY – potencialmente capazes de atenuar a já anunciada ansiedade acarretada por sua competição esportiva –, quanto a posteriori, podendo estender-se para além daquele espaço, com o conhecimento cultural e, até mesmo, a possível construção de amizades entre eles.

Não obstante a esta linha de análise que articula aspectos como gosto, utilidade e aprendizagem, também foi possível captar o que podemos nominar de seu contraponto. Identificamos nas produções discursivas o exemplo das próprias atividades ofertadas no já citado estande do *Performance Accelerator*, cujo respectivo consumo foi considerado por uma das atletas como sendo relevante, mas, ao mesmo tempo, entediante, a ponto de ser apontado como a atividade em que menos gostou de ter participado, conforme justificativa abaixo:

[...] porque são como testes que te examinam. Por parte até é bom porque mostra tuas debilidades e tu aprendes o que precisas trabalhar mais. Mas, é o mais chato, porque te fazem provas. Para mim, é o mais chato, mas os resultados que são dados, são bons (Argentina).

Neste caso, é razoável supor que o gosto da referida atleta em relação às atividades do CEP era mediado, sobretudo, pela capacidade das mesmas em lhe proporcionar momentos divertidos e não necessariamente em virtude da sua respectiva utilidade, muito embora tal atleta não deixe de reconhecê-la, como no exemplo supracitado. Sintomaticamente, de alguma maneira, tais aspectos parecem permear a sua experiência de participação e, conseqüentemente, podem trazer implicações para o seu aprendizado.

Portanto, inspirados na perspectiva ceriteuniana, constata-se que os atletas constroem sentidos polissêmicos a respeito das atividades que lhes são ofertadas, em especial, a partir dessa articulação entre gosto, utilidade e aprendizagem, ou, dito de outra maneira, a partir da sua ‘arte de fazer’ (CERTEAU, 1994).

#### 4.3.7 Termo indicial 7: “distração do que fazemos”

Ainda com base no segundo roteiro, julgamos importante guiar as entrevistas para o significado dessas atividades culturais e educacionais como parte dos YOG-2018, a fim de explorar mais claramente o significado que elas tinham para eles como atletas de elite. Aqui, destaca-se o uso do termo indicial “distração do que fazemos”. Para compreendê-lo, contudo, é necessário fazer uma breve consideração. Respeitadas as respectivas individualidades e subjetividades destes sujeitos – cada qual com um modo próprio de compreender e interpretar a realidade –, nota-se que ambos compartilham, no interior da YOY, a condição de consumidores e, simultaneamente, a posição de jovens atletas de elite.

Com efeito, situá-los desta forma nos parece procedente na medida em que o termo “distração do que fazemos” está carregado de uma característica indicial, exigindo-nos, principalmente – senão obrigatoriamente –, o entendimento do que cada um deles está familiarizado a fazer no seu cotidiano de forma geral e, por extensão, do que eles notadamente foram fazer naquele megaevento esportivo, de forma particular, a saber: competir esportivamente.

Ora, os termos indiciais opõem-se às expressões objetivas justamente pelo indispensável recurso a elementos do contexto pragmático dos atores sociais – espaço, tempo, objetos, etc. – para revestir-se de sentido e significado (SILVA, 2012). Isto posto, conjectura-se, então, que a contextualização compartilhada acima pode incidir de modo direto ou mediato na maneira como tais atletas constroem sentidos e atribuem significados a respeito das atividades que lhes são ofertadas.

Assim, com base nos dados produzidos nas entrevistas, é interessante perceber que os referidos atletas reconhecem a importância de estarem focados e concentrados nas suas respectivas competições olímpicas. Contudo, diferentemente daqueles jovens atletas que fizeram (ou que foram orientados a fazer) a opção por não participar das atividades do CEP (a partir do emprego das táticas de desvio e resistência identificadas no Capítulo anterior), tais sujeitos, por sua vez, não se furtaram de participar das mesmas, destacando, para tanto, a importância atribuída à distração proporcionada por elas, conforme demonstrado nos seguintes relatos:

Difícil, como te falei, eu as vejo [atividades do CEP] como a **distração do que fazemos** e acrescenta diversão aos Jogos [YOG-2018]. Bom, a competição é todo o sério, manter o foco, e isto te distrai e acaba até ajudando muito (Argentina, grifo nosso).

Ah! eu acho que tipo pela parte da distração, pra não ficar tão tenso, mas na hora da competição a gente acaba ficando um pouco mais. Elas [atividades do CEP] ajudam bastante a você tirar um pouco da cabeça da competição que as vezes é bom ficar focado, mas nem tanto ne? as vezes é bom você dar uma distraída, andar mais... tem me ajudado bastante. Aí na hora mesmo, entra com concentração total na competição pra dar tudo certo (Brasil).

Nós temos ido a outros campeonatos como parte da seleção boliviana sul-americana e não estamos acostumadas a ver jogos assim. [...] Aqui nas atividades não estás estressada, não tem que pensar no que fará depois, convives com muitas outras pessoas... Então, para mim, significam bastante, porque você está preocupada com as partidas e quando você sai um pouco [da Zona Residencial] acaba se distraindo e esfriando a cabeça (Bolívia).

Significa tirar um pouco o atleta do seu jogo, para distrai-lo e fazer que compartilhe com os outros [atletas], com os amigos (Venezuela).

Diante do que está posto nos discursos acima, se faz necessário tecer alguns comentários. O primeiro deles é que ambos os relatos caminham para a interpretação por uma parte dos jovens atletas de que as atividades do CEP não estão necessariamente dispostas na trama cotidiana da YOV como adversárias ou concorrentes da concentração e do foco atinentes à sua programação esportiva, mas, ao contrário, podem apresentar-se como potencial e pontualmente eficazes para conservá-los.

Os relatos apresentados acima, sobretudo, dos atletas brasileiro e argentino, por exemplo, parecem-nos refletir a parte dos atletas que definem o significado de tais atividades categoricamente sob o viés da distração, remetendo-nos, mais uma vez, para uma função instrumental, cuja última instância é materializada pela otimização da sua performance nas sucessivas competições esportivas. Nesse sentido, apoiados em Certeau (1994), podemos pensar novamente em táticas bricoladoras por parte destes atletas, expressando o consumo produtivo que eles fizeram destas atividades culturais e educacionais, em função, sobretudo, das suas aspirações no âmbito esportivo.

Aliás, verificamos que este ponto, referente à distração, pode dialogar com os dados que foram produzidos no estudo realizado por Kristiansen (2013), haja vista que muitos atletas, investigados por ela, apontaram ter considerado as atividades ofertadas pelo CEP

como uma forma de entretenimento ou, simplesmente, como uma espécie de distração cultural.

Todavia, diferentemente do referido estudo, constatamos que, embora tenham mencionado e, portanto, corroborado a questão da distração, se considerarmos os relatos da atleta boliviana e, principalmente, do atleta venezuelano na investigação em curso, pode-se perceber que há uma outra parte dos atletas que sugerem – ainda que de forma incipiente – um significado mais ampliado para estas atividades, especialmente, ao explicitarem a possibilidade da convivência e do compartilhamento de experiências com outros atletas nas respectivas atividades. Neste caso, parece-nos tratar-se de um indício do processo de socialização entre eles no referido espaço, podendo, eventualmente, estender-se para a própria construção de amizades entre eles.

Nessa esteira analítica, nos salta aos olhos uma passagem do discurso de outra atleta boliviana, a qual parece-nos ter sistematizado/justificado com maior clareza a abrangência do significado das atividades correspondentes, destoando, desta maneira, das demais produções discursivas a este respeito, conforme apresenta-se no excerto abaixo:

Significa muito, porque nós nos esforçamos muito para chegar aqui e já que estamos aqui, temos que aproveitar, porque isso [programa educacional e cultural] não se vê todos os dias. Então, para mim, como atleta, significou enriquecimento, conhecimento e educação. E levamos daqui muitas coisas que é, talvez, o objetivo de cada um dos estandes. Muitos os veem como entretenimento, mas, mais que isso, eles buscaram ensinar compartilhar com o atleta (Bolívia).

É interessante observar que, ao classificar a experiência vivenciada no cotidiano da YOY – particularmente, por intermédio das atividades do CEP – como algo incomum, tal atleta provoca-nos a pensar que a programação cultural e educacional representa, de fato, uma singularidade dos YOG-2018, diferenciando-os, destarte, dos demais campeonatos em que os jovens atletas costumam tomar parte, cujo foco costuma perpassar quase que exclusivamente por sua performance na competição.

Nesse sentido, parece-nos razoável reconhecer que os YOG-2018 dispõem do importante reconhecimento por pelo menos uma parte dos jovens atletas participantes de que o seu significado está situado basicamente no entremeio do necessário desempenho esportivo e da fomentada formação humana – remetendo-nos mais claramente ao caráter ambivalente –, o que será abordado com maiores detalhes na sequência.

#### 4.3.8 Termo indicial 8: “compreender os JO como um todo”

No processo interativo os jovens atletas entrevistados foram guiados para relatarem se a participação nas atividades do CEP havia os ajudado a compreender os Jogos Olímpicos de forma diferente. Aqui, eles foram quase unânimes ao acenar positivamente, indicando que esta oportunidade de participação permitiu-lhes compará-los e, por conseguinte, diferenciá-los de todas as outras competições esportivas que eles já haviam participado. Foi a partir dos discursos produzidos sobre este tema que emergiu a expressão indicial “compreender os JO como um todo”, cujas principais justificativas apresentadas para situar tal distinção são apresentadas a seguir:

Por parte, sim. Porque te ajuda a distrair, a ser mais companheiro, a socializar com as pessoas. Também porque nos faz **compreender os JO como um todo** (Venezuela, grifo nosso).

Sim, porque muitas vezes quando se fala de JO só se pensa na competição. Por exemplo, no meu esporte lutam, mas quando estamos em atividades assim [na YOY], percebemos que o esporte não só tem esse lado competitivo, mas, abrange muitas áreas que também vão fazendo parte dos jogos e que não é somente estar dentro de uma arena de combate (Equador).

Sim, é. Bom, a gente veio pros JO com o pensamento tipo, assim, igual eu já fui pro sul-americano e mundial. A gente não imagina o quão grande é isso aqui. E acho que como a gente é jovem, às vezes, a gente nem se liga do que realmente tá acontecendo, então, tipo, eu meio que vim pensando: “ah vai ser só jogo”. Mas os JO é muito maior do que isso [...] Tem um valor maior. Então, a gente só percebe isso quando a gente tá aqui dentro (Brasil).

Sim, porque eu acreditava que você vinha, jogava e ia embora, mas eles [BAYOGOC] querem ensinar aqui esta questão do *fair play* ou algo assim. É como a diferença entre outros campeonatos. É como que não importa quem ganha ou quem perde, é como se todos estivéssemos aprendendo (Uruguai).

O termo indicial “compreender os JO como um todo” nos remete para o entendimento de que estes Jogos são multifacetados, cujas características extrapolam o cenário esportivo competitivo, incluindo aspectos como a vivência da socialização e do companheirismo entre eles, conforme mencionou o atleta venezuelano. Quanto a tais aspectos, cumpre-nos assinalar que não pretendemos sugerir, nem tampouco afirmar, que estes não sejam exequíveis neste cenário – inclusive no próprio âmbito do esporte de alto rendimento –, pois, em alguma

medida, reconhecemos que eles o são, sobretudo, quando se pensa na prática do esporte coletivo. Entretanto, o que se observa é que o contexto da descrição realizada pelo nosso entrevistado – praticante de um esporte individual – aponta para o caminho da referida distinção.

Nessa linha de análise, chama a atenção quando a atleta equatoriana lança mão da retomada do termo indicial “lado competitivo” no seu relato para se referir ao esporte, em geral, e aos JO, em particular, indicando que as atividades ofertadas pelo BAYOGOC foram importantes para colocar em evidência “muitas áreas” que pareciam estar ‘ocultas’ no momento da disputa esportiva. De fato, muito embora a referida atleta não as tenha especificado – devido a característica indicial do seu relato –, pode-se inferir, com base nas circunstâncias contextuais da sua produção, que estas áreas coincidem com os aspectos apontados pelo atleta venezuelano.

Além disso, à luz do que foi anteriormente pontuado acerca das expectativas dos atletas em relação às atividades do CEP – antes mesmo de pisarem na YOV –, também chama a atenção os relatos das atletas brasileira e uruguaia. Afinal, ainda que elas tenham sido previamente informadas sobre a constituição destas atividades ou sobre a sua importância para socializarem com outros atletas, ambas demonstraram estar surpreendidas, seja com a sua dimensão, seja com a sua significância, respectivamente.

Com efeito, o próprio relato da atleta brasileira nos apresenta alguns elementos para compreendermos essa aparente contradição. Nos seus próprios termos, o fato de serem jovens (e, portanto, relativamente inexperientes) parece fazer com que eles não tenham o discernimento preciso do que estava para acontecer. Este dado vai ao encontro do estudo de Peters e Schnitzer (2015), o qual identificou que muitos atletas que participaram dos primeiros YOG de Inverno não tinham nenhuma expectativa, pois, antes do seu início, eles não tinham a devida ciência do tamanho e da importância deste megaevento.

Neste caso, embora não podemos descartar a sua pertinência, verifica-se que a comunicação prévia sobre uma programação adicional aos compromissos esportivos dos jovens atletas nos YOG mostra-se como insuficiente para persuadi-los a se engajarem com as atividades do CEP e, conseqüentemente, produzir sentidos e atribuir-lhes significados.

A reboque, isto nos permite pensar que uma proposta de Educação Olímpica, por exemplo, poderá ser mais bem compreendida pelos atletas e, portanto, será mais bem-sucedida caso a sua abordagem metodológica priorize não a verbalização de determinados

valores, mas, a vivência de um conjunto de atividades correlatas. Talvez, seja equivalente ou pelo menos se aproxime do que Roland Naul (2008) denomina de *abordagem orientada para a experiência*, cujo foco está na participação de crianças e jovens em festivais e celebrações olímpicas, com a conseqüente emulação dos seus valores declarados.

No bojo desta temática, é interessante perceber no relato da atleta uruguaia uma menção a um aspecto valorativo atrelado à oferta das atividades do CEP – e aos pressupostos coubertinianos –, qual seja: “*fair play* ou algo assim”. Ora, se o *fair play* “[...] é unanimemente considerado como elemento essencial à realização do potencial educativo dos Jogos Olímpicos” (TAVARES, 1998, p. 63), o “algo assim”, por sua vez, é composto por uma característica indicial, cuja construção naquele contexto local indica-nos a interpretação da referida atleta de que o cerne dos YOG-2018 não deve residir tão somente nos seus resultados esportivos, mas perpassa por um conjunto de aprendizados de natureza homóloga ao *fair play*, como o respeito às diferentes culturas e a promoção da paz entre eles.

Ainda no que se refere ao significado atribuído aos JO com base na vivência das atividades na YOY, julgamos a pertinência de refletir sobre importantes aspectos valorativos que foram acrescentados por outro atleta como justificativa para o presente tema, cuja relatibilidade não apenas descreve a sua relação com tais atividades, “[...] mas enquanto essa descrição, em se realizando, ‘fabrica’ o mundo, o constrói” (COULON, 1995, p. 46), conforme apresentado abaixo:

Sim! os valores olímpicos têm muito a ver com os Jogos. Está a amizade de fazer amigos, jogar com eles. O respeito que você tem que ter para conseguir socializar e poder conseguir isso. E a excelência como pessoa para estar bem (Argentina).

Note-se que, embora caminhe na mesma direção dos relatos já mencionados, este, por sua vez, parece-nos avançar qualitativamente em relação ao seu processo descritivo e argumentativo, oferecendo-nos pistas importantes para compreendermos uma possível manifestação da narrativa ambivalente tal como o COI se propõe a construir acerca do esporte olímpico, em geral, e dos YOG, em particular.

Nessa perspectiva, se tomarmos como referência os valores oficiais do MO (Excelência, Amizade e Respeito), é possível inferir que o consumo das atividades do CEP no ambiente intercultural da YOY também pode produzir sentidos que sejam consonantes com a perspectiva institucional do COI, cuja oferta pode colocar em evidência tais valores

proclamados para o grupo de jovens atletas e, como consequência, ajudá-los a atribuir um significado abrangente (e ambivalente) para estes Jogos, tal como expresso mais claramente pelo discurso do atleta argentino.

Com efeito, é interessante observar que a própria noção de Excelência foi relatada por este sujeito sob um prisma ampliado, isto é, vinculando-se não apenas aos aspectos atinentes à dimensão esportiva, mas, estendendo-se para outros aspectos da dimensão humana, a qual, conforme assinalado por Tavares (1998), pode ser perfeitamente explorada a partir do desenvolvimento físico, intelectual e moral.

Portanto, na esteira desta trilha analítica, “compreender os JO como um todo” seria equivalente a compreendê-lo não apenas como um megaevento de excelência esportiva, mas, como uma oportunidade para desenvolver-se como pessoa e vivenciar o respeito e o entendimento mútuos, bem como a construção de amizades entre eles, onde as suas diferenças culturais poderiam ser celebradas, alinhando-se, destarte, aos intentos do COI e, de forma retrospectiva, à própria perspectiva coubertiniana.

#### **4.3.9 Termo indicial 9: “viver só pra isso”**

Se a compreensão dos JO foi de alguma maneira sensibilizada pela participação dos atletas nas atividades do CEP, no que se refere ao entendimento destes sujeitos sobre a competição no seu esporte, por sua vez, essa relação parece não se sustentar ou, até mesmo, se inverter. Afinal, de acordo com os discursos produzidos pelos jovens atletas sul-americanos, identificamos que a sua participação nestas atividades apresenta-se como algo secundário, quiçá, indiferente, quando relacionada com a sua presente noção sobre a competição esportiva, conforme ilustrado pelos seguintes relatos:

Acho que não, mas, é porque nos jogos [do CEP] é pra se ajudar, mas na competição você quer superar o outro e aqui [na YOY] é se unir para todos ganharem (Argentina).

Não! na forma esportiva a gente sabe muito bem que o foco é outro, a gente sempre sabe o foco que tem que dar (Equador).

Constata-se, pois, que estes atores sociais – inseridos em uma comunidade atlética de excelência – já apreenderam a relatabilidade do grupo (COULON, 1995), lançando mão da descrição de uma linguagem naturalmente compartilhada entre eles de que, a rigor, o foco da

competição não está em socializar-se ou integrar-se com seus pares, mas, de forma inexorável, em superá-los ou derrotá-los no contexto esportivo, cuja almejada vitória notadamente não pode ser objeto de todos, resultando, conseqüentemente, na coexistência de vencedores e perdedores.

Sobre este ponto, vale ratificar que tais atletas passam por um momento delicado de transição, corolário tanto da sua faixa-etária – da juventude para a fase adulta –, quanto, de maneira especial, da sua carreira esportiva – da fase amadora para a fase profissional –, o que pode ser um fator pressionador no que se refere à sua compreensão sobre a competitividade no esporte, não necessariamente porque ganhar seja o mais importante, mas, porque ao dar o seu melhor, poderá ter mais sucesso em tal transição.

Isto posto, conforme pretende-se destacar aqui, mesmo na tentativa de acenar positivamente para a correlação entre a vivência dos aspectos culturais e educacionais atinentes às atividades na YOV com tal compreensão sobre a competição esportiva, alguns atletas parecem seguir a mesma linha interpretativa dos demais, adicionando novos elementos que permitem-nos relativizar ou, até mesmo, contrariar esta correlação, tal como demonstrado nos discursos abaixo.

Sim, tem nos ajudado a compreender de que quando não estamos competindo, não há rivalidade entre nós. Ou seja, convivemos com as mesmas pessoas e a competição ficou lá atrás, continuamos tendo as mesmas amizades, continua tudo igual, continuamos sendo amigos (Bolívia).

Sim, é. Foi o que eu falei, a gente começa a ter um conhecimento maior porque a gente acha que vai ali, compete, ganha e acabou. Mas, não, você tem que ficar no doping até você conseguir ir ao banheiro [...] igual a gente joga no Brasil, a gente nem estuda praticamente os times né? Vai lá, joga e tá bom. Aqui você tem que estudar [os adversários], você tem que ter uma concentração maior, você tem que ter um nível de sono maior, sabe? você tem que abrir mão de muitas coisas, **viver só pra isso** (Brasil, grifo nosso).

No relato da atleta boliviana, por exemplo, verifica-se que, a despeito da sua tentativa de esboçar uma descrição em direção ao deslocamento de perspectiva sobre a competição esportiva – valendo-se de determinados eufemismos –, sua interpretação pode ser relativizada, haja vista que a referida atleta não faz referência direta à prática da sua competição, mas, particularmente, à sua conduta no momento anterior ou ulterior. Sobre este ponto, vale acrescentar que há uma espécie de imaginário coletivo de que muitos atletas olímpicos, senão todos eles, demonstrem um comportamento baseado no *ethos* cavalheiresco – conforme visão

coubertiniana –, uma vez que este compõe a narrativa construída no que tange o esporte olímpico, constando, inclusive, no próprio juramento que os atletas fazem no ritual de abertura dos JO, apresentando-se mais claramente sob a alcunha de “espírito de esportividade” (COI, 1997).

O relato da atleta brasileira, por sua vez, parece ser ainda mais emblemático, pois, percebe-se uma certa confusão entre a sua experiência nas atividades do CEP e a sua própria experiência de competição olímpica, demonstrando que a sua compreensão sobre esta última não havia sido necessariamente reconstruída ou reorientada a partir da primeira, mas, intensificada, podendo servir, de maneira especial, para a apreensão dos etnométodos próprios deste grupo de atletas de elite, exibindo de forma natural a linguagem e a competência social correspondentes (COULON, 1995).

Note-se que foi nesse contexto que identificamos o termo indicial “viver só pra isso”, o qual não se traduz apenas na atitude atlética de competir, mas, na adoção de um estilo de vida cujo esporte de alto rendimento é o elemento estruturante das suas práticas cotidianas: comer, dormir, treinar, competir, descansar, etc. Com efeito, isto inclui, por exemplo, o aprimoramento de determinados aspectos capazes de fazer com que o atleta se torne um melhor competidor – busca pela excelência –, o que fatalmente exige-lhe “abrir mão de muitas coisas”, para usar os próprios termos da atleta brasileira acima, ou, “deixar muitas coisas para traz”, conforme ilustrado pelo interessante discurso produzido por uma atleta equatoriana sobre o que ela considera ser a sua principal experiência de aprendizagem nos YOG-2018 em geral, a saber:

Bom, minha experiência tem sido que a maioria das pessoas que estão aqui se esforçam e as pessoas que não estão aqui não compreendem o sacrifício que é para um atleta chegar aqui, que tem que **deixar muitas coisas para traz**, famílias, amigos... E quando estás aqui, você interage com pessoas que têm feito o mesmo que você, sacrificam sua vida para dar tudo no [seu esporte]. Que você tem um tempo se preparando para isso e, às vezes, as coisas não resultam como você pensa, porque a vida não gira sempre na mesma direção. E é isso o que eu mais tenho aprendido aqui (Equador, grifo nosso).

De fato, as suas ‘maneiras de falar’ ratificam a compreensão de que ela faz parte do grupo de atletas de elite – dentro da sua faixa-etária –, corroborando com a já mencionada ‘noção de membro’ (COULON, 1995). Ora, no caso dos atletas jovens, isso pode reverberar diretamente nos seus próprios estudos, visto que muitos ainda estão em fase escolar, exigindo-lhes uma organização pessoal acima da média de outros jovens para lograr a difícil e

desafiadora conciliação entre seu desenvolvimento no esporte de alto rendimento (com treinos, viagens e competições) e seu aproveitamento escolar (com aulas, seminários e avaliações).

Não obstante, Valle (2003) acrescenta que tal desafio não acomete apenas os jovens atletas em idade escolar, mas, também os próprios atletas no âmbito universitário, cuja intensa rotina do esporte de alto rendimento lhes facultam um tempo escasso para estudar para provas, elaborar trabalhos, cumprir estágios e participar de eventos científicos, comprometendo, sobremaneira, o seu desempenho acadêmico.

Sintomaticamente, ambos os casos demonstram que o esporte de alto rendimento parece impor aos jovens atletas uma relação de primazia no seu cotidiano, demandando-lhes um considerável acervo de tempo, esforço e energia em prol do efetivo desenvolvimento de suas carreiras esportivas, veiculando, desta forma, a mensagem de que tais sujeitos necessitam de uma dedicação integral, isto é, “viver só pra isso”. Deste modo, a difícil conciliação entre as demandas atinentes ao universo esportivo e àquelas advindas do universo escolar/acadêmico pode acabar deixando os jovens atletas mais propensos a abrir mão de um desses dois âmbitos formativos.

Aliás, a este respeito, vale a pena fazer menção ao estudo realizado por Bossle e Lima (2013), no qual observou-se que a maior parte dos jovens atletas entrevistados (do Esporte Clube Cruzeiro e do Grêmio Foot-ball Porto Alegrense) pensa essa relação entre a formação escolar e a formação como atleta de forma desigual, uma vez que esta última se sobrepõe sobre a primeira. Logo, os estudos escolares acabam representando-lhe uma espécie de plano B, para o caso do eventual insucesso numa investida em sua carreira profissional (neste caso, no futebol), ou, simplesmente, como um uma forma de assessorá-lo na concessão de entrevistas, na leitura de contratos, dentre outras atividades complementares (BOSSLE; LIMA, 2013).

Na esteira desta reflexão, consideramos pertinente fazer menção a outra atleta brasileira, cujo relato foi produzido como complemento daquilo que a sua parceira de time (e de entrevista) havia acabado de relatar. Aqui, ela exemplificou a presença e participação do seu treinador para mantê-las focadas nas competições, incluindo, de forma especial, os YOG-2018 – em virtude da sua grande dimensão –, conforme pode-se verificar abaixo:

Que nem o técnico, nosso técnico falou que a gente aqui só tem que se importar em cuidar do crachá e jogar [seu esporte]. E tipo, é totalmente diferente sabe? é uma importância maior (Brasil).

Em face do exposto, é possível pensar que a comissão técnica das equipes, representada na figura do(a) treinador(a), pode desempenhar um papel importante na condução da rotina dos seus atletas nos respectivos torneios em que disputam, reverberando na sua compreensão acerca da competição esportiva. No caso dos YOG-2018, por exemplo, observamos no Capítulo anterior que alguns treinadores deixam os seus atletas à vontade para transitarem livremente pela YOV e, conseqüentemente, para participarem das atividades do CEP, enquanto outros permanecem ao seu lado durante esse percurso, podendo, inclusive, direcioná-los para algumas delas. Todavia, vale a pena comentar que o fato de nos depararmos com uma limitação temporal concernente à realização das entrevistas, acabou nos limitando na exploração de tal influência nos jovens atletas.

De todo modo, ao analisarmos o discurso produzido pela atleta brasileira acima, por exemplo, verifica-se que a recomendação técnica perpassava basicamente por um cuidado com o próprio crachá (pois, isto servia para identificá-la como atleta naquele local) e com seus devidos compromissos esportivos. Logo, não fica claro que exista qualquer tipo de incentivo da comissão técnica a respeito da sua participação nas atividades do CEP (muito embora esta possibilidade também não se apresente como uma censura), o que, por sua vez, parece-nos corroborar a mensagem do “viver só para isso” e, por tabela, justificar o uso bricolado (CERTEAU, 1994) de determinadas atividades, especialmente, por estas possuírem determinados elementos cuja somatória recaia na mesma mensagem, tal como exemplificado pela atividade do doping.

#### **4.3.10 Termo indicial 10: “convivendo aqui por duas semanas faz isso”**

Chegando na parte final das entrevistas guiadas, nós interpelamos os jovens atletas sul-americanos contemplados neste estudo a relatarem se a sua participação nas atividades ofertadas pelo CEP, de fato, havia contribuído para que eles se aproximassem de atletas de outros países e, como desdobramento, construíssem novas amizades naquele espaço. Aqui, identificamos que os respectivos sujeitos foram unânimes em produzir discursos afirmativos e contundentes para esta correlação, conforme ilustrado a seguir:

Ah, sim! É o que eu falei desse negocinho aqui da mãozinha [*Yogger*], a gente tá fazendo uma atividade aí chega outra pessoa pra fazer, aí já vem, já pede pra ti as informações. Às vezes, você acaba de fazer e tipo começa a conversar sabe? Você interage bem em algumas atividades porque todo

mundo sempre quer ganhar algum brinde. [...] Chegar em casa oh, pegar esse *pen drive* aqui e adicionar [nas redes sociais] todo mundo (risos) (Brasil).

Sim, claro que sim! Ao se encontrar na Vila, a interação que está em trocar [informações por meio do *Yogger*] com outros atletas. Isso já te faz fazer uma conversação com o outro e acaba por fazer uma amizade (Argentina).

Sim, com certeza! Como no outro dia, estávamos na ceia [refeitório] e de repente senta um atleta de outro país no nosso lado e nós começamos a conversar. Estar juntos, **convivendo aqui por duas semanas faz isso**. Nós não nos conhecíamos antes e aqui estamos (Uruguai, grifo nosso).

Sim! Temos conhecido vários atletas aqui [na YOV]. Já conhecíamos alguns de outras competições, mas agora conhecemos mais outros (Venezuela)

O primeiro ponto que chama a atenção nestes relatos diz respeito à associação que alguns atletas fizeram entre o referido tema proposto com o uso do dispositivo *Yogger*, cedido pelo BAYOGOC pra todos os atletas que participaram dos YOG-2018. Para tanto, não podemos nos furtar de fazer uma retomada do que havia sido outrora relatado (no termo indicial 6) pela mesma atleta brasileira, em referência a este dispositivo, e, por conseguinte, defrontá-lo com o discurso que acabara de ser produzido por ela própria e também por um atleta argentino (nos excertos supra).

Com efeito, é possível notar – sobretudo, a partir do relato da referida atleta – que o uso funcional deste dispositivo (angariar pontos e trocá-los por brindes) não pode ser desconsiderado ‘na entrada’, muito embora, também não desmobilize uma conversação mais prolongada e, por extensão, a possível construção de uma amizade ‘na saída’, especialmente, após vir a adicionar os referidos contatos trocados nas redes sociais, como argumentado por ela. Tal circunstância aventa, pois, a possibilidade de um outro tipo de uso deste dispositivo, capaz de encetar uma interação e um diálogo mais fecundo entre tais sujeitos – a qual também já havíamos identificado em nossas observações –, aproximando-se, neste caso, do que havia sido projetado pelo CEP.

Todavia, a despeito dos discursos categóricos acima, nos salta aos olhos a indicialidade presente na expressão “convivendo aqui por duas semanas faz isso”, denotando que parte dos aspectos evocados para justificar “isso” – tal aproximação – não está necessariamente vinculada à participação destes atletas nas respectivas atividades ofertadas, mas, antes, ao próprio convívio compartilhado em um único espaço com os seus pares – representantes de diferentes países, culturas e esportes –, incluindo as próprias iniciativas dos atletas a partir de

alguns encontros contingenciais nas dependências da YOV, como no refeitório, conforme exemplificado pelo relato da atleta uruguaia.

No bojo dessa análise, é interessante perceber que há um protagonismo dos próprios atletas ao tomarem a iniciativa de iniciar uma conversação e, por conseguinte, estabelecer alguns vínculos, permitindo-se conhecer outras culturas, outras formas de vida e organização social, independentemente das atividades que lhes foram colocadas para consumo, por exemplo, evidenciando, neste caso, o emprego de táticas, calcadas, segundo Certeau (1994), por uma hábil utilização do tempo e das ocasiões que lhe são apresentadas pelas fundações de um poder.

Portanto, com base nos discursos produzidos pelos sujeitos desta pesquisa, depreende-se que, em alguns casos, a socialização e a consequente construção de amizades entre eles pode resultar simplesmente do referido compartilhamento, o qual, todavia, parece-nos depender menos do aspecto meramente temporal (duas semanas) e mais da constituição daquele espaço e, sobretudo, das redes de relações entre os referidos atores sociais no sentido de reconhecer e valorizar a diversidade cultural que se apresenta ali. Com efeito, identificamos que estes aspectos valorativos encontram suporte significativo no discurso produzido por outra atleta brasileira, a saber:

É... eu acho que você ver várias culturas diferentes da nossa é uma coisa muito diferente porque tem países, tipo, pra gente andar de *shorts* é super normal, sabe? uma roupa curta é super normal e tem países que tipo, pode fazer o calor que for, e as meninas tão com aquelas burcas e meio que nem ligam pra isso. É... você ver tipo pessoa da África, da Moçambique, tipo com aquelas roupas diferentes, mas, sempre assim [sorrindo]. Dá vontade de ir lá e conversar, conhecer melhor, sabe? É um povo sofrido, mas, é um povo que tá sempre com alegria no rosto. E, às vezes, a gente têm as coisas e reclama do que a gente tem. [...] então, eu acho que isso, né? Me tocou muito porque eu meio que cresci como ser humano sabe? (Brasil).

Sintomaticamente, é possível identificar, neste relato, que o referido espaço da YOV era composto por aquilo que podemos chamar de ‘atmosfera olímpica’, a qual, objetiva, segundo Turini et al. (2008), não apenas aglutinar em um único local os melhores jovens atletas de todo o mundo, mas, promover a celebração e o compartilhamento das diferenças culturais, num ‘clima’ festivo. De fato, isto nos parece encorajá-los a se relacionarem com maior empatia e fluidez. Aliás, como adendo, trata-se de uma atmosfera muito semelhante ao que também se observa na Vila Olímpica dos JO, com o fomento de aspectos como a

integração, entendimento e respeito mútuo entre os atletas por meio de encontros e intercâmbios culturais (TAVARES, 1998).

Destarte, tais dados apresentados parecem corroborar os achados de alguns estudos da literatura internacional, os quais indicaram que parte significativa da experiência educacional e cultural dos jovens atletas se deu muito em virtude das reuniões e interações informais desenroladas por iniciativa deles próprios (KRIEGER, 2012; PARENT; KRISTIENSEN; MACINTOSH, 2014; KRIEGER; KRISTIENSEN, 2016), e não necessariamente (ou não somente) em decorrência da participação dos mesmos nas atividades ofertadas, remetendo-nos novamente para a existência de um caráter contingencial em tais interações, tal como analisado no Capítulo II desta Tese.

Diante do que está posto, consideramos razoável reconhecer, contudo, que até mesmo este caráter contingencial a respeito da interação/integração entre os atletas no interior da YOV, de alguma maneira, parece ser incentivado/fomentado pela supramencionada ‘atmosfera olímpica’. Sinteticamente, conforme argumentam Engelman e Perrone (2009), os JO (outrossim, os YOG) podem ser entendidos como um fenômeno de hibridização (e por que não ambivalência?) entre os elementos culturais estrangeiros com os elementos correspondentes às respectivas culturas locais, de tal modo que o “[...] multiculturalismo como um dos operadores do Olimpismo cria uma abertura para o encontro sem preconceitos para a mistura, para a alteridade e para a ressignificação das identidades e relações sociais” (ENGELMAN; PERRONE, 2009, p. 87). Nesse viés de raciocínio, percebe-se que o esporte apresenta-se como eixo central para o estabelecimento de tais relações, visando, em última instância, contribuir para a construção de um mundo mais pacífico e tolerante, isto é, um mundo mais humano.

Por outro lado, como contraponto, é preciso ter presente que até mesmo quando os atletas relatam a intenção de se aproximarem dos seus pares, isto não garante tal efetividade, como no caso concernente à atleta brasileira em relação às citadas atletas moçambicanas, por exemplo. Afinal, há uma conjunção de fatores que podem se apresentar como concorrentes para tal efetividade. Dentre eles, além dos mesmos já apontados em relação à participação destes atletas nas atividades do CEP, foi possível captar nos discursos produzidos pelos sujeitos entrevistados, a concorrência da barreira linguística, tal como ilustrado pelo relato abaixo.

Sim, tem colegas de equipe que conheceram pessoas da Eslováquia, de diferentes países e tentam conversar com elas. Temos uma [companheira de equipe] aqui que fala inglês e saímos com ela porque se encontrarmos um amigo que fala inglês, nós chamamos ela para nos ajudar. Buscamos ela o tempo todo (risos) (Bolívia)

Ora, mais do que uma notável barreira para o estabelecimento de vínculos, digamos, mais frutíferos entre os referidos sujeitos na YOY, o relato da atleta boliviana nos oferece uma importante pista para atenuá-la: trata-se da necessidade de um(a) tradutor(a), a fim de fazer o que podemos chamar de ‘meio de campo’ entre os atletas cujas línguas nacionais apresentam-se como incompatíveis. Além disso, consideramos, ainda, que o Comitê Organizador destes Jogos poderia investir na construção de um dispositivo de tradução, à semelhança do que foi utilizado por iniciativa própria de alguns atletas (tal como apontado no Capítulo anterior). Talvez, aprimorar o próprio dispositivo *Yogger* para dar conta da situação focalizada, o que, por sua vez, não desobriga o respectivo Comitê da necessidade já apontada de investir em recursos humanos para atenuar a mesma problemática.

#### **4.3.11 Termo indicial 11: “é como se fosse uma olimpíada de verdade”**

Finalmente, guiamos o processo interativo com/entre os jovens atletas sul-americanos para a discussão de um último tema: a experiência mais marcante vivenciada no transcorrer de todo o megaevento, isto é, aquela que mais havia os impressionado desde a cerimônia de abertura até o presente momento em que estavam sendo entrevistados (o que variou entre os dias 13 e 17 de outubro).

Com efeito, amparando-se pela prerrogativa de uma não obrigatoriedade de restringir-se ao espaço da Vila, identificamos que a maior parte dos atletas entrevistados apontou uma correspondência entre tal experiência marcante/impressionante com a dimensionalidade concernente às competições esportivas olímpicas, seja em virtude dos seus respectivos locais de disputa, seja em face do alto nível em que eles se defrontaram, tal como demonstrado nos excertos abaixo:

O que mais tem impressionado a mim são os locais de competição: muito bem organizados e tudo está muito bem colocado, porque cada coisa tem tudo, não falta nada, tem boa segurança, tudo é bem organizado e muito impressionante (Venezuela).

Ah! o que mais me impressionou foi tipo o local da competição. [...] é como se tivesse assistindo na televisão, ai cê fala: “cara eu tô passando numa televisão, o mundo inteiro tá me vendo”. Tipo é uma experiência assim de outro mundo (Brasil).

Nada mais que os esportes, o nível de esportistas, que são muito bons. Eu sou do combate e me surpreende ver pessoas de minha idade lutando no Judô, Taekwondo, que são muito bons atletas, muito bom o nível. Parece nível de adulto e nós somos adolescentes e isso me parece, uau! (Argentina).

Observe-se, pois, que ao serem convidados a descreverem (e, portanto, construir) a sua experiência mais significativa nos YOG-2018, os jovens atletas lançam mão de aspectos mais pragmáticos, como as distintas organização e segurança atinentes ao seu local de competição (arena, pista, tatame...), bem como de determinadas características indiciais, com destaque para: “é como se eu tivesse assistindo na televisão” e “parece nível de adulto”. Não obstante, importa-nos indagar: afinal, o que há de comum entre esses aspectos pragmáticos e tais características indiciais?

Com base na relatabilidade do grupo, é possível constatar que ambos os aspectos manifestam um contentamento e/ou uma surpresa por parte dos seus respectivos membros acerca da dimensão singular destes Jogos, algo mais ou menos equivalente aos conhecimentos prévios que eles possuíam a respeito dos JO convencionais, confluindo, portanto, para o seguinte termo indicial: “é como se fosse uma olimpíada de verdade”. Este termo, destarte, parece-nos corroborar a atitude comparativa que os atletas jovens demonstraram no que se refere a relação entre os YOG e os JO – tal como expresso desde o primeiro termo indicial apresentado neste Capítulo.

De acordo com Coulon (1995), ao tornar a sua experiência visível, relatável e compreensível, os atores sociais estão inexoravelmente mostrando os respectivos sentidos que estão sendo produzidos. Deste modo, nos parece significativo que mesmo quando o jovem atleta faz menção à alguns aspectos pertencentes à Vila (como a convivência pacífica com seus pares), esta tenha sido imediata e irremediavelmente acompanhada por outros aspectos inerentes às suas referidas competições esportivas (como a valorização da disputa e a busca pela vitória). Nesse sentido, o discurso descrito abaixo nos parece representativo de como o atleta mediava estes aspectos ambivalentes:

Ah, muita coisa me impressionou! Eu não imaginava que era uma Vila, eu pensei que ia ficar cada um num hotel, num canto diferente, mas, tipo assim, a galera toda junta assim é uma emoção, **é como se fosse uma olimpíada de**

**verdade** pra mim. A competição é tipo uma coisa de outro mundo. Tô considerando isso aqui [YOG-2018] como opção mais importante da minha vida até hoje. Pretendo conquistar mais títulos, chegar mais pra frente e disputar outros [JO] (Brasil, grifo nosso).

Diante deste ponto, note-se que ao interpretar que os YOG-2018 assemelham-se aos JO “de verdade”, o discurso do atleta brasileiro parece-nos representativo sobre como os jovens atletas lidam com a narrativa olímpica e ambivalente engendrada institucionalmente. Afinal, tal como vimos outrora – e em especial, no termo indicial 8 –, estes sujeitos reconhecem que os JO comportam uma oportunidade singular para o compartilhamento de diferentes culturas, a vivência do respeito e entendimento mútuos e a consequente construção de amizades entre eles, justificando a “emoção” e a consequente comparação com os JO, tal como apontado no relato acima.

Por outro lado, com base na continuidade do mesmo discurso apresentado, apesar de não deslegitimar as referidas possibilidades culturais e educacionais (também constatadas na conjunção das demais produções discursivas), pode-se depreender que a dimensão esportiva e, consequentemente, a noção de competição (com as suas respectivas implicações), figura uma parte significativa da relatabilidade deste atleta, o que também acontece com a conjunção do grupo estudado (conforme analisado no termo indicial 9). De modo sintomático, temos boas pistas para pensarmos que a competição esportiva representa o horizonte central da experiência de participação dos seus respectivos membros nos YOG-2018 – quiçá, nas próprias atividades do CEP –, a ponto de considerá-los como a opção mais importante de suas vidas naquele momento, presumivelmente, até que se chegue a oportunidade da eventual disputa dos JO na versão adulta, por exemplo, conforme a indicialidade presente no relato do atleta brasileiro.

Em suma, com base na referida indicialidade atinente aos discursos dos atletas sul-americanos, constata-se que as suas formas de apropriação e as suas consequentes produções de sentidos ao participarem dos YOG-2018 parecem ir ao encontro dos sentidos produzidos pelos próprios atletas que participam dos JO convencionais, cujo foco, grosso modo, perpassa por seu desempenho na competição esportiva. Segundo o estudo realizado por Tavares (1998) com os atletas brasileiros participantes dos JO de Atlanta 1996, por exemplo, identificou-se que, apesar de frequentarem as atividades culturais oferecidas e até as considerarem importantes, tais sujeitos as deixam sempre subjugadas às suas respectivas obrigações nas

atividades esportivas, o que, para o autor, é perfeitamente lógico e esperado, por se tratarem de atletas de alto rendimento.

No caso dos atletas jovens que participaram dos YOG-2018, bem como de edições anteriores deste megaevento – embora estejam em um cenário diferenciado, marcado pela oferta de atividades sistematizadas pelo CEP –, verifica-se que a situação não é muito diferente. Segundo identificado por autores como Schnitzer et al. (2014), a participação nas atividades do CEP (72%) era menos apreciada pelos atletas participantes dos YOG de Inverno de Innsbruck, quando comparada, por exemplo, com o simples fato de conviverem com outros atletas na YOY (93,3 %), com os passeios que fizeram pela referida cidade – capital de um dos estados da Áustria (93,2 %) e, em especial, com a participação nas suas competições esportivas (96,6 %), corroborando, portanto, com os dados aqui apresentados.

Peters e Schnitzer (2015), por sua vez, acrescentam que a maioria dos jovens atletas entrevistados descreveu a sua experiência de participação nos YOG de Inverno de Innsbruck como sendo “ótima”, “maravilhosa”, “esmagadora e “impressionante”, especialmente, ao correlacioná-la com a competição esportiva e a cerimônias de abertura. De fato, outros estudos também corroboram estes dados ao apontar que a dimensão esportiva – através do desempenho atlético nas competições – representou o aspecto mais dominante para os jovens atletas de elite participantes de diferentes edições dos YOG (KRIEGER; KRISTIENSEN, 2016; MACINTOSH; PARENT; CULVER, 2019).

Com efeito, ainda no que se refere a este âmbito da competição esportiva, além do alto nível dos competidores, da organização e da estrutura dos espaços, também chama a atenção, nos relatos dos atletas contemplados neste estudo, a importância atribuída por eles para algumas nuances correlatas à referida dimensão esportiva, tal como ilustrado nos fragmentos abaixo:

Tipo quando a gente foi jogar mesmo, que a gente foi entrar na quadra e falam seu nome, sabe? Você, nossa! Se sente muito importante. Eu me senti muito importante naquela hora, foi uma experiência incrível (Brasil)

Como as pessoas te olham nas ruas, como se você fosse famoso [...] e te pedem fotos, camisetas e coisas assim. [...] Ah! você se sente especial, te sentes valorizada. Não importa se você ganhou ou não, você é dos Jogos [YOG-2018] então... como quando estávamos nas ruas indo para os jogos e os policiais fazem a escolta, parece que somos importantes (risos) (Uruguai).

Observe-se que o fato de ouvir seu nome sendo anunciado antes de entrar na arena, e/ou ser escoltado pelos policiais em direção aos espaços de competição pode resultar em aspectos triviais para alguns atletas já consagrados e, no entanto, parecem ter grande significado para os atletas jovens. Afinal, tais fatos estão carregados de um certo prestígio, com o qual eles ainda não estão perfeitamente acostumados, visto que ainda estão em processo de busca por uma maior notoriedade e consolidação em seus respectivos esportes.

Sintomaticamente, conforme verificado nas produções discursivas dos nossos entrevistados, pode-se constatar que isso se estende, de maneira especial, para o estabelecimento de uma relação capaz de deixá-los particularmente emocionados. Trata-se da sua relação com o conjunto de torcedores/espectadores, remetendo-nos para os significados atribuídos ao carinho e ao reconhecimento provenientes dos mesmos, seja nas ruas – tal como assinalado pela atleta uruguaia, após ser reconhecida e tietada –, seja nos referidos espaços de competição, tal como ilustrado nos seguintes relatos:

Para mim, foi o recebimento das pessoas, subir no tatame onde foi a competição e a torcida lá, isso foi o que mais me impressionou dos jogos. O reconhecimento do público (Argentina).

Sim, porque quando estávamos saindo, se aproximaram dois [torcedores] argentinos e falaram que tinham ido ver nosso jogo e pediram: “por favor, nos dá tua camisa”. E eu falei que não tinha como dar a eles, e me falaram que iriam até o último jogo para nos ver jogar. [...] bom, é muito emocionante ver que pessoas de outros países estão aí para te apoiar e animar (Bolívia).

As produções discursivas dos referidos sujeitos podem oferecer alguns indícios para pensarmos sobre o quão significativo para o jovem atleta é o *feedback* que ele recebe do público presente, servindo como um grande incentivo para que ele dê continuidade no esporte de alto rendimento. Aliás, este *feedback* parece-nos ser ainda mais emblemático quando envolve torcedores de outras nacionalidades, como no exemplo relatado pela atleta boliviana em relação aos torcedores argentinos. Ora, no contexto esportivo, sabe-se que o uniforme utilizado por um atleta olímpico no momento da sua competição tem uma grande representatividade para ele e para aqueles que torcem junto, especialmente, por este trajar as cores da bandeira nacional que defende. Logo, o ato de alguém ‘pedir a sua camisa’ é composto por uma determinada indicialidade que pode, em alguma medida, reificar uma admiração, quiçá, uma relação de idolatria por parte de quem o fez.

Neste último ponto, pode-se depreender, portanto, que tais participantes dos YOG-2018 constroem sentidos que se apresentam de forma alegórica como uma certificação de que os seus esforços/sacrifícios para chegar até ali, de fato, estavam valendo a pena, independentemente dos seus respectivos resultados – isto é, se medalhistas ou não –, fazendo com que se sintam especiais, valorizados, prestigiados, tal como se estivessem participando de uma “olimpíada de verdade”.

#### 4.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Amparados pela teoria certauniana e pelos pressupostos teórico-metodológicos da etnometodologia, foi possível captar nas produções discursivas dos jovens atletas sul-americanos entrevistados, novas pistas sobre “maneiras de fazer” ou métodos cotidianos empregados por estes sujeitos na relação com as atividades e bens culturais que lhes foram ofertados no contexto dos YOG-2018, focalizando a cerimônia de abertura e, em especial, o cotidiano da YOV.

De forma geral, os resultados indicam que estes Jogos reificam o saber comum e socialmente compartilhado entre os referidos sujeitos – como membros de um grupo de elite esportiva – a respeito da sua dimensão relativamente proporcional aos JO. Nesse sentido, identificamos que a cerimônia de abertura dos YOG-2018 representou uma espécie de ‘rito de passagem’, compondo-se pela incorporação dos etnométodos próprios a tal grupo. Aqui, constatamos que a produção de sentidos destes sujeitos foi mediada pela identificação de alguns símbolos que também aparecem nos JO, o que, por sua vez, ajuda a justificar o emprego de táticas de resistência no que se refere ao desfile coletivo sem o porte das suas respectivas bandeiras nacionais, divergindo, neste caso, das suas expectativas iniciais.

No que se refere às atividades ofertadas pelo CEP, constatamos que os atletas constroem sentidos polissêmicos, em especial, a partir de uma articulação entre gosto, utilidade e aprendizagem, cujo horizonte, entretanto, é marcado pela sua própria competição esportiva. Isto posto, identificamos que os referidos sujeitos empregam algumas táticas de bricolagem com base na função instrumental de tais atividades, podendo apresentar-se de modo imediato (como ganhar prêmios e vivenciar momentos interativos, recreativos e socializantes, capazes de atenuar a ansiedade e o estresse causados naquele momento por sua respectiva competição esportiva); ou, ainda, a posteriori (como o conhecimento sobre o

doping, a trajetória de um campeão, as suas fragilidades corporais e, até mesmo, a construção de amizades), desdobrando-se, desta maneira, em algo novo e útil – consumo produtivo.

Os dados produzidos neste Capítulo indicam, ainda, o reconhecimento por parte dos jovens atletas de que eles estão situados sob a égide de um ambiente composto por uma ‘atmosfera olímpica’ nos YOG-2018 (à semelhança do que ocorre nos JO), mais especificamente, no interior da YOY. Contudo, não nos é possível afirmar, por tabela, que haverá o efetivo e automático intercâmbio cultural ou a construção de amizades entre eles, pois isto envolve diferentes fatores (como o próprio caráter contingencial identificado), os quais, como nos ensina Michel de Certeau (1994), dependem dos seus respectivos “modos de operação”, isto é, das suas “artes de fazer”.

Os discursos produzidos pelos jovens atletas sobre a sua experiência de participação nos YOG-2018 expressam, portanto, uma dimensão racionalizada (com contornos utilitários) e, ao mesmo tempo, intersubjetivamente compartilhada entre eles, cujo balizador central parece ser a competição olímpica. Ora, entendemos que tais dados colocam à tona a necessidade de ações bastante cuidadosas por parte dos seus organizadores para não cair no risco de simplesmente reproduzir os JO no nível juvenil, conforme advertiu Wong (2011), haja vista que o COI caminha uma linha tênue entre a celebração do que o esporte deve ser e do que tem se tornado um modelo esportivo dominado pela comercialização e pela concorrência excessiva.

Em contas finais, destaca-se que tal cenário compõe-se por um invólucro de interesses, emoções, gestos e gostos, capaz de justificar o consumo produtivo que os jovens atletas fizeram tanto do ritual (e dos símbolos) da cerimônia de abertura, quanto das atividades culturais e educacionais ofertadas no cotidiano da YOY, a partir do qual os praticantes fabricaram algo novo, construindo um cenário prospectivo de participação nos JO convencionais.

## CAPÍTULO V

### CONSIDERAÇÕES FINAIS DA TESE

*Alguém pergunta: mas o que ‘querem’ dizer?  
Então se responde: vou contá-los de novo. Se  
alguém lhe perguntasse qual era o sentido de  
uma sonata, Beethoven, segundo se conta, a  
tocava de novo.*

*(MICHEL DE CERTEAU)*

Neste Capítulo final, nos propomos a fazer um texto síntese, agrupando e concatenando os principais dados produzidos e analisados nos Capítulos anteriores, sem, no entanto, pretender chegar a conclusões peremptórias, mas, fomentar a reflexão sobre o nosso objeto de estudo e trazer luz para a questão outrora apresentada, ou, na alegoria da epígrafe acima, tencionando tornar mais compreensível o sentido desta ‘sonata’. Para logarmos tal ensejo, flertamos com o movimento reflexivo de metanálise, o qual, segundo orientado por Bicudo (2014), impele-nos a fazer uma retomada sobre a condução, estruturação e achados da pesquisa, incluindo uma busca pelo sentido que esta faz para aquele que sobre ela reflete.

Inspirados pelos pressupostos teórico-metodológicos certeunianos e etnometodológicos, sustentamos que a sociedade não é construída tão somente por um conjunto de práticas institucionalizadas no nível macro. Afinal, embora não participem da organização estratégica de um dado local e da oferta dos produtos correlatos, as práticas ordinárias e de consumo no nível micro, empregadas pelos sujeitos que compõem/constroem o cotidiano, são perfeitamente capazes de burlar e subverter as amarras institucionais.

Isto posto, em detrimento da compreensão de que tais práticas cotidianas são determinadas por uma racionalidade técnica e funcionalista – definida neste estudo pela organização institucional do COI –, optamos por colocar em foco, na presente Tese, as práticas e discursos dos jovens atletas de elite nos YOG-2018 como “maneiras de fazer”, objetivando compreender como estes sujeitos se apropriam, consomem e constroem sentidos acerca das atividades culturais e educacionais que lhes foram ofertadas neste espaçotempo, em especial, no que tangencia a trama intercultural da YOV.

Assim, delineamos esta investigação a partir de um caminhar metodológico diversificado e permeado por alguns entraves. No primeiro momento, realizamos o retorno a um passado recente (2010-2018), a fim de acumularmos conhecimentos acerca da experiência de participação de outros atletas jovens nas edições que precederam os YOG-2018. Posteriormente, operamos um importante mergulho na complexidade subjacente ao cotidiano da YOJ destes últimos Jogos, estabelecendo interfaces com as pesquisas nos/dos/com os cotidianos, numa tentativa de “captar no voo” (CERTEAU, 1994) algumas pistas e nuances a respeito das redes tecidas no dinamismo e enredamento deste espaçotempo.

Com efeito, consideramos que este ponto de inflexão constituiu-se em um processo tão necessário, quanto complexo e desafiador, não apenas em virtude do difícil acesso ao referido contexto, mas, de forma análoga, em relação à respectiva produção de dados, o que nos exigiu trabalhar em seis frentes simultâneas, a saber: 1- tomar nota das atividades ofertadas pelo CEP; 2- tomar nota das interações estabelecidas entre os atletas de diferentes culturas; 3- tomar nota das práticas dos atletas em relação às referidas atividades; 4- fazer registros iconográficos de imagens paradas a respeito de todos os itens anteriores; 5- abordar os atletas sul-americanos e convidá-los (persuadi-los?) a participarem das entrevistas; 6- realizar as entrevistas guiadas com estes sujeitos.

Nessa conjuntura, se é verdade que o COI consegue imprimir uma certa padronização entre as diferentes edições dos YOG, garantindo uma curta margem de manobra e variação entre elas (conforme aludido no Capítulo I); também é verdade, em contrapartida, que o cotidiano praticado pelos respectivos atletas jovens em cada uma delas, se revela como sendo dinâmico e, não raras vezes, dissonante da perspectiva institucional (tal como identificamos na literatura científica, bem como no próprio contexto de investigação dos YOG-2018), uma vez que as suas práticas e interações também os permitem imprimir suas marcas de resistência, criatividade e insubmissão no uso das atividades e produtos ofertados.

Sintomaticamente, em que pese os esforços do COI e dos respectivos Comitês Organizadores para implementar alguns objetivos centrais (ambivalentes e transversais) em todas as edições dos YOG, visando atribuir aos atletas participantes um determinado lugar e um conjunto de artefatos culturais e educacionais para consumo, foi possível constatar, no cerne da presente investigação, uma inventividade anônima destes sujeitos, conforme abordaremos a seguir com o processo de retomada dos principais achados.

Para compreender o que vem sendo produzido na literatura nacional e internacional a respeito da participação dos jovens atletas de elite em diferentes edições dos YOG, nós procuramos realizar (no Capítulo II) uma revisão sistemática qualitativa. Assim, em consonância com o nosso foco de interesse (experiência educacional destes sujeitos) e demais critérios de inclusão e exclusão pré-estabelecidos, foram selecionamos um total de sete artigos para uma análise centrada nos seguintes aspectos: objetivo, abordagem metodológica, localidade, sujeitos participantes e principais resultados. No tratamento destes últimos, mobilizamos procedimentos de análise de conteúdo (BARDIN, 2011), permitindo-nos construir duas categorias – “Possibilidades e contingências” e “Desafios e resistências” – para analisar tanto os elementos que se aproximam, quanto os que concorrem com os objetivos educacionais que foram idealizados pelo COI.

Os resultados apontaram que a participação nos YOG – e, em especial, nas atividades do CEP – pode fomentar um conjunto de aprendizagens valorativas (amizade, respeito e excelência) para os jovens atletas, muitos dos quais alegaram ter apreciado as iniciativas deste Programa, embora em um menor grau quando comparadas com outras experiências que eles tiveram nos respectivos YOG, incluindo o simples fato de conviverem com outros atletas na YOY, por exemplo. Aliás, este dado mantém estreita relação com a posterior identificação de que tais experiências educacionais parecem materializar-se muito mais a partir de reuniões e interações de caráter informal entre eles do que, necessariamente, a partir do consumo das atividades do CEP, sinalizando, portanto, para o caráter contingencial das suas redes de práticas e aprendizagens.

Dentre os principais resultados dos estudos contemplados nesta revisão, também nos chamou a atenção as razões identificadas por seus respectivos autores para justificar a resistência e/ou a dificuldade de participação dos jovens atletas nas referidas atividades. Tais razões são múltiplas e perpassam pela falta de tempo para tomar parte das mesmas, resultante de um cronograma extenso de competições; pela falta de interesse, ao considerá-las “infantis” e desinteressantes; ou, ainda, pela opção de usar o seu tempo livre para acompanhar as competições dos seus compatriotas e/ou para descansar em prol das suas próximas competições. A este respeito, observa-se que que o epicentro destas justificativas localiza-se na cultura esportiva competitiva da qual estes sujeitos fazem parte, concorrendo, destarte, com os referidos objetivos educacionais (e institucionais).

Um último aspecto a ser pontuado no trabalho de revisão da literatura diz respeito a identificação de algumas lacunas nos estudos analisados, tanto em virtude de determinada inconsistência metodológica, quanto por contemplarem majoritariamente os atletas norte-americanos e europeus como público-alvo, apontando-nos um cenário de sub-representação de alguns países e continentes. Dentre eles, importa-nos assinalar que estão inclusos os jovens atletas sul-americanos, justificando a nossa opção metodológica de abordá-los em nossas entrevistas guiadas (atinentes ao Capítulo IV).

Em suma, tais dados trouxeram à tona alguns subsídios para pensarmos na existência de um hiato entre as estratégias institucionais e centralizadoras do COI e a perspectiva dos jovens atletas olímpicos no que tange ao consumo das respectivas atividades do CEP, remetendo-nos para a real importância de olharmos para os jovens atletas de elite não como consumidores passivos dos artefatos ofertados por este Programa, mas, como praticantes do cotidiano transitório tecido nos YOG, mais precisamente, na edição de Buenos Aires (2018).

Assim, ao considerarmos as práticas dos jovens atletas participantes destes Jogos como estatuto de objeto teórico, tal como orientado por Michel de Certeau (1994), nós nos colocamos na posição de observá-las com atenção no cotidiano da YOV, supondo como ponto de partida que elas figuram o plano tático. Por um lado, isto nos permitiu captar alguns fios das redes de conhecimentos e práticas sobre diferentes possibilidades de usos, (re)apropriações e produções silenciosas destes sujeitos enquanto elas estão sendo tecidas na sua relação com os artefatos postos para consumo; por outro lado, isto também nos exigiu, num primeiro momento, levar em consideração a produção técnica, expansionista e institucionalizada – por parte do COI e do BAYOGOC/CEP –, em especial, a partir da estruturação de um ambiente intercultural e da organização/oferta das atividades culturais e educacionais. Logo, considerando que tais práticas institucionais “[...] apontam para a resistência que o estabelecimento de um lugar oferece ao gasto do tempo” (CERTEAU, 1994, p. 102), nós supomos, como ponto de partida, que elas compõem o plano estratégico.

Diante do que está posto, numa tentativa de evitar que a unilateralidade de um dado se sobreponha à complexidade do todo, nós buscamos combinar várias fontes de produção de dados a partir das observações realizadas, a saber: anotações sistematizadas em diário de campo, registros iconográficos de imagens paradas e interações comunicativas entre os jovens atletas no cotidiano da Vila, o que nos permitiu o acesso à algumas pistas para

compreendermos como este espaçotempo é fabricado institucionalmente e (re)fabricado pelos jovens atletas na condição de consumidores.

No que se refere ao plano estratégico, constatamos que as iniciativas institucionais se revelam mais a partir de um caráter persuasivo do que necessariamente repressivo ou coercitivo no cotidiano da Vila, denotando tratar-se de um lugar relativamente controlado. Afinal, embora os jovens atletas sejam obrigados a permanecerem hospedados neste local até a cerimônia de encerramento dos YOG-2018, é facultado aos mesmos a opção de participarem ou não das respectivas atividades ofertadas.

Captamos, então, alguns aspectos que parece-nos cumprir essa função de persuadi-los a tomarem parte de tais atividades, com destaque tanto para a organização estrutural (com a montagem de estandes e estações no entremeio da entrada/saída deste local e da Zona Residencial), quanto programática, na qual nota-se um investimento em aspectos como ludicidade, interatividade e tecnologia, evidenciando uma racionalização estratégica para angariar a atenção, o interesse e a participação dos jovens atletas em relação a tais atividades. Isto posto, parece-nos tratar-se de uma tentativa institucional e expansionista de estabelecer as regras do jogo e as suas respectivas interações, as quais deveriam ser (sob a ótica do plano estratégico) atravessadas pelos aspectos culturais e educacionais atrelados a este megaevento esportivo. Tais estratégias visam fomentar uma espécie de ‘educação em valores olímpicos’, endossando, portanto, um determinado lugar de poder.

No que diz respeito ao plano tático, por sua vez, focalizamos os jovens atletas de elite dos YOG-2018 na posição de consumidores/usuários/praticantes, o que nos possibilitou captar, no cotidiano da YOV, o emaranhar das astúcias e espertezas levadas a efeito na sua relação com o repertório de atividades que lhes foram postas para consumo numa determinada organização estrutural/programática do contexto. Assim, inspirados em Certeau (1994), classificamos suas práticas a partir de duas categorias heterogêneas, embora interligadas e/ou indissociáveis: táticas de desvio e/ou resistência e táticas de bricolagem.

Na primeira categoria, analisamos a dimensão ética das práticas de alguns atletas, os quais não chegaram a apresentar uma atitude hostil em relação aos artefatos culturais e educacionais ofertados pelo plano estratégico, mas, demonstraram, isto sim, uma espécie de renúncia ou esQUIVA em relação aos mesmos (e, por tabela, aos seus possíveis e respectivos benefícios). Ora, isto se justifica por uma tentativa destes sujeitos de lograrem outras possibilidades de ganho a partir das respectivas práticas de desvio, resistência ou

simplesmente de não participação nas referidas atividades do CEP, tal como captamos mais claramente (e recorrentemente) com algumas equipes de Futsal (masculino e feminino).

Na segunda, por sua vez, analisamos a dimensão estética das práticas dos jovens atletas, por meio das maneiras singulares de apropriação das informações que lhes foram distribuídas e dos objetos que lhes foram entregues, operando com uma bricolagem daqueles que fossem capazes de atender ao que eles pareciam buscar naquele espaço. Ora, sob estas condições, parece-nos que suas práticas de espaço também podem assumir nuances estratégicas, uma vez que tais atividades tinham como substrato comum, sobretudo, o fato de serem objetivamente orientadas para o seu círculo esportivo de alto rendimento, a saber: financiamento olímpico, carreira futura, relação com a mídia, performance corporal e bate-papo com os campeões. Ou seja, ao capitalizarem um conjunto de informações correlatas ao arranjo de suas expectativas, interesses e intenções, estes sujeitos tecem uma rede de produção de sentidos, cujo referido espaçotempo parece-nos apresentar-se, especialmente (embora não exclusivamente), como uma possibilidade de afirmação da sua identidade atlética.

Em síntese, observamos que ambas as categorias apresentadas nos remetem para o emprego de um conjunto de práticas astuciosas, criativas, silenciosas, transgressoras e quase invisíveis destes sujeitos, seja para desviarem-se e/ou resistirem à organização estratégica, seja para fazerem uma bricolagem dos fragmentos atinentes aos produtos ofertados, tomando por base seus próprios interesses, permitindo-lhes produzir sentidos que transcendiam as questões culturais e educacionais, embora estas também estivessem presentes, como a interação e a socialização. Nesse sentido, note-se que o emaranhado de táticas, captadas e analisadas em nossas observações, corroboram o entendimento de que não há uma relação de passividade destes sujeitos na condição de consumidores/usuários, mas, de “produtividade” – consumo produtivo. Tratar-se-ia, portanto, do que Certeau (1994) denomina de “práticas significantes”, isto é, práticas capazes de dar vivacidade ao lugar, transformando-o em um espaço.

Em face à complexidade inerente ao cotidiano transitório dos YOG-2018, nós buscamos captar outros fios das redes de conhecimentos, práticas e sentidos construídos pelos jovens atletas em relação ao consumo dos artefatos culturais e educacionais que lhes foram entregues na Vila, incluindo, ainda, àqueles provenientes da cerimônia de abertura deste megaevento. Para tanto, entendemos ser fundamental analisar, além das suas práticas espontâneas (tal como fizemos no Capítulo III), os discursos que tais sujeitos produzem de forma guiada e intencional no espaçotempo em que tais redes estão sendo tecidas. Nos

propomos, então, a operar com uma escuta ativa e atenta, pois, conforme argumentado por Certeau (1994, p. 166): “Quem tem ouvidos para ouvir, que ouça! O ouvido apurado sabe discernir no *dito* aquilo que aí é marcado de diferente pelo *ato de dizê-(lo)* aqui e agora, e não se cansa de prestar atenção a essas habilidades astuciosas do contador.”

Em suma, as entrevistas guiadas foram baseadas em dois roteiros diferenciados de conversação com jovens atletas sul-americanos. No primeiro, focalizamos diferentes aspectos concernentes aos YOG, em geral, e à cerimônia de abertura, em particular, com destaque para as maneiras como eles se apropriaram dos rituais olímpicos protocolares. No segundo, abordamos a sua participação nas atividades do CEP como temática focal, incluindo aspectos como: expectativas, gostos, interesses e aprendizagens.

Para subsidiar o processo analítico, por sua vez, buscamos amparo no aporte teórico-metodológico certeuniano e nos conceitos-chave etnometodológicos, cujo eixo estruturante foi formado por termos indiciais, os quais, segundo Coulon (1995), são característicos a um determinado grupo e, por isso, só podem ser compreendidos nos contextos da sua produção. Sobre este ponto, destacamos que as observações realizadas no espaçotempo da Vila (tal como apresentamos no Capítulo III), aliadas ao ensejo de assistirmos *in loco* a cerimônia de abertura, foram imprescindíveis para compreendermos a utilização de tais termos para além do seu sentido estritamente semântico. Com base nos discursos produzidos pelos jovens atletas contemplados nas entrevistas, foi possível captar um total de 11 termos indiciais, e com eles, novas pistas sobre as suas ‘artes de fazer’ ou seus ‘métodos cotidianos’ no referido contexto.

A partir do primeiro roteiro de conversação, emergiram três termos indiciais (1- “é a primeira vez, né?”; 2- “início de uma meta”; 3- “não ir com tua bandeira”). Já a partir do segundo, emergiram outros oito termos indiciais apresentados neste estudo (4- “ainda temos jogos”; 5- “seu lado competitivo”; 6- “essas coisas”; 7- “distração do que fazemos”; 8- “compreender os JO como um todo”; 9- “viver só pra isso”; 10- “convivendo aqui por duas semanas faz isso”; 11- “é como se fosse uma olimpíada de verdade”).

Uma análise da participação geral dos jovens atletas nos YOG-2018 nos dá pistas para pensarmos em um interessante paradoxo que transita entre, por um lado, encarar a sua inédita e irrepitível participação nestes Jogos como uma oportunidade para divertir-se, fazer contatos, conhecer novas culturas e construir amizades; e, por outro, encará-la como uma vitrine propícia para ganhar visibilidade e notoriedade nas suas competições, utilizando este

megaevento como uma oportunidade de amadurecer técnica e psicologicamente para se firmar no esporte de alto rendimento, vislumbrando participar dos JO, por exemplo.

Com base nos seus relatos, considerados por Certeau (1994) como práticas do espaço e do tempo, foi possível captar que a cerimônia de abertura dos YOG-2018 parece significar uma espécie de ‘rito de passagem’ para os jovens atletas que convivem com este paradoxo. Aqui, constatamos que a produção de sentidos destes sujeitos foi mediada pela identificação de alguns símbolos e ritos que também aparecem nos JO, o que, por sua vez, ajuda a justificar o emprego das táticas de resistência no que se refere, especificamente, ao desfile coletivo sem o porte das suas respectivas bandeiras nacionais, indo de encontro às suas expectativas iniciais.

Com efeito, as cerimônias em si mesmas constituem e fazem parte do caráter singular dos JO, em especial, por veicular um conjunto de ritos, símbolos e uma multiplicidade esportiva (coisas que campeonatos mundiais não possuem), fazendo dos JO um evento diferenciado e superior para muitos atletas olímpicos (TAVARES, 1998). Em síntese, verificamos, pois, que tal abertura protocolar dos YOG-2018 parece reificar, para os jovens atletas entrevistados, a constituição de uma determinada comunidade de excelência, evidenciando, destarte, a ‘noção de membro’ (COULON, 1995).

No que se refere às atividades ofertadas pelo CEP, por sua vez, constatamos que, à semelhança do que foi apontado pela literatura científica, os jovens atletas sul-americanos também apreciaram tomar parte das mesmas, embora estes também tenham apontado o seu extenso calendário de competição como justificativa para a baixa adesão à sua quantidade/diversidade.

Com base nas suas produções discursivas, identificamos que tais atletas constroem sentidos polissêmicos a respeito das referidas atividades, os quais se manifestam, especialmente, a partir de uma articulação criativa entre gosto, utilidade e aprendizagem. Para tanto, eles empregam algumas táticas de bricolagem na síntese que fazem destas atividades, isto é, a partir do que eles interpretam como função instrumental, seja de modo imediato, como ganhar prêmios e vivenciar momentos interativos, recreativos e socializantes, capazes de atenuar a ansiedade e o estresse causados naquele momento por sua competição esportiva; seja a posteriori, como o conhecimento sobre o doping, a trajetória de um campeão, as suas fragilidades corporais e, até mesmo, a construção de amizades.

Em suma, as pistas fornecidas por grande parte dos termos indiciais destes atletas nos indicam que o consumo produtivo das atividades culturais e educacionais têm como horizonte a dimensão esportiva, desdobrando-se, portanto, em algo novo e útil. Ora, isto ajuda a justificar as táticas – de desvio e/ou resistência ou de *bricolagem* – empregadas pelos atletas de diferentes países no cotidiano da YOY (tal como analisadas nas observações *in loco*). Grosso modo, embora sejam oriundos de lugares diversos e eventualmente falem línguas diferentes, observa-se que estes sujeitos, ao mesmo tempo, compartilham um conjunto de práticas, sonhos, objetivos e, provavelmente, valores no espaçotempo dos YOG-2018, qualificando-os como membros de um determinado grupo de excelência. Afinal, identificamos que, independentemente das suas pretensões por medalhas olímpicas, eles foram para estes Jogos com o intuito de darem o seu melhor nas suas respectivas competições esportivas, tal como se estivessem participando de uma “olimpíada de verdade”. Tratar-se-ia, portanto, de uma determinada unidade em meio à diversidade.

Não obstante, também captamos nas entrevistas que, embora figure uma parte significativa da relatabilidade dos jovens atletas e se apresente como horizonte das suas redes de práticas e sentidos, o foco na dimensão esportiva não desqualifica as possibilidades culturais e educacionais na tessitura da trama cotidiana da YOY. A título de exemplo, mesmo quando faziam uso das atividades ofertadas como uma espécie de subterfúgio capaz de atenuar o estresse acarretado por suas respectivas competições, estes atores sociais em interação estavam construindo sentidos a respeito da sua experiência de participação nestes Jogos, a qual, segundo eles, transcende o “seu lado competitivo”.

Na esteira desta reflexão, vale salientar, ainda, o protagonismo de alguns atletas ao tomarem a iniciativa de iniciar uma conversação e, por conseguinte, estabelecerem alguns vínculos neste espaço, independentemente das atividades que lhes foram colocadas para consumo, manifestando, neste caso, o caráter contingencial (já reportado no Capítulo II). Ora, tais redes de relações estabelecidas entre eles, no sentido de reconhecer e valorizar a diversidade cultural e construir novas amizades, denotam que a sua experiência educacional no contexto da Vila pode resultar não apenas da sua participação nas atividades do CEP, mas, do próprio convívio neste espaço intercultural. Sendo assim, o paradoxo supra parece encontrar eco na narrativa ambivalente entre competição/performance esportiva de um lado e educação/formação humana de outro.

Diante do que está posto, a conjunção dos dados analisados nesta pesquisa (nos Capítulos II, III e IV) parece-nos confluir para a confirmação da nossa tese inicial de que os jovens atletas de elite produzem sentidos polissêmicos a partir das suas interações e do seu consumo produtivo, o qual é mediado, sobretudo, pelos valores intervenientes do sistema esportivo de alto rendimento, muito embora tais sentidos subjacentes ao seu contexto de produção não se esgotem nestes valores. Portanto, em nossa avaliação, o cenário ambivalente atrelado aos YOG-2018 pode ter como manifestação alegórica a figura dos próprios atletas que, em dados momentos, podem jogar juntos, e, em outros, podem ser concorrentes, mas, em nenhum dos casos, são excludentes, posto que um só existe por causa do outro.

Nessa perspectiva, sustentamos que o fenômeno esportivo, em geral, e o esporte olímpico, em particular, não representam necessariamente uma ferramenta de valoração positiva, mas, dependem, sobretudo, das múltiplas formas de apropriações (e reapropriações) por parte dos seus praticantes. Isto nos parece procedente na medida em que tais sujeitos convivem com um conjunto de construções valorativas que são indissociáveis do contexto da sua prática, o qual, por sua vez, pode estar voltado, por exemplo, para a construção de alianças entre eles; ou para o senso de disputa e maximização das suas performances; ou, ainda, para ambos, conforme se pretende nos JO e, mais claramente, nos YOG.

Com efeito, é necessário reconhecer que estes últimos ainda estão em fase de aperfeiçoamento, uma vez que é um megaevento recente (uma década de existência), especialmente, se comparados com os JO convencionais. Decerto, ponderamos que há uma série de desafios a serem encarados e superados e, no entanto, estes Jogos ainda apresentam características e proposições que parecem-nos aproximar-se mais dos Princípios Fundamentais intrínsecos ao Olimpismo – conforme expressos na Carta Olímpica –, do que a própria versão adulta, tradicional e centenária.

Em vista disso, não podemos nos furtar de apontar alguns dos principais desafios que se colocam para o COI, os quais, em nossa avaliação, permeiam a sua proposta de equilibrar a referida ambivalência entre a competição esportiva com os objetivos culturais e educacionais. Dentre eles, ressalta-se o necessário equilíbrio da sua programação híbrida, uma vez que, em diferentes edições destes Jogos, os atletas relataram a falta de tempo para participarem das atividades do CEP. Talvez, seja oportuno destinar um tempo específico na programação diária dos atletas somente para que estes possam tomar parte dessas atividades (tal como ocorre, por exemplo, num congresso científico, alegoricamente representada pela parte cultural). Ora,

entendemos que isto representaria um atenuante para a concorrência de uma programação esportiva simultânea do atleta. Aliás, se o seu objetivo atravessa o equilíbrio da sua programação híbrida, vale a pena comentar também que o COI deveria fazer um rearranjo nas suas próprias competições olímpicas, evitando a possibilidade de uma eliminação precoce do jovem atleta, uma vez que, para estar ali, ele precisou “abrir mão de muitas coisas” ou “deixar muitas coisas para traz”, parafraseando as atletas brasileira e equatoriana, respectivamente.

Além disso, outro importante desafio que se coloca para a instituição promotora destes Jogos diz respeito a natureza das atividades culturais e educacionais postas para o consumo dos jovens atletas. Afinal, a melhor forma de persuadi-los a se engajarem nestas atividades, parece-nos ser a oferta de atividades consideradas, por eles próprios, como sendo interessantes e relevantes, isto é, cujos conteúdos façam sentido para eles. De forma sintomática, enquanto houver um descompasso entre as pretensões estratégicas correlatas às atividades ofertadas pelo CEP e as consequentes expectativas e interesses destes atletas, na condição de consumidores, eles continuarão usando-as astutamente, a partir do emprego de táticas subversivas ou das suas ‘artes de fazer’. Porquanto, nos cânones do que nos propomos a investigar neste trabalho e sob a ótica certauniana, pode-se articular que o atleta olímpico, historicamente associado ao imaginário de herói espetacular, pode ser considerado como ‘herói comum’ ou ‘herói anônimo’, quiçá, como um (anti) herói.

Com base no movimento reflexivo de metanálise, cumpre-nos assinalar, ainda, que esta pesquisa foi tangenciada pelo lugar (e, conseqüentemente, olhar) do pesquisador neste processo, cujas redes de sentidos permeiam o processo de formação humana, independentemente se atletas ou não. Assim, entendemos que, em alguma medida, os nossos achados ajudam a trazer luz para as experiências de esporte em outros campos, entendendo que a relação esporte e educação pode se dar de diferentes formas e em diferentes contextos. Aqui, importa-nos destacar o contexto da Educação Física escolar, a qual é caracterizada pela intervenção pedagógica sobre o corpo em movimento, a partir do acervo de práticas da nossa cultura corporal, dentre elas, o esporte. Ora, muitos escolares, por exemplo, têm o sonho de um dia se tornarem atletas de elite, porém, poucos são aqueles que, de fato, conseguem êxito nesse âmbito. Nesse sentido, ao mesmo tempo que o esporte pode formar o sujeito (ao fomentar aspectos valorativos como perseverança, disciplina, superação, etc.), ele também pode (de)formá-lo (engendrando aspectos como ansiedade, frustração e depressão).

Por fim, estamos cientes de que as escolhas teórico-metodológicas que fizemos neste estudo rechaça qualquer pretensão de captarmos a totalidade das redes de conhecimentos sobre o contexto investigado, cujos achados podem ser circunstanciais, efêmeros e sujeitos a novas análises, impossibilitando-nos cair na tentação de generalizá-los. Aliás, reconhecemos, ainda, que alguns fatores associados aos grupos de influência dos jovens atletas – treinador(a), pais, amigos, etc. – são importantes para uma melhor compreensão das suas redes de práticas e sentidos atinentes ao cotidiano transitório no qual nos propomos a mergulhar. Ademais, também julgamos ser pertinente levar em consideração outros aspectos que transcendem este espaço-tempo, como por exemplo, os impactos das experiências vividas nestes Jogos para as carreiras dos referidos atletas. Entretanto, fica claro que tais fatores esbarram nos limites estabelecidos para esta pesquisa, demandando, destarte, a realização de novos estudos, a fim de contemplá-los no seu arcabouço analítico e investigativo.

Em contas finais, em que pese as limitações acima descritas, espera-se que os resultados apresentados nesta Tese possam ajudar a compreender e a perspectivar novas possibilidades de mediação entre as dimensões da competição e da educação atreladas ao fenômeno esportivo, permitindo, destarte, abrir horizontes frutíferos de compreensões para o campo dos Estudos Olímpicos e suas interfaces com os estudos dos/nos/com os cotidianos, podendo servir, por exemplo, como um parâmetro de comparação para outros estudos com temática homóloga.

**REFERÊNCIAS**

- ALMEIDA, B. S.; MEZZADRI, F. M.; MARCHI JR., W. Considerações sociais e simbólicas sobre sedes de megaeventos esportivos. **Motrivivência**, Florianópolis, n. 32/33, p. 178-192, 2009.
- ALVES, N. Dois fotógrafos e imagens de crianças e seus professores – as possibilidades de contribuição de fotografias e narrativas na compreensão de espaçotempos de processos curriculares. In: OLIVEIRA, I. B. et al. (orgs.) **Narrativas**: outros conhecimentos, outras formas de expressão. Petrópolis: DP et Alii, 2010, p. 165-206.
- ALVES, N. Sobre movimentos das pesquisas nos/dos/com os cotidianos. In: OLIVEIRA, I. B.; ALVES, N. (orgs.) **Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas**: sobre redes de saberes. Petrópolis: DP et Alii, 2008, p. 39-48
- ALVES, R. **Filosofia da ciência**: introdução ao jogo e suas regras. São Paulo: Brasiliense; 1981.
- APLIN, N. Hosting the Youth Olympic Games: The pioneers from Singapore. In: LENG, H. K.; HSU, N.Y. **Emerging Trends and Innovation in Sports Marketing and Management in Asia**. IGI Global, 2015, p. 219-240.
- BAILEY, R. Evaluating, the relationship between physical education, sport and social inclusion. **Educational Review**, v.57, n.1, p. 71-90, 2005.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 3.ed. Tradução Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BARBOT, J. Conduzir uma entrevista de face a face. In: PAUGAM, S. (Coord.). **A pesquisa sociológica**. Petrópolis: Vozes, 2015, p. 102-123.
- BARBOUR, R. S.; KITZINGER, J. **Developing Focus Group Research: Politics, Theory and Practice**. London: Sage, 1999.
- BARBIERI, C. A. S. **Esporte educacional**: uma possibilidade de restauração do humano no homem. Canoas: Ed. ULBRA, 2001.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa Qualitativa com texto, imagem e som**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2002.
- BAUMAN, Z. **Amor líquido**. Rio de Janeiro: Zahar, 2004.
- BAUMAN, Z. **Modernidade e ambivalência**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- BAYOGOC. **Unos juegos para la historia**. Lausanne: COI, 2018. Disponível em:

<https://www.buenosaires2018.com/the-games-that-made-history!/history/5bca3df2c05d00056a1ea743?lng=es>. Acesso em: 17 dez. 2019.

BENTO, J. O. **Contextos da Pedagogia do Desporto**: perspectivas e problemáticas. Lisboa: Livros Horizonte, 1999.

BENTO, J. O. Corpo e desporto: reflexões em torno desta relação. *In*: MOREIRA, W. W. (Org.). **Século XXI**: a era do corpo ativo. Campinas, São Paulo: Papirus, 2006a.

BENTO, J. O. Da pedagogia do desporto. *In*: TANI, G.; BENTO, J.O.; PETERSEN, R.D.S. **Pedagogia do desporto**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006b, p.26-40.

BENTO, J. O. Desporto para crianças e jovens: das causas e dos fins. *In*: GAYA, A. *et al.* **Desporto para crianças e jovens**: razões e finalidades. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2004, p. 21-56.

BENTO, J. O. **Em defesa do desporto**: mutações e valores em conflito. Coimbra: Almedina, 2007.

BETTI, M. **Educação física e sociedade**. São Paulo: Movimento, 1991.

BETTI, M. O papel da sociologia do esporte na retomada da educação física. **Rev. Bras. Educ. Fís. Esp.**, São Paulo, v. 20, p. 191-193, 2006.

BICUDO, M. A. V. Meta-análise: seu significado para a pesquisa qualitativa. **Revemat**, Florianópolis, v. 9, p. 7-20, jun. 2014.

BIESTA, G. *et al.* Does sport make a difference? Na exploration of the impacto f sport on the social integration of Young people. *In*: STEENBERGEN, J.; De KNOP, P.; ELLING, A.H.F. (Eds.) **Values and Norms in Sport**. Oxford: Meyer & Meyer Sport, 2001, p. 95-114.

BILLINGS, A. **Olympic Media**: Inside the biggest show on television. Routledge: Critical Studies in Sport, 2008.

BOSSLE, F.; LIMA, L. O. Entre a formação na escola e a formação como atleta de futebol profissional: prioridades e influências. **Caderno de Educação Física e Esporte**, v. 11, n. 1, p. 35-43, 2013.

BOURDIEU, P. Como é possível ser esportivo? *In*: BOURDIEU, P. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983, p. 136-153.

BRACHT, V. A criança que pratica esporte respeita as regras do jogo...capitalista. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, São Paulo, vol. 7, n. 2, p.62-68, 1986.

BRACHT, V. Esporte-Estado-Sociedade. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, vol. 1, n. 2, p.69-73,1989.

BRACHT, V. **Educação Física e aprendizagem social**. Porto Alegre: Magister, 1992.

BRACHT, V. **Sociologia crítica do esporte**: Uma introdução. Vitória: UFES, Centro de Educação Física e Desportos, 1997.

BRANDÃO, M. R. F. *et al.* Causas e conseqüências da transição de carreira esportiva: uma revisão de literatura. **Revista Brasileira Ciência e Movimento**, São Caetano do Sul, v.8, n.2, p.49-58, 2000.

BREIVIK, G. Sport in high Modernity: sport as carrier of social values. **Journal of the Philosophy of Sport**, N° 25, 1998, p. 103-118.

BROHM, J. M. **Sociologia política del deporte**. México: Fondo de Cultura Economica, 1982.

BRUHNS, H. T. **O corpo parceiro e o corpo adversário**. Campinas: papirus, 1993.

BUSARELLO, R. L.; ULBRICHT, V. R.; FADEL, L. M. A gamificação e a sistemática de jogo: conceitos sobre a gamificação como recurso motivacional. *In*: FADEL, L. M. *et al.* (Org.). **Gamificação na educação**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2014, p. 11-37.

CAMINHA, I. O. Corpo, Esporte e Educação Olímpica. *In*: REPPOLD FILHO, A. R. *et al.* (Orgs.). **Olimpismo e Educação Olímpica no Brasil**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2009, p. 59-68.

CAMPOS, R. C.; CAPPELLE, M. C. A.; MACIEL, L. H. R. Carreira Esportiva: O Esporte de Alto Rendimento como Trabalho, Profissão e Carreira. **Revista Brasileira de Orientação Profissional**, vol.18, p. 31-41, 2017.

CARDOSO, C. F.; MAUAD, A. M. História e Imagem: os exemplos da fotografia e do cinema. *In*: CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. (Orgs.). **Domínios da História: Ensaios de Teoria e Metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997, p.401-417.

CARR, D. What moral educational significance has physical education? A question in need of disambiguation. *In*: MCNAMEE, M.J.; PARRY, S.J. (Eds). **Ethics and Sport**. London: E & FN Spon, 1998, p. 119-133.

CAVALCANTI, K. B. A Função Cultural do Esporte e suas Ambigüidades Sociais. *In*: DACOSTA, Lamartine Pereira. **Teoria e Prática do Esporte Comunitário e de Massa**. Rio de Janeiro: Palestra, 1981, p.301-319.

CAVALCANTI, K. B. Característica do esporte na sociedade industrial. **Boletim de Intercâmbio**, Rio de Janeiro, n. 2, p. 17-22, 1980.

CAVALCANTI, K. B. **Esporte para todos**: um discurso ideológico. São Paulo: Ibrasa, 1984.

CENTRE FOR REVIEWS AND DISSEMINATION. **Systematic Reviews**: CRD's guidance for undertaking reviews in health care. York: University of York, 2008. Disponível em: [http://www.york.ac.uk/media/crd/Systematic\\_Reviews.pdf](http://www.york.ac.uk/media/crd/Systematic_Reviews.pdf). Acesso em: 17 mai. 2019.

CERTEAU, M. **A cultura no plural**. 4a. ed. Campinas: Papirus, 1995.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: as artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

CERTEAU, M. Teoria e método no estudo das práticas cotidianas. *In*: SZMRECSANYI, M. I. Q. F. (Org). **Cotidiano, cultura popular e planejamento urbano**. São Paulo: FAU/USP, 1985.

CHAUVIN, S.; JOUNIN, N. A Observação direta. *In*: PAUGAM, S. (Coord.). **A pesquisa sociológica**. Petrópolis: Vozes, 2015. p. 124-140.

COA. **Buenos Aires 2018: Dossier de Candidatura**. Buenos Aires, 2011.

COI. **2012 Winter Youth Olympic Games**. Opening Ceremony Speech of the IOC President, Jacques Rogge. Innsbruck: COI, 2012. Disponível em: [http://www.olympic.org/Documents/YOG/2012/Speech\\_of\\_the\\_IOC\\_President-Innsbruck\\_2012\\_Opening\\_Ceremony.pdf](http://www.olympic.org/Documents/YOG/2012/Speech_of_the_IOC_President-Innsbruck_2012_Opening_Ceremony.pdf). Acesso em: 11 jul. 2020.

COI. **2nd Summer Youth Olympic Games in 2014**. General Presentation. Lausanne: COI, 2008. Disponível em: [https://stillmed.olympic.org/AssetsDocs/importednews/documents/en\\_report\\_1385.pdf](https://stillmed.olympic.org/AssetsDocs/importednews/documents/en_report_1385.pdf). Acesso em: 19 dez. 2018.

COI. **3rd Summer Youth Olympic Games in Buenos Aires, Argentina** – Updated information for the media. Lausanne: COI, 2018a. Disponível em: <https://www.olympic.org/news/3rd-summer-youth-olympic-games-in-buenos-aires-argentina-updated-information-for-the-media>. Acesso em: 21 dez. 2018.

COI. **A "GO" for Youth Olympic Games**. Press Release. Lausanne: COI, 2007. Disponível em: <http://www.olympic.org/news?articleid=54895>. Acesso em: 22 dez. 2018.

COI. **Factsheet – Olympic Games Knowledge Management (OGKM)**. Lausanne, COI, 2016.

COI. **Factsheet – Olympic Values Education Programme (OVEP)**. Lausanne, COI, 2018a.

COI. **Factsheet – The YOG compete, Learn & Share beyond the field of play**. Lausanne, COI, 2018b.

COI. **Going “Wild” for the Buenos Aires 2018 Mascot!** Lausanne: COI, 2018c. Disponível em: <https://www.olympic.org/news/going-wild-for-the-buenos-aires-2018-mascot>. Acesso em: 23 dez. 2018

COI. **Olympic charter**. Lausanne: COI, 1997.

COI. **The Olympic Winter Games Fundamentals and Ceremonies for the Media**. Lausanne: COI, 2002.

COI. **Unity in diversity**: YOG Athletes cross barriers to compete in solidarity. Lausanne: COI, 2018d. Disponível em: <https://www.olympic.org/news/unity-in-diversity-yog-athletes-cross-barriers-to-compete-in-solidarity>. Acesso em: 23 dez. 2018.

COI. **XIII Olympic Congress of 2009 in Copenhagen**. Factsheet for theme 4 (Olympism and youth). Lausanne: COI, 2010.

COI. **Youth Olympic Games**. Lausanne: COI, 2009. Disponível em: <https://www.olympic.org/news/what-is-yog>. Acesso em: 15 abr. 2018.

COULON, Alain. **Etnometodologia**. Petrópolis: Vozes, 1995.

CUERVO, L. *et al.* Musicalidade humana sob o prisma cognitivo-evolucionista: do Homo sapiens ao Homo digitalis. **Opus**, v. 23, n. 2, p. 216-242, 2017.

DaCOSTA, L.P. Abordagens teóricas sobre valores do esporte. *In: Manual Valores do Esporte SESI*. Brasília: SESI, 2007, p. 45-57.

DaCOSTA, L.P. Educação Olímpica como metalinguagem axiológica: revisões pedagógicas e filosóficas de experiências internacionais e brasileiras. *In: REPPOLD FILHO, A. R. et al. (Orgs.). Olimpismo e Educação Olímpica no Brasil*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2009, p. 17-28.

DaCOSTA, L.P. Olympic Legacy or Post-Olympism. *In: DaCOSTA, L. P. Olympic Studies*. Rio de Janeiro: Ed. Gama Filho, 2002.

DaCOSTA, L. P; TAVARES, O. Introdução. *In: DACOSTA, L. P; TAVARES, O. (Eds.). Estudos Olímpicos*. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho. 1999.

DAUD, R.; CARRUTHERS, C. Outcome study of an after-school program for youth in a high-risk environment. **Journal of Park and Recreation Administration**, 26(2), 95-114, 2008.

DA MATTA, R. **A casa e a rua**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1991.

DaMATTA, R. Em torno da dialética entre igualdade e hierarquia: notas sobre as imagens e representações dos Jogos Olímpicos e do futebol no Brasil. *In: DaMATTA, R. A bola corre mais que os homens: duas copas, treze crônicas e três ensaios sobre futebol*. Rio de Janeiro: Rocco, 2006, p.172-204.

DaMATTA, R. **Universo do futebol**: esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro: Pinakothek, 1982.

DIGEL, H. Perspectives of sport in a global world. **The International Journal of the History of Sport**, 27(16), p. 3026–3036, 2010.

DIGEL, H. The Risks of the Youth Olympic Games. **New Studies in Athletics**, 23(3), p. 53-58, 2008.

ELIAS, N.; DUNNING, E. **A Busca da Excitação**. Lisboa: DIFEL, 1985.

ELIAS, N. Introducción. *In*: ELIAS, N.; DUNNING, E. **Deporte y ocio en el proceso de la civilización**. México: Fondo de Cultura Económica, 1992.

ENGELMAN, S.; PERRONE, C. M. O Olimpismo e uma nova perspectiva para o multiculturalismo. *In*: REPPOLD, A. *et al.* **Olimpismo e Educação Olímpica no Brasil**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009, p. 81-90.

FERRAÇO, C. E. Eu caçador de mim. *In*: Garcia, R. L. **Método: pesquisa com o cotidiano**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

FERRAÇO, C. E.; SOARES, M. C. S.; ALVES, N. **Michel de Certeau e as pesquisas nos/dos/com os cotidianos em educação**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2018,

FERREIRA, F. T. Rizoma: um método para as redes? **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v.4, n.1, p.28-40, 2008.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

FREIRE, J. B. Pedagogia do esporte. *In*: MOREIRA, W. W; SIMÕES, R. (Orgs.) **Fenômeno esportivo no início de um novo milênio**. Piracicaba: Editora Unimep, 2000, p. 91-95.

FREIRE, J. B. **Pedagogia do futebol**. Campinas: Autores Associados, 2003.

GARFINKEL, H. **Studies in Ethnomethodology**. New York: Blackwell Pub, 1992.

GAYA, A.; TORRES, L. O esporte na infância e adolescência: alguns pontos polêmicos. *In*: GAYA, A. *et al.* **Desporto para crianças e jovens: razões e finalidades**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2004, p. 57-74.

GOELLNER, S. V. Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. **Pensar a Prática**, v. 8, n.1, p. 85-100, 2006.

GOMES, I. S.; CAMINHA, I. O. Guia para estudos de revisão sistemática: uma opção metodológica para ciências do movimento humano. **Movimento**, Porto Alegre, v. 20, n. 1, p. 395-411, 2014.

GOMES, M. Por uma educação olímpica em movimento: notas de pesquisas e avaliações. *In*: REPPOLD FILHO, A. R. *et al.* (Orgs.). **Olimpismo e Educação Olímpica no Brasil**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2009, p. 171-184.

GUESSER, A. H. A etnometodologia e a análise da conversação e da fala. **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**, v. 1, n. 1 (1), p. 149-168, 2003.

HALL, C. M. Urban entrepreneurship, corporate interests and sports mega-events: the thin policies of competitiveness within the hard outcomes of neoliberalism. *In*: HORNE, J;

MANZENREITER, W. (Ed.). **Sports Mega-Events**: social scientific analyses of a global phenomenon. Oxford: Blackwell, 2006, p. 59-70.

HALL, S. **Identidade cultural na pós-modernidade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

HERITAGE, J. Etnometodologia. *In*: GIDDENS, A.; TURNER, J. (Orgs.). **Teoria social hoje**. São Paulo: Editora UNESP, 1999, p. 321-392.

IYOGOC. **Be part of it! Official report of the first winter Youth Olympic Games**. Innsbruck: Innsbruck Youth Olympic Games Organising Committee, 2012.

JANSSENS, J., STEGEMAN, H., HILVOORDE, I. (eds.). **Education through Sport**. An Overview of Good Practices in Europe. Nieuwegein: Arko Sports Media, 2004.

KASZNAR, I. A evolução do PIB do Esporte: Financiamento privado e público. Principais contas e rubricas contábeis e financeiras do Esporte. **Eletrorevista**, Rio de Janeiro, N° 61, 2013.

KIRST, F. V.; TAVARES, O. Legado educacional dos Jogos Rio 2016: Programa Transforma. **Journal of human sport and exercise**, v. 13, p. 86-98, 2018.

KNAPP, M. L.; HALL, J. **A comunicação não-verbal na interação humana**. São Paulo: JSN, 1999.

KONDER, L. **O que é dialética**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

KRAWCZYK, Z. Sport as symbol. **International Review for the Sociology of Sport**, vol. 31, n. 4, p. 429-436, 1996.

KRIEGER, J. Fastest, highest, youngest? Analysing the athlete's experience of the Singapore Youth Olympic Games. **International Review for the Sociology of Sport**, vol. 48, n. 6, p. 706-719, 2012.

KRIEGER, J.; KRISTIANSEN, E. Ideology or reality? The awareness of Educational aims and activities amongst German and Norwegian participants of the first summer and winter Youth Olympic Games. **Sport in Society**, vol. 19, p. 1503-1517, 2016.

KRISTIANSEN, E. Competing for culture: Young Olympians' narratives from the first winter Youth Olympic Games. **International Journal of Sport and Exercise Psychology**, vol. 13, p. 29-42, 2013.

LENK, H. Toward a Social Philosophy of the Olympics: Values, Aims and Reality of the Modern Olympic Movement. *In*: Graham, P.J.; Ueberhorst, H. (eds.). **The Modern Olympics**. West Point: Leisure Press, 1976, p. 109-169.

LENSKYJ, H. **Olympic Industry Resistance**: Changing Olympic Power and Propaganda. New York: State University of New York Press, 2008.

LERNER, R. M. *et al.* Young people are resources to be developed: promoting positive youth development through adult-youth relations and community assets. *In: CLARY, E. G.; RHODES, J. E. (Orgs.). Mobilizing adults for positive youth development: Strategies for closing the gap between beliefs and behaviors.* New York: Springer, 2003, p. 19-39.

LESJØ, J. H.; STRITTMATTER, A-M.; HANSTAD, D. Patterns of influence: Relationship with the IOC as seen by the organisers of the Youth Olympic Winter Games 2016. **International Journal of Sport Management and Marketing**, 17, p. 331-350, 2017.

LEVENFUS, R. S. Geração Zapping e o sujeito da orientação vocacional. *In: LEVENFUS, R. S.; SOARES, D. H. P. Orientação vocacional/ocupacional, novos achados teóricos, técnicos e instrumentais para a clínica, a escola e a empresa.* Porto Alegre: Artmed, 2002.

LÉVI-STRAUSS, C. Raça e história. *In: Os pensadores.* Tradução Inácia Canelas. 2ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1985, p. 45-87.

LYOGOC. **Go beyond. Create tomorrow. The story of the Lillehammer 2016 Youth Olympic Games. Final Report.** Lillehammer: Lillehammer Youth Olympic Games Organising Committee, 2016.

LOVISOLO, H. **Educação Física: A Arte da Mediação.** Rio de Janeiro: Sprint, 1995.

MAASS, S. The Olympic values. **Olympic Review**, 63, p. 28–33, 2007.

MACINTOSH, E.; PARENT, M.; CULVER, D. Understanding Young Athletes' Learning at the Youth Olympic Games: A Sport Development. **Journal of Sport Management Global**, 2019.

MAGUIRE, J. A. The global media sports complex: key issues and concerns. **Sport in society**, 14:7-8, 2011, p. 965-977.

MANDELL, R. D. **Historia cultural del deporte.** Ediciones Bellaterra, Barcelona, 1986.

MARTINS, M. Z. Corporalidades digitais: sobre metodologia de pesquisa entre corpos-ciborgues digitais. **Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, v. 2, p. 163-177, 2019.

MARTINS, M. Z.; REIS, H. H. B. “Nós não somos homens menos capacitados”: Estratégias e demandas das jogadoras de futebol da Espanha. **Athenea Digital**, v. 18, n. 3, p. 1-23, 2018.

MEINBERG, E. Ética Olímpica: algumas características e perspectivas. *In: RUBIO, K. et al. Ética e compromisso social nos estudos olímpicos.* Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007, p. 57-74.

MELLO, A. *et al.* Educação física e esporte: reflexões e ações contemporâneas. **Movimento**, Porto Alegre, v. 17, n. 2, p. 175-193, 2011.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção.** São Paulo: Martins Fontes, 1994.

MIRAGAYA, A. Educação Olímpica: o legado de Coubertin no Brasil. *In*: REPPOLD FILHO, A. R. *et al.* (Orgs.). **Olimpismo e Educação Olímpica no Brasil**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2009, p. 41–58.

MONTEIRO, C. História, fotografia e cidade: reflexões teórico-metodológicas sobre o campo de pesquisa. **MÉTIS: história e cultura**, v. 5, n. 9, p. 11-23, 2006.

MORIN, E. **Ciência com consciência**. 6º Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

MÜLLER, N. Olympic Education. *In*: HAI REN (ed.). **Olympic Studies Reader Volume 1**. Beijin: Beijin Sport University Press, 2008, p. 305-322.

MÜLLER, N.; TODT, N. S. (Org). **Pierre de Coubertin - 1863-1937**: Olimpismo - seleção de textos. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2015.

NAUL, R. **Olympic Education**. Maidenhead (UK): Meyer & Meyer, 2008.

NETO-WACKER, F. Educação Olímpica, Olimpismo e eurytmia. *In*: REPPOLD FILHO, A. R. *et al.* (Orgs.). **Olimpismo e Educação Olímpica no Brasil**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2009, p. 29-40.

NISTA-PICCOLO, V. L. **Pedagogia dos Esportes**. Campinas (SP): Papyrus. 2003.

NÓBREGA, T. P.; DIAS, J. C. S. N. Mais alto, mais forte, mais veloz: expressões epistêmicas da corporeidade. *In*: MOREIRA, W. W.; BENTO, J. (Orgs.). **Citius, altius, fortius**: esporte e Jogos Olímpicos. Belo Horizonte: casa da Educação, 2014.

NUNES, C. A. As origens da articulação entre filosofia e educação: matrizes conceituais e notas críticas sobre a Paideia crítica. *In*: LOMBARDI, J. C. (Org.). **Pesquisa em Educação**: história, filosofia e temas transversais. Campinas, SP: Autores Associados, 2000.

NYOGOC. **Share the games, Share our dreams! Official Report of the 2nd Summer Youth Olympic Games**. Nanjing: Nanjing Youth Olympic Games Organising Committee, 2014.

OLIVEIRA, I. B. de. Aprendendo nos/dos/com os cotidianos a ver/ler/ouvir/sentir o mundo. **Educação e Sociedade**, Campinas, vol. 28, n. 98, p. 47-72, 2007.

OLIVEIRA, S. **Jovens para sempre**: como entender os conflitos de gerações. São Paulo: Integrare, 2012.

PAES, R. R. A pedagogia do esporte e os jogos coletivos. *In*: ROSE JR. **Esporte e atividade física na infância e adolescência**. São Paulo: Artmed, 2002, p. 89-98.

PAES, R. R. Pedagogia do Esporte: contextos, evolução e perspectivas. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte** – XI Congresso Ciências do Desporto e Educação Física dos Países de Língua Portuguesa, v. 20, supl. nº 5, 2006.

PAES, R. R.; BALBINO, H. F. **Pedagogia do esporte**: contextos e perspectivas. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

PAIS, J. M. A construção sociológica da juventude: alguns contributos. **Análise social**, Lisboa, v. 25, p. 139-165, 1990.

PAIS, J. M. Correntes teóricas da sociologia da juventude. *In*: PAIS, J. M. **Culturas Juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 2003a, p. 47-79.

PAIS, J. M. **Ganchos, Tachos e Biscates**: Jovens, Trabalho e Futuro. Porto: Âmbar, 2001.

PAIS, J. M. **Vida cotidiana**: enigmas e revelações. São Paulo: Cortez, 2003b.

PAIS, J. M.; CABRAL, M. V. (Orgs.). **Condutas de Risco, Práticas Culturais e Atitudes Perante o Corpo**: Inquérito aos Jovens Portugueses. Oeiras: Celta Editora, 2004.

PARENT, M. M.; KRISTIANSEN, E.; MACINTOSH, E. W. Athletes' experiences at the Youth Olympic Games: Perceptions, stressors and discourse paradox. **Event Management**, 18: 303–324, 2014.

PARRY, S. J. Physical education as Olympic education. **European Physical education Review**, v. 4, n. 2, p. 153-167, 1988.

PARRY, S. J. The moral and cultural dimensions of Olympism and their educational application. *In*: **International Olympic Academy**, 34th session, Ancient Olympia: International Olympic Academy, 1994.

PARRY, S. J. **The values of Olympism and sports education for tomorrow**. International Olympic Academy: Ancient Olympia. 1998.

PARRY, S. J. The Youth Olympic Games – some Ethical Issues. **Sport, Ethics and Philosophy**, 6, 138-154, 2012.

PEIRANO, M. (Org.). **Rituais ontem e hoje**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2003.

PETERS, M.; SCHNITZER, M. Athletes' Expectations, Experiences, and Legacies of the Winter Youth Olympic Games Innsbruck 2012. **Journal of Convention & Event Tourism**, 16:2, 116-144, 2015.

PRONI, M. W. História econômica dos Jogos Olímpicos. *In*: **Coletânea do VIII Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física**. Ponta Grossa, PR: UEPG, 2002.

PUIG, J. M. **Ética e valores**: métodos para um ensino transversal. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

PUIG, N.; HEINEMANN, K. El deporte en la perspectiva del año 2000. **Papers, Revista de sociología de la Universitat Autònoma de Barcelona**, nº 38, 1991, 123- 142.

REPPOLD FILHO, A. R. Megaeventos esportivos e ciências do esporte no Brasil. *In*: TONDIN, G.; VIDAL, J.R.; FEIX, E. (Orgs.). **Esporte e lazer no Brasil**: divisão de responsabilidades entre os entes federativos. Porto Alegre: Companhia Rio-grandense de Artes Gráficas, 2013, p. 113-128.

REVERDITO, R. S.; SCAGLIA, A. J. **Pedagogia do esporte**: jogos coletivos de invasão. São Paulo: Editora Phorte, 2009.

RIBAS, M. G. de C. Práticas musicais na Educação de Jovens e Adultos: uma abordagem geracional. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, v. 21, 124-134, 2009.

RIBEIRO, A. C. T. Sujeito corporificado e bioética: caminhos da democracia. **Revista Brasileira de Educação Médica**, v. 24, n.1, 2000.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. 3 ed. São Paulo: Atlas, 2015.

RICOEUR, P. **Tempo e Narrativa**: Tomo I. São Paulo: Papirus, 1994.

ROCHA, E.; PEREIRA, C. **Juventude e Consumo**: um estudo sobre a comunicação na cultura contemporânea. Rio de Janeiro: Mauad, 2009.

ROCHE, M. **Mega-events and modernity**: Olympics and expos in the growth of global culture. New York: Routledge, 2000.

RODOLPHO, A. L. Rituais, ritos de passagem e de iniciação: uma revisão da bibliografia antropológica. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 44, n. 2, p. 138- 146, 2004.

ROMERA, L. A. Copa do Mundo e cerveja: impactos intangíveis de um megaevento. **Movimento**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 775-798, 2014.

RUBIO, K. A dinâmica do Esporte olímpico do século XIX ao XXI. **Rev. bras. Educ. Fís. Esporte**, São Paulo, v.25, p.83-90, 2011.

SANTANA, W. C.; REIS, H. H. B. A pedagogia do esporte e o desafio de educar para a autonomia. *In*: Moreira, E. C. (Org.). **Educação física escolar**: desafios e propostas 2. Jundiaí, SP: Editora Fontoura, 2006, p. 133-152.

SANTOS, B.S. **Pela Mão de Alice**: o social e o político na pós-modernidade. São Paulo: Cortez, 1995.

SANTOS, B.S. Por uma sociologia das ausências e uma sociologia das emergências. *In*: SANTOS, B.S. (Org.). **Conhecimento prudente para uma vida decente**. São Paulo: Cortez 2004, p. 777-823.

SANTOS, B.S. **Um discurso sobre as ciências**. 7º Ed. São Paulo: Cortez, 2010.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**: Técnica e Tempo. Razão e Emoção. São Paulo: HUCITEC, 1996.

SANTOS, S. M. P. dos. **O lúdico na formação do Educador**. 6ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

SANTOS, T. C. Globalização, mundialização e esporte: o futebol como megaevento. *In*: ALABARCES, P. (Compilador). **Peligro de gol**: estudios sobre deporte y sociedad en América Latina. Buenos Aires: CLACSO –ASDI, 2000. p. 57-74.

SAVIN-BADEN, M.; MAJOR, C. H. Qualitative Research Synthesis: The Scholarship of Integration in Practice. *In*: SAVIN-BADEN, M.; MAJOR, C. H. **New Approaches to Qualitative Research**: Wisdom and Uncertainty. Oxon: Routledge, 2010. p. 108-118.

SCHNITZER, M. *et al.* Perception of the Culture and Education Programme of the Youth Olympic Games by the Participating Athletes: A Case Study for Innsbruck 2012. **International Journal of History of Sport**, 2014.

SCHNITZER, M. Winter youth Olympic games Innsbruck 2012. *In*: PETERMANDL, W.; ULF, C. (eds.). **Nikephoros**: Journal of Sports and Culture in Antiquity. Special Issue 2012. Youth – Sports – Olympic Games. Germany: Weidmann, 2012, p. 239–244.

SEGRAVE, J.O. Toward a Definition of Olympism. *In*: SEGRAVE, J.O.; CHU, D.B. (Eds.). **The Olympic Games in Transition**. Champaign: Human Kinetics, 1988, p. 149-161.

SKILLE, E. Å.; SYVERSEN, T. L.; HANSTAD, D. V. A One-off event and the construction of organizational identity: the case of the 2016 Lillehammer Youth Olympic Games. **European Journal of Sport and Society**, 17: 1, p. 11- 25, 2019.

SILVA, C. A. F. *et al.* A contribuição da etnometodologia para os estudos sociológicos na educação física brasileira. **Movimento**, Porto Alegre, p. 217-232, 2015.

SILVA, C. A. F. Pequeno vocabulário de etnometodologia. *In*: SILVA C. A. F.; VOTRE, S. J. (Orgs.). **Etnometodologias**. Rio de Janeiro: HP Comunicação Editora, 2012, p. 187-196.

SILVA C. A. F.; VOTRE, S. J. (Orgs.). **Etnometodologias**. Rio de Janeiro: HP Comunicação Editora, 2012.

SILVA, O. S. F. Os ditos e os não ditos do discurso: Movimentos de sentido por entre implícitos da linguagem. **Revista Faced**, Salvador, n. 14, p.39-53, 2008.

SOUZA, A. L.; MATARUNA-DOS-SANTOS, L. J.; TAVARES, O. Os Jogos Olímpicos da Juventude: Buenos Aires, Cidade Olímpica. *In*: RUBIO, K. (Org.). **Do pós ao neo Olimpismo**: esporte e movimento olímpico no século XXI, Sao Paulo, Kepos, 2019, p. 231-246.

SOUZA, M. V. Mídias digitais, globalização, redes e cidadania no Brasil. *In*: SOUZA, M. V.; GIGLIO, K. (Orgs.). **Mídias Digitais, Redes Sociais e Educação em Rede**: Experiências na Pesquisa e Extensão Universitária, São Paulo: Blucher, 2015, p. 15-46.

STAMBULOVA, N. *et al.* ISSP position stand: Career development and transitions of athletes. **International journal of sport and exercise psychology**, v. 7, n. 4, p. 395-412, 2009

STANCIK, M. O imaginário sobre o militar em cartões-postais franceses (1900-1918). **História (São Paulo)**, v.31, n. 1, p. 101-120, 2012.

STEENBERGEN, J.; TAMBOER, J. Ethics and the double character of sport: an attempt to systematize discussion of the ethics of sport. *In*: MCNAMEE, M.J.; PARRY, S.J. (Eds). **Ethics and Sport**. London: E FN Spon, 1998, p. 35-53.

STIGGER, M. P. **Educação Física, Esporte e Diversidade**. Campinas: Autores Associados, 2005.

STIGGER, M. P. **Esporte, Lazer e Estilos de Vida**: um estudo etnográfico. 1. ed. Campinas: Editora Autores Associados, 2002.

STIGGER, M.P.; THOMASSIM, L.E. Entre o “serve” e o “significa”: Uma análise sobre as expectativas atribuídas ao esporte em projetos sociais. **Licere**, v. 16, n.2, p. 1-33, 2013.

SYOGOC. **Blazing The Trail, Singapore 2010 Youth Olympic Games Official Report**. Singapore: Singapore Youth Olympic Games Organising Committee, 2010.

TAVARES, O. *et al.* Estudos Olímpicos. *In*: DaCOSTA (Org.). **Atlas do Esporte no Brasil**. Rio de Janeiro: Shape, 2005, p. 751-753.

TAVARES, O. Beijing 2008: Os Jogos Olímpicos, A Cidade e Os Espaços. **Rev. Bras. Ciênc. Esporte**, Florianópolis, v. 33, n. 2, p. 357-373, 2011a.

TAVARES, O. Educação Olímpica no Rio de Janeiro: Notas iniciais para o desenvolvimento de um modelo. *In*: DACOSTA, L. *et al.* **Legado de Megaeventos Esportivos**. Brasília (DF): CONFEF, 2008, p. 343-355.

TAVARES, O. Educação Olímpica para o Rio de Janeiro 2016: princípios, temas, estratégias, meios e elementos. *In*: REPPOLD FILHO, A. *et al.* (Orgs.). **Olimpismo e educação olímpica no Brasil**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2009, p. 191-200.

TAVARES, O. **Esporte, movimento olímpico e democracia**: o atleta como mediador. Tese de doutorado. Programa de Pós-graduação em Educação Física. Universidade Gama Filho. Rio de Janeiro, 2003.

TAVARES, O. Megaeventos esportivos. **Movimento**, Porto Alegre, v. 17, n. 3, p. 11-35, jul./set. 2011b.

TAVARES, O. **Mens Fervida in Corpore Lacertoso?** As atitudes dos atletas olímpicos brasileiros diante do Olimpismo. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Programa de Pós-graduação em Educação Física. Universidade Gama Filho. Rio de Janeiro, 1998.

TAVARES, O. Referenciais teóricos para o conceito de Olimpismo. *In: DaCOSTA, L.P.; TAVARES, O. (Eds.). Estudos olímpicos*. Rio de Janeiro: Gama Filho, 1999, p. 223-237.

TAVARES, O. The Olympic athlete: hero or mediator? *In: DaCOSTA, L. P. Olympic Studies: Current Intellectual Crossroads*. Rio de Janeiro: Editora Gama Filho, 2002, p. 339-374.

TAVARES, O. Valores Olímpicos no século XXI. *In: RUBIO, K. et al. Ética e compromisso social nos estudos olímpicos*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007, p. 181- 202.

TAVARES, O. **Valores em Jogo**: Educação em valores por meio do esporte – educação olímpica. Vitória, no prelo, 2016.

TAPSCOTT, D. **A hora da geração digital**: como os jovens que cresceram usando a internet estão mudando tudo, das empresas aos governos. Rio de Janeiro: Agir Negócios, 2010.

TODT, N. **Educação Olímpica**: em direção a uma nova Paidéia. 2006. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, PUCRS, Porto Alegre, 2006.

TODT, N. *et al.* A educação olímpica e a formação de professores. *In: RUBIO, K. et al. Ética e compromisso social nos Estudos Olímpicos*. Porto Alegre, EDIPUCRS, 2007, p. 147-166.

TOMLINSON, A. De Coubertin and the modern olympics. *In: TOMLINSON, A.; WHANNEL, G. Five-ring circus: money, power and politics in the olympic games*. London: Pluto Press, 1984. p. 84-97.

TORRES, C. R. **The Youth Olympic Games, Their Program, and Olympism** [online], in IOC's OSC Postgraduate Grant Selection Committee, Lausanne: International Olympic Committee, 2010.

TORRI, D.; VAZ, A. F. Do centro à periferia: sobre a presença da teoria crítica do esporte no Brasil. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 28, n. 1, p. 185-200, 2006.

TUBINO, M. J. G. Esporte, política e jogos olímpicos. *In: TAMBUCCI, P. L.; OLIVEIRA, J. G. M. de; SOBRINHO, J. C. Esporte e jornalismo*. São Paulo: CEPEUSP, 1997, p. 19-23.

TURINI, M. *et al.* Jogos Olímpicos da Juventude: um novo megaevento esportivo de sentido educacional focado em valores. *In: RODRIGUES, R. P. et al. (Orgs.) Legados de Megaeventos Esportivos*. Brasília: Ministério dos Esportes, 2008, p. 377-382.

VALLE, M. P. do. **Atletas de alto rendimento**: identidades em construção. 2003. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e da Personalidade) – Programa de Pós-graduação em psicologia Social e da Personalidade, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

VAZ, A. F. Teoria Crítica do Esporte: desdobramentos, críticas e atualidade. *In: Encontro Anual da ANPOCS, Anais...* Caxambú, 2003. *Revista Esporte e Sociedade*, Ano 3 - Número 7 - Nov.2007/Fev.2008.

VAZ, A. F. Teoria crítica do esporte: origens, polêmicas, atualidade. **Esporte e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 1-23, 2005.

VAZ, A. F. "Técnica, Esporte, Rendimento". **Movimento**. Porto Alegre, v. VII: 87-99, 2001.

VAZ, A. F. Treinar o corpo, dominar a natureza: notas para uma análise do esporte com base no treinamento corporal. *In*: SOARES, C. L. (Org.). **Cadernos Cedex**. Campinas: UNICAMP, n. 48, p. 89-108, 1999.

VEIGA-NETO, A. "Princípios norteadores para um novo paradigma curricular: interdisciplinaridade, contextualização e flexibilidade em tempos de Império". *In*: VEIGA, I. P. A.; NAVES, M. L. de P. (Orgs.). **Currículo e avaliação na educação superior**. São Paulo: Junqueira & Marin, 2005, p. 25-51.

VELHO, G. Observando o familiar. *In*: NUNES, E. D. O. **A Aventura Sociológica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1978.

VIANNA, H. M. **Pesquisa em Educação: a observação**. Liber Livro Editora Ltda. Brasília, DF, 2003.

VIANNA, J. A; LOVISOLO, H. R. Projetos de inclusão social através do esporte: notas sobre a avaliação. **Movimento**, Porto Alegre, v. 15, n. 3, p.145-162, 2009.

VOLP, C. M.; DEUTSCH, S.; SCHWARTZ, G. M. Por que dançar?: um estudo comparativo. **Motriz**, Rio Claro, v. 1, n. 1, p. 52-58, 1995.

WONG, D. Expect the unexpected? An evaluation of the Singapore 2010 Youth Olympic Games. **Journal of Policy Research in Tourism, Leisure and Events**, 4(2), 138-154, 2012.

WONG, D. The Youth Olympic Games: Past, Present and Future. **International Journal of the History of Sport**, 28(13), 1831-1851, 2011.

ZALUAR, A. **Cidadãos não vão ao paraíso: juventude e política social**. Rio de Janeiro, 1994.

## APÊNDICES

## APÊNDICE A - Roteiro de Entrevista Guiada sobre a cerimônia de abertura

1. Significado geral dos YOG para você
2. Participação na cerimônia de abertura
3. Significado geral desta cerimônia para você
4. Expectativas e interesses (foi como você esperava ou te surpreendeu?)
5. Pontos altos e pontos fracos (o que mais gostaram e o que menos gostaram?)
6. Particularidades desta cerimônia (Nas Olimpíadas, os atletas entram juntos com suas equipes. O que você achou de se juntar às outras equipes? O que isso significou para você?)
7. Experimentação dos símbolos e rituais olímpicos (O que o juramento, o hasteamento da bandeira e o acendimento da pira evoca/significa para você??)
8. Principais mensagens da cerimônia de abertura (o que comunicou para você e o que acha que foi comunicado para as outras pessoas?)

## APÊNDICE B - Roteiro de Entrevista Guiada sobre as atividades do CEP

1. Participação geral nas atividades do CEP
2. Conhecimentos prévios e expectativas iniciais (foi informado de que haveria essas atividades nos Jogos? Quais eram seus interesses/motivações em relação a elas?)
3. Funções/propósitos (para que servem essas atividades?)
4. Gostos e dissabores (o que mais está gostando e o que está gostando menos?)
6. Principais aprendizagens (o que tem aprendido com essas atividades?)
7. Significados destas atividades (o que essas atividades significam como parte do programa dos Jogos? O que significam para você como atleta?)
8. Percepção das Olimpíadas e da competição esportiva (você acha que essas atividades ajudaram você a entender os JO e a competição esportiva de maneira diferente? Se sim, o que?)
9. Ambiente intercultural (tornou-se mais próximo de atletas de outros países?)
10. Experiência marcante nos YOG (qual experiência mais impressionou/marcou você até agora?)